

# **O Dom de Deus**

Estudo comparado das obras  
“O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec  
e “Os Quatro Evangelhos”,  
de Jean Baptiste Roustaing

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D695

O Dom de Deus : estudo comparado das obras “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec e “Os Quatro Evangelhos”, de Jean Baptiste Roustaing / organizador Julio Couto Damasceno. - Rio de Janeiro : CRBBM, 2011.  
486p. : il. ; 23 cm

Inclui apêndice, índice e anexos  
ISBN 978-85-

1. Kardec, Allan, 1804-1869. O Livro dos Espíritos. 2. Roustaing, J. B. (Jean Baptiste), 1805-1879. Os Quatro Evangelhos. 3. Jesus Cristo - Interpretações espíritas. 4. Bíblia e espiritismo. 5. Espiritismo. I. Damasceno, Julio Couto, 1966-. II. Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes. III. Título: Estudo comparado das obras “O Livro dos Espíritos” de Allan Kardec e “Os Quatro Evangelhos” de Jean Baptiste Roustaing.

10-1221.

CDD: 133.9

CDU: 133.9

12.05.11 13.05.11

026337

Organizador:  
JULIO COUTO DAMASCENO

## **O Dom de Deus**

Estudo comparado das obras  
“O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec  
e “Os Quatro Evangelhos”,  
de Jean Baptiste Roustaing

CRBBM  
Casa de Recuperação e Benefícios  
Bezerra de Menezes  
Rio de Janeiro

© 2011 JULIO COUTO DAMASCENO

REVISÃO:  
JULIO COUTO DAMASCENO,  
NELMA GUIMARÃES DAMASCENO  
E JORGE DAMAS MARTINS

Capa:  
Alexandre Serrão  
Sobre a foto da “Quinta do Tribus”  
Grupo Roustaing

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA  
PROIBIDA A VENDA

Proibida a reprodução fotomecânica sem  
a autorização da  
CASA DE RECUPERAÇÃO E  
BENEFÍCIOS BEZERRA DE MENEZES

Direitos reservados a:  
CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS  
BEZERRA DE MENEZES  
Rua Bambina, 128 - Botafogo  
Rio de Janeiro - RJ - CEP.: 22.251-050  
<http://www.crbbm.org.br>  
Tel.: (21) 2266-2901 e 2266-6567

Aos 50 anos da Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes. Que a nossa “bambina” siga sempre nos ideais de seu Patrono.

Aos 150 de “O Livro dos Médiuns” e a Allan Kardec, o legítimo pioneiro das Ciências Psíquicas.



## AGRADECIMENTOS

*“Deus é a força do tempo, tanto quanto o tempo é a força de Deus”. - Emmanuel, Seara dos Médiuns, Psicografia de F.C Xavier. pág. 237 da 4a. Ed. CEC*

Cinquenta anos da Casa de Recuperação e Benefícios. Este livro será lançado em junho de 2011 exatamente para celebrar essa data tão importante da nossa “bambina”, desta CASA que, embora tão pequenina, tem feito tanto bem aos nossos corações, dando-nos a cada dia renovadas oportunidades de entender e praticar o que é o verdadeiro Cristianismo do Cristo: o amor-atitude, que está acima de todos os rótulos religiosos e convenções humanas...

Esta página está reservada, portanto, para que todos nós, conselheiros, médiuns, colaboradores e frequentadores da CASA possamos expressar, ainda que singelamente, toda nossa gratidão e carinho a essa plêiade de mentores e amigos espirituais que, liderados por Bezerra de Menezes, nosso Patrono, e Azamor Serrão, fundador e Orientador Geral de nossa CASA, há cinquenta anos nos sustentam o ânimo nos ásperos caminhos da jornada terrestre com os extremos de sua dedicação.

Ubaldo diz que “Deus coloca nas religiões os que mais precisam delas”... Só aos poucos nos damos conta de que a principal recuperação em andamento nesta CASA é a nossa, dos que trabalhamos nela, e o quão importante foi a atuação dos nossos amigos espirituais para que primeiramente aqui chegássemos e, depois, todo o apoio e incentivo para que, pouco a pouco, saíssemos da letargia da acomodação do passado e começássemos a ensaiar os primeiros passos na grande trajetória que têm pela frente os que despertam em si o anseio de, um dia, aprender a fazer o bem ao próximo.

Cada tarefa é um remédio de que precisamos...

Cada dia de trabalho uma nova lição de um longo aprendizado...

Nossos mentores e amigos espirituais nos acompanham ... inspiram... apoiam... nossas pequeninas conquistas lhes comovem, nossos tropeços lhes enternecem os corações generosos e, no final, tudo o que sabemos e conseguimos dizer, diante de tanta generosidade é apenas ... OBRIGADO! MUITO OBRIGADO! Que Jesus os abençoe!





# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	<b>13</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>PRIMEIRA PARTE – Noções Preliminares</b> .....	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO I</b> - Há Espíritos? .....	33
<b>CAPÍTULO II</b> - Do Maravilhoso e do Sobrenatural.....	47
<b>CAPÍTULO III</b> - Do Método .....	69
<b>CAPÍTULO IV</b> - Dos Sistemas .....	93
<b>SEGUNDA PARTE – Das Manifestações Espíritas</b> .....	<b>107</b>
<b>CAPÍTULO I</b> - Da Ação dos Espíritos Sobre a Matéria.....	107
<b>CAPÍTULO II</b> - Das Manifestações Físicas. Das Mesas Girantes...	123
<b>CAPÍTULO III</b> - Das Manifestações Inteligentes .....	127
<b>CAPÍTULO IV</b> - Da Teoria das Manifestações Físicas .....	131
<b>CAPÍTULO V</b> - Das Manifestações Físicas Espontâneas.....	143
<b>CAPÍTULO VI</b> - Das Manifestações Visuais.....	159
<b>CAPÍTULO VII</b> - Da Bicorporiedade e da Transfiguração.....	191
<b>CAPÍTULO VIII</b> - Do Laboratório do Mundo Invisível .....	201
<b>CAPÍTULO IX</b> - Dos Lugares Assombrados.....	215
<b>CAPÍTULO X</b> - Da Natureza das Comunicações.....	221
<b>CAPÍTULO XII</b> - Da Pneumatografia ou Escrita Direta Da Pneumatofonia .....	225
<b>CAPÍTULO XIV</b> - Dos Médiuns .....	229
<b>CAPÍTULO XV</b> - Dos Médiuns Escreventes ou Psicógrafos .....	263
<b>CAPÍTULO XVI</b> - Dos Médiuns Especiais.....	275
<b>CAPÍTULO XVII</b> - Formação dos Médiuns .....	285
<b>CAPÍTULO XVIII</b> - Dos Inconvenientes e Perigos da Mediunidade .....	293
<b>CAPÍTULO XIX</b> - Do Papel dos Médiuns nas Comunicações Espíritas .....	297
<b>CAPÍTULO XX</b> - Da Influência Moral do Médiun.....	303
<b>CAPÍTULO XXI</b> - Da Influência do Meio .....	309
<b>CAPÍTULO XXII</b> - Da Mediunidade nos Animais .....	313
<b>CAPÍTULO XXIII</b> - Da Obsessão .....	317
<b>CAPÍTULO XXIV</b> - Da Identidade dos Espíritos .....	341
<b>CAPÍTULO XXVI</b> - Das Perguntas que se podem fazer aos Espíritos.....	347
<b>CAPÍTULO XXVII</b> - Das Contradições e das Mistificações.....	365
<b>CAPÍTULO XXVIII</b> - Do Charlatanismo e do Embuste .....	371
<b>APÊNDICE I</b> - DAS RESSURREIÇÕES .....	381
<b>APÊNDICE II</b> - O CORPO FLUÍDICO (de Indalício Mendes) .....	411
<b>Tabelas de Referência</b> .....	<b>469</b>



“Glória a Deus nas alturas e paz na Terra à toda a Humanidade. Que a doce paz de Jesus reine hoje e sempre em nossos corações” - senha espiritual da Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes



**PREFÁCIO**  
Paulo Serrão,  
pelo Conselho de Administração da  
Casa de Recuperação e Benefícios  
Bezerra de Menezes



## **PREFÁCIO**

“Os espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhante às estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos dos cegos.

Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e o cântico dos anjos se lhes associam. Nós vos convidamos a vós homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes, e que num hino sagrado, eles se entendam e repercutam de um extremo a outro do universo.

Homens, irmãos que amamos, aqui estamos junto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do coração, fazendo a vontade do Pai que está no Céu: SENHOR! SENHOR! e podereis entrar no reino dos céus.”

*O ESPÍRITO DA VERDADE (1)*

Amados irmãos, escolhemos esta magnífica mensagem do Espírito da Verdade como prefácio do prefácio a fim de que soe como um hino inspirador e seus acordes sagrados penetrem no âmago de nosso ser e nos levem a

refletir o quão precioso é o momento que o Pai amantíssimo nos oferece para juntos trabalharmos o tão esperado caminho da nossa recuperação.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos nossos irmãos Julio, Jorge Damas e o Stênio, o trabalho que veem empreendendo, de forma precisa, criteriosa e eficiente, no objetivo de mostrar a todos nós a importância de Kardec e Roustaing como alicerce e estrutura na construção segura do nosso amadurecimento espiritual.

“Em João Capítulo 16, versículos 12 e 13, o Divino Rabi assim afirmou”:

“Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora, mas, quando vier aquele espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir.”

Queremos por fim agradecer ao nosso querido Vovô Bezerra, este anjo de barbas brancas e olhar cândido, mas na verdade o devotado pastor deste rebanho.

Que Deus abençoe a todos vós, irmãos amados.

---

(1) A instrução acima, transmitida por via mediúnica, resume a um tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e a finalidade desta obra. Nota de Guillon Ribeiro (4a edição especial do Evangelho Segundo o Espiritismo)





Bezerra de Menezes com Azamor Serrão,  
Fundador e Orientador Geral da CRBBM.



# INTRODUÇÃO

## Júlio Damasceno

“Tudo se reduz a explicar ainda melhor, cada vez mais clara e evidentemente, até que se compreenda. A única dificuldade que pode surgir como causa de dissensões, é não se haver explicado bastante. O remédio diante de qualquer condenação é apenas o de insistir, explicando sempre mais claramente. O problema não é de modificar, mas de ser compreendido. (Pietro Ubaldi, Prefácio de “O Sistema”)

“O que chamais a inspiração, o gênio da ciência e da caridade, e que o homem, na sua ignorância e no seu orgulho, atribui exclusivamente a si mesmo, é “o dom de Deus”. Conhecer o “dom de Deus” é saber que a assistência, a inspiração, o amparo, o concurso dos bons Espíritos podem ser dados por Deus ao homem”. (QE, Tomo IV, item 11)

“Ora, há diversidade de dons, mas um mesmo é o Espírito, há diversidade de ministérios, e um mesmo é o Senhor, há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos” (Paulo - Cor.1, Cap.XII, vv.4)



## INTRODUÇÃO

“É um trabalho considerável e que tem, para os Espíritas, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada pelo Livro dos Espíritos e o dos Médiuns. As partes correspondentes às que tratamos no Evangelho Segundo o Espiritismo o são em sentido análogo”. (Allan Kardec, sobre a obra “Os Quatro Evangelhos”, Revista Espírita, Junho de 1866)

Concluimos com este volume uma série de três trabalhos inspirados no que foi dito pelo insigne Codificador, Allan Kardec, no primeiro parágrafo de seu comentário sobre a obra “Os Quatro Evangelhos”, de Jean Baptiste Roustaing, em junho de 1866, reproduzido acima. O primeiro volume, “Em Verdade vos Digo” (2008), trouxe a correlação moral entre “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e a obra do Apóstolo de Bordeaux; o segundo, “Em Verdade vos Digo”, evidenciou a relação de complementariedade conceitual existente entre “Os Quatro Evangelhos” e “O Livro dos Espíritos” e, agora, encerrando esta série, temos “O Dom de Deus”, focando desta vez o estudo da mediunidade e da variedade de fenômenos espíritas presentes nos Evangelhos, à luz da obra de Roustaing e Collignon e “O Livro dos Médiuns”.

Esperamos que “O Dom de Deus” seja útil tanto para os interessados no aprofundamento do estudo dos Evangelhos quanto para os que se dedicam mais à análise da fenomenologia mediúnica. Em suas páginas, temos uma boa seleção dos chamados “milagres” explicados, um a um, simultaneamente pelo Codificador, em “O Livro dos Médiuns”, e pelos espíritos autores de “Os Quatro Evangelhos”, dispostas sempre lado a lado, assim como fizemos nos volumes anteriores, resultando numa combinação rica de ensinamentos, tanto sobre a teoria dos diversos tipos de fenômenos quanto sobre a explicação de cada episódio em particular.

Talvez seja útil lembrar, neste ponto, que “Os Quatro Evangelhos” consiste na maior obra mediúnica publicada até hoje na literatura espírita sobre a Boa Nova do Cristo, sendo a única a trazer a explicação completa, versículo a versículo, dos textos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Ela foi organizada e publicada por um dos grandes expoentes da advocacia de Bordeaux do século XIX, Jean Baptiste Roustaing, e recebida mediunicamente por Emilie Collignon, grande médium do então Espiritismo nascente, tendo nos próprios evangelistas os seus autores espirituais.

A publicação de “O Dom de Deus” é resultado do esforço coletivo de um pequeno grupo de amigos, iniciado em 2005, ano do bicentenário de Roustaing, com a realização do primeiro Congresso Roustaing, em Brasília, e a publicação simultânea de sua biografia, “Jean Baptiste Roustaing, Apóstolo do Espiritismo” (ed. CRBBM), pesquisada e redigida pelos confrades Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros.

Desde então, tivemos a oportunidade de reeditar os “Congressos Roustaing” todos os anos, em diferentes cidades brasileiras, associando sempre à realização destes eventos a publicação de algum trabalho que representasse mais um facilitador para o estudo em conjunto destes dois grandes tesouros da literatura universal que são as obras de Kardec e Roustaing.

Foi assim que no Congresso de 2006, em Goiânia, tivemos o lançamento da primeira obra da médium Emillie Collignon vertida para o português, “A Educação Maternal - O Corpo e o Espírito”, publicação do nosso Jorge.

Em 2007, no primeiro Congresso realizado aqui no Rio de Janeiro, a nossa CASA deu sequência ao iniciado pelo Jorge e publicou mais um trabalho de Collignon, “Conversas Familiares sobre Espiritismo”.

“Em Verdade vos Digo”, comentado acima, foi lançado em 2008 em Volta Redonda/RJ. “Examinai Tudo” teve sua vez em Franca/SP, em 2009, ambas com publicação da CRBBM.

Em 2010, em Feira de Santana/BA, concluiu-se a versão das obras de Collignon para o português com o lançamento de “A Educadora Emillie Collignon, Grande Médium da Codificação Espírita”, reunindo num só volume mais três trabalhos desta valorosa personagem das primeiras horas do Espiritismo: “Esboços Contemporâneos”, “A Educação na Família e pelo Estado, Chefe da Família Nacional” e mais uma coletânea de Mensagens Mediúnicas (ed. CRBBM).

Fazemos este breve resumo só para compartilhar com o prezado leitor a nossa satisfação em dar continuidade a esta série agora em 2011, quando o Congresso Roustaing volta ao Rio de Janeiro, apresentando a público desta vez “O Dom de Deus” justamente quando da celebração do cinquentenário da nossa CASA e ao mesmo tempo em que a comunidade espírita de todo o mundo comemora, exultante, os cento e cinquenta anos de “O Livro dos Médiuns”, uma das obras primas do inesquecível mestre Allan Kar-

dec. Afinal, já estamos chegando simultaneamente ao sétimo Congresso e ao sétimo volume publicado, todos com distribuição gratuita e livre download em nosso site ([www.crbbm.org.br](http://www.crbbm.org.br)).

O que mais nos alegra é ver que em todos estes anos formamos uma grande “corrente” de amizade, que só faz aumentar o seu número de participantes, dia a dia...

Começou em Brasília, em 2005, por iniciativa do nosso estimado Ariston Santana Telles, com a promoção do primeiro Congresso Roustaing; mas depois avançou para Goiânia, onde o prezado João Damasceno e a dedicada equipe do Centro Espirita Regeneração realizaram o segundo evento; passou em seguida a primeira vez pelo Rio, incorporando-se ao conjunto o bom humor do Azamor Filho e de todo o grupo da nossa CASA dos Benefícios; seguiu para Volta Redonda, com o apoio do nosso Luiz Carlos de Carvalho e dos valorosos confrades do “Estudantes da Verdade”; depois Franca, terra do nosso querido Felipe Salomão e do seu “Centro Espirita Vicente de Paulo”; subindo posteriormente para Feira de Santana, Bahia, onde incorporou-se “à rede” o casal André e Suzi Barboni e os prestimosos amigos do Centro Espirita Jesus de Nazaré e, finalmente, volta ao Rio, desta vez sob os cuidados de Jorge Damas e dos amigos do Regeneração aqui da Cidade Maravilhosa, fundado pessoalmente pelo Dr. Bezerra de Menezes há exatos 120 anos.

Centenas de pessoas participaram destes eventos. Tem sido encantador vê-las saindo dos Congressos sempre com um sorriso nos lábios, encharcadas de fraternidade depois de um ou dois dias mergulhadas no estudo conjunto das obras de Kardec e Roustaing. Quando reunidas, estas obras têm o dom de trazer de volta o perfume da Galiléia distante, fazendo-nos sentir novamente a brisa do Cristianismo do Cristo em toda a sua majestosa simplicidade...

*“Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?”* - pergunta Kardec, na questão 886 de “O Livro dos Espíritos”, recebendo em seguida a resposta inesquecível para os que têm na máxima “Fora da Caridade não há salvação” a indicação do reto proceder: *“Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.”*

Em “Os Quatro Evangelhos” esta bandeira de fraternidade é desfraldada na sua maior amplitude e universalidade, convidando-nos ao amor-atitude, essência máxima

da mensagem Cristã, deixando de lado todas os acréscimos humanos que lhe foram feitos: “É “cristão”, quaisquer que sejam as suas crenças, qualquer que seja o culto externo que pratique, todo aquele que ama os seus semelhantes, que procura fazer-lhes o maior bem possível, que envida esforços por progredir e auxiliar o progresso de seus irmãos”. (Tomo IV, item 36)

A simplicidade e profundidade destas duas sentenças contagia a todos, a começar dos mais jovens, porque traz de volta a essência do Cristianismo do Cristo, em toda a sua beleza original.

Associando a mensagem Cristã ao amor que se faz, que se realiza em ato, na forma de benefício constante aos seus semelhantes, fazendo por eles de fato o que gostaríamos que nos fizessem, sem relacioná-la com qualquer culto, templo, rito ou veste exterior, essas duas obras-primas da literatura espírita trazem novamente o Cristo para os corações, semeando-lhes com energias renovadas de alegria, de esperança, de coragem, de fé na vida e no próximo, para que se soergam de si mesmos e experimentem um novo modo de vida, mais fraterno e mais justo.

Esta a razão porque temos insistido tanto, no estudo conjunto destas duas obras.

Não é o Brasil “O Coração do Mundo”, a “Pátria do Evangelho”?

Não tem a nossa doutrina a função de “lembrar e explicar” tudo aquilo que o Cristo ensinou, na forma do Consolador Prometido, preparando assim o “advento do Reino”, isto é, a transição planetária para um tempo de fraternidade e paz?

E, sendo assim, que outro conjunto de obras, além das de Kardec e Roustaing, realiza com tanta clareza e intensidade a promessa do Consolador?

Onde qualquer outra obra que explique, com tamanha excelsitude moral e riqueza de detalhes, as entrelinhas de cada palavra e de todos os atos praticados pelo Cristo?

Em nossas viagens pelo Brasil, divulgando o conteúdo destes volumes publicados, na forma de palestras, encontramos muitas vezes jovens que mal ouviram falar da obra de Roustaing ou, quando já dela tiveram notícia, quase sempre obtiveram apenas informações truncadas ou mesmo negativas a seu respeito.

Para nós isto é apenas sintoma de que estamos fazendo mal o nosso trabalho, o trabalho de divulgação



doutrinária. É crime de lesa-evolução jovens espíritas não conhecerem “Os Quatro Evangelhos” e não receberem a oportunidade do estudo conjunto desta obra com a Codificação Kardequiana.

Que entendimento terão do Evangelho? Perderão dele exatamente a melhor parte, o estudo mais completo, mais esclarecedor, mais encantador e sublime acerca das palavras do Cristo...

Claro que a Luz terá, na Terra, os seus adversários. Estamos em um mundo de expiações e provas, de espíritos rebeldes, e é a nossa natureza que o faz ser assim. Mas aquele que já teve o seu primeiro lampejo de claridade não pode deixá-lo sob o alqueire, não pode omitir-se, não pode calar-se, porque a maioria já aspira ao bem, a maioria tem fome de luz, tem sede de luz, e quando a recebe quer juntar-se a todos nós, em coro, e gritar também “dos telhados” aquilo que acabou de descobrir...

É assim que muitos nos pedem exemplares destes livros para os encaminharem a seus amigos. Percebem em poucos instantes o valor inestimável do binômio Kardec Roustaing, e o quanto tem se divulgado pouco esta última obra, e então reagem, céleres, desejosos igualmente de participar desta grande “corrente” de amizade, levando a todos os seus a oportunidade de contato direto com estas duas pérolas de nossa Doutrina.

Foi assim que chegamos a você, prezado leitor. Talvez ao final da leitura desta obra você também se anime a fazer parte desta “onda” de fraternidade, depois de algum contato com esta pequena seleção de passagens de “O Livro dos Médiuns” e “Os Quatro Evangelhos”.

O que mais nos anima, nesta história, é saber que, em assim sendo, você o fará não por algo que possamos ter dito ou escrito, pela nossa opinião sobre este assunto expressa desta ou daquela maneira, mas sim pelo contato direto com as duas obras, por ter feito como Tomé e visto por si mesmo o que elas trazem de fato, independente do que dizemos nós ou da opinião de terceiros.

Nossa Doutrina é doutrina de livre-pensamento, e nosso objetivo aqui foi colocá-lo diretamente em contato com os textos de Kardec e Roustaing, para que você constate, examine e descubra, pessoalmente, o que elas dizem e o que representam...

Seja bem vindo...

Que eles possam fazer ao seu coração o mesmo bem que fizeram aos nossos, é o que realmente desejamos e, se

assim for, que você possa espontaneamente ajudar-nos a espalhar por onde passe essa “brisa do bem”, que tanto refrigério traz aos corações humanos nesta grande escola chamada Terra.

## COMO LER ESTA OBRA

A estrutura básica deste volume é em tudo semelhante aos dos anteriores. O objetivo foi trazer os conteúdos de Kardec e Roustaing lado a lado, ocupando o texto do primeiro sempre as páginas da esquerda (pares) e o do segundo as da direita (ímpares). Dada a quantidade de fenômenos mediúnicos presentes nos textos testamentários e a exiguidade de espaço disponível, no entanto, trazemos desta vez uma novidade na forma de páginas extras para este ou aquele capítulo, que chamamos de “SAIBA MAIS”. Elas estão diferenciadas com uma diagramação especial (fundo cinza) e trazem relacionados os fenômenos cuja apresentação e explicação não coube no formato padrão do livro, complementando as informações disponíveis sobre aquele tema.

A sequência dos capítulos e dos itens de “O Dom de Deus” segue a ordem original de “O Livro dos Médiuns”, mas há saltos constantes da numeração, normalmente de itens mas às vezes até de capítulos (vide o Sumário), pelo fato deste ou daquele assunto não encontrar correspondência com passagens de “Os Quatro Evangelhos”.

Essas lacunas não são um problema em si mesmas, ao contrário, são uma solução para otimização de espaço e decorrem apenas da natureza distinta das duas obras.

“Os Quatro Evangelhos” é uma obra de exegese, de análise e explicação dos textos dos quatro evangelistas. As referências a fenômenos espíritas e suas explicações são pontuais, ocorrendo apenas para completar a elucidação sobre uma determinada passagem.

“O Livro dos Médiuns” é uma obra técnica. Seus capítulos são todos organizados conforme a classificação dos fenômenos que analisa, guardando, portanto, contato com a obra de Roustaing apenas pontualmente, exatamente quando esta última refere-se a este ou àquele fenômeno mediúnico de algum episódio da vida do Cristo e seus colaboradores diretos.

O importante é que se possa verificar, lado a lado, as explicações das duas obras sobre cada “milagre”, cons-

tatando-se como elas se confirmam e reforçam reciprocamente na conceituação e no trato da mediunidade e sua variedade fenomênica, conforme salientado pelo nosso Codificador, e este foi o objetivo principal deste trabalho.

Outro ponto de atenção são as duplicidades. Uma mesma passagem evangélica poderá ser encontrada em diferentes partes deste volume, ajudando a explicar aspectos variados da fenomenologia mediúnica. O caso mais interessante das duplicidades aqui encontradas é a do item 120 do segundo tomo de “Os Quatro Evangelhos”, “Legião de Maus Espíritos Expulsos”. O texto evangélico refere-se ao episódio em que Jesus livra a um obsediado de um grupo de obsessores, autorizando-os, a pedido dos próprios, a se dirigirem a uma vara de porcos que se encontrava próxima ao local. A princípio poderia ser essa apenas mais uma citação sobre obsessão, mas a sua riqueza de detalhes nos traz informações preciosas sobre diferentes questões. Na força espetacular do obsediado, que chegava a quebrar correntes, temos lições sobre a ação dos Espíritos sobre a matéria. Na intensidade do processo obsessivo temos o que aprender sobre a subjugação espiritual. Do contato dos Espíritos com a vara de porcos temos lições sobre a mediunidade animal, e assim, sucessivamente. Ao final, temos esta mesma passagem evangélica presente em diferentes trechos deste volume, ajudando a explicar questões bem distintas.

Há ainda outro tipo de “duplicidade” que convém aqui também salientar, a de itens de “Os Quatro Evangelhos” que eventualmente aparecerão mais de uma vez neste volume. Ocorre que as explicações presentes na obra de Roustaing sobre cada passagem evangélica são geralmente bem amplas, bastante completas e ricas de detalhes. Diferentes parágrafos destas explicações podem ajudar a esclarecer aspectos distintos da mediunidade, e assim foi feito. Voltando ao exemplo acima, do item 120, imaginando, por exemplo, que a explicação presente em “Os Quatro Evangelhos” tenha 39 parágrafos, utilizamos alguns deles para explicar a ação dos Espíritos sobre a matéria, outros sobre os tipos de obsessão e ainda outros sobre a mediunidade animal. O item aparecerá então “repetido”, mas na verdade estaremos apenas aproveitando partes dele diferentes em cada ponto deste volume, conforme o item abordado.

Nas “Tabelas de Referência”, ao final deste volume, o leitor encontrará a indicação exata de todos os capítulos

e itens de “O Livro dos Médiuns” e todas as correlações destes com “Os Quatro Evangelhos” identificadas, para sua fácil localização. Do total de 350 parágrafos de “O Livro dos Médiuns” considerados para efeito deste esforço comparativo, encontramos correlação em 185 deles (53%), associados a um total de 230 citações de “Os Quatro Evangelhos”.

Na mesma seção o leitor encontrará também a relação de todos os chamados “milagres” ou fenômenos aqui estudados. “O Dom de Deus” poderá ser lido em sequência linear, se assim for o desejo do leitor, ou funcionar como obra de referência, com pesquisa item a item, para os que se interessem apenas pelo estudo de um determinado fenômeno.

As citações de “O Livro dos Médiuns” foram extraídas da 47a. edição Feb. As de “Os Quatro Evangelhos” da 9ª. edição Feb.

Para encerrar este intróito, uma pequena nota sobre os dois Apêndices apresentados nesta edição.

O primeiro deles traz uma coletânea das explicações encontradas em “Os Quatro Evangelhos” sobre os episódios das chamadas “Ressurreições” narradas pelos evangelistas em suas anotações. Como em “O Livro dos Médiuns” não há um capítulo dedicado ao tema, entendemos por bem acrescentar um capítulo sobre o assunto, para não deixar-se em aberto um item tão importante.

O segundo é um presente que oferecemos aos nossos leitores, bem como uma singela homenagem que prestamos a um querido amigo: Indalício Mendes. Indalício foi um dos grandes redatores de “O Reformador”, da Federação Espírita Brasileira, durante mais de trinta anos de dedicação intensa, mas foi também o fundador do boletim de nossa CASA, “O Cristão Espírita”, em parceria com o nosso Orientador Geral, Azamor Serrão. Tivemos a oportunidade de conhecê-lo nos fins de 1985, desfrutando, então, um pouco da sua generosidade, do seu bom humor e da cultura ímpar que animava aquele espírito irradiante de vida, apesar do corpo já comalido. Indalício desencarnou pouco tempo depois, em 1988, e deixou nos seus alfarrábios um caderno repleto de anotações para a publicação de um livro sobre Kardec e Roustaing, ao qual denominou “O Corpo Fluídico”.

Este material ainda não havia sido publicado, manteve-se inédito todos estes anos. Pois fizemos uma breve seleção de suas anotações, reunindo de forma livre as passagens que nos pareceram mais importantes e/ou atuais, e é isto que oferecemos no II Apêndice deste volume. Tenho certeza de que os mais velhos vão se encantar de ver o nosso Indalício “de volta”, mesmo que em leitura breve, e os mais novos certamente se encantarão com seu texto elegante e altamente espiritualizado. Esta parte de “O Dom de Deus” eu a dedico ao confrade Roberto Lenertz, companheiro da nossa CASA, que ao longo de todos estes anos nos incentivou sempre a promover o resgate deste material do Indalício, até aqui sem publicação. Roberto, Deus te abençoe...

### PRÓXIMOS PASSOS

Durante quatro anos trabalhamos em torno de um único parágrafo de Kardec - exatamente o que ele afirma não haver nem um ponto de contradição entre o que consta em “Os Quatro Evangelhos” e os ensinamentos de “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, e “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Ao final deste período encontramos nestas obras mais de mil pontos de concordância com a de Roustaing (958 publicados), mesmo tendo que deixar de lado outras tantas citações, apenas pela exiguidade de espaço... Esperamos ter reunido exemplos bastantes e suficientes para demonstrar que realmente as obras de Kardec e Roustaing são de fato complementares, conforme dito pelo próprio Codificador e mais tarde por Humberto de Campos, através da psicografia do nosso Chico Xavier, em “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” (pág.176, 32a.ed.FEB).

Alguns confrades nos questionam, porém, em relação aos parágrafos seguintes do referido comentário (RS, Junho de 1866), em que Kardec deixa “de quarentena” e sujeita ao critério da concordância universal a chamada “Teoria do Corpo Fluídico de Jesus”:

*“O autor desta nova obra julgou dever seguir um outro caminho. Em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto. Assim, tratou certas questões que não*

*tínhamos julgado oportuno abordar ainda e das quais, por consequência, lhe deixamos a responsabilidade, como aos Espíritos que as comentaram.*

*“Consequente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação nem desaprovação, deixando ao tempo o trabalho de as sancionar ou as contraditar”. (Allan Kardec, “Revista Espírita”, ed. Julho de 1866 - Ed. Edicel)*

O critério da concordância universal é proposto por Kardec na introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” nos seguintes termos: *“Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares”.*

Perguntam-nos então muitos de nossos irmãos qual a nossa posição sobre esta “segunda parte” do comentário de Kardec sobre “Os Quatro Evangelhos”.

Ora, perguntamos nós, por nossa vez: “Mas alguém já contou? Alguém já parou para contar e relacionar, de fato, quantas citações há, na literatura espírita, hoje, com textos recebidos por diferentes e qualificados médiuns, em diferentes lugares, a favor da revelação sobre o Corpo Fluido de Jesus?”

Resta saber quantos médiuns de diferentes lugares e quantas citações serão necessárias para se definir a aceitação desta ou daquela teoria... infelizmente o Codificador não entrou neste nível de detalhe (ou felizmente, já que o problema é de qualidade, e não de quantidade).

Sem entrar no mérito, podemos pelo menos pesquisar e reunir, como fizemos até aqui, o maior número possível de citações disponíveis sobre o assunto, para livre exame de nossos irmãos.

Este novo trabalho será publicado futuramente, e para complementar este esforço de pesquisa convidamos também um querido grupo de amigos para fazermos isto a “oito mãos”: os prezados e valorosos Gilberto Perez Cardoso, Jorge Damas Martins e Maurício Neiva Crispin já concordaram em consorciar-se conosco nesta nova empreitada, de tal forma que possamos atualizar e renovar, em

alguma medida, o estudo em torno desta questão do Corpo Fluídico de Jesus.

Este esforço de atualização permanente das questões doutrinárias é fundamental. Se nossa Doutrina é evolutiva temos que evoluir também, e o caminho agora e sempre para o progresso coletivo em torno de qualquer assunto será sempre o estudo.

A questão do Corpo Fluídico de Jesus não foge à regra...

A Humanidade levou séculos para entender que Jesus não é Deus, talvez leve outros tantos para entender que ele não foi também Humano, no sentido da nossa biologia comum.

Paulo e Apolo tiveram esforços distintos e complementares... À cada geração cabe uma tarefa no esclarecimento geral, e o que este grupo deseja é apenas colocar mais um tijolo na catedral do futuro.

Ensinam-nos os Espíritos, no entanto, que “o futuro é longo: toda a eternidade nele se contém”.

Paz a todos e... até breve!





**PRIMEIRA PARTE**  
Noções Preliminares  
**CAPÍTULO I**  
Há Espíritos?

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO I - HÁ ESPÍRITOS?

1. A dúvida, no que concerne à existência dos Espíritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade. Muitas pessoas, mais ou menos como as que só conhecem a História pelos romances, apenas os conhecem através dos contos fantásticos com que foram acalentadas em criança.

Sem indagarem se tais contos, despojados dos acessórios ridículos, encerram algum fundo de verdade, essas pessoas unicamente se impressionam com o lado absurdo que eles revelam. Sem se darem ao trabalho de tirar a casca amarga, para achar a amêndoa, rejeitam o todo, como fazem, relativamente à religião, os que, chocados por certos abusos, tudo englobam numa só condenação.

Seja qual for a idéia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, conseqüentemente, por ponto de partida, a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, existência, sobrevivência e individualidade que têm no Espiritualismo a sua demonstração teórica e dogmática e, no Espiritismo, a demonstração positiva. Abstraiamos, por um momento, das manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a que conseqüências chegaremos.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Fazendo que um Espírito superior dissesse a Moisés: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isac, o Deus de Jacob” (MT., Cap. XXII, vv,32), não mostrou o Senhor que Abraão, Isac e Jacob existem? Se a alma ou Espírito não sobrevivesse ao corpo, teria ele falado desse modo? Por aquelas palavras dirigidas a Moisés, Deus proclamara e Jesus, lembrando-as, proclamava de novo aos saduceus, aos discípulos e a todos os homens, a sobrevivência da alma, sua imortalidade e sua individualidade após a morte do corpo; proclamava a vida permanente e imortal dos Espíritos, que todos vivem, quer no estado corporal, quer no estado espírita, sob os olhares do Pai. Ele preparava as gerações futuras a compreenderem que a vida espírita é a vida primordial e normal do Espírito; que o que chamais “morte” não é mais do que a cessação, para o Espírito, de um exílio temporário, cujo termo chega quando este se despoja do corpo material, que, para ele, não passa de uma veste de provações, de expiação, de progresso, veste que apenas determina uma modificação momentânea na sua vida normal. De um modo como de outro, o Espírito vive sempre sob as vistas de Deus, pois que a morte mais não é do que um passo mediante o qual ele volta da vida corporal à vida espírita”. (Tomo III, item 259)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO I - HÁ ESPÍRITOS?

2. Desde que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, forçoso é também se admita: 1º, que a sua natureza difere da do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo; 2º, que goza da consciência de si mesma, pois que é passível de alegria, ou de sofrimento [...]. Admitido isso, tem-se que admitir que essa alma vai para alguma parte. Que vem a ser feito dela e para onde vai?

Segundo a crença vulgar, vai para o céu, ou para o inferno. Mas, onde ficam o céu e o inferno? Dizia-se outrora que o céu era em cima e o inferno embaixo. Porém, o que são o alto e o baixo no Universo, uma vez que se conhecem a esfericidade da Terra, movimento dos astros [...]

Não podendo a doutrina da localização das almas harmonizar-se com os dados da Ciência, outra doutrina mais lógica lhes assina por domínio [...] o espaço universal [...].

Mas, então, que vem a ser das penas e recompensas futuras, desde que se lhes suprimam os lugares especiais onde se efetivem? Notai que a incredulidade, com relação a tais penas e recompensas, provam geralmente de serem umas e outras apresentadas em condições inadmissíveis. Dizei, em vez disso, que as almas tiram de si mesmas a sua felicidade ou a sua desgraça; [...]. Dizei mais que as almas não atingem o grau supremo, senão pelos esforços que façam por se melhorarem[...]; que os anjos são almas que galgaram o último grau da escala [...]; que os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de velar pela execução de seus desígnios em todo o Universo, [...] e lhes tereis dado à felicidade um fim mais útil e mais atraente, do que fazendo-a consistir numa contemplação perpétua, que não passaria de perpétua inutilidade. Dizei, finalmente, que os demônios são simplesmente as almas dos maus, ainda não purificadas, mas que podem, como as outras, ascender ao mais alto cume da perfeição e isto parecerá mais conforme à justiça e à bondade de Deus, do que a doutrina que os dá como criados para o mal e ao mal destinados eternamente. [...]

Ora [...] os Espíritos não são senão as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“O céu é a imensidade sem limites em que se movem todos os seres”. (Tomo I, item 38)

“O inferno, já o temos dito, é a consciência do culpado e o lugar, qualquer que este seja, onde expia suas faltas. Não se trata de espaço limitado”. (Tomo II, item 152)

“fictícias são as ameaças do fogo eterno, do suplício eterno [...]. Jamais estiveram no pensamento de Jesus”. (Tomo III, item 282)

“Satanás, o diabo, o demônio - são nomes alegóricos pelos quais se designa o conjunto dos maus espíritos empenhados na perda do homem. [...]. Mas, todos se hão de purificar com o tempo, por meio de uma série de provações e expiações em encarnações sucessivas, precedida cada uma, no espaço, na erraticidade, dos sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados aos crimes ou faltas cometidos. Tais são, para o espírito culpado, tanto encarnado como errante, o inferno, o purgatório, a expiação, a reparação, o progresso.” (Tomo I, item 61)

“Os Espíritos puros são os intermediários entre a essência eterna de vida [...] – Deus - e os Espíritos superiores, ministros das vontades divinas, os quais, segundo a escala hierárquica [...] as fazem chegar até vós.” (Tomo I, item 60)

“O lugar onde descansareis é o espaço infinito, onde os Espíritos bem-aventurados gozam, numa eterna atividade, da alegria dos eleitos, que todos os homens são chamados a gozar e da qual todos gozarão”. (Tomo II, item 132)

“A linguagem do rico na parábola (LC., Cap. XVI, vv. 27, 28 e 30) é a prova e, ao mesmo tempo, a sanção da crença dos Judeus na comunicação dos homens com as almas dos mortos, com os Espíritos”. (Tomo I, item 96)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO I - HÁ ESPÍRITOS?

3. [...] Muitas pessoas há [...] que admitem a existência das almas e, conseqüentemente, a dos Espíritos, mas que negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles, pela razão, dizem, de que seres imateriais não podem atuar sobre a matéria. Esta dúvida assenta na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos [...].

Figuremos, primeiramente, o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é o ser que pensa e sobrevive. O corpo não passa de um acessório seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa, quando usada. Além desse invólucro material, tem o Espírito um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, porém não do outro, a que damos o nome de perispírito. Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos. Por que, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Mas, onde encontra o homem os seus mais possantes motores, senão entre os mais rarificados fluidos, mesmo entre os que se consideram imponderáveis, como, por exemplo, a eletricidade? Não é exato que a luz, imponderável, exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Suponhamo-lo, todavia, formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto esta: por que, quando dirigido por uma vontade, não teria propriedade idêntica à daquela matéria?

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Além desse invólucro que, depois da morte, é restituído à matéria em forma de cadáver e a que chamais corpo humano, o homem tem outro, de natureza fluídica, a que destes o nome de perispírito e que, após a morte, fica sendo o corpo fluídico do Espírito e lhe constitui a individualidade humana”. (Tomo I, item 64)

“só a alma existe aos olhos de Deus; [...] a alma é que é a criatura inteligente e responsável, não passando o corpo de sepulcro onde ela se encerra temporariamente”. (Tomo IV, item 36)

“O magnetismo espiritual resulta da concentração da vontade dos Espíritos, concentração por meio da qual estes reúnem à volta de si os fluidos, quaisquer que sejam, encerrados no ser humano ou disseminados no espaço, e os dispõem de modo a exercerem ação sobre o homem ou sobre as coisas, produzindo os efeitos por eles desejados”. (Tomo I, item 31)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO I - HÁ ESPÍRITOS?

4. A existência da alma e a de Deus, consequência uma da outra, constituindo a base de todo o edifício, antes de travarmos qualquer discussão espírita, importa indagarmos se o nosso interlocutor admite essa base. Se a estas questões:

Credes em Deus?

Credes que tendes uma alma?

Credes na sobrevivência da alma após a morte?

Responder negativamente, ou, mesmo, se disser simplesmente: Não sei; desejara que assim fosse, mas não tenho a certeza disso, o que, quase sempre, equivale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos categórica, para não chocar bruscamente o a que ele chama preconceitos respeitáveis, tão inútil seria ir além, como querer demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a existência da luz. Porque, em suma, as manifestações espíritas não são mais do que efeitos das propriedades da alma. Com semelhante interlocutor, se se não quiser perder tempo, ter-se-á que seguir muito diversa ordem de ideias.

Admitida que seja a base, não como simples probabilidade, mas como coisa averiguada, incontestável, dela muito naturalmente decorrerá a existência dos Espíritos.



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Os saduceus eram os materialistas da época. Consideravam Deus como o arquiteto que constrói o edifício, o homem como a pedra que a ação do tempo reduz a pó.

“Não observais entre vós análogas inconseqüências, homens que admitem a crença em Deus, e negam a existência da alma e sua imortalidade?” (Tomo III, item 259)

“Não conseguireis abrir os olhos aos que teimam em conservá-los fechados. Não conseguireis que admitam os fatos espíritas os que negam toda influência ultramundana”. (Tomo III, item 304)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO I - HÁ ESPÍRITOS?

5. Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar ideias. Por que não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?

Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Pois que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos?

Por que razão, depois de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se utilizar deste corpo vivo, para exprimir o seu pensamento, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido?

## OS QUATRO EVANGELHOS

“A afeição e o reconhecimento quase que não têm curso, é certo, no seio da humanidade, mas, no mundo dos Espíritos, grandes e vivos são esses sentimentos”. (Tomo III, item 211)

“Não acrediteis que com a ruptura dos laços que vos prendem à carne se quebrem todos os da simpatia. Não vedes que os bons Espíritos que vos cercam se afligem com as vossas dores e rejubilam com as vossas alegrias, dentro dos limites do que é puro”? (Tomo IV, item 36)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO I - HÁ ESPÍRITOS?

6. Abstraiamos, por instante, dos fatos que, ao nosso ver, tornam incontestável a realidade dessa comunicação; admitamo-la apenas como hipótese. Pedimos aos incrédulos que nos provem, não por simples negativas, visto que suas opiniões pessoais não podem constituir lei, mas expendendo razões peremptórias, que tal coisa não pode dar-se. Colocando-nos no terreno em que eles se colocam, uma vez que entendem de apreciar os fatos espíritas com o auxílio das leis da matéria, que tirem desse arsenal qualquer demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica e provem por a mais b, partindo sempre do princípio da existência e da sobrevivência da alma:

1° que o ser pensante, que existe em nós durante a vida, não mais pensa depois da morte;

2° que, se continua a pensar, está inibido de pensar naqueles a quem amou;

3° que, se pensa nestes, não cogita de se comunicar com eles;

4° que, podendo estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5° que, podendo estar ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

6° que não pode, por meio do seu envoltório fluídico, atuar sobre a matéria inerte;

7° que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado;

8° que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para fazê-lo escrever;

9° que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas, nem lhe transmitir seus pensamentos.

Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isto é impossível, aduzindo razões tão patentes quais as com que Galileu demonstrou que o Sol não é que gira em torno da Terra, então poderemos considerar-lhes fundadas as dúvidas. Infelizmente, até hoje, toda a argumentação a que recorrem se resume nestas palavras: Não creio, logo isto é impossível. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“A ciência humana acha cômodo rir toda vez que é incapaz de compreender. [...] Que os que têm ouvidos de ouvir ouçam, que os que negam procurem compreender. [...] Sim, é tempo de ser arvorado o estandarte da verdade e da fé simples, raciocinada e racional”. (Tomo I, item 14)

“Não zombeis, oh! incrédulos e sofistas; não negueis, oh! filósofos sem filosofia! Estudai, homens, estudai!

Cheios de respeito e de amor para com o vosso Criador, de amor e de caridade para com o vosso próximo, para com todos os vossos irmãos, de amor para com todas as criaturas de Deus, armados do amor à ciência e do desejo de progredir, procurai, com o coração humilde e desinteressadamente, compreender e compreendereis; procurai ver e vereis.

Amparados pelos bons Espíritos a quem Deus confia o encargo de ajudar os que trabalham, compreendereis e vereis, porquanto nada há oculto que não venha a ser descoberto, nada ignorado que não venha a ser conhecido. Os estudos de um servirão ao outro (e servirão também a vós mesmos, pois que a reencarnação dá meio ao homem de retomar a obra incompleta ou inacabada), para progredir em ciência e em amor.

E quando a luz se houver feito para vós , então vos elevareis ao vosso Criador e, num esto de entusiasmo, direis: Sede Bendito! - Mateus, Marcos, Lucas e João Assis-tidos pelos Apóstolos”. (Tomo I, item 56)



**PRIMEIRA PARTE**  
Noções Preliminares  
**CAPÍTULO II**  
Do Maravilhoso e  
do Sobrenatural

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO II-DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL

7. Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações representasse uma concepção singular, fosse produto de um sistema, poderia, com visos de razão, merecer a suspeita de ilusória. Digam-nos, porém, por que com ela deparamos tão vivaz entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? É, respondem os críticos, porque, desde todos os tempos, o homem teve o gosto do maravilhoso. - Mas, que entendeis por maravilhoso? - O que é sobrenatural. - Que entendeis por sobrenatural? - O que é contrário às leis da Natureza. - Conheceis, porventura, tão bem essas leis, que possais marcar limite ao poder de Deus? Pois bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que não é, nem pode ser uma destas leis. Acompanhai a Doutrina Espírita e vede se todos os elos, ligados uniformemente à cadeia, não apresentam todos os caracteres de uma lei admirável, que resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver. O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade, que eles têm, de atuar sobre a matéria, de nos impressionar os sentidos e, por conseguinte, de nos transmitir seus pensamentos, resulta, se assim nos podemos exprimir, da constituição fisiológica que lhes é própria. Logo, nada há de sobrenatural neste fato, nem de maravilhoso. Tornar um homem a viver depois de morto e bem morto, reunirem-se seus membros dispersos para lhe formarem de novo o corpo, sim, seria maravilhoso, sobrenatural, fantástico. Haveria aí uma verdadeira derrogação da lei, o que somente por um milagre poderia Deus praticar. Coisa alguma, porém, de semelhante há na Doutrina Espírita.



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Em todos os tempos o mundo invisível esteve sempre em comunicação com a humanidade. Suas manifestações, que os homens não compreendiam por lhes desconhecerem as causas, passavam, mesmo na época do Cristo, por ser ou fantasias da imaginação, ou obra dos Espíritos malfazejos, ou ainda uma graça especial que o Senhor se dignava de conceder a esta ou àquela de suas criaturas na terra.

Entre os idólatras, vós o sabeis, essas aparições deram lugar a uma multiplicidade de deuses e deusas, dos quais foi vítima a credulidade do povo, explorada pela ambição ou pela cupidez”. (Tomo II, item 174)

“A vontade imutável de Deus jamais derroga as leis naturais por ele promulgadas desde toda a eternidade”. (Tomo I, item 14)

“Deus, só e único princípio universal, só e única potência criadora, na imensidade, no infinito, é imutável e eterno. Ele tudo previu, tudo quis e tudo regulou desde toda a eternidade. Assim, tudo emana da sua vontade e nada se realiza sem a sua permissão. Não há “acaso”, nem “milagre”.

As palavras humanas “acaso” e “milagre” não têm, para Deus, sentido. Deveis considerá-las apenas como exprimindo a ignorância dos homens quanto às verdadeiras causas dos fenômenos e dos fatos, devidos sempre a uma aplicação das leis universais, naturais e imutáveis, à ação dessas leis ou à apropriação delas aos diversos planetas, sob a ação espírita.[...]

Tudo é imutável na natureza. Apenas nem tudo está ao vosso alcance. Se à vossa inteligência, como à vossa vista, causam espanto muitos dos efeitos que uma e outra percebem, é simplesmente por lhes serem novos esses efeitos. Todos eles, porém, estão na ordem da natureza”. (Tomo I, item 24)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO II-DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL

8. Entretanto, objetarão, admitis que um Espírito pode suspender uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio. Não constitui isto uma derrogação da lei de gravidade? - Constitui, mas da lei conhecida; porém, já a Natureza disse a sua última palavra? Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma máquina pesada, carregando muitos homens, fosse capaz de triunfar da força de atração? Aos olhos do vulgo, tal coisa não pareceria maravilhosa, diabólica? Por louco houvera passado aquele que, há um século, se tivesse proposto a transmitir um telegrama a 500 léguas de distância e a receber a resposta, alguns minutos depois. Se o fizesse, toda gente creria ter ele o diabo às suas ordens, pois que, àquela época, só ao diabo era possível andar tão depressa. Porque, então, um fluido desconhecido não poderia, em dadas circunstâncias, ter a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Notemos, de passagem, que não fazemos uma assimilação, mas apenas urna comparação, e unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível. Ora, foi exatamente por quererem, ao observar estas espécies de fenômenos, proceder por assimilação que os sábios se transviaram. Em suma, o fato aí está. Não há, nem haverá negação que possa fazer não seja ele real, porquanto negar não é provar. Para nós, não há coisa alguma sobrenatural. É tudo o que, por agora, podemos dizer.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“A vossa natureza está sujeita a muitos mistérios que não compreendeis e cuja fonte única é a combinação dos fluidos de que dispomos para vossa utilidade e vosso progresso”. (Tomo I, item 31)

“A vontade imutável de Deus jamais derroga as leis da natureza, que ele próprio formulou desde toda a eternidade”. (Tomo I, item 31)

“Vimos a vós para vos auxiliar na explicação do que, em linguagem humana, se designa pelo nome de “mistério”, mas apenas para vos auxiliar e só com relação ao que vos seja verdadeiramente incompreensível. Utilizai-vos da vossa ciência e da vossa razão para a solução das questões que uma e outra podem resolver”. (Tomo I, item 43)

“Que os incrédulos encolham os ombros desdenhosamente, nem por isso os fatos serão menos reais. [...]

Os que propõem tais questões deveriam propô-las com humildade, com o sentimento da sua ignorância e com o desejo sincero de se esclarecerem, não com uma presunçosa incredulidade, negando as manifestações espíritas, a revelação evangélica e a nova revelação, que traz aos homens os segredos de além-túmulo, a ciência das relações do mundo visível com o mundo invisível, a luz e a verdade, as vias e meios de progresso intelectual e moral, pelo saber, pela caridade e pelo amor”. (Tomo I, item 47)

“Não há nada “sobrenatural”. Tudo emana, por toda a parte e sempre, da vontade imutável de Deus, conforme às leis universais, naturais e inalteráveis por ele estabelecidas desde toda a eternidade e que desse modo participam da sua essência mesma”. (Tomo I, item 24)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO II-DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL

9. Se o fato ficar comprovado, dirão, aceitá-lo-emos; aceitaríamos mesmo a causa a que o atribuía, a de um fluido desconhecido. Mas, quem nos prova a intervenção dos Espíritos? Aí é que está o maravilhoso, o sobrenatural. Far-se-ia mister aqui uma demonstração completa, que, no entanto, estaria deslocada e, ao demais, constituiria uma repetição, visto que ressalta de todas as outras partes do ensino. Todavia, resumindo-a nalgumas palavras, diremos que, em teoria, ela se funda neste princípio: todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente e, do ponto de vista prático, na observação de que, tendo os fenômenos ditos espíritas dado provas de inteligência, fora da matéria havia de estar a causa que os produzia e de que, não sendo essa inteligência a dos assistentes - o que a experiência atesta - havia de lhes ser exterior. Pois que não se via o ser que atuava, necessariamente era um ser invisível. Assim foi que, de observação em observação, se chegou ao reconhecimento de que esse ser invisível, a que deram o nome de Espírito, não é senão a alma dos que viveram corporalmente, aos quais a morte arrebatou o grosseiro invólucro visível, deixando-lhes apenas um envoltório etéreo, invisível no seu estado normal. Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua mais simples expressão. Uma vez comprovada a existência de seres invisíveis, a ação deles sobre a matéria resulta da natureza do envoltório fluídico que os reveste. É inteligente essa ação, porque, ao morrerem, eles perderam tão-somente o corpo, conservando a inteligência que lhes constitui a essência mesma. Aí está a chave de todos esses fenômenos tidos erradamente por sobrenaturais. A existência dos Espíritos não é, portanto, um sistema preconcebido, ou uma hipótese imaginada para explicar os fatos: é o resultado de observações e consequência natural da existência da alma. Negar essa causa é negar a alma e seus atributos. Dignem-se de apresentá-la os que pensem em poder dar desses efeitos inteligentes uma explicação mais racional e, sobretudo, de apontar a causa de todos os fatos, e então será possível discutir-se o mérito de cada uma.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Pobre humanidade, que busca o maravilhoso nas coisas mais simples, que repele por impossíveis as mais patentes. [...] Os crentes aceitavam os fatos, do mesmo modo que hoje, como suas faculdades lhes permitiam. Os incrédulos os rejeitavam, como ainda os rejeitam, sem mais investigações”. (Tomo I, item 61)

“O “milagre”, na significação que até hoje se há dado a esta palavra, consiste na prática de um ato ou na ocorrência de um fato em oposição às leis estabelecidas da natureza. “Milagre” seria um homem gerar um leão, ou um elefante dar a vida a uma baleia. Milagre haveria, com efeito, na realização das predições segundo as quais as estrelas cairiam do céu, pois que tais fatos estariam fora da lei orgânica e regular das coisas. Mas, os fatos cujo conhecimento vos falta nada têm de milagroso; se para vós eles apresentam esse caráter, é porque lhes ignorais as causas”. (Tomo I, item 67)

“Tudo para nós tem uma causa explicativa, mas muitas coisas preciso é que se conservem para vós obscuras. Contentai-vos com o pouco que vos podemos dar, de acordo com o estado das vossas inteligências. Tratai de obter mais pelo estudo, pelo trabalho, pela observação, executados com desinteresse, humildade de coração e espírito, fé, amor e desejo de progredir”. (Tomo II, item 118)

“As leis naturais, que Deus estabeleceu desde toda a eternidade, são imutáveis, já o temos dito, e a vontade também imutável de Deus não as derroga nunca” (Tomo II, item 133)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO II-DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL

10. Para os que consideram a matéria a única potência da Natureza, tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso, ou sobrenatural, e, para eles, maravilhoso é sinônimo de superstição. Se assim fosse, a religião, que se baseia na existência de um princípio imaterial, seria um tecido de superstições. Não ousam dizê-lo em voz alta, mas dizem-no baixinho e julgam salvar as aparências concedendo que uma religião é necessária ao povo e às crianças, para que se tornem ajuizados. Ora, uma de duas, ou o princípio religioso é verdadeiro, ou falso. Se é verdadeiro, ele o é para toda gente, se falso, não tem maior valor para os ignorantes do que para os instruídos.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Que, de dentro da sua ignorância orgulhosa, os “espíritos fortes”, que desconhecem completamente o poder magnético dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores, a natureza, os efeitos e as propriedades de ação dos fluidos sobre o organismo humano, não tachem de impossíveis esses fatos autênticos chamados “milagres”, os quais todos se enquadram na ordem da natureza e se produzem segundo suas leis”. (Tomo II, item 178)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO II-DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL

11. Os que atacam o Espiritismo, em nome do maravilhoso, se apoiam geralmente no princípio materialista, porquanto, negando qualquer efeito extra material, negam, ipso facto, a existência da alma. Sondai-lhes, porém, o fundo das consciências, perscrutai bem o sentido de suas palavras e descobrireis quase sempre esse princípio, se não categoricamente formulado, germinando por baixo da capa com que o cobrem, a de uma pretensa filosofia racional. Lançando à conta do maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, são, pois, consequentes consigo mesmos: não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos. Daí, entre eles, uma opinião preconcebida, que os torna impróprios para julgar lisamente do Espiritismo, visto que o princípio donde partem é o da negação de tudo o que não seja material. Quanto a nós, dar-se-á aceitemos todos os fatos qualificados de maravilhosos, pela simples razão de admitirmos os efeitos que são a consequência da existência da alma? Dar-se-á sejamos campeões de todos os sonhadores, adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Quem o supuser, demonstrará bem minguido conhecimento do Espiritismo. Mas, os nossos adversários não atentam nisto muito de perto. O de que menos cuidam é da necessidade de conhecerem aquilo de que falam. Segundo eles, o maravilhoso é absurdo; ora, o Espiritismo se apóia em fatos maravilhosos, logo o Espiritismo é absurdo. E consideram sem apelação esta sentença. Acham que opõem um argumento irretorquível quando, depois de terem procedido a eruditas pesquisas acerca dos convulsionários de Saint-Médard, dos fanáticos de Cevenas, ou das religiosas de Loudun, chegaram à descoberta de patentes embustes, que ninguém contesta. Semelhantes histórias, porém, serão o evangelho do Espiritismo? Terão seus adeptos negado que o charlatanismo há explorado, em proveito próprio, alguns fatos? que outros sejam frutos da imaginação? que muitos tenham sido exagerados pelo fanatismo? Tão solidário é ele com as extravagâncias que se cometam em seu nome, quanto a verdadeira ciência com os abusos da ignorância, ou a verdadeira religião com os excessos do sectarismo. [...]



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Atento o ponto a que chegou a Física, milagres materiais poderiam produzir-se e os incrédulos continuariam a lhes não dar crédito, atribuindo-os à prestidigitação e ao compadrio.

O de que precisam homens cujas inteligências alcançaram um certo desenvolvimento é de “milagres” morais, é de curas da alma e não do corpo. [...]

Hoje, em presença da nova revelação, que vos fez conhecer a ciência das revelações do mundo invisível com o mundo visível, os segredos de além-túmulo, os meios pelos quais Jesus e depois os apóstolos produziram, tanto na ordem física como na ordem moral, os fatos que passaram por milagrosos, naqueles tempos de ignorância, hoje, esses fatos, para vós, não seriam senão a consequência - da depuração do Espírito encarnado, da sua elevação, ou da proteção que lhe dispensam os Espíritos puros, os Espíritos superiores e a vontade do Mestre; a consequência do poder da vontade, por efeito do poder magnético, poderes estes que lhe teriam sido transmitidos ocultamente, mediunicamente, para a realização da cura material das enfermidades humanas; a consequência ainda do poder imediato que, também de modo oculto, lhe teria sido dado para instantaneamente expulsar os maus Espíritos e restituir a vida a corpos inanimados.

Quando forem chegados os tempos, os Espíritos encarnados poderão, como o fizeram os apóstolos, curar as enfermidades, expulsar os maus Espíritos e restituir a vida a corpos inanimados (\*). Mas, então, notai-o bem, esses fatos, que foram qualificados de “milagres” quando se lhes não compreendia a origem, não vos parecerão mais do que uma consequência natural da purificação de tais Espíritos, uma prova de que aqueles que os realizam são mais elevados do que os outros, ou mais protegidos por se terem tornado dignos de maior proteção.

Na atualidade, “milagres” de curas materiais e morais amiúde se operam entre os homens e passam despercebidos [...] os que os não compreendem encaram os fatos dessa ordem com indiferença e incredulidade, ainda quando lhes aproveitam”. (Tomo I, item 74)

---

\* Vide a respeito o Apêndice I deste volume, “Das Ressurreições”

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO II-DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL

12. Em lógica elementar, para se discutir uma coisa, preciso se faz conhecê-la, porquanto a opinião de um crítico só tem valor, quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. Então, somente, sua opinião, embora errônea, poderá ser tomada em consideração. Que peso, porém, terá quando ele trata do que não conhece? A legítima crítica deve demonstrar, não só erudição, mas também profundo conhecimento do objeto que versa, juízo reto e imparcialidade a toda prova, sem o que, qualquer menestrel poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini e um pinta-monos o de censurar Rafael.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“A quantos dos atuais pastores se podem dirigir estas palavras que Jesus dirigiu a Nicodemos: Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas!

Se os “doutores de Israel” houvessem estudado, esquadrinhado os arquivos, trabalhado enfim por instruir-se, com o desejo de instruir os outros e não com o propósito de se servirem da luz como de arma contra o vulgo, teriam sabido aquelas coisas, como as devera saber Nicodemos. Mas, a ignorância é filha do orgulho, deriva deste, e o orgulhoso se julgam sempre bastante sábio. Pensa sempre ter ascendido ao fastígio da ciência, por ver que há outros mais ignorantes do que ele. Também, por vezes, teme descer ao fundo de certos conhecimentos, receando encontrar lá a sua própria condenação. Entre vós, quantos “doutores de Israel” vivem! (Tomo IV, item 09)

“A incredulidade, como a sua companheira — a ignorância, é também filha do orgulho. Aquele que se julga sábio não aceita o que diz o humilde, o pequeno, como ele o considera. Não se dá sequer ao trabalho de estudar a questão que lhe é proposta e que sem mais exame repele. Para quê? O que temos basta. Para que procurar outra coisa? (Tomo IV, item 09)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO II-DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL

13. Assim, o Espiritismo não aceita todos os fatos considerados maravilhosos, ou sobrenaturais. Longe disso, demonstra a impossibilidade de grande número deles e o ridículo de certas crenças, que constituem a superstição propriamente dita. É exato que, no que ele admite, há coisas que, para os incrédulos, são puramente do domínio do maravilhoso, ou por outra, da superstição. Seja. Mas, ao menos, discuti apenas esses pontos, porquanto, com relação aos demais, nada há que dizer e pregais em vão. Atendo-vos ao que ele próprio refuta, provais ignorar o assunto e os vossos argumentos erram o alvo. Porém, até onde vai a crença do Espiritismo? perguntarão. Ledes, observai e sabê-lo-eis. Só com o tempo e o estudo se adquire o conhecimento de qualquer ciência. Ora, o Espiritismo, que entende com as mais graves questões de filosofia, com todos os ramos da ordem social, que abrange tanto o homem físico quanto o homem moral, é, em si mesmo, uma ciência, uma filosofia, que já não podem ser aprendidas em algumas horas, como nenhuma outra ciência. Tanta puerilidade haveria em se querer ver todo o Espiritismo numa mesa girante, como toda a física nalguns brinquedos de criança. A quem não se limite a ficar na superfície, são necessários, não algumas horas somente, mas meses e anos, para lhe sondar todos os arcanos. Por aí se pode apreciar o grau de saber e o valor da opinião dos que se atribuem o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências, as mais das vezes por distração ou divertimento. Dirão eles com certeza que não lhes sobram lazeres para consagrarem a tais estudos todo o tempo que reclamam. Está bem; nada a isso os constrange. Mas, quem não tem tempo de aprender uma coisa não se mete a discorrer sobre ela e, ainda menos, a julgá-la, se não quiser que o acoimem de leviano. Ora, quanto mais elevada seja a posição que ocupemos na ciência, tanto menos escusável é que digamos, levemente, de um assunto que desconhecemos.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“À ciência, pelas suas investigações, compete levar o homem à descoberta de tudo quanto até hoje se considerou como segredo da natureza, como mistério”. (Tomo I, item 3)

“Aquele que ainda não percebeu a luz de que é portadora a revelação espírita deve inclinar-se e calar-se - em vez de negar o que não sabe explicar”. (Tomo I, item 30)

“Não temais, pois, os ataques de todos esses livres pensadores, cuja liberdade consiste em tudo destruir irrefletidamente, em destruir o que são incapazes de substituir. Eles semeiam e vós colhereis”. (Tomo III, item 235)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO II-DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL

15. Pronunciamos há pouco a palavra milagre; uma ligeira observação sobre isso não virá fora de propósito, neste capítulo que trata do maravilhoso. Na sua acepção primitiva e pela sua etimologia, o termo milagre significa coisa extraordinária, coisa admirável de se ver. Mas como tantas outras, essa palavra se afastou do seu sentido originário e hoje, por milagre, se entende [...] um ato do poder divino, contrário às leis comuns da Natureza. Tal, com efeito, a sua acepção usual e apenas por comparação e por metáfora é ela aplicada às coisas vulgares que nos surpreendem e cuja causa se desconhece. De nenhuma forma entra em nossas cogitações indagar se Deus há julgado útil, em certas circunstâncias, derrogar as leis que Ele próprio estabelecera; nosso fim é, unicamente, demonstrar que os fenômenos espíritas, por mais extraordinários que sejam, de maneira alguma derrogam essas leis, que nenhum caráter têm de miraculosos, do mesmo modo que não são maravilhosos, ou sobrenaturais. O milagre não se explica; os fenômenos espíritas, ao contrário, se explicam racionalissimamente. Não são, pois, milagres, mas simples efeitos, cuja razão de ser se encontra nas leis gerais. O milagre apresenta ainda outro caráter, o de ser insólito e isolado. Ora, desde que um fato se reproduz, por assim dizer, à vontade e por diversas pessoas, não pode ser um milagre. [...] Se um homem realmente morto, como dissemos em começo, ressuscitar por intervenção divina, haverá aí verdadeiro milagre, porque isso é contrário às leis da Natureza. Se, porém, tal homem só aparentemente está morto, se ainda há nele um resto de vitalidade latente e a ciência ou uma ação magnética consegue reanimá-lo, um fenômeno natural é o que isso será para pessoas instruídas. Todavia, aos olhos do vulgo [...] o fato passará por milagroso, e o autor se verá perseguido a pedradas, ou venerado, conforme o caráter dos indivíduos.

## OS QUATRO EVANGELHOS

*“No v. 39 de Marcos (Ref.: MC., Cap. IX, vv. 33 a 41), assim como em todos os outros versículos dos Evangelhos, qual a verdadeira expressão que corresponda à das traduções latinas virtutem e à das traduções francesas — miracies, tendo-se em vista a definição que ao termo milagre dá a Igreja romana e do sentido que lhe atribui, dizendo ser — uma derrogação das leis na natureza?”*

“Milagre é a única palavra que, na linguagem humana, se pode empregar para exprimir, do vosso ponto de vista, a idéia de um ato que escapa ao âmbito das conhecidas leis da natureza.

A vossa linguagem carece de um termo técnico que sirva para revestir esse pensamento.

A Igreja romana devera definir o “milagre” como sendo um ato que se efetuou pela vontade de Deus, segundo leis verdadeiras e imutáveis da natureza, ainda desconhecidas dos homens, mas existentes desde toda a eternidade, ato esse que ela, e bem assim a ciência humana, será obrigada a reconhecer como realizado sob a ação espírita, por efeito daquela vontade”. (Tomo III, item 202)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO II-DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL

15. “[...] o Espiritismo nos dá a explicação de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, à falta de toda explicação, passaram por prodígios, nos tempos antigos. Do mesmo modo que o magnetismo, ele nos revela uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, mais acertadamente, de uma lei que se desconhecia, embora se lhe conhecessem os efeitos, visto que estes sempre se produziram em todos os tempos, tendo a ignorância da lei gerado a superstição. Conhecida ela, desaparece o maravilhoso e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que, fazendo que uma mesa se mova, ou que os mortos escrevam, os espíritos não operam maior milagre do que opera o médico que restitui à vida um moribundo, ou o físico que faz cair o raio. Aquele que pretendesse, por meio desta ciência, realizar milagres, seria ou ignorante do assunto, ou embusteiro.



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Iniciando-vos nos segredos de além-túmulo, nos mistérios do mundo invisível, na natureza, na causa dos fenômenos espíritas, nos efeitos mediúnicos, quer de ordem material, quer de ordem moral, a revelação e a ciência espíritas vos ensinam que esses fenômenos, esses efeitos, que a ignorância dos homens tomou por prodígios, por milagres, considerando-os uma derrogação das leis da Natureza, não são mais do que uma aplicação destas leis e que tanto os podem produzir as más como as boas influências ocultas, com o auxílio de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno, do mesmo modo que o mais digno dos encarnados, pode possuir.” (Tomo III, item 272)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO II-DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL

16. Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos, antes que se lhes conhecesse a causa, tiveram que passar por prodígios. Ora, como os cépticos, os espíritos fortes, isto é, os que gozam do privilégio exclusivo da razão e do bom-senso, não admitem que uma coisa seja possível, desde que não a compreendam, de todos os fatos considerados prodigiosos fazem objeto de suas zombarias. Pois que a religião conta grande número de fatos desse gênero, não creem na religião e daí à incredulidade absoluta o passo é curto. Explicando a maior parte deles, o Espiritismo lhes assina uma razão de ser. Vem, pois, em auxílio da religião, demonstrando a possibilidade de muitos que, por perderem o caráter de miraculosos, não deixam, contudo, de ser extraordinários, e Deus não fica sendo menor, nem menos poderoso, por não haver derrogado suas leis. De quantas graçolas não foi objeto o fato de São Cupertino se erguer nos ares! Ora, a suspensão etérea dos corpos graves é um fenômeno que a lei espírita explica. Fomos dele pessoalmente testemunha ocular, e o Sr. Home, assim como outras pessoas de nosso conhecimento, repetiram muitas vezes o fenômeno produzido por São Cupertino. Logo, este fenômeno pertence à ordem das coisas naturais.

17. [...] Algumas pessoas contestam os fenômenos espíritas precisamente porque tais fenômenos lhes parecem estar fora da lei comum e porque não logram achar-lhes qualquer explicação. Dai-lhes uma base racional e a dúvida desaparecerá. A explicação, neste século em que ninguém se contenta com palavras, constitui, pois, poderoso motivo de convicção. Daí o vemos, todos os dias, pessoas, que nenhum fato testemunharam, que não observaram uma mesa agitar-se, ou um médium escrever, se tornarem tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se houvéssemos de somente acreditar no que vemos com os nossos olhos a bem pouco se reduziriam as nossas convicções.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“As leis naturais são imutáveis, como imutável é a vontade de Deus que as formulou desde toda a eternidade. Deus, portanto, nunca as derroga”. (Tomo III, item 307)

“Efetivamente, nada se origina do que chamais — o acaso. Existe sempre uma causa, uma razão de ser para todas as coisas. O acaso é a vossa ignorância da razão de ser, da causa do fato que observais”. (Tomo IV, item 52)

“O magnetismo ainda ensaia seus primeiros passos. O homem tem por demais desprezado o poder que o Senhor lhe pôs nas mãos; mal se dignou de lançar os olhos para a primeira página da introdução desse grande livro da ciência. Que o folheie com perseverança e lhe preste toda a atenção. O magnetismo não constitui um jogo para divertimento dos curiosos; não é uma ciência ligeira destinada apenas a aliviar alguns sofrimentos. É um estudo grave, profundo, que reclama, para se tornar proveitoso, ilimitado desinteresse, fé viva, inesgotável amor ao próximo. Com esses três auxiliares, podereis, homens, colher ousadamente os frutos da árvore da ciência; repelireis horrorizados o mal e caminhareis a passos largos na senda do progresso.

Magnetizadores, a vós outros é que especialmente nos dirigimos. Trazeis em vós a fonte de todas as descobertas, de todas as ciências. Abri, trabalhando seriamente, as páginas desse grande livro e aí descobrireis todos os dias alguma beleza nova e vereis até onde pode chegar o poder do homem, quando tem a sustentá-lo o amor do bem, da verdade e do belo”. (Tomo II, item 183)



**PRIMEIRA PARTE**  
Noções Preliminares  
**CAPÍTULO III**  
Do Método

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

18. Muito natural e louvável é, em todos os adeptos, o desejo, que nunca será demais animar, de fazer prosélitos. Visando facilitar-lhes essa tarefa, aqui nos propomos examinar o caminho que nos parece mais seguro para se atingir esse objetivo, a fim de lhes pouparmos inúteis esforços. Dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia. Quem, pois, seriamente queira conhecê-lo deve, como primeira condição, dispor-se a um estudo sério e persuadir-se de que ele não pode, como nenhuma outra ciência, ser aprendido a brincar. O Espiritismo, também já o dissemos, entende com todas as questões que interessam a Humanidade; tem imenso campo, e o que principalmente convém é encará-lo pelas suas consequências. Forma-lhe sem dúvida a base a crença nos Espíritos, mas essa crença não basta para fazer de alguém um espírita esclarecido, como a crença em Deus não é suficiente para fazer de quem quer que seja um teólogo. Vejamos, então, de que maneira será melhor se ministre o ensino da Doutrina Espírita, para levar com mais segurança à convicção. Não se espantem os adeptos com esta palavra - ensino. Não constitui ensino unicamente o que é dado do púlpito ou da tribuna. Há também o da simples conversação. Ensina todo aquele que procura persuadir a outro, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências. O que desejamos é que seu esforço produza frutos e é por isto que julgamos de nosso dever dar alguns conselhos, de que poderão igualmente aproveitar os que queiram instruir-se por si mesmos. Uns e outros, seguindo-os, acharão meio de chegar com mais segurança e presteza ao fim visado.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Doçura, fé, bons exemplos, tais as armas de que vós outros, espíritas, vos deveis utilizar para propagar a nova revelação. Bom êxito alcançareis, com elas, entre muitos de vossos irmãos. Mas, nem todos se acham ainda amadurecidos. Deveis falar desassombradamente das vossas crenças, assentá-las nas suas bases. Fazei-o, todavia, com brandura e persuasão. Se, porém, encontrardes naturezas obstinadas (e as há muitas), deixai-as. O tempo fará, ou nessa mesma existência, ou em outras, com o auxílio da reencarnação, o que não tiverdes podido conseguir. O futuro é longo: toda a eternidade se contém nele”. (Tomo III, item 204)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

19. É crença geral que, para convencer, basta apresentar os fatos. Esse, com efeito, parece o caminho mais lógico. Entretanto, mostra a experiência que nem sempre é o melhor, pois que a cada passo se encontram pessoas que os mais patentes fatos absolutamente não convenceram. A que se deve atribuir isso? É o que vamos tentar demonstrar. No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva; não constitui o ponto de partida. Este precisamente o erro em que caem muitos adeptos e que, amiúde, os leva a insucesso com certas pessoas. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é a existência da alma. Ora, como pode o materialista admitir que, fora do mundo material, vivam seres, estando crente de que, em si próprio, tudo é matéria? Como pode crer que, exteriormente à sua pessoa, há Espíritos, quando não acredita ter um dentro de si? Será inútil acumular-lhe diante dos olhos as provas mais palpáveis. Contestá-las-á todas, porque não admite o princípio. Todo ensino metódico tem que partir do conhecido para o desconhecido. Ora, para o materialista, o conhecido é a matéria: parti, pois, da matéria e tratai, antes de tudo, fazendo que ele a observe, de convencê-lo de que há nele alguma coisa que escapa às leis da matéria. Numa palavra, primeiro que o torneis ESPÍRITA, cuidai de torná-lo ESPIRITUALISTA. Mas, para tal, muito outra é a ordem de fatos a que se há de recorrer, muito especial o ensino cabível e que, por isso mesmo, precisa ser dado por outros processos. Falar-lhe dos Espíritos, antes que esteja convencido de ter uma alma, é começar por onde se deve acabar, porquanto não lhe será possível aceitar a conclusão, sem que admita as premissas. Antes, pois, de tentarmos convencer um incrédulo, mesmo por meio dos fatos, cumpre nos certifiquemos de sua opinião relativamente à alma, isto é, cumpre verifiquemos se ele crê na existência da alma, na sua sobrevivência ao corpo, na sua individualidade após a morte. Se a resposta for negativa, falar-lhe dos Espíritos seria perder tempo. Eis aí a regra. Não dizemos que não comporte exceções. Neste caso, porém, haverá provavelmente outra causa que o toma menos refratário.



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Deus releva sempre os erros que, em matéria de crenças, são cometidos de boa-fé. Unicamente o orgulho e a hipocrisia, a felonía e a mentira são punidos, porquanto só as faltas tornam culpada a criatura”. (Tomo III, item 275)

“A razão e a ciência humanas, esbarrando na letra e não sabendo achar o espírito, rejeitam o que, pela sua ignorância, não podem explicar. Os Espíritos do Senhor vêm exatamente, pela nova revelação, projetar sobre tudo e por toda parte a luz e a verdade”. (Tomo II, item 195)

“A verdade é relativa aos tempos e às necessidades das épocas. É una, porém mais ou menos encoberta, não se desenvolvendo aos olhares humanos senão à medida que o homem a pode suportar e compreender. Quanto mais o Espírito se eleva, tanto mais se lhe rasgam à vista os véus da verdade. A verdade é o conhecimento de todo princípio que, assim na ordem física, como na ordem moral e na intelectual, conduz a humanidade ao seu aperfeiçoamento, à fraternidade, ao amor universal, mediante sinceras aspirações ao espiritualismo, ou, se quiserdes, à espiritualidade. A idéia é a mesma; mas, para o vosso entendimento humano, o espiritualismo conduz ao espiritismo e o espiritismo tem que conduzir à espiritualidade”. (Tomo IV, item 47)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

20. Entre os materialistas, importa distinguir duas classes: colocamos na primeira os que o são por sistema. Nesses, não há a dúvida, há a negação absoluta, raciocinada a seu modo. O homem, para eles, é simples máquina, que funciona enquanto está montada, que se desarranja e de que, após a morte, só resta a carcaça. Felizmente, são em número restrito e não formam escola abertamente confessada. [...] Quando dissemos que a dúvida cessa nos incrédulos diante de uma explicação racional, excetuamos os materialistas extremados, os que negam a existência de qualquer força e de qualquer princípio inteligente fora da matéria. A maioria deles se obstina por orgulho na opinião que professa, entendendo que o amor-próprio lhes impõe persistir nela. E persistem, não obstante todas as provas em contrario, porque não querem ficar de baixo. Com tal gente, nada há que fazer [...].

21. A segunda classe de materialistas, muito mais numerosa do que a primeira, porque o verdadeiro materialismo é um sentimento antinatural, compreende os que o são por indiferença, por falta de coisa melhor, pode-se dizer. Não o são deliberadamente e o que mais desejam é crer, porquanto a incerteza lhes é um tormento. Há neles uma vaga aspiração pelo futuro; mas esse futuro lhes foi apresentado com cores tais, que a razão deles se recusa a aceitá-lo. Daí a dúvida e, como consequência da dúvida, a incredulidade. Esta, portanto, não constitui neles um sistema. Assim sendo, se lhes apresentardes alguma coisa racional, aceitam-na pressurosos. Esses, pois, nos podem compreender, visto estarem mais perto de nós do que, por certo, eles próprios o julgam. [...]

22. Ao lado da dos materialistas propriamente ditos, há uma terceira classe de incrédulos que, embora espiritualistas, pelo menos de nome, são tão refratários quanto aqueles. Referimo-nos aos incrédulos de má vontade. A esses muito aborreceria o terem que crer, porque isso lhes perturbaria a quietude nos gozos materiais. Temem deparar com a condenação de suas ambições, de seu egoísmo e das vaidades humanas com que se deliciam. Fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Lamentá-los é tudo o que se pode fazer.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Usai de benevolência com os que repelem as vossas crenças, esperai que seus olhos se abram para a luz e a possam suportar.

Porventura, ao tirar a venda espessa que ocultava a claridade do dia ao cego, o oculista lhe consente contemplar imediatamente aquela claridade? Não; o doente ficaria ofuscado. Viva de mais para seus órgãos enfraquecidos, ela o faria mergulhar de novo numa profunda noite, da qual talvez não mais saísse.

Graduai, portanto, o brilho da verdade, para os olhos dos cegos morais, experimentai-os com prudência, lançai-lhes nos corações pouco a pouco a semente e esta germinará. Se os frutos que devam colher dela não amadurecerem sob as vossas vistas, um momento, entretanto, virá em que tais frutos lhes serão proveitosos. À hora da morte material, os vossos ensinamentos se lhes patentearão aos olhos e esplêndida luz os banhará. Tê-los-eis desse modo ajudado a transpor um passo difícilimo para a matéria. Não choqueis os incrédulos, não vos incomodeis com as zombarias, sede dignos e calmos na vossa fé, perseverantes nas boas obras. Lançai a semente, que ela encontrará a terra fértil e aí se arraigará. Cultivai-a então, cultivai-a com amor, para que um grão produza trinta, outro sessenta e outro cem. Assim será, porque cada um dos que tiverdes conquistado para a fé a espalhará por sua vez em torno de si e, quais essas espigas maduras carregadas de grãos, cujas sementes o vento, sacudindo-as, dispersa em longa extensão, a verdade se espalhará e produzirá saborosos frutos”. (Tomo I, tem 77)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

23. Apenas por não deixar de mencioná-la, falaremos de uma quanta categoria, a que chamaremos incrédulos por interesse ou de má-fé. Os que a compõem sabem muito bem o que devem pensar do Espiritismo, mas ostensivamente o condenam por motivos de interesse pessoal. Não há o que dizer deles, como não há com eles o que fazer. O puro materialista tem para o seu engano a escusa da boa-fé; possível será desenganá-lo, provando-se-lhe o erro em que labora. No outro, há uma determinação asentada, contra a qual todos os argumentos irão chocar-se em vão. O tempo se encarregará de lhe abrir os olhos e de lhe mostrar, quiçá à custa própria, onde estavam seus verdadeiros interesses, porquanto, não podendo impedir que a verdade se expanda, ele será arrastado pela torrente, bem como os interesses que julgava salvaguardar.

24. Além dessas diversas categorias de opositores, muitos há de uma infinidade de matizes, entre os quais se podem incluir: os incrédulos por pusilanimidade, que terão coragem, quando virem que os outros não se queimam; os incrédulos por escrúpulos religiosos, aos quais um estudo esclarecido ensinará que o Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é incutir sentimentos religiosos nos que os não possuem, fortalecê-los nos que os tenham vacilantes. Depois, vêm os incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por negligência, por leviandade, etc., etc.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Quanto aos que negam a todo transe, o dia deles chegará e para eles também se fará a luz. Mas, a esses ainda não fomos enviados. Sempre que haja no homem uma idéia preconcebida, não se deve procurar violentá-lo para que a abandone e sim esperar, do seu livre-arbítrio, do tempo e da reencarnação que, com a expiação e a reparação, é via e meio de progresso moral e intelectual, se lhe abram os olhos para a luz.

Somos mandados aos obreiros de boa-vontade [...] deixamos ao tempo o trabalho de pulverizar os rochedos, cuja dureza atual resistiria aos nossos esforços. [...]

Ainda não sois mais do que trabalhadores inábeis. Entretanto, trabalhais para a obra do futuro. Não desaniméis porque sejam repelidos ou recebidos com zombarias e sarcasmos os vossos esforços. Caminhai sempre. Oferecei abrigo aos que se vejam despojados de suas crenças e sem saberem onde encontrar a esperança e as consolações. Apresentai-lhes o facho da frouxa claridade que os ajudará a avançar para a luz, que não deixará após si mais sombra alguma.” (Tomo III, item 307)

*“Aquele que se envergonhar de mim e das minhas palavras, desse o Filho do Homem também se envergonhará” (Lc., Cap. IX, vv. 26)* “Estas palavras do Mestre abrangiam o passado, o presente e o futuro. Referem-se especialmente aos que, na era nova que se abre diante de vós, depois de terem conhecido a verdade, disfarçarem, pelo respeito humano, ou ocultarem suas convicções. Notai que não censuramos, aqui, aqueles que se veem, mau grado seu, constrangidos, pelas suas posições sociais, a calar durante mais ou menos tempo seus pensamentos secretos. Esses devem, como os outros, espalhar a verdade, mas com prudência e medida, por isso que, muitas vezes, comprometendo suas existências materiais, comprometeriam igualmente o bom êxito do seu empreendimento. Falamos, sim, dos que temem o ridículo, os gracejos malévolos, dos que não ousam afrontar as atoardas de um meio contrário e se submetem, rindo com os que riem, motejando com os que motejam, receosos de que se lhes diga: Também sois deles! A esses Jesus se dirigirá como se dirigiu a Pedro [...]”. (Tomo II, item 193)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

25. Não podemos omitir uma categoria a que chamaremos incrédulos por decepções. Abrange os que passaram de uma confiança exagerada à incredulidade, porque sofreram desenganos. Então, desanimados, tudo abandonaram, tudo rejeitaram. Estão no caso de um que negasse a boa-fé, por haver sido ludibriado. Ainda aí o que há é o resultado de incompleto estudo do Espiritismo e de falta de experiência. Aquele a quem os Espíritos mistificam, geralmente é mistificado por lhes perguntar o que eles não devem ou não podem dizer, ou porque não se acha bastante instruído sobre o assunto, para distinguir da impostura a verdade. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Tudo tem sempre um objetivo sério. Procurai, cuidadosamente, quais possam ter sido as causas determinantes da mistificação e deparareis ou com uma incredulidade sistemática, ou com uma confiança orgulhosa, ou com uma credulidade, uma inexperiência que precisavam esclarecidas para conduzirem à perspicácia e ao devotamento. Algumas vezes também é o caso de uma lição que convinha fosse dada às testemunhas, cuja atenção o encarnado se encarregara de despertar”. (Tomo II, item 183)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

27. Se, daí, projetarmos o olhar sobre as diversas categorias de crentes, depararemos primeiro com os que são espíritas sem o saberem. [...] Sem jamais terem ouvido tratar da Doutrina Espírita, possuem o sentimento inato dos grandes princípios que dela decorrem e esse sentimento se reflete em algumas passagens de seus escritos e de seus discursos, a ponto de suporem, os que os ouvem, que eles são completamente iniciados. Numerosos exemplos de tal fato se encontram nos escritores profanos e sagrados [...] antigos e modernos.

28. Entre os que se convenceram por um estudo direto, podem destacar-se:

1° Os que creem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o Espiritismo é apenas uma ciência de observação [...] Chamar-lhes-emos espíritas experimentadores.

2° Os que no Espiritismo veem mais do que fatos; compreendem-lhe a parte filosófica; admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam. Insignificante ou nula é a influência que lhes exerce nos caracteres. Em nada alteram seus hábitos [...]. São os espíritas imperfeitos.

3° Os que não se contentam com admirar a moral espírita, que a praticam e lhe aceitam todas as consequências. [...]. A caridade é, em tudo, a regra de proceder a que obedecem. São os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas cristãos.

4° Há, finalmente, os espíritas exaltados. A espécie humana seria perfeita, se sempre tomasse o lado bom das coisas. Em tudo, o exagero é prejudicial. Em Espiritismo, infunde confiança demasiado cega e frequentemente pueril, no tocante ao mundo invisível, e leva a aceitar-se, com extrema facilidade e sem verificação, aquilo cujo absurdo, ou impossibilidade a reflexão e o exame demonstrariam. O entusiasmo, porém, não reflete, deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos aptos para convencer a quem quer que seja, porque todos, com razão, desconfiam dos julgamentos deles. Graças à sua boa-fé, são iludidos, assim, por Espíritos mistificadores, como por homens que procuram explorar-lhes a credulidade. [...]



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Nem todos os que dizem: Senhor, Senhor! entrarão no reino de Deus. As palavras morrem no espaço sem chegar ao Senhor, quando não têm por apoio os atos. Portanto, praticai sempre o que ensinai, o que admirai, o que louvais. Não bastará que admireis a lei de Jesus, que digais: ela é perfeita, se nada fizerdes por cumpri-la e por vos aperfeiçoardes. Não vos bastará dizer: somos cristãos, se obrardes contra a vontade do Cristo. Não vos bastará declarar: somos espíritas, se continuardes a ser o que éreis antes. Não bastará declareis: somos médiuns e usamos das nossas diversas faculdades mediúnicas, se não praticardes os ensinamentos recebidos, se não puserdes, cordial e intencionalmente, essas faculdades ao serviço da causa de Deus, do melhoramento moral dos vossos irmãos, dando-lhes o exemplo dos esforços constantes e porfiados que empregais por vos melhorardes pessoalmente, se não vos utilizardes com humildade e desinteresse dessas mesmas faculdades para o fim exclusivo de fazer propaganda séria, útil, eficaz, da lei de Jesus e da sublime doutrina dos Espíritos do Senhor” (Tomo II, item 108)

“Constituem o vinho novo os ensinamentos dos Espíritos do Senhor [...] Os odres novos são os verdadeiros espíritas que recebem e praticam esses ensinamentos; são os Espíritos que, purificados e esclarecidos pelo Espiritismo, farão rebentar o velho odre, incapaz de resistir à fermentação das ideias novas. O odre velho existe em vossos dias. São aqueles que, cegos e interesseiros, bebendo em fontes impuras ou falsificadas, [...] procuram [...] enterrar a obra da regeneração humana [...].

O que vos pregamos hoje não é a mesma lei que Jesus vos deu a conhecer? Que é o que intentamos senão fazer-vos voltar atrás em busca desse vinho que, há mil e oitocentos anos, espera que os homens o saboreiem?” (Tomo II, item 123)

“De nada serve ouvir a revelação, desde que se continua a viver como se não a tivesse recebido”. (Tomo IV, item 9)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

29. Os meios de convencer variam extremamente, conforme os indivíduos. O que persuade a uns nada produz em outros; este se convenceu observando algumas manifestações materiais, aquele por efeito de comunicações inteligentes, o maior número pelo raciocínio. Podemos até dizer que, para a maioria dos que se não preparam pelo raciocínio, os fenômenos materiais quase nenhum peso têm. Quanto mais extraordinários são esses fenômenos, quanto mais se afastam das leis conhecidas, maior oposição encontram e isto por uma razão muito simples: é que todos somos levados naturalmente a duvidar de uma coisa que não tem sanção racional. Cada um a considera do seu ponto de vista e a explica a seu modo: o materialista a atribui a uma causa puramente física ou a embuste; o ignorante e o supersticioso a uma causa diabólica ou sobrenatural, ao passo que uma explicação prévia produz o efeito de destruir as ideias preconcebidas e de mostrar, senão a realidade, pelo menos a possibilidade da coisa, que, assim, é compreendida antes de ser vista. Ora, desde que se reconhece a possibilidade de um fato, três quartos da convicção estão conseguidos.

## OS QUATRO EVANGELHOS

*“Sede, pois, disse também Jesus aos apóstolos, prudentes como as serpentes e simples como as pombas”.* (MT., Cap. X, vv.16)

Não creiais, espíritas, que, para obterdes o triunfo das vossas máximas, das verdades imutáveis que pregais, devais falar em todas as ocasiões no mesmo tom, não. A ciência do pregador, do propagandista está em apropriar sua linguagem às inteligências daqueles a quem fala.

Se traçardes e seguirdes sempre uma só linha de proceder, em tal matéria, alcançareis êxito com uns e sereis mal sucedidos com outros.

Tende, portanto, a prudência da serpente. Não é que possais fazer vítimas, nem sufocar o desgraçado que apanheis. É que, dirigindo-vos a Espíritos orgulhosos e suscetíveis, cumpre avanceis com prudência. Enleai-os des-tratamente com os vossos raciocínios, atai-os com os vossos exemplos, de tal sorte que, quando perceberem que procurais apoderar-vos deles, não mais lhes seja possível evitar esse benéfico contágio da moral prática.

Mas, para chegardes a semelhante resultado, nunca empregueis senão os meios que a simplicidade e a doçura vos facultem. Sobre vós mesmos é que deveis exercer todo o vosso império, de modo que as vossas vítimas só o sejam do vosso amor sem limites. Sede prudentes, pois, como a serpente e brandos como a pomba”. (Tomo II, item 139)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

30. Convirá se procure convencer a um incrédulo obstinado? Já dissemos que isso depende das causas e da natureza da sua incredulidade. Muitas vezes, a insistência em querer persuadi-lo o leva a crer em sua importância pessoal, o que, a seu ver, constitui razão para ainda mais se obstinar. Com relação ao que se não convenceu pelo raciocínio, nem pelos fatos, a conclusão a tirar-se é que ainda lhe cumpre sofrer a prova da incredulidade. Deve-se deixar à Providência o encargo de lhe preparar circunstâncias mais favoráveis. Não faltam os que anseiam pelo recebimento da luz, para que se esteja a perder tempo com os que a repelem. Dirigi-vos, portanto, aos de boa-vontade, cujo número é maior do que se pensa, e o exemplo de suas conversões, multiplicando-se, mais do que simples palavras, vencerá as resistências. O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem. Lenir corações aflitos; consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais, essa a sua missão. E nisso também que encontrará satisfação real. O Espiritismo anda no ar; difunde-se pela força mesma das coisas, porque toma felizes os que o professam. Quando o ouvirem repercutir em torno de si mesmos, entre seus próprios amigos, os que o combatem por sistema compreenderão o insulamento em que se acham e serão forçados a calar-se, ou a render-se.

## OS QUATRO EVANGELHOS

*“Não deis aos cães as coisas santas e não lanceis vossas pérolas aos porcos, para que não aconteça que, depois de as pisarem, vos estraçalhem”. (MT., Cap. VII, vv.6)*

Compenetrai-vos bastante, em espírito e verdade, dessas palavras que Jesus dirigiu aos que então eram seus discípulos e aos que seriam no futuro e da aplicação que deveriam ter, no tocante ao ensino e à propagação da palavra evangélica, e que devem ter na época presente da nova revelação.

As circunstâncias em que vos achardes, o meio em que falardes é que vos deverão inspirar a conduta a seguir. Sondai o terreno, preparai-o e, se descobrires um sinal de fertilidade, por menor que seja, lançai a semente com prudência e precaução. Depois, cultivai-a cuidadosamente, auxiliando-lhe o desenvolvimento. Se, ao contrário, o terreno vos parecer árido e ingrato, encerrai-vos no silêncio. Dai a compreender que não quereis falar. A recusa, em tal caso, excita a curiosidade em certas naturezas e pode desenvolver o desejo de saber. Se isto suceder, devotai-vos à obra e consagrai-vos aos que a princípio vos repeliram. Estendei os braços às ovelhas desgarradas, ide em socorro das que estiverem perdidas, reconduzi ao Senhor o pequeno rebanho que conseguirdes reunir. O Mestre recompensa generosamente os obreiros vigilantes. A fortuna de haverdes salvo irmãos vossos da incredulidade, do desânimo, da negação, vos recompensará para entrar nas alegrias da eternidade”. (Tomo I, item 97)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

31. Para, no ensino do Espiritismo, proceder-se como se procederia com relação ao das ciências ordinárias, preciso fora passar revista a toda a série dos fenômenos que possam produzir-se, começando pelos mais simples, para chegar sucessivamente aos mais complexos. Ora, isso não é possível, porque possível não é fazer-se um curso de Espiritismo experimental, como se faz um curso de Física ou de Química. Nas ciências naturais, opera-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade, tendo-se quase sempre a certeza de poderem regular-se os efeitos. No Espiritismo, temos que lidar com inteligências que gozam de liberdade e que a cada instante nos provam não estar submetidas aos nossos caprichos. Cumpre, pois, observar, aguardar os resultados e colhê-los à passagem. Daí o declararmos abertamente que quem quer que blasone de os obter à vontade não pode deixar de ser ignorante ou impostor. Daí vem que o verdadeiro Espiritismo jamais se dará em espetáculo, nem subirá ao tablado das feiras. Há mesmo qualquer coisa de ilógico em supor-se que Espíritos venham exhibir-se e submeter-se a investigações, como objetos de curiosidade. Portanto, pode suceder que os fenômenos não se deem quando mais desejados sejam, ou que se apresentem numa ordem muito diversa da que se quereria. Acrescentemos mais que, para serem obtidos, precisa se fazer a intervenção de pessoas dotadas de faculdades especiais e que estas faculdades variam ao infinito, de acordo com as aptidões dos indivíduos. Ora, sendo extremamente raro que a mesma pessoa tenha todas as aptidões, isso constitui uma nova dificuldade, porquanto mister seria ter-se sempre à mão uma coleção completa de médiuns, o que absolutamente não é possível. O meio, aliás, muito simples, de se obviar a este inconveniente, consiste em se começar pela teoria. Aí todos os fenômenos são apreciados, explicados, de modo que o estudante vem a conhecê-los, a lhes compreender a possibilidade, a saber em que condições podem produzir-se e quais os obstáculos que podem encontrar. Então, qualquer que seja a ordem em que se apresentem, nada terão que surpreenda. [...] Esse o método que seguimos em as nossas lições e pelo qual somente temos que nos felicitar.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Não vedes ainda hoje, nos dias que correm, muitos “Samaritanos” que, para crerem, necessitam do testemunho de fatos a que chamais “adivinhação”, enquanto que outros, tocados pela moral suave, simples e pura, nada mais pedem nem procuram para se tornarem crentes? [...] Com os homens de hoje se dá e se dará ainda mais o que se deu com os Samaritanos.” (Tomo IV, item 12)

“Os “fariseus e os saduceus” vieram ter com Jesus para o tentar. Quer dizer: para apanhá-lo em falta, pois não reconheciam poder no Mestre para fazer o que lhe pediam.

Pediram-lhe que mostrasse no céu um sinal (MT., Cap. XVI, vv.1 a 4), isto é, qualquer coisa de surpreendente, fosse o que fosse. Não tinham, quanto à natureza do sinal, nenhuma idéia assentada, mas desejariam que Jesus, por exemplo, detivesse o movimento dos astros, ou fizesse aparecer no firmamento uma visão qualquer. Aquele que, para acreditar, faz questão de ver não sabe muitas vezes dizer o que deseja se lhe mostre. E ainda quando obtivesse a satisfação desse desejo, mesmo à custa das leis naturais, isso não lhe bastara. Trataria de explicar o fato de um modo que se lhe afiguraria racional, dado o seu ponto de vista, e exigiria outra coisa.

As versões dos dois evangelistas se completam, reproduzindo ambas as seguintes palavras de Jesus: “Esta geração má e adúltera pede um sinal no céu; em verdade vos digo que nenhum sinal lhe será dado; nenhum sinal lhe será dado senão o do profeta Jonas”. “Jesus, diz o evangelista, deu profundo suspiro”. Apreciação humana. Jesus procurou chamar a atenção dos discípulos para o que havia de doloroso no orgulho e na cegueira daqueles Espíritos culpados, que se condenavam por tal forma a uma longa e cruel expiação.

Apartando-se daqueles homens incrédulos, orgulhosos, obstinados e rebeldes, o Mestre se foi embora: “deixando-os, Jesus tomou de novo a barca e passou para a outra margem”. (Tomo II, item 180)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

32. Ainda outra vantagem apresenta o estudo prévio da teoria - a de mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e o alcance desta ciência. Aquele que começa por ver uma mesa a girar, ou a bater, se sente mais inclinado ao gracejo, porque dificilmente imaginará que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da humanidade. Temos notado sempre que os que creem, antes de haver visto, apenas porque leram e compreenderam, longe de se conservarem superficiais, são, ao contrário, os que mais refletem. [...] Declaram então que, mesmo quando estes fenômenos não existissem, ainda ficava uma filosofia que só ela resolve problemas até hoje insolúveis; que só ela apresenta a teoria mais racional do passado do homem e do seu futuro. Ora, como é natural, preferem eles uma doutrina que explica, às que não explicam, ou explicam mal. Quem quer que reflita compreende perfeitamente bem que se poderia abstrair das manifestações, sem que a Doutrina deixasse de subsistir. As manifestações a corroboram, confirmam, porém, não lhe constituem a base essencial. O observador criterioso [...] aguarda circunstâncias favoráveis, que lhe permitam testemunhá-las. [...]

33. Demais, fora inexato dizer-se que os que começam pela teoria se privam do objeto das observações práticas. Pelo contrário, não só lhes não faltam os fenômenos, como ainda os de que eles dispõem maior peso mesmo têm aos seus olhos, do que os que pudessem vir a operar-se em sua presença. [...] A teoria lhes vem dar a explicação. E afirmamos que esses fatos têm grande peso, quando se apoiam em testemunhos irrecusáveis, porque não se pode supô-los devidos a arranjos, nem a conivências. Mesmo que não houvesse os fenômenos provocados, nem por isso deixaria de haver os espontâneos e já seria muito que ao Espiritismo coubesse apenas lhes oferecer uma solução racional. Assim, os que leem previamente reportam suas recordações a esses fatos, que se lhes apresentam como uma confirmação da teoria.



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Não achais que as condições atuais sejam idênticas às da época em que Jesus desempenhou a sua missão? Os Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, não encontram o mesmo acolhimento que teve Jesus? A predição, por este feita, do advento da revelação atual não é recebida como o foi a do advento do Messias, do Cristo?

Não há também os que, testemunhas das manifestações espíritas, físicas e inteligentes, reconhecem a missão dos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, e o advento da era nova predita e prometida pelo Mestre, os que percebem, assim, a luz espírita, que vem clarear as inteligências e os corações?

Não há os que, testemunhas de tais manifestações, não reconhecem, entretanto, aquela missão e o advento da era nova, se afastam da luz e mergulham nas trevas, por nada também saberem distinguir na luz?

Não tendes entre vós os novos fariseus, que falam e procedem com referência à nova revelação e aos que a aceitam e propagam pela palavra e pelo exemplo, como falavam e procediam os fariseus de outrora, com referência a Jesus e aos que lhe reconheciam a missão? Não os vedes procurando voluntariamente mergulhar nas trevas, para salvaguardarem seus mesquinhos interesses materiais?”  
(Tomo IV, item 32)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

34. Singularmente se equivocaria, quanto à nossa maneira de ver, quem supusesse que aconselhamos se desprezem os fatos. Pelos fatos foi que chegamos à teoria. E certo que para isso tivemos de nos consagrar a assíduo trabalho durante muitos anos e de fazer milhares de observações. [...] Dizemos apenas que, sem o raciocínio, eles não bastam para determinar a convicção; que uma explicação prévia, pondo termo às prevenções e mostrando que os fatos em nada são contrários à razão, dispõe o indivíduo a aceitá-los. Tão verdade é isto que, em dez pessoas completamente novatas no assunto, que assistam a uma sessão de experimentação, ainda que das mais satisfatórias na opinião dos adeptos, nove sairão sem estar convencidas e algumas mais incrédulas do que antes, por não terem as experiências correspondido ao que esperavam. O inverso se dará com as que puderem compreender os fatos, mediante antecipado conhecimento teórico. Para estas pessoas, a teoria constitui um meio de verificação, sem que coisa alguma as surpreenda, nem mesmo o insucesso, porque sabem em que condições os fenômenos se produzem e que não se lhes deve pedir o que não podem dar. Assim, pois, a inteligência prévia dos fatos não só as coloca em condições de se aperceberem de todas as anomalias, mas também de apreenderem um sem-número de particularidades, de matizes, às vezes muito delicados, que escapam ao observador ignorante. Tais os motivos que nos forçam a não admitir, em nossas sessões experimentais, senão quem possua suficientes noções preparatórias, para compreender o que ali se faz, persuadido de que os que lá fossem, carentes dessas noções, perderiam o seu tempo, ou nos fariam perder o nosso.

35. Aos que quiserem adquirir essas noções preliminares, pela leitura das nossas obras, aconselhamos que as leiam nesta ordem:

- 1º - O que é o Espiritismo? [...]
- 2º - O Livro dos Espíritos. [...]
- 3º - O Livro dos Médiuns. [...]
- 4º - A Revue Spirite.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Estas palavras de Jesus: “Tu creste, Tomé, porque me viste; bem-aventurados os que não viram e creram” (JO., Cap. XX, vv,29), se aplicavam aos homens daquela época que, sem as exigências formuladas pela incredulidade daquele apóstolo e sem terem presenciado a aparição do Mestre, haviam crido na sua “ressurreição”, por efeito unicamente das suas palavras e de Seus atos e do testemunho dos que o viram “ressuscitado”. [...]

Elas encerram um ensinamento, sobretudo para a era nova que começa e em que a fé e a ciência têm que se apoiar uma, na outra, esclarecendo a razão os caminhos.

A fé, esclarecida, sólida, forte, durável, se obtém, não só pelo que podem perceber, materialmente os olhos do corpo, mas também pelo que percebam os olhos do Espírito, com o auxílio do estudo e do exame aprofundados e suficientes, feitos do duplo ponto de vista teórico e experimental; com o auxílio do Espiritismo, que é, quanto à sua existência como uma das leis da natureza, a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal e que, na ordem das coisas providenciais, divinas, é o modo e o meio pelos quais Deus transmite aos homens a ciência espírita, os segredos de além-túmulo, a luz e a verdade, fazendo-lhes revelações sucessivas e progressivas, como as fez no passado e fará no futuro. Esse estudo e esse exame, porém, têm que ser praticados com amor e respeito ao Criador, sem ideias preconcebidas, com humildade, desinteresse, moralidade, sem outro móvel que não seja o amor à humanidade, o desejo ardente do progresso pessoal e coletivo”. (Tomo IV, item 68)



**PRIMEIRA PARTE**  
Noções Preliminares  
**CAPÍTULO IV**  
Dos Sistemas

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

36. Quando começaram a produzir-se os estranhos fenômenos do Espiritismo, ou, dizendo melhor, quando esses fenômenos se renovaram nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que despertaram foi o da dúvida, quanto à realidade deles e, mais ainda, quanto à causa que lhes dava origem. Uma vez certificados, por testemunhos irrecusáveis e pelas experiências que todos têm podido fazer, sucedeu que cada um os interpretou a seu modo, de acordo com suas ideias pessoais, suas crenças, ou suas prevenções. Daí, muitos sistemas, a que uma observação mais atenta viria dar o justo valor. Julgaram os adversários do Espiritismo encontrar um argumento nessa divergência de opiniões, dizendo que os próprios espíritos não se entendiam entre si. A pobreza de semelhante razão prontamente se patenteia, desde que se reflita que os passos de qualquer ciência nascente são necessariamente incertos, até que o tempo haja permitido se colecionem e coordenem os fatos sobre que possa firmar-se a opinião. À medida que os fatos se completam e vão sendo mais bem observados, as ideias prematuras se apagam e a unidade se estabelece, pelo menos com relação aos pontos fundamentais, senão a todos os pormenores. Foi o que se deu com o Espiritismo, que não podia fugir à lei comum e tinha mesmo, por sua natureza, que se prestar, mais do que qualquer outro assunto, à diversidade das interpretações. Pode-se, aliás, dizer que, a este respeito, ele andou mais depressa do que outras ciências mais antigas, do que a medicina, por exemplo, que ainda traz divididos os maiores sábios.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Vimos de dizer que a fé e a ciência têm que se apoiar uma na outra. A ciência, inseparável da fé, não se reduz à ciência humana, aplicada unicamente à matéria e aos fluidos, do ponto de vista do progresso material. Abrange a indagação da verdade, na ordem física, na ordem moral e na intelectual, do ponto de vista do progresso espiritual. Abrange, portanto, a inteligência, em espírito e em verdade, das palavras, dos atos do Mestre e de suas promessas, na revelação messiânica, que os apóstolos e os evangelistas tiveram por missão espalhar e transmitiram aos homens. Porque, aí estão o princípio e a fonte de toda depuração, pela prática da moral que ele pregou, de todo progresso para os homens. Aí estão os meios de eles se elevarem e de, em consequência, verem rasgar-se pouco a pouco os véus que ainda cobrem a verdade.

A ciência, inseparável da fé, abrange o estudo e o conhecimento das leis naturais que regem o mundo visível e o mundo invisível, bem como as relações entre um e outro; a instrução, que os homens precisam adquirir, acerca de seus destinos, do que podem e devem esperar. Abrange o estudo e o conhecimento das leis físicas e morais a que estão sujeitos o mundo e a criatura, que entendem com suas origens, com as fases de seus desenvolvimentos, com o fim que lhes é assinado e com as obrigações que têm de ser cumpridas para chegar-se a esse fim. Abrange o estudo e o conhecimento da ciência magnética e da ciência espiritual, destinadas a conduzir e fazer que os homens avancem pelas sendas do progresso e da verdade, esclarecidos, conforme o predisse e prometeu o Mestre, nos tempos da era nova que começa, pela luz que o Espírito da Verdade lhes mostrará, tendo em suas mãos o facho da verdade e guiando-os em suas pesquisas, por intermédio dos mensageiros do Senhor, encarnados em missão, para desenvolver as crenças, ativar o progresso, realizar descobertas novas, de ordem espiritual, material e fluídica.” (Tomo IV, item 68)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

37. Seguindo metódica ordem, para acompanhar a marcha progressiva das ideias, convém sejam colocados na primeira linha dos sistemas os que se podem classificar como sistemas de negação, isto é, os dos adversários do Espiritismo. Já lhes refutamos as objeções, na introdução e na conclusão de O Livro dos Espíritos, assim como no volumezinho que intitulamos: O que é o Espiritismo. Fora supérfluo insistir nisso aqui. Limitar-nos-emos a lembrar, em duas palavras, os motivos em que eles se fundam. [...]

38. Sistema do charlatanismo. - Entre os antagonistas do Espiritismo, muitos atribuem aqueles efeitos ao embuste, pela razão de que alguns puderam ser imitados. [...]

39. Sistema da loucura. - Alguns, por condescendência, concordam em pôr de lado a suspeita de embuste. Pretendem então que os que não iludem são iludidos, o que equivale a qualificá-los de imbecis. Quando os incrédulos se abstêm de usar de circunlóquios, declaram, pura e simplesmente, que os que creem são loucos, atribuindo-se a si mesmos, desse modo e sem cerimônias, o privilégio do bom-senso.[...]

40. Sistema da alucinação. Outra opinião, menos ofensiva essa, por trazer um ligeiro colorido científico, consiste em levar os fenômenos à conta de ilusão dos sentidos. Assim, o observador estaria de muito boa-fé; apenas, julgaria ver o que não vê. [...]

41. Sistema do músculo estalante. - [...] Quando as pancadas são ouvidas por todas as pessoas reunidas em determinado lugar, não há como atribuí-las razoavelmente a uma ilusão. Pomos de parte, está claro, toda idéia de fraude [...] um sábio médico deu desse fenômeno uma explicação, ao seu parecer, peremptória. “A causa, disse ele, reside nas contrações voluntárias, ou involuntárias, do tendão do músculo curto-perônio.” A este propósito, desce às mais completas minúcias anatômicas, para demonstrar por que mecanismo pode esse tendão produzir os ruídos de que se trata[...]



## OS QUATRO EVANGELHOS

“As duas respostas de Abraão ao rico (LC., Cap. XVI, vv.23 a 30) mostram ser absolutamente inútil, para demover os sistematicamente incrédulos, toda e qualquer comunicação de além-túmulo. Efetivamente, que valor a aparição do pobre teria para os irmãos daquele rico, imbuídos das mesmas opiniões e do mesmo egoísmo que ele, como se depreende da parábola? Acusá-lo-iam de continuar a importuná-los, até depois de morto. Varreriam do pensamento a aparição, do mesmo modo que da vista repeliam o homem, sobretudo sendo aquela ainda mais aborrecida.” (Tomo I, item 96)

“O homem nega tudo o que não compreende e condena tudo o que o embarça ou assusta. Vós, espíritas, [...] sois, como o foi Jesus pelos seus parentes e pelos outros homens, acusados de haver perdido o juízo, de estar atacados de loucura, dê vos achardes sob a influência demoníaca, segundo os escribas e os fariseus dos vossos dias. Como novos discípulos do Cristo, que, juntando à palavra o exemplo, pregais a doutrina do Mestre, que renasce explicada e desenvolvida em espírito e verdade pela nova revelação, oponde a essas acusações a paciência, a doçura, a indulgência, a firmeza, a coragem. Caminhai ousadamente. O Cristo vela por vós, vos protege e manda que os Espíritos do Senhor vos guiem os passos”.(Tomo II, item 159)

“Eram as mesmas discussões que se travam sempre que uma verdade, tida como nova pelos que se julgam possuidores de toda a ciência, assume o direito de cidade no seio da humanidade terrena, sem que tenha antes feito visar seus passaportes pelas autoridades científicas. Pequeno é sempre o número dos que, desde o primeiro momento, se colocam, como simples curiosos, do lado da novidade, a que depois se apegam de todo o coração, impelidos pelo sentimento e pela consciência. Esses serão sempre considerados pobres de espírito, ignorantes, loucos, até que a verdade, tendo-se imposto, seja forçosamente reconhecida e admitida como tal pelas corporações doutas, que, então, passam a fulminar com o seu desprezo os que, não obstante, persistam em não acreditar no que elas afinal consentem em admitir.” (Tomo IV, item 34)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

46. Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco. - Algumas pessoas, contudo, entenderam que esse processo não oferecia garantias bastantes e assentaram de ver em todas as manifestações, unicamente, uma obra diabólica. Segundo essas pessoas, só o diabo, ou os demônios, podem comunicar-se. Conquanto fraco eco encontre hoje este sistema, é inegável que gozou, por algum tempo, de certo crédito, devido mesmo ao caráter dos que tentaram fazer que ele prevalecesse. Faremos, entretanto, notar que os partidários do sistema demoníaco não devem ser classificados entre os adversários do Espiritismo: ao contrario. Sejam demônios ou anjos, os seres que se comunicam são sempre seres incorpóreos. Ora, admitir a manifestação dos demônios é admitir a possibilidade da comunicação do mundo visível com o mundo invisível, ou, pelo menos, com uma parte deste último. Compreende-se que a crença na comunicação exclusiva dos demônios, por muito irracional que seja, não houvesse parecido impossível, quando se consideravam os Espíritos como seres criados fora da humanidade. Mas, desde que se sabe que os Espíritos são simplesmente as almas dos que hão vivido, ela perdeu todo o seu prestígio e pode-se dizer que toda a verossimilhança, porquanto, admitida, o que se seguiria é que todas essas almas eram demônios, embora fossem as de um pai, de um filho, ou de um amigo e que nós mesmos, morrendo, nos tomaríamos demônios, doutrina pouco lisonjeira e nada consoladora para muita gente. Bem difícil será persuadir a uma mãe de que o filho querido, que ela perdeu e que lhe vem dar, depois da morte, provas de sua afeição e de sua identidade, é um suposto satanás. Sem dúvida, entre os Espíritos, há-os muito maus e que não valem mais do que os chamados demônios, por uma razão bem simples: a de que há homens muito maus que, pelo fato de morrerem, não se tomam bons. A questão está em saber se só eles podem comunicar-se conosco. (Cont. na pág. 100)

## OS QUATRO EVANGELHOS

*“Em nome da Igreja romana [...] hão dito, para afastar da revelação espírita os homens, que só Satanás teve e tem o poder de se comunicar, que só ele se comunica mediunicamente com os deste mundo.”*

“Não vos detenhais com essas puerilidades interesseiras, monstruosas em si mesmas, devidas à ignorância ou à má-fé, e que são desmentidas não só pelas tradições históricas, pelos fatos ocorridos em todos os tempos e entre todos os povos, como também pelas sucessivas revelações que o Senhor vos tem enviado. A lei natural é imutável da atração magnética, assim no domínio espiritual como na esfera material, não existiu sempre, de toda a eternidade?

Não é sob a influência atrativa dos fluidos simpáticos que em todos os tempos se verificaram as relações entre os Espíritos errantes e os encarnados, que estes e aqueles foram e são atraídos uns para os outros, desde que os mesmos sentimentos e pensamentos, os mesmos gostos e inclinações existem nuns e noutros?

Não é em virtude da atração que esses fluidos exercem uns sobre os outros por analogia de espécie, de natureza, que o encarnado, conforme sejam bons ou maus seus sentimentos, pensamentos, gostos e pendores, atrai a si, pela inspiração, as boas, ou más influências ocultas, ou, pelas comunicações mediúnicas, as ostensivas?

A comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, a ação mediúnica, oculta ou ostensiva, consciente ou inconsciente, não existiram sempre? Não foram o instrumento e o caminho de todas as revelações feitas aos homens? Não foram elas que desde a origem dos tempos, desde a mais remota antiguidade até aos dias de hoje, inspiraram aos homens a idéia da sua origem espírita, as da imortalidade da alma e da divindade?

Não são elas que os têm trazido sempre sujeitos às boas e às más influências, conforme às condições morais de cada um; que lhes infundiram as crenças politeístas, preparatórias do advento do monoteísmo; que os levaram a fazer de todas as virtudes, como de todas as paixões e de todos os vícios, Deuses? (Cont. na pág. 101)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

46. (Cont. da pág. 98) Aos que assim pensem, dirigimos as seguintes perguntas:

1º Há ou não Espíritos bons e maus?

2º Deus é ou não mais poderoso do que os maus Espíritos, ou do que os demônios, se assim lhes quiserdes chamar?

3º Afirmar que só os maus se comunicam é dizer que os bons não o podem fazer. Sendo assim, uma de duas: ou isto se dá pela vontade, ou contra a vontade de Deus. Se contra a Sua vontade, é que os maus Espíritos podem mais do que Ele; se, por vontade Sua, por que, em Sua bondade, não permitiria Ele que os bons fizessem o mesmo, para contrabalançar a influência dos outros?

4º Que provas podeis apresentar da impossibilidade em que estão os bons Espíritos de se comunicarem?

5º Quando se vos opõe a sabedoria de certas comunicações, respondeis que o demônio usa de todas as máscaras para melhor seduzir. Sabemos, com efeito, haver Espíritos hipócritas, que dão à sua linguagem um verniz de sabedoria; mas, admitis que a ignorância pode falsificar o verdadeiro saber e uma natureza má imitar a verdadeira virtude, sem deixar vestígio que denuncie a fraude?

6º Se só o demônio se comunica, sendo ele o inimigo de Deus e dos homens, por que recomenda que se ore a Deus, que [...] pratiquemos a caridade e todas as máximas do Cristo [...]? Se tais conselhos o demônio é quem os dá, forçoso será convir em que, por muito manhoso que seja, bastante inábil é ele, fornecendo armas contra si mesmo.

7º Pois que os Espíritos se comunicam, é que Deus o permite. Em presença das boas e das más comunicações, não será mais lógico admitir-se que umas Deus as permite para nos experimentar e as outras para nos aconselhar ao bem?

8º Que direis de um pai que deixasse o filho à mercê dos exemplos e dos conselhos perniciosos, e que o afastasse de si; que o privasse do contacto com as pessoas que o pudessem desviar do mal? Ser-nos-á lícito supor que Deus [...], sendo ele a bondade por excelência, faça menos do que faria um homem? (Cont. na pág. 102)

## OS QUATRO EVANGELHOS

(Cont. da pág. 99)

Não serviram para preparar entre os “Gentios”, com o auxílio de Espíritos encarnados em missão, a crença esclarecida na imortalidade da alma, na unidade divina, no monoteísmo, na reencarnação?

Porque, ao povo hebreu, atrasado e supersticioso, mas destinado a constituir-se o depositário da crença monoteísta, para transmiti-la às gerações futuras, proibiu Moisés que interrogasse os mortos, que lhes pedisse a verdade, senão para preservá-lo de ser, pelos Espíritos inferiores e impuros que o cercavam, desviado da senda por onde lhe cumpria enveredar? E Moisés, bem como, depois dele, os profetas prepostos ao advento da era nova do monoteísmo, não se comunicavam, pela ação mediúcnica, tanto oculta quanto ostensiva, com o “Espírito Santo”, isto é, com os Espíritos bons, com os Espíritos superiores, que os assistiam, inspiravam e guiavam, em nome do Senhor?

A comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, existente desde todos os tempos, antes mesmo que Moisés viesse desempenhar a sua missão, antes que a Igreja católica instituísse os dogmas da queda dos anjos, do demônio, de Satanás, da condenação eterna, não continuou a verificar-se até aos dias que correm?

Ao longo da marcha dos séculos não se vos deparam marcos que vos dizem: “Parai aqui e encontrareis traços de fatos idênticos aos que vos surpreendem; escavai, procurai e muitos outros descobrireis, que as chamas das fogueiras, os instrumentos de tortura e os cárceres furtaram ao conhecimento dos homens?”

Onde, senão nessa comunicação entre os mundos espiritual e corporal, tem ido a Igreja buscar os elementos de beatificação dos que viveram no seu meio e que a influência mediúcnica não fez sair do círculo de seus ensinamentos dogmáticos, de seus mandamentos humanos? Daquela comunicação entre os mundos visível e invisível não tirou a Inquisição tantas vezes motivo para condenar à morte pelas torturas, ou nas fogueiras, os que a seu ver estavam, por efeito da influência mediúcnica, fora do redil da Igreja?

(Cont. na pág. 103)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO III - DO MÉTODO

46. (Cont. da pág. 100) 9º [...] Acreditamos que algumas pessoas hajam professado de boa-fé essa teoria; mas, também cremos que muitas a adotaram unicamente com o fito de fazer que outras fugissem de ocupar-se com tais coisas, pelo temor das comunicações más, a cujo recebimento todos estão sujeitos. Dizendo que só o diabo se manifesta, quiseram aterrorizar, quase como se faz com uma criança a quem se diz: não toques nisto, porque queima. A intenção pode ter sido louvável; porém, o objetivo falhou, porquanto a só proibição basta para excitar a curiosidade e bem poucos são aqueles a quem o medo do diabo tolhe a iniciativa. Todos querem vê-lo, quando mais não seja para saber como é feito e muito espantados ficam por não o acharem tão feio como o imaginavam. E não se poderia achar também outro motivo para essa teoria exclusiva do diabo? Gente há, para quem todos os que não lhe são do mesmo parecer estão em erro. Ora, os que pretendem que todas as comunicações provêm do demônio não serão a isso induzidos pelo receio de que os Espíritos não estejam de acordo com eles sobre todos os pontos, mais ainda sobre os que se referem aos interesses deste mundo, do que sobre os que concernem aos do outro? Não podendo negar os fatos, entenderam de apresentá-los sob forma apavorante. Esse meio, entretanto, não produziu melhor resultado do que os outros. [...] Não sendo os Espíritos mais do que as almas dos homens e não sendo estes perfeitos, o que se segue é que há Espíritos igualmente imperfeitos, cujos caracteres se refletem nas suas comunicações. [...] O melhor meio de se obviar aos inconvenientes da prática do Espiritismo não consiste em proibi-la, mas em fazê-lo compreendido. Um receio imaginário apenas por um instante impressiona e não atinge a todos. A realidade claramente demonstrada, todos a compreendem.

## OS QUATRO EVANGELHOS

(Cont. da pág. 101) “O Espiritismo, lei natural e imutável estabelecida por Deus de toda a eternidade, pelo simples fato da sua existência, real, ou considerado como sendo apenas a comunicação entre o mundo espiritual e o mundo corporal, não é uma revelação nova. Não deveis tomar esta denominação como indicando que se vos há explicado um mistério recém-importado para vos reconduzir, não. Trata-se tão-somente de uma ampliação dada hoje ao que sempre existiu. A liberdade de consciência, de que hoje gozais, permitiu que fatos outrora abafados se pudessem agrupar, formando um conjunto que vos atraísse a atenção. [...] O Espiritismo vos traz uma revelação, não pelo simples fato de existir, repetimos, mas pelas explicações que vos dá, em espírito e verdade, das vossas origens e fins e pelos meios que vos proporciona de chegardes a esses fins.[...]

Negar a ação mediúnica, oculta ou manifesta, do Espírito Santo, ou seja: dos bons Espíritos, dos Espíritos de luz e de verdade, sobre os homens e não admitir, como comunicação do mundo espiritual com o corporal, senão a de “Satanás”, ou seja: dos Espíritos maus, dos Espíritos de erro e de mentira, é insultar a justiça, a bondade e a misericórdia infinitas de Deus; é negar a sua sabedoria infinita, a sua providência e a ação desta entre os homens, negando ao mesmo tempo a lei imutável do progresso, que rege o universo inteiro e que vos conduzirá à perfeição, lei essa da qual a do sofrimento, da expiação, constitui uma modalidade de que a vossa humanidade ainda necessita, no período de inferioridade moral em que ainda se acha o vosso planeta.[...]”. (Tomo III, tem 229)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
PRIMEIRA PARTE - Noções preliminares  
CAPÍTULO IV - DOS SISTEMAS

50. Sistema da alma material - [...] Segundo esta opinião, a alma e o perispírito não seriam distintos uma do outro, ou, melhor, o perispírito seria a própria alma, a se depurar gradualmente por meio de transmigrações diversas, como o álcool se depura por meio de diversas destilações, ao passo que a Doutrina Espírita considera o perispírito simplesmente como o envoltório fluídico da alma, ou do Espírito. [...]

51. Eis aqui a resposta que, sobre este assunto, deu um Espírito: “O que uns chamam perispírito não é senão o que outros chamam envoltório material fluídico. Direi, de modo mais lógico, para me fazer compreendido, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das ideias. Falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres ainda lhes são de todo inerentes; logo, são, como vedes, matéria. Daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que os Espíritos superiores não podem experimentar, visto que os fluidos terrestres se acham depurados em torno do pensamento, isto é, da alma. Esta, para progredir, necessita sempre de um agente; sem agente, ela nada é, para vós, ou, melhor, não a podeis conceber. O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma; donde, infinitas modalidades de médiuns e de comunicações. Agora o ponto de vista científico, ou seja: a essência mesma do perispírito. Isso é outra questão. Compreendi primeiro moralmente. Resta apenas uma discussão sobre a natureza dos fluidos, coisa por ora inexplicável. [...] Supondes que, como vós, também eu não perquiro? Vós pesquisais o perispírito; nós outros, agora, pesquisamos a alma. Esperai, pois.” Lamennais.

Assim, Espíritos, que podemos considerar adiantados, ainda não conseguiram sondar a natureza da alma. Como poderíamos nós fazê-lo? [...] Aplique o homem o Espiritismo em aperfeiçoar-se moralmente, eis o essencial. O mais não passa de curiosidade estéril e muitas vezes orgulhosa, cuja satisfação não o faria adiantar um passo. [...]



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Por “espírito material” entendi aquele cujos pendores são todos para a matéria e que lhe sentem a influência mesmo quando dela desprendidos, isto porque o perispírito corresponde sempre ao desenvolvimento espiritual. O de um Espírito pouco adiantado, sujeito, conseguintemente, às atrações da matéria, é muito espesso e bastante aproximado, embora o não vejais, das matérias que compõem os vossos corpos. Assim, o Espírito desencarnado nessas condições pode perfeitamente ser considerado material, no sentido de que seus gostos, pendores e constituição perispirítica muito próximos estão da matéria”. (Tomo III, item 233)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO I**  
Da Ação dos Espíritos  
Sobre a Matéria

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
SEGUNDA PARTE - Das manifestações espíritas  
CAPÍTULO I - DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

52. Posta de lado a opinião materialista, porque condenada pela razão e pelos fatos, tudo se resume em saber se a alma, depois da morte, pode manifestar-se aos vivos. Reduzida assim à sua expressão mais singela, a questão fica extraordinariamente desembaraçada. Cabe-ria, antes de tudo, perguntar por que não poderiam seres inteligentes, que de certo modo vivem no nosso meio, se bem que invisíveis por natureza, atestar-nos de qualquer forma sua presença. A simples razão diz que nisto nada absolutamente há de impossível, o que já é alguma coisa. Demais, esta crença tem a seu favor o assentimento de todos os povos, porquanto com ela deparamos em toda parte e em todas as épocas. Ora, nenhuma intuição pode mostrar-se tão generalizada, nem sobreviver ao tempo, se não tiver algum fundamento. Acresce que se acha sancio-nada pelo testemunho dos livros sagrados e pelo dos Pais da Igreja, tendo sido preciso o cepticismo e o materialismo do nosso século para que fosse lançada ao rol das ideias supersticiosas. Se estamos em erro, aquelas autoridades o estão igualmente. Mas, isso não passa de considerações de ordem moral. Uma causa, especialmente, há contribuí-do para fortalecer a dúvida, numa época tão positiva como a nossa, em que toda gente faz questão de se inteirar de tudo, em que se quer saber o porquê e o como de todas as coisas. Essa causa é a ignorância da natureza dos Espíri-tos e dos meios pelos quais se podem manifestar. Adqui-rindo o conhecimento daquela natureza e destes meios, as manifestações nada mais apresentam de espantosas e entram no cômputo dos fatos naturais.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“‘Todo escriba”, disse-lhes também Jesus, instruído acerca do que concerne ao reino dos céus, “se assemelha ao pai de família que do seu tesouro tira coisas novas e coisas velhas”. (MT., Cap.XIII, vv.52)

Por escriba designava Jesus o homem mais esclarecido do que as massas e encarregado de espalhar no meio delas as luzes contidas no tesouro da sua erudição e da sua inteligência.

Os escribas, vós o sabeis, eram, naquela época, os sábios, os eruditos. Espalhavam, ou melhor: tinham o dever de espalhar a luz; mas, não raro, a punham debaixo do alqueire.

Tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas aquele que se serve da ciência que recebeu dos tempos antigos para fortificar e, por assim dizer, tornar recomendável aquilo que ele quer fazer crido.

Assim, vós outros espíritas deveis, dentro dos limites da vossa instrução, das vossas faculdades, investigar as crônicas antigas, escrutar as lendas, desencavar os velhos manuscritos sepultados no fundo das bibliotecas seculares ou dos conventos avaros do que possuem — e, armados dos vetustos documentos que possuídes, demonstrar aos tímidos, aos incrédulos, aos pseudo-sábios a autenticidade e a ancianidade da ciência que professais”. (Tomo II, item 170)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
SEGUNDA PARTE - Das manifestações espíritas  
CAPÍTULO I - DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

53. [...] O Espírito encarnado no corpo constitui a alma. Quando o deixa, por ocasião da morte, não sai dele despido de todo o envoltório. Todos nos dizem que conservam a forma humana e, com efeito, quando nos aparecem, trazem as que lhes conhecíamos. [...] Continuam a ver-se sob a forma que tinham antes de morrer e esta visão, nalguns, produz, durante certo tempo, singular ilusão: a de se crerem ainda vivos. Falta-lhes a experiência do novo estado em que se encontram, para se convencerem da realidade. [...] mau grado à falta do corpo, comprovam suas personalidades; têm uma forma, mas que os não importuna nem os embarça; têm, finalmente, a consciência de seu eu e de sua individualidade”.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Como sabeis, o perispírito conserva o aspecto, a forma do corpo que o revestiu, sobretudo no momento em que acaba de separar-se deste”. (Tomo II, item 195)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
SEGUNDA PARTE - Das manifestações espíritas  
CAPÍTULO I - DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à consequência de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral; 2º, o corpo, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo. A morte é a destruição, ou, antes, a desagregação do envoltório grosseiro, do invólucro que a alma abandona. O outro se desliga deste e acompanha a alma que, assim, fica sempre com um envoltório. Este último, ainda que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, para nós, em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até ao presente não tenhamos podido assenhorear-nos dela e submetê-la à análise. [...]



## OS QUATRO EVANGELHOS

“O perispírito pode, com propriedade, ser qualificado de semimaterial, em razão de que, de si mesmo fluídico, pode materializar-se à vontade. É com relação à vossa matéria, o que é o vapor com relação à água: matéria tênue, porém matéria, capaz de, em dada ocasião, tomar a aparência de compacta. Não lograreis, repetimos, compreender a natureza dessa parte do vosso ser, senão quando a vossa inteligência se houver desenvolvido bastante para sondar as profundezas do éter que vos cerca. [...]

Para compreenderdes os fluidos que se encontram espalhados pelo espaço e que, por assim dizer, o compõem, necessário é que estejais em estado de vos elevar às regiões onde esses fluidos se despojem das partes heterogêneas, é necessário que o aeróstato alcance o máximo grau de aperfeiçoamento e ele está ainda na primeira infância. Que de tentativas infrutíferas para o conseguirdes! e quantas se hão de seguir a essas!

Entretanto, o homem tem que ser senhor do ar, como o é do solo e do mar. Somente então poderá compreender, pois que poderá estudar. Por enquanto, não vedes mais do que as dificuldades da direção e da respiração. Elas, porém, serão vencidas. [...] São dificuldades bem grandes, mas a inteligência foi dada ao homem para que ele a exerçite. [...] Os estudos de um, repetimos, servirão a outro e mais tarde servirão mesmo ao primeiro. Armado de amor à ciência, do desejo de progredir, sustentado pelos bons Espíritos - porquanto Deus quer que vos ajudemos, mas que trabalheis - o homem chegará um dia ao fastígio dos conhecimentos relativos à sua matéria”. (Tomo I, item 60)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
SEGUNDA PARTE - Das manifestações espíritas  
CAPÍTULO I - DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

55. Não dito que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, a que se não poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Ao sair do estado intermediário, que precede à vida do livre pensador, para entrar na posse do livre arbítrio, o Espírito organiza a sua constituição fluídica, isso a que chamais perispírito”. (Tomo I, item 56)

“Sob a influência atrativa dos fluidos em geral, os do perispírito variam incessantemente, acompanhando a marcha progressiva do Espírito cujo envoltório formam, até que o mesmo Espírito tenha atingido a perfeição [...]. De acordo com as suas tendências e com o grau do seu progresso, o Espírito assimila constantemente os fluidos que mais em relação estejam com a sua inteligência e com as suas necessidades espirituais.

Quanto mais inferior ele é, tanto mais opacos e pesados são os fluidos perispíricos. Da maior ou menor elevação do Espírito depende a maior ou menor quantidade de fluidos puros na composição do seu perispírito” (Tomo I, item 56)

“Os filhos do Senhor são os justos, isto é: os Espíritos purificados, cujos perispíritos, por efeito da purificação, se tornaram mais luminosos, irradiando uma luz cuja pureza e cujo brilho correspondem ao grau da elevação alcançada”. (Tomo II, item 167)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
SEGUNDA PARTE - Das manifestações espíritas  
CAPÍTULO I - DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

56. [...] Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, amolga-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência.

Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecê-rem.

Os Espíritos, portanto, são, como se vê, seres semelhantes a nós, constituindo, ao nosso derredor, toda urna população, invisível no estado normal. Dizemos - no estado normal, porque, conforme veremos, essa invisibilidade nada tem de absoluta.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Um Espírito, ainda que inferior, um Espírito da ordem dos vossos pode, não o ignorais, com o seu perispírito, que constitui sua vida, sua individualidade, afetar, revestir, a qualquer instante, todas as aparências, todas as formas, mesmo tangíveis, sob a única condição de lhe ser dado tomar de empréstimo os fluidos animalizados, necessários à produção do desejado efeito. Um Espírito superior, que tem o poder de assimilar os fluidos animalizados ambientes, espalhados na atmosfera, não precisa de semelhante empréstimo”. (Tomo I, item 49)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
SEGUNDA PARTE - Das manifestações espíritas  
CAPÍTULO I - DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

57. Voltemos à natureza do perispírito, pois que isto é essencial para a explicação que temos de dar. Dissemos que, embora fluídico, o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria, o que decorre do fato das aparições tangíveis, a que volveremos. Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que, como estas, denotam calor, podem ser palpadas, oferecem a resistência de um corpo sólido, agarram os circunstantes e, de súbito, se dissipam, quais sombras. A ação inteligente dessas mãos, que evidentemente obedecem a uma vontade, executando certos movimentos, tocando até melodias num instrumento, prova que elas são parte visível de um ser inteligente invisível. A tangibilidade que revelam, a temperatura, a impressão, em suma, que causam aos sentidos, porquanto se há verificado que deixam marcas na pele, que dão pancadas dolorosas, que acariciam delicadamente, provam que são de uma matéria qualquer. Seus desaparecimentos repentinos provam, além disso, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem alternativamente passar do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“(O Espírito) Pode mesmo, pela bicorporeidade, pela bilocação e com o auxílio do perispírito, tornar-se visível e tangível, sob todas as aparências do corpo humano, de modo a produzir ilusão completa. Pode ainda, em casos excepcionais, e tendes disso exemplos bem comprovados e autênticos, tornar-se visível e tangível, com todas as faculdades aparentes da vida e da palavra humanas”. (Tomo I, item 66)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
SEGUNDA PARTE - Das manifestações espíritas  
CAPÍTULO I - DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

59. Perguntar-se-á, talvez, como pode o Espírito, com o auxílio de matéria tão sutil, atuar sobre corpos pesados e compactos, suspender mesas, etc. Semelhante objeção certo que não será formulada por um homem de ciência, visto que, sem falar das propriedades desconhecidas que esse novo agente pode possuir, não temos exemplos análogos sob as vistas? Não é nos gases mais rarefeitos, nos fluidos imponderáveis que a indústria encontra os seus mais possantes motores? Quando vemos o ar abater edifícios, o vapor deslocar enormes massas, a pólvora gaseificada levantar rochedos, a eletricidade lascar árvores e fender paredes, que dificuldades acharemos em admitir que o Espírito, com o auxílio do seu perispírito, possa levantar uma mesa, sobretudo sabendo que esse perispírito pode tornar-se visível, tangível e comportar-se como um corpo sólido?



## OS QUATRO EVANGELHOS

Legião de Maus Espíritos Expulsos

*“Quebrava as cadeias e os ferros por muito que o vigiassem; ninguém mais podia prendê-lo; nenhum homem conseguia dominá-lo”.*(MC., Cap. V, vv. 3 e 4)

“Para a obtenção deste resultado o homem fazia os movimentos, mas os maus Espíritos é que lhe emprestavam a força necessária, exercendo sobre ele violenta ação fluídica, resultado da combinação dos fluidos de seus perispíritos com os do subjugado”. (Tomo II, item 120)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO II**  
Das Manifestações Físicas  
Das Mesas Girantes

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
SEGUNDA PARTE - Das manifestações espíritas  
CAPÍTULO II - DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS  
DAS MESAS GIRANTES

60. Dá-se o nome de manifestações físicas às que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como ruídos, movimentos e deslocação de corpos sólidos. Umas são espontâneas, isto é, independentes da vontade de quem quer que seja; outras podem ser provocadas. Primeiramente, só falaremos destas últimas. O efeito mais simples, e um dos primeiros que foram observados, consiste no movimento circular impresso a uma mesa, Este efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas sendo a mesa o móvel com que, pela sua comodidade, mais se tem procedido a tais experiências, a designação de mesas girantes prevaleceu, para indicar esta espécie de fenômenos. Quando dizemos que este efeito foi um dos que primeiro se observaram, queremos dizer nos últimos tempos, pois não há dúvida de que todos os gêneros de manifestações eram conhecidos desde os tempos mais longínquos. Visto que são efeitos naturais, necessariamente se produziram em todas as épocas. [...] Durante algum tempo esse fenômeno entreteve a curiosidade dos salões. Depois, aborreceram-se dele e passaram a cultivar outras distrações, porquanto apenas o consideravam como simples distração. [...] Como quer que seja, as mesas girantes representarão sempre o ponto de partida da Doutrina [...]

61. Para que o fenômeno se produza, faz-se mister a intervenção de uma ou muitas pessoas dotadas de especial aptidão, que se designam pelo nome de médiuns. [...] os médiuns gozam de maior ou menor poder, produzindo, por conseguinte, efeitos mais ou menos pronunciados. Muitas vezes, um poderoso médium produzirá sozinho mais do que vinte outros juntos. Basta-lhe colocar as mãos na mesa para que, no mesmo instante, ela se mova, erga, revire, dê saltos, ou gire com violência. [...]

64. Outro fenômeno que se produz com frequência, de acordo com a natureza do médium, é o das pancadas no próprio tecido da madeira, sem que a mesa faça qualquer movimento. Essas pancadas, às vezes muito fracas, outras vezes muito fortes, se fazem também ouvir nos outros móveis do compartimento, nas paredes e no forro.

## OS QUATRO EVANGELHOS

Visita de Madalena e outras mulheres ao sepulcro

*“Passada aquela semana, ao raiar do primeiro dia da semana seguinte, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. Houve de súbito um grande terremoto, pois que um anjo do Senhor desceu do céu, removeu a pedra posta à entrada do sepulcro e se sentou sobre ela”. (Mt. Cap. XXVIII, vv. 1 e 2)*

“O abalo, considerado um tremor de terra, e o derribamento da pedra foram dois atos simultâneos, produzidos fluidicamente por Espíritos prepostos a tais efeitos físicos, de acordo com a vontade do anjo ou Espírito superior.

O abalo dado ao solo, bem como o descolamento da pedra e a sua deslocação, pela força atrativa dos fluidos combinados para esse resultado, nenhuma admiração podem causar aos que compreendem os efeitos que os Espíritos do Senhor produzem. Não lhes podem causar mais admiração do que o fato de se abrir por si só a porta da prisão de Pedro e do que o despedaçamento das correntes que o prendiam”. (Tomo III, item 307)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO III**  
Das Manifestações  
Inteligentes

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
SEGUNDA PARTE - Das manifestações espíritas  
CAPÍTULO III - DAS MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES

65. No que acabamos de ver, nada certamente revela a intervenção de uma potência oculta e os efeitos que passamos em revista poderiam explicar-se perfeitamente pela ação de uma corrente magnética, ou elétrica, ou, ainda, pela de um fluido qualquer. Tal foi, precisamente, a primeira solução dada a tais fenômenos e que, com razão, podia passar por muito lógica. Teria, não há dúvida, prevalecido, se outros fatos não tivessem vindo demonstrá-la insuficiente. Estes fatos são as provas de inteligência que eles deram. Ora, como todo efeito inteligente há de por força derivar de uma causa inteligente, ficou evidenciado que, mesmo admitindo-se, em tais casos, a intervenção da eletricidade, ou de qualquer outro fluido, outra causa a essa se achava associada. Qual era ela? Qual a inteligência? Foi o que o seguimento das observações mostrou. [...]

67. [...] O primeiro efeito inteligente observado foi o obedecerem esses movimentos a uma determinação [...], executando movimentos diversos, conforme o ordenavam os assistentes. [...]

68. [...] Raciocinou-se que, se naquilo havia uma inteligência oculta, forçosamente lhe seria possível responder a perguntas e ela de fato respondeu, por um sim, por um não, dando o número de pancadas que se convencionara para um caso e outro. Por serem muito insignificantes essas respostas, surgiu a idéia de fazer-se que a mesa indicasse as letras do alfabeto e compusesse assim palavras e frases.

69. Estes fatos, repetidos à vontade por milhares de pessoas e em todos os países, não podiam deixar dúvida sobre a natureza inteligente das manifestações. [...]

71. Aperfeiçoou-se a arte de obter comunicações [...] reconheceu-se mais tarde que todos aqueles objetos não passavam, em definitiva, de apêndices, de verdadeiras lapiseiras, de que se podia prescindir, segurando o médium, com sua própria mão, o lápis. [...] A partir de então, as comunicações de além-túmulo se tornaram sem limites, como o é a correspondência habitual entre os vivos. [...]



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Todo e qualquer efeito inteligente, vós o sabeis, decorre de uma causa inteligente”. (Tomo I, item 43)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO IV**  
Da Teoria das  
Manifestações Físicas

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO IV  
DA TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

Movimentos e suspensões. Ruídos. Aumento e diminuição de peso dos corpos.

72. Demonstrada, pelo raciocínio e pelos fatos, a existência dos Espíritos, assim como a possibilidade que têm de atuar sobre a matéria, trata-se agora de saber como se efetua essa ação e como procedem eles para fazer que se movam as mesas e outros corpos inertes. [...]

73. [...] Deixemos, porém, que primeiro falem os Espíritos a quem interrogamos sobre esta questão.

74. As respostas seguintes nos foram dadas pelo Espírito São Luís. Muitos outros, depois, as confirmaram.

I. Será o fluido universal uma emanção da divindade?

“Não.”

II. Será uma criação da divindade?

“Tudo é criado, exceto Deus.”

III. O fluido universal será ao mesmo tempo o elemento universal

“Sim, é o princípio elementar de todas as coisas.”

IV. Alguma relação tem ele com o fluido elétrico, cujos efeitos conhecemos?

“É o seu elemento.”

V. Em que estado o fluido universal se nos apresenta, na sua maior simplicidade?

“Para o encontrarmos na sua simplicidade absoluta, precisamos ascender aos Espíritos puros. No vosso mundo, ele sempre se acha mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que vos cerca. Entretanto, podeis dizer que o estado em que se encontra mais próximo daquela simplicidade é o do fluido a que chamais fluido magnético animal”.

VI. Já disseram que o fluido universal é a fonte da vida. Será ao mesmo tempo a fonte da inteligência?

“Não, esse fluido apenas anima a matéria.”

VII. Pois que é desse fluido que se compõe o perispírito, parece que, neste, ele se acha num como estado de condensação, que o aproxima, até certo ponto, da matéria propriamente dita?

“Até certo ponto [...]. E mais ou menos condensado, conforme os mundos.” (Cont. na pág. 134)

## OS QUATRO EVANGELHOS

“O fluido universal, que toca de perto a Deus e dele parte, constitui, pela sua quinta-essência e mediante as combinações, modificações e transformações de que é passível, o instrumento e o meio de que se serve a inteligência suprema para, pela onipotência da sua vontade, operar, no infinito e na eternidade, todas as criações espirituais, materiais e fluídicas destinadas à vida e à harmonia universais, para operar a criação de todos os mundos, de todos os seres em todos os reinos da natureza, de tudo que se move, vive, é” (Tomo I, item 56)

“o fluido universal, que dele (Deus) emana e o toca de perto, constitui o instrumento e o meio pelos quais ele opera todas as criações, assim de ordem espiritual e de ordem material, como de ordem fluídica, fluido universal esse que se acha na culminância de tudo quanto dele provém”. (Tomo IV, item 01)

“Deus é inteligência, pensamento e, como tal, criador incriado. É fluido e o fluido universal, que dele parte, com ele confinando, é o instrumento e o meio de todas as criações, que, no infinito e na eternidade, se operam de acordo com as leis naturais, imutáveis e eternas que ele mesmo estabeleceu. [...]

Deus é o universal princípio inteligente que, por ato da sua própria vontade, atua sobre o fluido universal, operando neste todas as combinações, todas as transformações, de conformidade com aquelas leis imutáveis e eternas”. (Tomo IV, item 11)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO IV  
DA TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

(Cont. da pág. 132)

74. VIII. Como pode um Espírito produzir o movimento de um corpo sólido?

“Combinando uma parte do fluido universal com o fluido, próprio àquele efeito, que o médium emite.”

IX. Será com os seus próprios membros, de certo modo solidificados, que os Espíritos levantam a mesa?

“[...] Quando, sob as vossas mãos, uma mesa se move, o Espírito haure no fluido universal o que é necessário para lhe dar uma vida factícia. Assim preparada a mesa, o Espírito a atrai e move sob a influência do fluido que de si mesmo desprende, por efeito da sua vontade. Quando quer pôr em movimento uma massa por demais pesada para suas forças, chama em seu auxílio outros Espíritos, cujas condições sejam idênticas às suas. Em virtude da sua natureza etérea, o Espírito, propriamente dito, não pode atuar sobre a matéria grosseira, sem intermediário, isto é, sem o elemento que o liga à matéria. Esse elemento, que constitui o que chamais perispírito, vos faculta a chave de todos os fenômenos espíritas de ordem material.” [...]

X. Os Espíritos, que aquele que deseja mover um objeto chama em seu auxílio, são-lhe inferiores? Estão-lhe sob as ordens?

“São-lhe iguais, quase sempre. Muitas vezes acodem espontaneamente.”

XI. São aptos, todos os Espíritos, a produzir fenômenos deste gênero?

“Os que produzem efeitos desta espécie são sempre Espíritos inferiores, que ainda se não desprenderam inteiramente de toda a influência material.”

XII. Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupam com coisas que estão muito abaixo deles. Mas, perguntamos se, uma vez que estão mais desmaterializados, teriam o poder de fazê-lo, dado que o quisessem?

“Os Espíritos superiores têm a força moral, como os outros têm a força física. Quando precisam desta força, servem-se dos que a possuem. Já não se vos disse que eles se servem dos Espíritos inferiores, como vós vos servis dos carregadores?” [...] (Cont. na pág. 136)

## OS QUATRO EVANGELHOS

“O fluido universal é um composto de fluidos diversos, formando uma única massa donde extraímos as partes de que necessitamos. Ele recebe a destinação que lhe é necessária e se amolda a tudo, conforme aos casos. Esses diversos fluidos são para nós ponderáveis, tanto na massa do fluido universal, como quando dela separados, constituindo o produto das extrações ou combinações que o Espírito realiza. Tudo tem peso na natureza, que é a fórmula e a síntese de todas as criações orgânicas e inorgânicas, assim do ponto de vista fluídico, como do ponto de vista material. (Tomo II, item 194)

### Tempestade Aplacada

*“Jesus lhes respondeu: Porque tendes medo, homens de pouca fé? E, levantando-se, mandou que os ventos e o mar se aquietassem e grande bonança logo se fez. Os homens, cheios de admiração, diziam: Quem é este a cujas ordens os ventos e o mar obedecem?” (MT., Cap.VIII, v.26-27)*

“Os encarregados das águas e dos ventos, como os outros Espíritos especiais a cuja direção se acha subordinado cada um dos reinos da natureza, são Espíritos purificados, incumbidos de uma missão e, para desempenhá-la, empregam, como lhes apraz, os que lhes estão inferiores, quando o concurso destes se faz necessário.[...]” (Tomo II, item 118)

“O Espírito que chegou à perfeição, que se tornou puro Espírito, é senhor, como sabeis, da natureza e de todos os fluidos, deles dispondo à sua vontade, de acordo com as necessidades e as circunstâncias”. (Tomo III, item 260)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO IV  
DA TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

(Cont. da pág. 134)

74. XIV. Que papel desempenha o médium nesse fenômeno?

“Já eu disse que o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal que o Espírito acumula. É necessária a união desses dois fluidos, isto é, do fluido animalizado e do fluido universal para dar vida à mesa. Mas, nota bem que essa vida é apenas momentânea, que se extingue com a ação e, às vezes, antes que esta termine, logo que a quantidade de fluido deixa de ser bastante para a animar.”

XV. Pode o Espírito atuar sem o concurso de um médium?

“Pode atuar à revelia do médium. Quer isto dizer que muitas pessoas, sem que o suspeitem, servem de auxiliares aos Espíritos. Delas haurem os Espíritos, como de uma fonte, o fluido animalizado de que necessitem. Assim é que o concurso de um médium, tal como o entendeis, nem sempre é preciso, o que se verifica principalmente nos fenômenos espontâneos.” [...]

XVIII. Que papel, nesse caso, desempenha a vontade do médium?

“O de atrair os Espíritos e secundá-los no impulso que dão ao fluido.”

a) É sempre indispensável a ação da vontade?

“Aumenta a força, mas nem sempre é necessária, pois que o movimento pode produzir-se contra essa vontade, ou a seu malgrado, e isso prova haver uma causa independente do médium.”

XIX. Por que é que nem toda gente pode produzir o mesmo efeito e não têm todos os médiuns o mesmo poder?

“Isto depende da organização e da maior ou menor facilidade com que se pode operar a combinação dos fluidos. Influi também a maior ou menor simpatia do médium para com os Espíritos que encontram nele a força fluidica necessária. [...]

(Cont. na pág. 138)



## OS QUATRO EVANGELHOS

Jesus e Pedro caminham sobre o mar

*“Pedro lhe respondeu: Senhor, se és tu, manda que eu vá ao teu encontro caminhando sobre as águas. E Jesus lhe disse: Vem, e Pedro, descendo da barca, andou sobre a água em direção a Jesus. Mas, vendo que o vento estava forte, teve medo; e como começasse a submergir-se, bradou: Senhor, salva-me! Ato contínuo, Jesus, estendendo-lhe a mão, o segurou e lhe disse: Homem de pouca fé, porque duvidaste? Assim que subiram para a barca, cessou o vento. (Mt. XIV, vv. 28-32)*

“Conforme há pouco dissemos, Pedro era, para nos servirmos de uma expressão consagrada, médium de efeitos físicos da mais alta monta. Assim, foi com o auxílio dos fluidos nele existentes que os Espíritos prepostos lograram sustentá-lo, de modo que pudesse caminhar sobre as ondas. Foi ainda graças a essa mediunidade que ele conseguiu, auxiliado pelos Espíritos prepostos à realização desse outro acontecimento, libertar-se das correntes com que o ataram na prisão. [...]

Mas, quando mesmo Pedro não fosse médium de efeitos físicos, nem por isso teria deixado de ser sustentado pelos Espíritos prepostos e de caminhar, com o auxílio deles, por sobre o mar, uma vez que o Mestre o quisesse. Desde que tal fosse a vontade de Jesus, os Espíritos reuniriam em torno de Pedro os fluidos de que necessitavam para sustentá-lo e o fato se produziria exatamente como se deu”. (Tomo II, item 174)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO IV  
DA TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

(Cont. da pág. 136)

74. XXII. Como faz o Espírito para bater? Serve-se de algum objeto material?

“Tanto quanto dos braços para levantar a mesa. Sabes perfeitamente que nenhum martelo tem o Espírito à sua disposição. Seu martelo é o fluido que, combinado, ele põe em ação, pela sua vontade, para mover ou bater. Quando move um objeto, a luz vos dá a percepção do movimento; quando bate, o ar vos traz o som.”

XXIII. Concebemos que seja assim, quando o Espírito bate num corpo duro; mas como pode fazer que se ouçam ruídos, ou sons articulados na massa instável do ar?

“Pois que é possível atuar sobre a matéria, tanto pode ele atuar sobre uma mesa, como sobre o ar. Quanto aos sons articulados, pode imitá-los, como o pode fazer com quaisquer outros ruídos.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Eles [...] se servem dos elementos de mediunidade que encontram ao seu dispor. [...] para produzir ruídos ou outros efeitos físicos dessa natureza, é necessário o concurso de perispíritos análogos [...] o paciente deve apresentar as disposições, as condições ou aptidões físicas necessárias a tal efeito. Quais sejam essas disposições, condições ou aptidões não podeis compreender, porque isso se prende à combinação dos fluidos perispiríticos e ainda não chegou a ocasião de entrarmos nesse estudo”. (Tomo II, item 194)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO IV  
DA TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

80. Voltemos à teoria do movimento da mesa. Se, pelo meio indicado, o Espírito pode suspender uma mesa, também pode suspender qualquer outra coisa: uma poltrona, por exemplo. Se pode levantar uma poltrona, também pode, tendo força suficiente, levantá-la com uma pessoa assentada nela. Aí está a explicação do fenômeno que o Sr. Home produziu inúmeras vezes consigo mesmo e com outras pessoas. Repetiu-o durante uma viagem a Londres e, para provar que os espectadores não eram joguetes de uma ilusão de ótica, fez no forro, enquanto suspenso, uma marca a lápis e que muitas pessoas lhe passassem por baixo. Sabe-se que o Sr. Home é um poderoso médium de efeitos físicos. Naquele caso, era ao mesmo tempo a causa eficiente e o objeto.

## OS QUATRO EVANGELHOS

Legião de Maus Espíritos expulsos

*“Era impelido pelo demônio para lugares ermos”. (LC., Cap. VIII, vv. 29)*

“Em algumas traduções, oriundas de uma falsa interpretação da letra e do Espírito do texto original, se diz que o homem “era arrebatado pelo demônio”.

Colocando-vos no ponto de vista dessas traduções, tomai a palavra “arrebatado” em sentido figurado e tê-la-eis significando: “impelido violentamente, contra a vontade”. Não usais muitas vezes, referindo-vos à carreira desabalada de uma pessoa, dizer que ela é arrebatada pelo vento?

Sem dúvida alguma o fato fora possível. Tendes disso exemplos nos vossos dias, notadamente o do Espírito chamado — o duende de Baiona — a transportar a irmã pelos ares. No nosso caso, porém, nada se deu de semelhante. Havia apenas uma corrida desordenada, que enchia de terror os que a presenciavam. Uma transportação pelos ares houvera originado a crença de que se tratava mais de um ato “do céu” do que de um ato “do inferno”. (Tomo II, item 120)

Jesus, sua prisão. — Circunstâncias relativas a essa prisão.

*“Apenas Jesus lhes disse: Sou eu, eles recuaram e caíram por terra”. (Jo., Cap. XVIII, vv. 6)*

“Quanto à queda dos primeiros que avançaram para se apoderarem de Jesus, ela resultou de uma ação fluídica exercida pelos Espíritos que cercavam o Mestre. Em todos os tempos houve, como há em vossos dias, exemplos desses efeitos, notadamente quando um subjugado é, pelo seu obsessão, atirado ao chão. Assim foi que aquele efeito físico se produziu. No meio de uma multidão qualquer, sempre se encontram organizações que mediunicamente podem ser utilizadas, em havendo necessidade. Sabeis também que os Espíritos superiores não precisam recorrer a esses meios e podem, sem o auxílio nem o concurso dos fluidos animalizados tomados aos encarnados, atrair a si os fluidos de que necessitem”. (Tomo III, item 291)\*

---

\* Vide também a respeito desta passagem o item 57 do Tomo IV



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO V**  
Das Manifestações Físicas  
Espontâneas

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO V  
DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

Ruídos, barulhos e perturbações. - Arremesso de objetos. - Fenômeno de transporte. - Dissertação de um Espírito sobre os transportes.

[...]

83. De todas as manifestações espíritas, as mais simples e mais frequentes são os ruídos e as pancadas. [...]

87. As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a ruídos e pancadas. Degeneram, por vezes, em verdadeiro estardalhaço e em perturbações. Móveis e objetos diversos são derribados, projetis de toda sorte são atirados de fora para dentro, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, ladrilhos são quebrados, o que não se pode levar à conta da ilusão. Muitas vezes o derribamento se dá, de fato; doutras, porém, só se dá na aparência. [...]

88. As manifestações desta espécie não são raras, nem novas. Poucas serão as crônicas locais que não encerrem alguma história desta natureza. [...]

91. Estes fenômenos, conquanto operados por Espíritos inferiores, são com frequência provocados por Espíritos de ordem mais elevada, com o fim de demonstrarem a existência de seres incorpóreos e de uma potência superior ao homem. A repercussão que eles têm, o próprio temor que causam, chamam a atenção e acabam por fazer que se rendam os mais incrédulos. [...]

92. A explicação dada do movimento dos corpos inertes se aplica naturalmente a todos os efeitos espontâneos a que acabamos de passar revista. [...]

93. A intervenção voluntária ou involuntária de uma pessoa dotada de aptidão especial para a produção destes fenômenos parece necessária, na maioria dos casos, embora alguns haja em que, ao que se afigura, o Espírito obra por si só. Mas, então, poderá dar-se que ele tire de algures o fluido animalizado, que não de uma pessoa presente. [...]



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Na terra, que ainda é um mundo inferior, um mundo onde ainda predomina a inferioridade moral, os fenômenos magneto-espíritos são amiúde obra de maus Espíritos, tanto que produzem efeitos fluídicos violentos e dolorosos ou perigosos, tais como, em particular, as subjugações corporais, ou corporais e morais ao mesmo tempo. São também obra de Espíritos levianos, embusteiros, dando lugar a mistificações.

Tudo isso, porém, se passa debaixo da vigilância dos guias. Se produzem efeitos violentos, dolorosos, ou que pareçam perigosos, é que tais efeitos fazem parte da série de provações que o encarnado tem que sofrer. Sendo assim, os Espíritos protetores deixam que eles se produzam”. (Tomo II, item 183)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO V  
DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

Fenômeno de transporte

96. Este fenômeno não difere do de que vimos de falar, senão pela intenção benévola do Espírito que o produz, pela natureza dos objetos, quase sempre graciosos, de que ele se serve e pela maneira suave, delicada mesmo, por que são trazidos. Consiste no trazimento espontâneo de objetos inexistentes no lugar onde estão os observadores. São quase sempre flores, não raro frutos, confeitos, joias, etc.

97. Digamos, antes de tudo, que este fenômeno é dos que melhor se prestam à imitação e que, por conseguinte, devemos estar de sobreaviso contra o embuste. Sabe-se até onde pode ir a arte da prestidigitação, em se tratando de experiências deste gênero. Porém, mesmo sem que tenhamos de nos haver com um verdadeiro prestidigitador, poderemos ser facilmente enganados por uma manobra hábil e interessada. A melhor de todas as garantias se encontra no caráter, na honestidade notória, no absoluto desinteresse das pessoas que obtêm tais efeitos. Vem depois, como meio de resguardo, o exame atento de todas as circunstâncias em que os fatos se produzem; e, finalmente, o conhecimento esclarecido do Espiritismo poderá descobrir o que fosse suspeito.

98. A teoria do fenômeno dos transportes e das manifestações físicas em geral se acha resumida, de maneira notável, na seguinte dissertação feita por um Espírito, cujas comunicações todas trazem o cunho incontestável de profundidade e lógica. Com muitas delas deparará o leitor no curso desta obra. Ele se dá a conhecer pelo nome de Erasto, discípulo de São Paulo, e como protetor do médium que lhe serviu de instrumento:

“Quem deseja obter fenômeno desta ordem precisa ter consigo médiuns a que chamarei - sensitivos, isto é, dotados, no mais alto grau, das faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade, porque o sistema nervoso facilmente excitável de tais médiuns lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar abundantemente, em torno de si, o fluido animalizado que lhes é próprio.

(Cont. na pág. 148)

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Multiplicação dos Pães e Peixes

*“Como caísse a tarde, os discípulos se aproximaram e lhe disseram: Este lugar é deserto e a hora já vai adiantada; manda-os embora, a fim de que vão às aldeias comprar o que comer. Jesus, porém, lhes disse: Não é necessário que se afastem daqui; dai-lhes vós mesmos de comer. Os discípulos replicaram: Não temos mais que cinco pães e dois peixes. Disse-lhes ele: Trazei-mos. Em seguida mandou que a multidão se assentasse na relva, tomou os cinco pães e os peixes e, olhando para o céu, os abençoou, partiu e deu aos discípulos, que os passaram ao povo. Todos comeram, ficaram saciados e ainda levaram doze cestos cheios dos pedaços que sobraram. Ora, os que comeram eram em número de cinco mil, sem contar as mulheres e as crianças”.* (MT., Cap. XIV, vv. 15 a 21)

“Já vos temos falado da força de que dispunha Jesus, por efeito da sua potencialidade superior, para atrair os fluidos de que necessitava.

Pela ação da sua vontade poderosa sobre os Espíritos que o obedeciam pressurosamente, conseguiu ele, mediante transportes e o emprego de fluidos, multiplicar ao infinito a pequena quantidade de alimentos que os discípulos tinham à sua disposição. Preparados com os fluidos próprios à sua produção, os quais lhes davam as necessárias propriedades nutrientes, aqueles alimentos satisfaziam às exigências da matéria, bastando uma diminuta porção deles para saciar a fome mais devoradora. [...]

Para os apóstolos, os discípulos e a multidão foi com os pedaços em que Jesus dividiu os cinco pães e os dois peixes, pedaços que, multiplicados ao infinito, ele entregou aos apóstolos e estes distribuíram pelo povo, que todos se saciaram, dando ainda, depois de estarem todos satisfeitos, para encher doze cestos.

Foi isso que todos viram, esse o fato que se passara à vista de todos, o fato de que todos eram testemunhas e do qual todos haviam participado desde que comeram os pedaços dos cinco pães e dos dois peixes, partidos pelas mãos de Jesus e distribuídos pelos discípulos.

Foi isso e só isso o que viram, o que podiam atestar e atestaram.

(Cont. na pág. 149)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO V  
DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

(Cont. da pág. 146)

“As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram à menor impressão, à mais insignificante sensação; as que a influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza são muito aptas a se tornarem excelentes médiuns, para os efeitos físicos de tangibilidade e de transportes. Efetivamente, quase de todo desprovido do invólucro refratário, que, na maioria dos outros encarnados, o isola, o sistema nervoso dessas pessoas as capacita para a produção destes diversos fenômenos. Assim, com um indivíduo de tal natureza e cujas outras faculdades não sejam hostis à mediunidade, facilmente se obterão os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos inteligentes e mesmo a suspensão, no espaço, da mais pesada matéria inerte. A fortiori, os mesmos resultados se conseguirão se, em vez de um médium, o experimentador dispuser de muitos, igualmente bem dotados.

“Mas, da produção de tais fenômenos à obtenção dos de transporte há um mundo de permeio, porquanto, neste caso, não só o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, como, sobretudo, ele não pode operar, senão por meio de um único aparelho mediúnico, isto é, muitos médiuns não podem concorrer simultaneamente para a produção do mesmo fenômeno. Sucede até que, ao contrário, a presença de algumas pessoas antipáticas ao Espírito que opera lhe obsta radicalmente à operação. A estes motivos a que, como vedes, não falta importância, acrescentemos que os transportes reclamam sempre maior concentração e, ao mesmo tempo, maior difusão de certos fluidos, que não podem ser obtidos senão com médiuns superiormente dotados, com aqueles, numa palavra, cujo aparelho eletromediúnico é o que melhores condições oferece.

(Cont. na pág. 150)

## OS QUATRO EVANGELHOS

(Cont. da pág. 147) “Por lhes ser incompreensível e inexplicável, dada a ignorância de todos, dos apóstolos, dos discípulos e da multidão, relativamente à origem, às causas e aos meios ocultos que o produziram, o fato da multiplicação dos pães e dos peixes foi por todos considerado um “milagre”. Foi e ainda o é pelos que se conservam estranhos à nova revelação.

Alguns homens, de coração simples e de espírito humilde, acreditaram na sua autenticidade, sem o compreenderem, firmados no testemunho dos apóstolos, dos discípulos e da multidão e na fé que lhes inspira a narração evangélica, baseada naqueles testemunhos.

Os outros ou fingiram acreditar por não ousarem negá-lo, ou o negaram e rejeitaram abertamente, encastelados na sua orgulhosa ignorância, pela simples razão de não o poderem compreender e não saberem explicá-lo.

E sem a nova revelação, que vos vem iniciar nos segredos de além-túmulo, na ciência espírita, que vos vem mostrar a origem, as causas e os meios ocultos por que se operou a multiplicação dos pães e dos peixes, este fato não seria ainda, para vós, um “milagre”?

Porventura vedes o que a todos os momentos se passa em torno de vós no mundo espiritual? Sem a nova revelação que vos trazemos, saberíeis que aquela multiplicação se produziu pela ação espírita e pelo emprego de fluidos, uma vez que a ciência é impotente para comprová-la, por isso que não vê, não observa, não descobre senão com os olhos carnis? Saberíeis quais os meios ocultos que, com o auxílio daquele emprego, serviram para efetuar a multiplicação de que se trata?

Os evangelistas que, como os apóstolos, os discípulos e a multidão, não podiam compreender o fato, por ignorarem também a fonte, as causas e os meios que o produziram, se limitaram, e assim devia ser, a narrá-lo debaixo da influência mediúnica.

“Jesus, dizem eles, partiu com as mãos os cinco pães e os dois peixes, os deu aos discípulos e estes os deram ao povo; todos comeram e ficaram saciados e ainda levaram doze cestos cheios dos pedaços de pão e de peixe que sobraram”. Estas últimas palavras indicam que Jesus partia os pães e os peixes e dava os pedaços aos discípulos que os depositavam em cestos, onde os transportavam para distribuí-los pelo povo.” (Cont. na pág. 151)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO V  
DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

(Cont. da pág. 148)

“Em geral, os fatos de transporte são e continuarão a ser extremamente raros. Não preciso demonstrar porque são e serão menos frequentes do que os outros fenômenos de tangibilidade; do que digo, vós mesmos podeis deduzi-lo. Demais, estes fenômenos são de tal natureza, que nem todos os médiuns servem para produzi-los. Com efeito, é necessário que entre o Espírito e o médium influenciado exista certa afinidade, certa analogia; em suma: certa semelhança capaz de permitir que a parte expansível do fluido perispirítico do encarnado se misture, se una, se combine com o do Espírito que queira fazer um transporte. Deve ser tal esta fusão, que a força resultante dela se torne, por assim dizer, uma: do mesmo modo que, atuando sobre o carvão, uma corrente elétrica produz um só foco, uma só claridade. Por que essa união, essa fusão, perguntareis? É que, para que estes fenômenos se produzam, necessário se faz que as propriedades essenciais do Espírito motor se aumentem com algumas das do médium; é que o fluido vital, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é apanágio exclusivo do encarnado e que, por conseguinte, o Espírito operador fica obrigado a se impregnar dele. Só então pode, mediante certas propriedades, que desconheceis, do vosso meio ambiente, isolar, tornar invisíveis e fazer que se movam alguns objetos materiais e mesmo os encarnados.

“Não me é permitido, por enquanto, desvendar-vos as leis particulares que governam os gases e os fluidos que vos cercam; mas, antes que alguns anos tenham decorrido, antes que uma existência de homem se tenha esgotado, a explicação destas leis e destes fenômenos vos será revelada e vereis surgir e produzir-se uma variedade nova de médiuns, que agirão num estado cataléptico especial, desde que sejam mediunizados”.

(Cont. da pág. 152)

## OS QUATRO EVANGELHOS

(Cont. da pág. 149)

“Eis aqui agora como se operou a multiplicação: Tendo na mão os pães e os peixes, Jesus os envolvia em fluidos apropriados à produção de tais alimentos, fluidos produtores. Como deveis compreender, o Mestre, para multiplicá-los entre os seus dedos, atraía a si os fluidos próprios ao efeito desejado e os tomava visíveis e tangíveis, dando-lhes o aspecto, a forma, o sabor de pedaços de pão ou de peixes, pois que jamais os cinco pães e os dois peixes teriam fornecido pedaços, ainda que de tamanho mínimo, na quantidade que era precisa. Por esse meio ia ele substituindo nos pães e nos peixes as porções que deles tirava. Assim era que, com o auxílio dos fluidos produtores em que os envolvia, “multiplicava” os pães e os peixes e os pedaços em que os partia, pedaços que entregava aos discípulos e que estes colocavam nos cestos. No momento em que nos cestos eram depositados sob a forma de pedaços de pão e de peixe os produtos fluidicos obtidos por Jesus, logo a eles se juntavam os que os Espíritos, por sua vez, traziam e que imediatamente se tornavam visíveis e tangíveis. Esses fornecimentos de pedaços de pão e de peixes, os Espíritos os preparavam, nas mesmas condições dos que Jesus entregava aos discípulos, com o auxílio dos fluidos produtores e os depositavam, invisíveis, nos cestos vazios. A medida que os discípulos deitavam nestes os pedaços que recebiam de Jesus, aqueles Espíritos tornavam visíveis e tangíveis os pedaços que já lá haviam depositado. Assim, de um lado, Jesus e os Espíritos tiravam indefinidamente dos fluidos produtores, que o primeiro atraía para junto de si, os elementos e os meios de multiplicação dos peixes e dos pães e, de outro lado, os discípulos tiravam dos cestos indefinidamente os pedaços de pão e de peixe cuja provisão se renovava por si mesma, mas sempre mediante a intervenção dos Espíritos prepostos à produção de tal efeito, que se verificava à medida que os discípulos ali depositavam os pedaços que recebiam de Jesus”.

(Cont. na pág. 153)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO V  
DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

(Cont. da pág. 150)

“Vedes, assim, quantas dificuldades cercam a produção do fenômeno dos transportes. Muito logicamente podeis concluir daí que os fenômenos desta natureza são extremamente raros, como eu disse acima, e com tanto mais razão, quanto os Espíritos muito pouco se prestam a produzi-los, porque isso dá lugar, da parte deles, a um trabalho quase material, o que lhes acarreta aborrecimento e fadiga. Por outro lado, ocorre também que, frequentemente, não obstante a energia e a vontade que os animem, o estado do próprio médium lhes opõe intransponível barreira.

“Evidente é, pois, e o vosso raciocínio, estou certo, o sancionará, que os fatos de tangibilidade, como pancadas, suspensão e movimentos, são fenômenos simples, que se operam mediante a concentração e a dilatação de certos fluidos e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e pelo trabalho dos médiuns aptos a isso, quando secundados por Espíritos amigos e benevolentes, ao passo que os fatos de transporte são múltiplos, complexos, exigem um concurso de circunstâncias especiais, não se podem operar senão por um único Espírito e um único médium e necessitam, além do que a tangibilidade reclama, uma combinação muito especial, para isolar e tornar invisíveis o objeto, ou os objetos destinados ao transporte.

“Todos vós espíritas compreendeis as minhas explicações e perfeitamente apreendeis o que seja essa concentração de fluidos especiais, para a locomoção e a tutilidade da matéria inerte. Acreditais nisso, como acreditais nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos mediúnicos têm grande analogia e de que são, por assim dizer, a confirmação e o desenvolvimento. Quanto aos incrédulos e aos sábios, piores estes do que aqueles, não me compete convencê-los e com eles não me ocupo. Convencer-se-ão um dia, por força da evidência, pois que forçoso será se curvem diante do testemunho dos fatos espíritas, como forçoso foi que o fizessem diante de outros fatos, que a princípio repeliram”.

(Cont. na pág. 154)



## OS QUATRO EVANGELHOS

(Cont. da pág. 151)

“Foi por esse processo que, pela ação de Jesus e dos Espíritos superiores que invisivelmente o cercavam, se operou a multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes e que os pedaços partidos pelo Mestre pareciam às vistas carnaís multiplicar-se infinitamente nas suas mãos e delas saírem para os cestos.

Sabeis que o Espírito não deixa ver o objeto que ele transporta senão quando quer se veja que está operando, caso em que torna visível o fluido que envolve o mesmo objeto e que serve para efetuar o transporte. Mas, sabeis igualmente que o Espírito pode tornar, à sua vontade, invisível, aos olhos grosseiros do homem, o objeto que transporta, só o fazendo visível quando e como queira. Os fluidos que envolvem o objeto transportado não são visíveis, senão querendo o Espírito que o sejam. Fora disso, o Espírito passa despercebido assim como o próprio objeto, que ele não submete à vista do homem senão quando julga oportuno o momento.

Se o houvesse querido, Jesus pudera ter produzido, ele só, o fato. Mas, os meios empregados eram mais prontos e mais fáceis para a consecução do fim visado. Com efeito, não era mais fácil e mais pronto que os Espíritos que o cercavam depositassem invisíveis, nos cestos vazios, os produtos que eles mesmos preparavam e os fossem tornando visíveis à medida que os discípulos ali depositassem os produtos que recebiam do Mestre, do que fazer este sair de suas mãos para as dos discípulos tudo o que fosse preciso para encher os ditos cestos?

Os produtos da multiplicação, tendo recebido as formas de pedaços de pão e de postas de peixe, como tais foram comidos. Não há aí de que vos espantardes. Os sonâmbulos magnéticos não tomam a água, o vinho, ou qualquer alimento como sendo o que se lhes diga que são? Não sabeis qual seja o poder da influência espírita no homem? Não compreendeis que fosse muito grande, sobre aqueles homens, a de Jesus e a da falange inumerável de Espíritos que o rodeavam? Não tendes visto aparecerem, sem que ninguém saiba como, sob a forma de coisas materiais, próprias para a alimentação humana, produtos obtidos com o emprego de fluidos produtores e que têm, para o homem, o aspecto, o sabor dos produtos humanos que representam?” (Cont. na pág. 155)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO V  
DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

(Cont. da pág. 152)

“Resumindo: os fenômenos de tangibilidade são frequentes, mas os de transporte são muito raros, porque muito difíceis de se realizar são as condições em que se produzem. Conseqüentemente, nenhum médium pode dizer: a tal hora, em tal momento, obterei um transporte, visto que muitas vezes o próprio Espírito se vê obstado na execução da sua obra. Devô acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque quase sempre, entre este, se encontram elementos energeticamente refratários, que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, a ação do médium. Tende, ao contrário, como certo que, na intimidade, os ditos fenômenos se produzem quase sempre espontaneamente, as mais das vezes à revelia dos médiuns e sem premeditação, sendo muito raros quando esses se acham prevenidos. Deveis deduzir daí que há motivo de suspeição todas as vezes que um médium se lisonjeia de os obter à vontade, ou, por outra, de dar ordens aos Espíritos, como a servos seus, o que é simplesmente absurdo. Tende ainda como regra geral que os fenômenos espíritas não se produzem para constituir espetáculo e para divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a tais coisas, só pode ser para a produção de fenômenos simples, não para os que, como os de transporte e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

“Lembrai-vos, espíritas, de que, se é absurdo repetir sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, também não é de bom aviso aceitá-los todos, cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de visibilidade, ou de transporte se opera espontaneamente e de modo instantâneo, aceitai-o. Porém, nunca o repetirei demasiado, não aceiteis coisa alguma às cegas. Seja cada fato submetido a um exame minucioso, aprofundado e severo, porquanto, crede, o Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada tem que ganhar com essas pequenas manifestações, que prestidigitadores hábeis podem imitar.

(Cont. na pág. 156)

## OS QUATRO EVANGELHOS

(Cont. da pág. 153)

“Todos comeram e ficaram saciados e doze cestos, dizem os evangelistas, foram levados, cheios dos pedaços que sobraram.

Não se vos diz o que foi feito desses doze cestos, nem que os cinco pães e os dois peixes estivessem com os apóstolos. Não se vos diz igualmente se os pedaços que sobraram foram conservados.

Isso tudo pouco importa. Quaisquer que tenham sido a quantidade dos pães e dos peixes, as pessoas que forneceram os cestos e o destino dado a estes e ao que continham, o que é real é que o fato produzido por Jesus se verificou. Eis tudo o que importa se saiba.

Deveis compreender que, numa multidão tão numerosa quanto aquela, há sempre uma certa agitação. Terminada a distribuição dos pães e dos peixes, os apóstolos deixaram atirados ao chão os cestos de que se tinham servido para fazê-la e foram tomar a barca, a fim de se transportarem à outra margem, onde, conforme à ordem recebida, esperariam o Mestre, que ficava assistindo à dispersão do povo.

Mais preocupados com as suas necessidades espirituais do que com as do corpo, que no momento se achavam satisfeitas, os apóstolos não cuidaram de mais nada. A influência oculta que sobre eles era exercida lhes dirigia a atenção para aquilo que os pudesse interessar, sempre que se fazia preciso desviá-la de outros pontos. A ordem que Jesus lhes dera de passarem, antes dele, para a outra margem, tinha por fim preparar um novo fato que se devia produzir.

Na sua retirada, desordenada e confusa, aquela tão grande massa de homens, de mulheres e de crianças ia tropeçando nas cestas, algumas das quais foram apanhadas vazias, enquanto que outras lá ficavam esmagadas, sem que ninguém se preocupasse com elas nem com o seu conteúdo.

Os fluidos componentes dos produtos fluidicos que, sob as formas de pedaços de pão e de postas de peixe, sobraram da distribuição, voltaram à fonte donde tinham sido tirados, logo que, sob a ação espírita, desapareceu dos mesmos produtos a tangibilidade e tudo entrou de novo na ordem da humanidade”.

(Cont. na pág. 157)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO V  
DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

(Cont. da pág. 154)

“Bem sei que ides dizer: é que estes são úteis para convencer os incrédulos. Mas, ficai sabendo, se não houvésseis disposto de outros meios de convicção, não contaríeis hoje a centésima parte dos espíritas que existem. Falai ao coração; por aí é que fareis maior número de conversões sérias. Se julgardes conveniente, para certas pessoas, valer-vos dos fatos materiais, ao menos apresentai-os em circunstâncias tais, que não possam permitir nenhuma interpretação falsa e, sobretudo, não vos afasteis das condições normais dos mesmos fatos, porque, apresentados em más condições, eles fornecem argumentos aos incrédulos, em vez de convencê-los. ERASTO.”

99. [...]

As perguntas que se seguem foram dirigidas ao Espírito que os operara, mas as respostas se ressentem por vezes da deficiência dos seus conhecimentos. Submetemo-las ao Espírito Erasto, muito mais instruído do ponto de vista teórico, e ele as completou, aditando-lhes notas muito judiciosas. Um é o artista, o outro o sábio, constituindo a própria comparação dessas inteligências um estudo instrutivo, porquanto prova que não basta ser Espírito para tudo saber. [...]

17<sup>a</sup> Entre os objetos que os Espíritos costumam trazer, não haverá alguns que eles próprios possam fabricar, isto é. produzidos espontaneamente pelas modificações que os Espíritos possam operar no fluido, ou no elemento universal?

“Por mim, não, que não tenho permissão para isso. Só um Espírito elevado o pode fazer.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

(Cont. da pág. 155)

“Tudo fora preparado e previsto para a execução das obras do Mestre”. (Tomo II, item 173)

“Pelo que toca à multiplicação dos sete pães e dos peixes, já vos explicamos (n. 173), de modo geral, os meios pelos quais essa multiplicação se operava. Não temos que voltar a esse ponto. O que vos dissemos relativamente ao fato da multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes basta para que compreendais o fato análogo de que aqui agora se trata”. (Tomo II, item 179)

“O fato da multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes já vos foi explicado no comentário aos três primeiros Evangelhos. O que então se vos disse tem inteira aplicação aqui. As narrações evangélicas se explicam e completam reciprocamente. Quanto aos cestos, repetimos o que então dissemos: os discípulos, depois de terem feito o que Jesus mandara, os deixaram lá e com eles não mais se ocuparam. Não se tratou mais disso”. (Tomo IV, item 18)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO VI**  
Das Manifestações Visuais

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

Noções sobre as aparições. Ensaio teórico sobre as aparições. - Espíritos glóbulos. - Teoria da alucinação.

100. De todas as manifestações espíritas, as mais interessantes, sem contestação possível, são aquelas por meio das quais os Espíritos se tornam visíveis. Pela explicação deste fenômeno se verá que ele não é mais sobrenatural do que os outros. Vamos apresentar primeiramente as respostas que os Espíritos deram acerca do assunto:

1ª Podem os Espíritos tornar-se visíveis?

“Podem, sobretudo, durante o sono. Entretanto algumas pessoas os veem quando acordadas, porém, isso é mais raro.” [...]

2ª Pertencem mais a uma categoria do que a outra os Espíritos que se manifestam fazendo-se visíveis?

“Não; podem pertencer a todas as classes, assim às mais elevadas, como as mais inferiores.”

3ª A todos os Espíritos é dado manifestarem-se visivelmente?

“Todos o podem; mas, nem sempre têm permissão para fazê-lo, ou o querem.

4ª Que fim objetivam os Espíritos que se manifestam visivelmente?

“Isso depende; de acordo com as suas naturezas, o fim pode ser bom, ou mau.”

5ª Como lhes pode ser permitido manifestar-se, quando para mau fim?

“Nesse caso é para experimentar os a quem eles aparecem. Pode ser má a intenção do Espírito e bom o resultado.”

6ª Qual pode ser o fim que tem em vista o Espírito que se torna visível com má intenção?

“Amedrontar e muitas vezes vingar-se.”

a) Que visam os que vêm com boa intenção?

“Consolar as pessoas que deles guardam saudades, provar-lhes que existem e estão perto delas; dar conselhos e, algumas vezes, pedir para si mesmos assistência.” [...]

(Cont. na pág. 162)



## OS QUATRO EVANGELHOS

### Anunciação

*“Estando Isabel no seu sexto mês de grávida, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré, a uma virgem, noiva de um varão chamado José, da casa de David, e essa virgem se chamava Maria. O anjo, aproximando-se dela, disse-lhe: “Eu te saúdo, ó cheia de graça; o Senhor está contigo; és bendita entre as mulheres”. Ela, porém, ouvindo-o, se turbou do seu falar e consigo mesma pensava no que significaria aquela saudação. O anjo lhe disse: “Nada temas, Maria; porquanto caíste em graça perante Deus. É assim que conceberás em teu seio e que de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado o filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai, e ele reinará eternamente sobre a casa de Jacob. - E seu reino não terá fim.” Então disse Maria ao anjo: “Como sucederá isso, se não conheço varão?” O anjo respondeu: “O Espírito Santo descera sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, e por isso o santo que nascerá de ti será chamado Filho de Deus. E eis que tua parenta Isabel concebeu na velhice um filho e está no Sexto mês de gravidez, ela que é chamada estéril. É que nada será impossível a Deus”. Então Maria disse: “Aqui está a serva do Senhor, faça-se em mim conforme às tuas palavras”. E o anjo se afastou dela”. (LC., Cap. I, vv. 26 a 37)*

“Maria era um Espírito muito puro, Espírito superior, que descera à terra com a missão sagrada de cooperar no preparo da regeneração humana.

Em comunhão espiritual com os Espíritos do Senhor, mas submetida à lei da encarnação material humana tal qual a sofreis, médium inconsciente, ela recebeu, como médium vidente, audiente e intuitivo, no sentido de ter consciência do ser que se lhe apresentava, a predição que lhe era feita”. (Tomo I, item 14)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

(Continuação da pág. 160)

100. 10ª Será racional assustarmo-nos com a aparição de um Espírito?

“Quem refletir deverá compreender que um Espírito, qualquer que seja, é menos perigoso do que um vivo. Demais, podendo os Espíritos, como podem, ir a toda parte, não se faz preciso que uma pessoa os veja para saber que alguns estão a seu lado. O Espírito que queira causar dano pode fazê-lo, e até com mais segurança, sem se dar a ver. Ele não é perigoso pelo fato de ser Espírito, mas, sim, pela influência que pode exercer sobre o homem, desviando-o do bem e impelindo-o ao mal.” (Cont. na pág. 164)

## OS QUATRO EVANGELHOS

Os pastores

*“Ora, havia no país muitos pastores que passavam as noites no campo, revezando-se na guarda dos seus rebanhos. De repente, um anjo do Senhor se lhes apresentou, circunvolveu-os a claridade de Deus e eles se sentiram presa de grande temor. Então o anjo lhes disse: “Não tenhais medo, pois venho trazer-vos uma notícia que, para vós, como para todo o povo, será motivo de grande alegria: é que hoje, na cidade de David, vos nasceu um Salvador, que é o Cristo, o Senhor. Eis aqui o sinal que vos fará reconhecer-lo: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura”. No mesmo instante reuniu-se ao anjo um grande troço da milícia celeste, louvando a Deus e dizendo: - Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade”. (LC., Cap. II, vv. 8 a 14)*

“Quanto a manifestação espírita, isto é, quanto à aparição do anjo, ou Espírito enviado, aos pastores e quanto às palavras que lhes dirigiu, a mediunidade explica como puderam eles ver e ouvir. Foram médiuns videntes e audientes. [...]

O grande troço da milícia celeste não era mais do que uma multidão de bons Espíritos prepostos à manifestação espírita. Por efeito da mediunidade vidente e audiente, os pastores os viram e escutaram estas palavras que conheceis pela designação de cânticos dos anjos e que, depois de terem atravessado os séculos, ainda hão de ecoar pelos séculos vindouros: “Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade”. (Tomo I, item 33)

*“Por estas palavras do v. 15: “Logo que os anjos se retiraram para o céu” se deve entender: Logo que os bons Espíritos se afastaram no espaço e deixaram de ser visíveis aos pastores”?*

“Sim, porém há uma explicação mais exata e mais precisa: logo que cessou o estado de êxtase em que se achavam os pastores, logo que, voltando à opressão da carne, eles deixaram de ver”. (Tomo I, item 37)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

(Continuação da pág. 162)

100. 11ª Poderá aquele a quem um Espírito apareça travar com ele conversação?

“Perfeitamente e é mesmo o que se deve fazer em tal caso, perguntando ao Espírito quem ele é, o que deseja e em que se lhe pode ser útil. Se se tratar de um Espírito infeliz e sofredor, a comiseração que se lhe testemunhar o aliviará. Se for um Espírito bondoso, pode acontecer que traga a intenção de dar bons conselhos.”

a) Como pode o Espírito, nesse caso, responder?

“Algumas vezes o faz por meio de sons articulados, como o faria uma pessoa viva. Na maioria dos casos, porém, pela transmissão dos pensamentos.”

12ª Os Espíritos que aparecem com asas têm-nas realmente, ou essas asas são apenas uma aparência simbólica?

“Os Espíritos não têm asas, nem de tal coisa precisam, visto que podem ir a toda parte como Espíritos. Aparecem da maneira por que precisam impressionar a pessoa a quem se mostram. Assim é que uns aparecerão em trajes comuns, outros envoltos em amplas roupagens, alguns com asas, como atributo da categoria espiritual a que pertencem.”[...]

21ª Como pode o Espírito fazer-se visível?

“O princípio é o mesmo de todas as manifestações, reside nas propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações, ao sabor do Espírito.”

(Cont. na pág. 166)

## OS QUATRO EVANGELHOS

### *Aparição do Anjo a Zacarias e sua mudez*

*“Um anjo do Senhor apareceu a Zacarias, conservando-se de pé à direita do altar dos perfumes. Vendo-o, Zacarias ficou todo perturbado e o pavor se apoderou dele. Mas o anjo lhe disse: “Não tenhas medo, Zacarias, porquanto a tua súplica foi ouvida e Isabel, tua esposa, terá um filho ao qual darás o nome de João”. (LC., Cap. I, vv. 11 a 13)*

“Zacarias era, inconscientemente, médium, como bem o compreendeis: vidente, intuitivo pela consciência que tinha da sua visão, e audiente. Assim se explica que tenha visto o Espírito e lhe haja falado”. (Tomo I, item 02)

*“A aparição do anjo a Zacarias (v. 11) se produziu tal como os Hebreus a figuravam, sob forma humana?”*

“Sim, os Hebreus representavam os anjos vestidos de branco, com o semblante nimbado de raios luminosos, cujo foco não percebiam e, por vezes, lhes punham asas para que o povo compreendesse que podiam percorrer o espaço. Quanto às aparições que se tem dado em outras épocas e no seio de outros povos, todas se produziram sempre nas mesmas condições, isto é, o Espírito tomou sempre a aparência mais apropriada a ferir a imaginação do homem, ou a lhe lembrar aquela que ele desejara ter diante da vista”. (Tomo I, item 10)

Aparição de Jesus aos 02 discípulos que iam para Emaús

*“No mesmo dia, iam dois deles a caminho de uma aldeia chamada Emaús”. (LC., Cap. XXIV, vv.13)*

“Os dois discípulos, que eram, inconscientemente, médiuns, não só videntes, mas também audientes, receberam a impressão das palavras de Jesus e acreditaram que as tinham escutado, como sucede quando supondes que alguém vos falou enquanto dormíeis[...] (Tomo III, item 308)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

(Continuação da pág. 164)

100. 22ª Pode o Espírito propriamente dito fazer-se visível, ou só o pode com o auxílio do perispírito?

“No estado material em que vos achais, só com o auxílio de seus invólucros semimateriais podem os Espíritos manifestar-se. Esse invólucro é o intermediário por meio do qual eles atuam sobre os vossos sentidos. Sob esse envoltório é que aparecem, às vezes, com uma forma humana, ou com outra qualquer, seja nos sonhos, seja no estado de vigília, assim em plena luz, como na obscuridade.”

23ª Poder-se-á dizer que é pela condensação do fluido do perispírito que o Espírito se torna visível?

“Condensação não é o termo. Essa palavra apenas pode ser usada para estabelecer uma comparação, que vos faculta compreender o fenômeno, porquanto não há realmente condensação. Pela combinação dos fluidos, o perispírito toma uma disposição especial, sem analogia para vós outros, disposição que o torna perceptível.”

(Cont. na pág. 168)

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Visita de Madalena e outras mulheres ao sepulcro

*“Passada aquela semana, ao raiar do primeiro dia da semana seguinte, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. — Houve de súbito um grande terremoto, pois que um anjo do Senhor desceu do céu, removeu a pedra posta à entrada do sepulcro e se sentou sobre ela. Seu semblante tinha o brilho dum relâmpago e suas vestes eram brancas como a neve. [...] Dirigindo-se às mulheres, disse o anjo: Vós outras nada temais, porquanto sei que procurais a Jesus, que foi crucificado, [...] Elas partiram apressadamente do sepulcro, amedrontadas, mas ao mesmo tempo cheias de contentamento e correram a dar a notícia aos discípulos. E eis que Jesus lhes surgiu diante e disse: Salve! Elas se aproximaram dele, abraçaram-se-lhe aos pés e o adoraram. (MT., Cap. XXVIII, vv. 1 a 3, 5 e 8 e 9)*

*“Tendo dito isso, voltou-se para trás e viu a Jesus de pé, mas sem saber que era ele. Perguntou-lhe então Jesus: Mulher, por que choras? a quem procuras? Ela, julgando que fosse o jardineiro, lhe disse: Senhor, se foste tu que o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o levarei. Jesus lhe disse: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse: Raboni, que quer dizer, Mestre. Disse-lhe Jesus: Não me toques, porque ainda não subi a meu Pai, [...]}.” (JO., Cap. XX, vv.14 a 18)*

“As aparições dos anjos ou Espíritos a Maria Madalena [...] foram simples aparições visíveis e audíveis. Foram audíveis no sentido de que as mulheres desempenharam a função de médiuns videntes e audientes, a fim de escutarem o que, pelos Espíritos, lhes fosse dito ou comunicado em cada uma daquelas aparições. [...]

A primeira aparição de Jesus a Maria Madalena foi simplesmente visível e audível, mas não tangível. Maria não reconheceu de pronto a Jesus, porque este, no primeiro momento, não se lhe apresentou com o aspecto sob que ela até então o vira. Ele usara, para lhe falar, de uma voz que lhe era desconhecida. Em seguida, retomou a que Maria tantas vezes escutara e que, impressionando-a, a fez voltar-se de novo. Então o Mestre lhe mostrou o semblante que tinha habitualmente. Proibiu-lhe que o tocasse, porque só teria encontrado o vácuo, porquanto a aparência humana que diante dela estava era impalpável para o homem. (Cont. na pág. 169)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

(Cont. da pág. 166)

100. 24ª Os Espíritos que aparecem são sempre inapreensíveis e imperceptíveis ao tato?

“Em seu estado normal, são inapreensíveis, como num sonho. Entretanto, podem tornar-se capazes de produzir impressão ao tato, de deixar vestígios de sua presença e até, em certos casos, de tornar-se momentaneamente tangíveis, o que prova haver matéria entre vós e eles.”

(Cont. na pág. 170)



## OS QUATRO EVANGELHOS

(Cont. da pág. 167)

“Fenômenos são estes que se hão produzido em todos os tempos, de acordo com as leis da Natureza e que nada têm de surpreendentes. Os que já se iniciaram na ciência espírita sabem que mesmo os Espíritos inferiores os podem produzir, tornando-se visíveis e audíveis a pessoas dotadas das faculdades mediúnicas de vidência e de audiência. Maria Madalena, já o dissemos, possuía essas faculdades.

Sua segunda aparição às mulheres, aparição que a anterior a Maria Madalena preparara, foi uma aparição visível e tangível e ainda audível. Jesus se lhes apresentou visível e tangível, tal qual elas o haviam conhecido, com a aparência da corporeidade humana, vestido como sempre o viram. Do mesmo modo que as aparências de pedra, de granizo e neve, de chuva, de quaisquer outras coisas da mesma natureza têm para os médiuns o valor material do objeto ou do corpo representado, também o Espírito que, quando se torna tangível em condições materiais, toma a aparência de uma criatura humana vestida, aparência necessária a lhe comprovar a identidade, dá às suas vestes o aspecto e a consistência da própria matéria, como faz com o corpo. Combinar os fluidos para que apresentem a forma e a cor dos estofos humanos não é mais difícil do que combinar os que constituem o corpo. [...]

A ciência espírita vos explica os fenômenos de aparição que o Mestre operou naqueles dois casos sucessivos. Não é certo que até os Espíritos inferiores os podem produzir? Como pretender-se que não os pudesse operar Jesus [...] ? [...]

Foi assim que se deu, “pela manhã”, a “reaparição” de Jesus, chamada “ressurreição”. Também foi assim que se deram as suas aparições sucessivas, umas mediunicamente audíveis e visíveis, ou apenas visíveis e tangíveis; outras visíveis e tangíveis para todos, semelhantes às que ele operara anteriormente, quando desempenhava a sua missão terrena, quando, entre os apóstolos, os discípulos e a multidão, aparentemente vivia a vida humana”. (Tomo III, item 307)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

(Continuação da pág. 168)

100. 25ª Toda gente tem aptidão para ver os Espíritos?

“Durante o sono, todos têm; em estado de vigília, não. Durante o sono, a alma vê sem intermediário; no estado de vigília, acha-se sempre mais ou menos influenciada pelos órgãos. Daí vem não serem totalmente idênticas as condições nos dois casos.”

26ª De que depende, para o homem, a faculdade de ver os Espíritos, em estado de vigília?

“Depende da organização física. Reside na maior ou menor facilidade que tem o fluido do vidente para se combinar com o do Espírito. Assim, não basta que o Espírito queira mostrar-se, é preciso também que encontre a necessária aptidão na pessoa a quem deseje fazer-se visível.”

a) Pode essa faculdade desenvolver-se pelo exercício?

“Pode, como todas as outras faculdades; mas, pertence ao número daquelas com relação às quais é melhor que se espere o desenvolvimento natural, do que provocá-lo, para não sobreexcitar a imaginação. A de ver os Espíritos, em geral e permanentemente, constitui uma faculdade excepcional e não está nas condições normais do homem.”

27ª Pode-se provocar a aparição dos Espíritos?

“Isso algumas vezes é possível, porém, muito raramente. A aparição é quase sempre espontânea. Para que alguém veja os Espíritos, precisa ser dotado de uma faculdade especial.”

(Cont. na pág. 172)

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Jesus no Getsêmani

*“Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; entretanto, faça-se não a minha vontade, mas a tua. — Apareceu-lhe então um anjo do céu a confortá-lo. Ele, presa de agonia, com mais instância orava”. (LC., Cap. XXII, vv.42 e 43)*

“Jesus se fez acompanhar dos três discípulos que já levava consigo ao Tabor para a transfiguração e a aparição de Elias e Moisés. Eram eles Pedro, Tiago e João. Chamou-os novamente por serem [...] os que apresentavam disposições físicas mais favoráveis a se tornarem mediunicamente aptos à manifestação espírita que se ia produzir com especialidade à aparição do anjo. [...]

A aparição do anjo tinha que ser e foi visível para os três discípulos, por efeito da mediunidade de vidência que eles possuíam. Para todos não teria sido visível. Essa a razão por que Jesus levou consigo apenas Pedro, Tiago e João, que eram os mais aptos a ver”. (Tomo III, item 290)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

(Continuação da pág. 170)

100. 28ª Podem os Espíritos tomar-se visíveis sob outra aparência que não a da forma humana?

“A humana é a forma normal. O Espírito pode variar-lhe a aparência, mas sempre com o tipo humano.”

a) Não podem manifestar-se sob a forma de chama?

“Podem produzir chamas, clarões, como todos os outros efeitos, para atestar sua presença; mas, não são os próprios Espíritos que assim aparecem. A chama não passa muitas vezes de uma miragem, ou de uma emanção do perispírito. Em todo caso, nunca é mais do que uma parcela deste. O perispírito não se mostra integralmente nas visões.” [...]

(Cont. na pág. 174)

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Adoração dos Magos

*“Tendo Jesus nascido em Belém de Judá, ao tempo do rei Herodes, eis que do Oriente vieram alguns magos a Jerusalém, dizendo: “Onde está aquele que nasceu rei dos Judeus? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo”. (MT., Cap. II, vv.1 a 12)*

“(,,) A luz que, sob a forma de estrela, cintilava aos olhos dos magos nada tinha de comum com os astros que povoam a imensidade. Não pode o anjo de guarda mostrar-se ao homem sob a forma luminosa que julgue conveniente? [...]

Vós espíritas deveis compreender que o perispírito, sobretudo o de um Espírito superior, pode tornar-se luminoso para olhos humanos, mediante uma agregação, uma condensação de fluidos e uma modificação que lhes dê forma estelar. O que os magos viram não era uma estrela. Tudo na imensidade está submetido à lei da harmonia universal: portanto, uma estrela, o que quer dizer - um mundo, não se afastaria do centro de gravitação que lhe fora imposto, para vagamundear pelo espaço, como lanterna em mãos de um guia.

[...] a “estrela” de que se trata não era, repetimo-lo, um dos mundos que povoam o firmamento e sim, como acabamos de explicar, uma concentração de fluidos luminosos, sob o aspecto de estrela brilhante, cuja claridade se modificava de modo a poderem os magos, médiuns videntes, distinguir-lhe a luz. Era efeito de óptica produzido para lhes fazer cintilar à vista, como as estrelas em noite límpida, um clarão movediço”. (Tomo I, item 43)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

(Continuação da pág. 172)

100. 30ª Poderiam os Espíritos apresentar-se sob a forma de animais?

“Isso pode dar-se; mas somente Espíritos muito inferiores tomam essas aparências. Em caso algum, porém, será mais do que uma aparência momentânea. Fora absurdo acreditar-se que um qualquer animal verdadeiro pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais e nada mais do que isto.”

(Cont. na pág. 176)

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Batismo de Jesus

*“Uma vez batizado, Jesus logo saiu da água e eis que os céus se abriram e ele viu descer sobre si o Espírito de Deus em forma de uma pomba”. (MT. Cap.III, v.16)*

“O Espírito, como sabeis, pode, com o auxílio do seu perispírito, tomar todas as aparências, todas as formas. [...] O Espírito superior encarregado da manifestação [...] tomou a forma capaz de mais fortemente impressionar as inteligências, no momento mesmo em que a manifestação se produziu, e de as impressionar ainda depois de cumprida aquela missão”. (Tomo I, item 54)

### Legião de Maus Espíritos Expulsos

*“E os demônios suplicaram a Jesus: Se nos expulsares daqui, manda-nos para aqueles porcos”. (MT., Cap.VIII, vv.31)*

Logo que Jesus lhes concedeu a permissão pedida, eles se acercaram dos porcos, os espantaram por meio de uma aparição só visível para os mesmos porcos e os impeliram na direção do lago, a fim de que aí se precipitassem, perseguindo-os com aquela aparição, que revestia uma forma e fazia gestos e ameaças de natureza a os aterrorizar.

Para lhes infundir esse terror, os Espíritos impuros não se serviram da forma humana. O Espírito, como sabeis, pode tomar a forma, a aparência que julgue necessária à obtenção do resultado que deseje. Para causar terror, muitas vezes o Espírito inferior reveste a forma, a aparência de um animal perigoso e inimigo do que ele quer amedrontar. Foi o que se deu com os que assombraram os porcos e os fizeram precipitar-se no lago”.(Tomo II, item 120)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

Ensaio teórico sobre as aparições

101. As manifestações aparentes mais comuns se dão durante o sono, por meio dos sonhos: são as visões. Os limites deste estudo não comportam o exame de todas as particularidades que os sonhos podem apresentar. Resumiremos tudo, dizendo que eles podem ser: uma visão atual das coisas presentes, ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. Também muitas vezes são quadros alegóricos que os Espíritos nos põem sob as vistas, para dar-nos úteis avisos e salutares conselhos, se se trata de Espíritos bons; para induzir-nos em erro e nos lisonjear as paixões, se são Espíritos imperfeitos os que no-lo apresentam. A teoria que se segue aplica-se aos sonhos, como a todos os outros casos de aparições. (Veja-se: O Livro dos Espíritos, ns. 400 e seguintes.) Temos para nós que faríamos uma injúria aos nossos leitores, se nos propuséssemos a demonstrar o que há de absurdo e ridículo no que vulgarmente se chama a interpretação dos sonhos.



## OS QUATRO EVANGELHOS

### Sonho de José

*“um anjo do Senhor lhe apareceu em sonho e disse: “José, filho de David, não receies receber Maria por tua esposa, porquanto o que nela se gerou foi formado pelo Espírito Santo”. (MT., Cap. I, v.20)*

“Durante o sono, o Espírito muitas vezes se desprende bastante da matéria para poder juntar-se, no espaço, aos amigos, que o cercam. [...] essas relações se estabelecem, mas geralmente com Espíritos que guardam paridade com os vossos. Por vezes, contudo, Espíritos mais elevados vêm a vós, para vos instruir [...] Toda comunicação obtida durante o sono deve ser classificada entre os sonhos, com a diferença, porém, de que os sonhos ordinários provem geralmente de recordações, ou da luta da matéria com o Espírito, ao passo que os sonhos da natureza do de José são revelações. [...] Quando o desprendimento foi completo, a lembrança só se verifica em casos excepcionais e nesses casos há, por ocasião do despertar, uma ação espírita que, mediante a inspiração, renova a impressão recebida, a lembrança.” (Tomo I, item 30)

Fuga / Retorno do Egito (MT., Cap. II, vv.13 a 18 e 19 a 23) “Foi em consequência do aviso que lhe dera em sonho o anjo do Senhor [...] que José partiu para o Egito” (Tomo I, item 45) [...] “Aconselhado, então, pelo anjo, que lhe apareceu de novo em sonho, retirou-se para Nazaré, na Galiléia”. (Tomo I, item 46)

### Jesus diante de Pilatos (Sonho de Cláudia)

*“Quando ele se achava sentado no tribunal, sua esposa lhe mandou dizer: Não te envolvas no caso deste justo, pois que hoje, em sonho, estranhamente atormentada fui por sua causa”. (Mt., Cap. XXVII, vv.19)*

“O que ela tomara por um sonho [...] fora uma manifestação, um aviso espírita, que se produziram achando-se ela, não a dormir, [...], mas num estado de torpor magnetoespírita. Como sabeis, pelo que toca ao desprendimento do Espírito, diversos graus apresenta o sono sonambúlico causado pelo magnetismo humano. O mesmo [...] resulta da ação [...] espiritual. Este, como aquele, quando ocasiona um desprendimento incompleto, produz apenas a lucidez, levando ao êxtase quando determina a emancipação completa da alma”.(Tomo III,item 295)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

102. As aparições propriamente ditas se dão quando o vidente se acha em estado de vigília e no gozo da plena e inteira liberdade das suas faculdades. Apresentam-se, em geral, sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa. A princípio é, quase sempre, uma claridade esbranquiçada, cujos contornos pouco a pouco se vão desenhando. Doutras vezes, as formas se mostram nitidamente acentuadas, distinguindo-se os menores traços da fisionomia, a ponto de se tornar possível fazer-se da aparição uma descrição completa. Os ademanes, o aspecto, são semelhantes aos que tinha o Espírito quando vivo. Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo. Assim, embora como Espírito nenhum defeito corpóreo tenha, ele se mostrará estropiado, coxo, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário à prova da sua identidade. Esopo, por exemplo, como Espírito, não é disforme; porém, se o evocarem como Esopo, ainda que muitas existências tenha tido depois da em que assim se chamou, ele aparecerá feio e corcunda, com os seus trajes tradicionais. Coisa interessante é que, salvo em circunstâncias especiais, as partes menos acentuadas são os membros inferiores, enquanto que a cabeça, o tronco, os braços e as mãos são sempre claramente desenhados. Daí vem que quase nunca são vistos a andar, mas a deslizar como sombras. Quanto às vestes, compõem-se ordinariamente de um amontoado de pano, terminando em longo pregueado flutuante. Com uma cabeleira ondulante e graciosa se apresentam os Espíritos que nada conservam das coisas terrenas. Os Espíritos vulgares, porém, os que aqui conhecemos aparecem com os trajes que usavam no último período de sua existência. Frequentemente, mostram atributos característicos da elevação que alcançaram, como uma auréola, ou asas, os que possam ser tidos por anjos, ao passo que outros trazem os sinais indicativos de suas ocupações terrenas. Assim, um guerreiro aparecerá com a sua armadura, um sábio com livros, um assassino com um punhal, etc. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

Aparição de Jesus aos 2 discípulos que iam para Emaús

*“No mesmo dia, iam dois deles a caminho de uma aldeia chamada Emaús [...]. Aconteceu que, indo os dois assim a conversar e discutir, Jesus se aproximou deles e os foi acompanhando. Mas os olhos de ambos foram como que fechados, a fim de o não poderem reconhecer. [...] Ao aproximarem-se da aldeia para onde se dirigiam, deu ele a perceber que ia para mais longe. Os dois, porém, o constrangeram a parar ali, dizendo: Fica conosco, pois que é tarde, o dia já vai declinando. Jesus entrou com eles. Estando os três à mesa, Jesus tomou do pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu. Nesse momento os olhos se lhes abriram e ambos o reconheceram. Logo, porém, ele desapareceu de suas vistas”. (LC., Cap. XXIV, vv. 13, 15 e 16 e 28 a 31)*

“A aparição de Jesus aos dois discípulos, que eram inconscientemente médiuns videntes e audientes, foi visível, tangível e audível. De certo percebeis as fases dessa aparição e os meios pelos quais se produziu, assim como a desapareção do Mestre, da vista dos dois discípulos, quando com estes se achava à mesa.

A ciência espírita vos faculta elementos para tudo compreenderdes e explicardes a esse respeito.

Para o fim de aparecer aos dois discípulos e de caminhar ao lado deles pela estrada, Jesus tornou tangível o seu corpo fluídico, de natureza perispiritica.

Os olhos de ambos, diz o evangelista, foram como que fechados, a fim de não o poderem reconhecer. Quer isto dizer que Jesus se lhes apresentou com uma fisionomia diferente da que eles conheciam e estavam acostumados a ver. Só quando se achou à mesa na companhia dos dois, os olhos destes se abriram e eles o reconheceram. É que só nesse momento a figura habitual do Mestre se lhes mostrou, só então o Cristo se lhes apresentou como eles o conheciam e tinham sempre visto. [...]

Para ser reconhecido, no momento em que partia o pão, Jesus fez que cessasse a tangibilidade do seu corpo fluídico e deu a este os traços, a aparência humana que eram familiares aos dois discípulos e, restituindo-lhe, sob esse novo aspecto, a tangibilidade, partiu o pão.

Para lhes desaparecer das vistas, novamente fez que cessasse a tangibilidade do seu corpo de natureza perispiritica, e o tornou invisível[...].” (Tomo III, item 308)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

103. Dissemos que as aparições têm algo de vaporoso. Em certos casos, poder-se-ia compará-las à imagem que se reflete num espelho sem aço e que, não obstante a sua nitidez, não impede se vejam os objetos que lhe estão por detrás. Geralmente, é assim que os médiuns videntes as percebem. Eles as veem ir e vir, entrar num aposento, sair dele, andar por entre os vivos com ares, pelo menos se se trata de Espíritos comuns, de participarem ativamente de tudo o que os homens fazem ao derredor deles, de se interessarem por tudo isso, de ouvirem o que dizem os humanos. Com frequência são vistos a se aproximar de uma pessoa, a lhe insuflar ideias, a influenciá-la, a consolá-la, se pertencem à categoria dos bons, a escarne-cê-la, se são malignos, a se mostrar tristes ou satisfeitos com os resultados que logram. Numa palavra: constituem como que o forro do mundo corpóreo. Tal é esse mundo oculto que nos cerca, dentro do qual vivemos sem o percebermos, como vivemos, também sem darmos por isso, em meio das miríades de seres do mundo microscópico. O microscópio nos revelou o mundo dos infinitamente pequenos, de cuja existência não suspeitávamos; o Espiritismo, com o auxílio dos médiuns videntes, nos revelou o mundo dos Espíritos, que, por seu lado, também constitui uma das forças ativas da Natureza. Com o concurso dos médiuns videntes, possível nos foi estudar o mundo invisível, conhecer-lhe os costumes, como um povo de cegos poderia estudar o mundo visível com o auxílio de alguns homens que gozassem da faculdade de ver.

## OS QUATRO EVANGELHOS

Novas e Sucessivas Aparições de Jesus aos Discípulos

*“Partiram, pois, os onze discípulos para o monte da Galiléia, onde Jesus lhes determinara que se achassem. — E, vendo-o lá, eles o adoraram”. (MT., Cap. XXVIII, vv. 16 e 17)*

*“Depois do que, levou-os fora dali a Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou. E sucedeu que, enquanto os abençoava, se afastou deles e se elevou ao céu”. (LC., Cap. XXIV, vv. 50 e 51)*

“Jesus se elevou na imensidade do espaço, privando o seu corpo fluídico da tangibilidade, mas conservando-o sempre visível. Quando desapareceu na nuvem que, sob a ação espírita, se formara de fluidos opacos e que o ocultou às vistas dos que presenciavam o fato, ele restituiu às regiões donde os tirara os fluidos que eram os elementos, os princípios componentes daquele corpo de natureza perispirítica, visível e tangível sob a aparência do corpo humano”. (Tomo III, item 310)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

104. O Espírito, que quer ou pode fazer-se visível, reveste às vezes uma forma ainda mais precisa, com todas as aparências de um corpo sólido, ao ponto de causar completa ilusão e dar a crer, aos que observam a aparição, que têm diante de si um ser corpóreo. Em alguns casos, finalmente, e sob o império de certas circunstâncias, a tangibilidade se pode tornar real, isto é, possível se torna ao observador tocar, palpar, sentir, na aparição, a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, o que não impede que a tangibilidade se desvaneça com a rapidez do relâmpago. Nesses casos, já não é somente com o olhar que se nota a presença do Espírito, mas também pelo sentido tátil. Dado se possa atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição simplesmente visual, o mesmo já não ocorre quando se consegue segurá-la, palpá-la, quando ela própria segura o observador e o abraça, circunstâncias em que nenhuma dúvida mais é lícita. Os fatos de aparições tangíveis são os mais raros; porém, os que se têm dado nestes últimos tempos, pela influência de alguns médiuns de grande poder e absolutamente autenticados por testemunhos irrecusáveis, provam e explicam o que a história refere acerca de pessoas que, depois de mortas, se mostraram com todas as aparências da realidade. Todavia, conforme já dissemos, por mais extraordinários que sejam, tais fenômenos perdem inteiramente todo caráter de maravilhosos, quando conhecida a maneira por que se produzem e quando se compreende que, longe de constituírem uma derrogação das leis da Natureza, são apenas efeito de uma aplicação dessas leis.

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Aparição de Jesus a Tomé

*“Oito dias depois, achando-se de novo os discípulos no mesmo lugar e Tomé com eles, veio Jesus, estando fechadas as portas, pôs-se no meio deles e lhes disse: A paz seja convosco. Disse em seguida a Tomé: Mete aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega aqui a tua mão e mete-a no meu lado, e não sejas incrédulo, mas fiel. Respondeu Tomé: Meu Senhor e meu Deus! Disse-lhe Jesus: Tu creste, Tomé, porque me viste; bem-aventurados os que não viram e creram”. (JO., Cap. XX, vv. 26 a 29)*

“Do mesmo modo que os outros discípulos, Tomé não conhecia a tangibilidade, sua existência, sua causa e seus efeitos.

Só se convenceu, vendo o Mestre aparecer no meio deles, em o lugar onde se encontravam reunidos a portas fechadas, e dar-lhe as provas que ele reclamara para acreditar que seus irmãos em Deus o tinham visto, para crer na sua “ressurreição”. (Tomo IV, item 68)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

105. Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível e tem isto de comum com uma imensidade de fluidos que sabemos existir, sem que, entretanto, jamais os tenhamos visto. Mas, também, do mesmo modo que alguns desses fluidos, pode ele sofrer modificações que o tornem perceptível à vista, quer por meio de uma espécie de condensação, quer por meio de uma mudança na disposição de suas moléculas. Aparece-nos então sob uma forma vaporosa. A condensação (preciso é que não se tome esta palavra na sua significação literal; empregamo-la apenas por falta de outra e a título de comparação), a condensação, dizemos, pode ser tal que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível, conservando, porém, a possibilidade de retomar instantaneamente seu estado etéreo e invisível. Podemos apreender esse efeito, atentando no vapor, que passa do de invisibilidade ao estado brumoso, depois ao estado líquido, em seguida ao sólido e vice-versa. Esses diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior, como se dá com os nossos gases. Quando o Espírito nos aparece, é que pôs o seu perispírito no estado próprio a torná-lo visível. Mas, para isso, não basta a sua vontade, porquanto a modificação do perispírito se opera mediante sua combinação com o fluido peculiar ao médium. Ora, esta combinação nem sempre é possível, o que explica não ser generalizada a visibilidade dos Espíritos. Assim, não basta que o Espírito queira mostrar-se; não basta tão pouco que uma pessoa queira vê-lo; é necessário que os dois fluidos possam combinar-se, que entre eles haja uma espécie de afinidade e também, porventura, que a emissão do fluido da pessoa seja suficientemente abundante para operar a transformação do perispírito e, provavelmente, que se verifiquem ainda outras condições que desconhecemos. É necessário, enfim, que o Espírito tenha a permissão de se fazer visível a tal pessoa, o que nem sempre lhe é concedido, ou só o é em certas circunstâncias, por motivos que não podemos apreciar.



## OS QUATRO EVANGELHOS

Aparição de Jesus à margem do Tiberíades

*“Jesus tornou a mostrar-se depois a seus discípulos às bordas do mar de Tiberíades”. (JO., Cap. XXI, vv.1)*

Jesus [...] se manifestou a seus discípulos sob uma aparência humana que lhes não permitiu a princípio conhecer que era ele. [...] Só no momento em que tomou do pão e do peixe e os distribuiu com eles foi que Jesus se lhes apresentou com a figura que lhes era familiar e que eles o reconheceram, ouvindo, depois de terem jantado, aquela voz que tanto conheciam, quando o Mestre falou a Pedro”. (Tomo IV, item 69)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VI  
DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS

106. Outra propriedade do perispírito inerente à sua natureza etérea é a penetrabilidade. Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo: ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Daí vem não haver tapagem capaz de obstar à entrada dos Espíritos. Eles visitam o prisioneiro no seu calabouço, com a mesma facilidade com que visitam uma pessoa que esteja em pleno campo.

107. Não são raras, nem constituem novidades as aparições no estado de vigília. Elas se produziram em todos os tempos. A história as registra em grande número. Não precisamos, porém, remontar ao passado, tão frequentes são nos dias de hoje e muitas pessoas há que as têm visto e que as tomaram, no primeiro momento, pelo que se convencionou chamar alucinações. São frequentes, sobretudo, nos casos de morte de pessoas ausentes, que vêm visitar seus parentes ou amigos. Muitas vezes, as aparições não trazem um fim muito determinado, mas pode dizer-se que, em geral, os Espíritos que assim aparecem são atraídos pela simpatia. Interrogue cada um as suas recordações e poucos serão os que não conheçam alguns fatos desse gênero, cuja autenticidade não se poderia pôr em dúvida.

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Aparição de Jesus aos Apóstolos

*“Quando ainda falavam desses fatos, Jesus se apresentou no meio deles e lhes disse: A paz seja convosco; sou eu; não temais. Eles, porém, espantados e perturbados, imaginaram estar vendo um Espírito. Disse-lhes então Jesus: Porque vos turbais e se levantam tantas dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés e reconhecei que sou eu mesmo; apalpai-me e lembrai-vos de que um Espírito não tem carne, nem ossos, como vedes que tenho. E, dizendo isso, lhes mostrou as mãos e os pés. Como, todavia, ainda não acreditassem, tantos eram neles a alegria e o espanto, Jesus lhes perguntou: Tendes aqui alguma coisa que se possa comer? Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado e um favo de mel. Ele comeu diante de todos e, pegando do que sobrara, lhes deu” (LC., Cap. XXIV, vv. 36 a 43)*

“Chamamos a vossa atenção para dois pontos. “Jesus se apresentou no meio dos discípulos, estando eles reunidos, no lugar onde se achavam, a portas fechadas, de medo dos Judeus”. Quer isso dizer que ali entrou, penetrou, se introduziu com o seu corpo fluídico, tal qual sucede nos casos de aparições de Espíritos quaisquer, e que, instantaneamente, no momento mesmo em que se tornava visível a todos, deu ao seu corpo aparente a tangibilidade.

[...]

Os discípulos ignoravam a existência da tangibilidade e as suas causas, mas tinham conhecimento das aparições de Espíritos.

Na ocasião em que Jesus se lhes apresentou daquele modo, ainda estavam sob a impressão do que tinham ouvido acerca das aparições a Pedro e aos dois que iam para Emaús, das aparições a Maria Madalena e às outras mulheres. Assim sendo, ao verem o Mestre surgir de súbito no meio deles, estando fechadas as portas, ficaram perturbados e tomados de assombro. Cada um mentalmente perguntava a si mesmo se seria de fato Jesus “ressuscitado”, ou, se, ao contrário, seria a aparição de um Espírito qualquer, excluída toda idéia de ressurreição. Dada a perturbação em que se achavam, esta última hipótese era a que predominava em seus Espíritos”. (Tomo III, item 309)\*

---

\* Vide a respeito desta passagem também o item 67 do Tomo IV

## **SAIBA MAIS - MANIFESTAÇÕES VISUAIS**

### **Entrada de Jesus em Jerusalém**

*“Ide a essa aldeia que vos está defronte e lá encontrareis amarrada uma jumenta com o seu jumentinho; desamarrai-a e trazei-mos”. (MT., Cap. XXI, vv.2)*

“Para vós, que sofreis a encarnação material, qual ela é atualmente para a humanidade terrena, isso ( a visão a distância) só se pode dar pela influência mediúmica dos vossos guias. E assim será até ao momento em que a matéria se torne bastante sutil para que o Espírito lhe possa vencer os entraves”. (Tomo III, item 247)

### **Filipe e Natanael**

*“Jesus, vendo aproximar-se Natanael, disse, referindo-se a este: Eis aqui um verdadeiro Israelita, em que não há dolo. Natanael lhe perguntou: Donde me conheces? Respondeu Jesus: Antes que Filipe te chamasse, eu te vi quando estavas debaixo da figueira. Natanael exclamou: Mestre, tu és o filho de Deus, tu és o rei de Israel. (JO., Cap. I, vv. 47 a 49)*

“Natanael creu por o ter visto Jesus numa ocasião em que ele se achava fora do alcance dos olhares humanos. Embora dotado do que se chama segunda vista, qualquer encarnado, para ver, tem necessidade de ser assistido. Preciso se faz que seus guias o auxiliem, colocando-o sob a influência de uma magnetização espiritual, que nem sempre produz o sono, mas que desenvolve as faculdades”. (Tomo IV, item 5)

## SAIBA MAIS - MANIFESTAÇÕES VISUAIS

### **Negativa de Pedro**

*“Uma criada, que o viu sentado ao lume, o encarou e disse: Este também estava com aquele homem. Mas Pedro o negou, dizendo: Mulher, não o conheço. Daí a pouco, um outro, vendo-o, disse: Tu também és daqueles. Respondeu Pedro: Homem, não sou. Cerca de uma hora depois, outro afirmava: Certamente este andava com ele, pois que também é galileu. Pedro respondeu: Homem, não sei o que dizes. Ato contínuo, estando ele ainda a falar, cantou o galo. O Senhor então, voltando-se, olhou para Pedro e este se lembrou do que o Senhor lhe dissera: Antes que o galo cante, tu três vezes me negarás. Dali saindo, Pedro chorou amargamente”. (LC., Cap. XXII, vv. 56 a 62)*

“No momento em que o galo cantou, Jesus não estava perto de Pedro. Mas, naquele instante, Pedro sentiu uma impressão fluídica que, por efeito de mediunidade, a que podereis dar o qualificativo de “mental”, lhe recordou as palavras de Jesus, fazendo-o ao mesmo tempo ver o semblante doce e calmo do Mestre, que se limitava a lhe dirigir um olhar triste, quando com a ingratidão era pago da afeição que lhe testemunhara. Na ocasião em que Pedro o negava e cantava o galo, fato que predissera, Jesus, para que ele não deixasse passar despercebido esse momento, se voltou para o ponto em que o apóstolo se achava, com a vontade de que este se lembrasse e o visse. Houve, da parte de Jesus, ação magnética a distância, ação cujos efeitos observais entre vós, mas em grau muito inferior, e houve da parte de Pedro vidência”. (Tomo III, item 293)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO VII**  
Da Bicorporiedade  
e da Transfiguração

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VII  
DA BICORPOREIDADE E DA TRANSFIGURAÇÃO

Aparições dos Espíritos de pessoas vivas. - Homens duplos. - Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua. - Vespasiano. - Transfiguração. - Invisibilidade.

[...]

122. Passemos ao segundo fenômeno, o da transfiguração. Consiste na mudança do aspecto de um corpo vivo. Aqui está um fato dessa natureza cuja perfeita autenticidade podemos garantir, ocorrido durante os anos de 1858 e 1859, nos arredores de Saint-Etienne. Uma mocinha, de mais ou menos quinze anos, gozava da singular faculdade de se transfigurar, isto é, de tomar, em dados momentos, todas as aparências de certas pessoas mortas. Tão completa era a ilusão, que os que assistiam ao fenômeno julgavam ter diante de si a própria pessoa, cuja aparência ela tomava, tal a semelhança dos traços fisionômicos, do olhar, do som da voz e, até, da maneira particular de falar. Esse fenômeno se repetiu centenas de vezes sem que a vontade da mocinha ali interferisse. Tomou, em várias ocasiões, a aparência de seu irmão, que morrera alguns anos antes. Reproduzia-lhe não somente o semblante, mas também o porte e a corpulência. Um médico do lugar, testemunha que fora, muitas vezes, desses estranhos efeitos, querendo certificar-se de que não havia naquilo ilusionismo, fez a experiência que vamos relatar. Conhecemos os fatos, pelo que nos referiram ele próprio, o pai da moça e diversas outras testemunhas oculares, muito honradas e dignas de crédito. Veio a esse médico a idéia de pesar a moça no seu estado normal e de fazer-lhe o mesmo no de transfiguração, quando apresentava a aparência do irmão, que contava, ao morrer, vinte e tantos anos, e era mais alto do que ela e de compleição mais forte. Pois bem! verificou que, no segundo estado, o peso da moça era quase duplo do seu peso normal. Concludente se mostra a experiência, tornando impossível atribuir-se aquela aparência a uma simples ilusão de ótica. Tentemos explicar esse fato, que noutra tempo teria sido qualificado de milagre e a que hoje chamamos muito simplesmente fenômeno.



## OS QUATRO EVANGELHOS

### Transfiguração

*“Seis dias depois, Jesus chamou a Pedro, a Tiago e a João irmão de Tiago e, afastando-se com eles, os conduziu a um monte elevado. E se transfigurou diante deles; seu rosto resplandeceu como o sol, suas vestes se tornaram como a neve”. (MT., Cap. XVII, vv. 1 e 2)*

[...] A manifestação que se produziu no monte, em presença de Pedro, Tiago e João foi uma estupenda manifestação espírita. [...] Jesus chamou e levou consigo Pedro, Tiago e João, porque, de todos os apóstolos, eram os que apresentavam disposições físicas mais favoráveis a torná-los aptos, mediunicamente, à manifestação espírita que se ia produzir [...]. A fim de operar a transfiguração, Jesus, por ato da sua poderosa vontade, atraiu a si os fluidos apropriados à produção dos efeitos que os três discípulos deviam ver. [...] Quanto ao brilho luminoso e à névea alvura que as suas vestes tomaram, [...] não sabeis que quanto mais elevado é o Espírito, mais luminoso parece às vistas humanas?”

Também no seio da vossa humanidade se pode produzir, como sabeis, o fenômeno da transfiguração. Esta, todavia, nenhuma relação tem com a que Jesus [...] realizou e que só os Espíritos elevados podem igualmente realizar. [...] Só nos resta agora explicar-vos o fenômeno da transfiguração do ser humano.

O homem por si só não pode operar o fenômeno da transfiguração. Indispensável lhe é para isso o concurso de seus irmãos errantes.

A transfiguração se produz igualmente, ou pela vontade do encarnado, ou independente da sua vontade, a seu mau grado, tanto tendo ele consciência do fenômeno, como não a tendo. No primeiro caso, a vontade do encarnado obra atraindo a si os Espíritos cujo concurso lhe é necessário. Para consegui-lo, não precisa fazer evocação alguma. Basta-lhe a vontade de se transfigurar, desde que haja necessidade de que essa transfiguração se opere, isto é, desde que haja um fim sério a alcançar, para que os Espíritos que lhe são simpáticos o venham auxiliar.”

(Cont. na pág. 195)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VII  
DA BICORPOREIDADE E DA TRANSFIGURAÇÃO

123. A transfiguração, em certos casos, pode originar-se de uma simples contração muscular, capaz de dar à fisionomia expressão muito diferente da habitual, ao ponto de tornar quase irreconhecível a pessoa. Temo-lo observado frequentemente com alguns sonâmbulos; mas, nesse caso, a transformação não é radical. Uma mulher poderá parecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre uma mulher e, sobretudo, seu peso não aumentará, nem diminuirá. No fenômeno com que nos ocupamos, há mais alguma coisa. A teoria do perispírito nos vai esclarecer. Está, em princípio, admitido que o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências; que, mediante uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, conseqüentemente, a opacidade; que o perispírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, é passível das mesmas transformações; que essa mudança de estado se opera pela combinação dos fluidos. Figuremos agora o perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas irradiando-se em volta do corpo, de maneira a envolvê-lo numa espécie de vapor. Nesse estado, passível se torna das mesmas modificações de que o seria, se o corpo estivesse separado. Perdendo ele a sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível, ficar velado, como se mergulhado numa bruma. Poderá então o perispírito mudar de aspecto, fazer-se brilhante, se tal for a vontade do Espírito e se este dispuser de poder para tanto. Um outro Espírito, combinando seus fluidos com os do primeiro, poderá, a essa combinação de fluidos, imprimir a aparência que lhe é própria, de tal sorte, que o corpo real desapareça sob o envoltório fluídico exterior, cuja aparência pode variar à vontade do Espírito. Esta parece ser a verdadeira causa do estranho fenômeno e raro, cumpra se diga, da transfiguração. Quanto à diferença de peso, explica-se da mesma maneira por que se explica com relação aos corpos inertes. O peso intrínseco do corpo não variou, pois que não aumentou nele a quantidade de matéria. Sofreu, porém, a influência de um agente exterior,[...]. Provável é, portanto, que, se a transformação se produzir, tomando a pessoa o aspecto de uma criança, o peso diminua proporcionalmente.

## OS QUATRO EVANGELHOS

(Cont. da pág. 193) “Quando a transfiguração se verifica independentemente da vontade do encarnado, a seu mau grado, ele não passa de instrumento dos Espíritos que provocam o fenômeno, instrumento muitas vezes inconsciente, sobretudo se, por lhe ser estranha a ciência espírita, ignora as causas e os efeitos de tal manifestação.

Em geral, para a realização do fenômeno da transfiguração concorrem o perispírito do encarnado e o do Espírito, ou os dos Espíritos que produzem o fenômeno. [...] O Espírito que opera mistura o seu perispírito com o do encarnado e este, envolvido assim em fluidos perispiríticos combinados, toma a aparência que o primeiro lhe queira dar. Coberto de tais fluidos, que não lhe é dado ver nem sentir, mas que sobre ele se estendem formando uma espécie de campânula, o encarnado toma, para os que presenciavam o fenômeno, a aparência que o Espírito entenda de lhe dar [...]. [...]

Pelas combinações fluídicas de seu perispírito com o do encarnado, pode o Espírito, que opera a transfiguração, não só tornar visíveis e tangíveis aos assistentes todas as aparências, que julgue conveniente mostrar-lhes, senão também dar ao paciente os traços fisionômicos, o olhar, o som da voz e até as maneiras habituais de falar da pessoa cuja aparência corporal queira reproduzir por meio da transfiguração. [...] Em casos como o que acabamos de figurar, a ilusão é tal que os assistentes acreditam estar vendo, ouvindo e apreciando, em seu modo de proceder, a pessoa cuja aparência se lhes mostra pela transfiguração. [...]

Seja qual for a aparência que apresente o transfigurado, seja, por exemplo, a de uma pessoa mais alta e mais robusta, seja a de uma criança, o peso natural do paciente não se altera, desde que para isso não concorram os Espíritos e que só a aparência tenha mudado. Somente com o concurso dos Espíritos aquele peso pode variar para mais ou menos. [...] E facilmente deveis compreender a razão disso: é que, em tal caso, a quantidade de matéria, no corpo do paciente, não aumentou nem diminuiu. O aumento do peso natural não poderia provir senão do adicionamento dos perispíritos dos Espíritos que se comunicam, ao do paciente, da adição, aos deste, dos fluidos que o envolvem e operam a sua transfiguração. [...] (Cont. na pág. 197)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VII  
DA BICORPOREIDADE E DA TRANSFIGURAÇÃO

124. Concebe-se que o corpo possa tomar outra aparência de dimensão igual ou maior do que a que lhe é própria. Como, porém, lhe será possível tomar uma de dimensão menor, a de uma criança, conforme acabamos de dizer? Neste caso, não será de prever que o corpo real ultrapasse os limites do corpo aparente? Por isso mesmo que tal se pode dar, não dizemos que o fato se tenha produzido. Apenas, reportando-nos à teoria do peso específico, quisemos fazer sentir que o peso aparente houvera podido diminuir. Quanto ao fenômeno em si, não afirmamos nem a sua possibilidade, nem a sua impossibilidade. Dado, entretanto, que ocorra, a circunstância de se lhe não oferecer uma solução satisfatória de nenhum modo o infirmaria. Importa se não esqueça que nos achamos nos primórdios da ciência e que ela está longe de haver dito a última palavra sobre esse ponto, como sobre muitos outros. Aliás, as partes excedentes poderiam ser perfeitamente tornadas invisíveis. A teoria do fenômeno da invisibilidade ressalta muito naturalmente das explicações precedentes e das que foram ministradas a respeito do fenômeno dos transportes, ns. 96 e seguintes.

## OS QUATRO EVANGELHOS

(Cont. da pág. 195) “O aumento e a diminuição desse peso são produto de uma ação espírita e fluídica exercida pelos Espíritos. Dizemos — pelos Espíritos — porque, para a realização de tais fenômenos, é necessário o auxílio de muitos Espíritos. Para efetuar aumento ou diminuição de peso no paciente transfigurado, os Espíritos que o cercam e envolvem atuam fluidicamente, servindo-se dos meios de que usam para fixar no solo uma mesa leve, ou para levantar, como se se tratara de uma pena, um peso considerável. Se querem obter aumento de peso do transfigurado, aqueles Espíritos tornam pesados os fluidos que o envolvem. Se, ao contrário, o que querem é a diminuição de peso, os mesmos Espíritos o sustentam.

Assim, quando dão ao paciente a aparência de uma pessoa mais alta e mais robusta, eles, tornando mais pesados os fluidos, lhe produzem, desde que isso seja necessário, um aumento de peso que, para os assistentes, corresponda à diferença existente entre a pessoa cujo aspecto se lhes mostra e o mesmo paciente. Assim também, quando a aparência dada a este é a de uma criança, os Espíritos operam nele a diminuição do peso, sustentando-o, de modo que, sendo preciso, ele tenha um peso correspondente ao talhe da criança que aparenta ser.

Nestes casos, em havendo ação dos Espíritos, o peso varia, correspondendo à aparência, uma vez que isso seja necessário. Do mesmo modo, se também for necessário, podem os Espíritos produzir aumento de peso, quando o paciente, alto e robusto, tenha a aparência de uma criança e diminuição de peso quando, sendo uma criança, tenha a aparência de uma pessoa alta e robusta”.(Tomo II, item 194)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VII  
DA BICORPOREIDADE E DA TRANSFIGURAÇÃO

125. Resta-nos falar do singular fenômeno dos agêneres que, por muito extraordinário que pareça à primeira vista, não é mais sobrenatural do que os outros. Porém, como o explicamos na *Revue Spirite* (fevereiro de 1859), julgamos inútil tratar dele aqui pormenorizadamente. Diremos tão-somente que é uma variedade da aparição tangível. E o estado de certos Espíritos que podem revestir momentaneamente as formas de uma pessoa viva, ao ponto de causar completa ilusão. (Do grego a privativo, e *geine*, *geinomaĩ*, gerar: que não foi gerado.)

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Aparição de Jesus aos Apóstolos

*“Quando ainda falavam desses fatos, Jesus se apresentou no meio deles e lhes disse: A paz seja convosco; sou eu; não temais. Eles, porém, espantados e perturbados, imaginaram estar vendo um Espírito. Disse-lhes então Jesus: Porque vos turbais e se levantam tantas dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés e reconhecei que sou eu mesmo; apalpai-me e lembrai-vos de que um Espírito não tem carne, nem ossos, como vedes que tenho. E, dizendo isso, lhes mostrou as mãos e os pés. Como, todavia, ainda não acreditassem, tantos eram neles a alegria e o espanto, Jesus lhes perguntou: Tendes aqui alguma coisa que se possa comer? Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado e um favo de mel. Ele comeu diante de todos e, pegando do que sobrara, lhes deu” (LC., Cap. XXIV, vv. 36 a 43)*

“Deixasse ele (Jesus) que a sua origem espírita fosse compreendida, mostrasse-se a seus discípulos sob uma forma meramente fluidica e aqueles homens supersticiosos ficariam aterrados. Lembrando-se da proibição que tinham de evocar os mortos, acreditariam haver transgredido as prescrições das leis de Moisés. E, então, Jesus seria classificado entre os espectros que saem dos túmulos e incluído na categoria humana. A tangibilidade, porém, cujas causas e existência eles ignoravam, lhes impressionou os Espíritos, impedindo que tal se desse.

Jesus, portanto, para os convencer, lhes forneceu todas as provas necessárias, inclusive a de tomar alimentos, que desapareceriam pela maneira que já muitas vezes vos explicamos.

Admiti que ele se houvesse mostrado tal qual era. Que de explicações não fora preciso dar! E quais teriam sido as consequências?

Que arma perigosa não viera a ser nas mãos dos homens de então a ciência espírita, da qual vós mesmos tão triste uso ainda fazeis?

Preciso era fosse cega a fé, até que os olhos da alma se tornassem bastante fortes a poderem abrir-se para a luz”. (Tomo III, item 309)





**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO VIII**  
Do Laboratório  
do Mundo Invisível

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VIII  
DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

Vestuário dos Espíritos. - Formação espontânea de objetos tangíveis. - Modificação das propriedades da matéria. - Ação magnética curadora.

[...]

129. [...] o Espírito atua sobre a matéria; da matéria cósmica universal tira os elementos de que necessita para formar, a seu bel-prazer, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades. Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessário, sem disso se aperceber. Os objetos que o Espírito forma, têm existência temporária, subordinada à sua vontade, ou a uma necessidade que ele experimenta. Pode fazê-los e desfazê-los livremente. Em certos casos, esses objetos, aos olhos de pessoas vivas, podem apresentar todas as aparências da realidade, isto é, tornarem-se momentaneamente visíveis e até mesmo tangíveis. Há formação; porém, não criação, atento que do nada o Espírito nada pode tirar.

130. A existência de uma matéria elementar única está hoje quase geralmente admitida pela Ciência, e os Espíritos, como se acaba de ver, a confirmam. Todos os corpos da Natureza nascem dessa matéria que, pelas transformações por que passa, também produz as diversas propriedades desses mesmos corpos. Daí vem que uma substância salutar pode, por efeito de simples modificação, tornar-se venenosa, fato de que a Química nos oferece numerosos exemplos. [...] Sem mudança nenhuma das proporções, às vezes, a simples alteração no modo de agregação molecular basta para mudar as propriedades. Assim é que um corpo opaco pode tornar-se transparente e vice-versa. Pois que ao Espírito é possível tão grande ação sobre a matéria elementar, concebe-se que lhe seja dado não só formar substâncias, mas também modificar-lhes as propriedades, fazendo para isto a sua vontade o efeito de reativo.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Longe estão e ainda por largo tempo estarão longe de conhecer o poder e o segredo da criação na ordem fluidica.

Muito tem a humanidade terrena que trabalhar, que progredir, que adquirir moralmente e intelectualmente, antes de lá chegar. Cada vez mais ireis aprendendo, à medida que, com humildade de espírito, simplicidade de coração, caridade, amor e desejo de progredir, fordes avançando, pelo trabalho, nas sendas da luz, da ciência, da verdade e, por conseguinte, na do conhecimento das leis naturais que regem os fluidos, suas propriedades de ação e seus efeitos”. (Tomo III, item 310)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VIII  
DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

131. Esta teoria nos fornece a solução de um fato bem conhecido em magnetismo, mas inexplicado até hoje: o da mudança das propriedades da água, por obra da vontade. O Espírito atuante é o do magnetizador, quase sempre assistido por outro Espírito. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como atrás dissemos, e a substância que mais se aproxima da matéria cósmica, ou elemento universal. Ora, desde que ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode também produzir um fenômeno análogo com os fluidos do organismo, donde o efeito curativo da ação magnética, convenientemente dirigida. Sabe-se que papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Porém, como se há de explicar a ação material de tão sutil agente? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; não é, sequer, uma propriedade da matéria mais etérea que exista. A vontade é atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas. (Cont. na pág. 206)

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Bodas de Caná

*“Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. Respondeu-lhe Jesus: Que há de comum entre mim e ti, mulher? Ainda não é chegada a minha hora. Disse sua mãe aos que serviam: Fazei tudo o que ele vos disser”. (JO., Cap. II, vv. 3 a 5)*

“Já conheceis bastante, de modo geral, os efeitos magnéticos, para compreenderdes a perfeita naturalidade desse fato que foi considerado um “milagre”. Não ignorais que Jesus dispunha de grande poder sobre os fluidos. Pois bem, o que houve ali foi o resultado de uma ação magnética exercida por ele. A água não se transformou em vinho, como o supôs e espalhou o vulgo ignorante das causas do fenômeno produzido. Por efeito daquela ação magnética, a água tomou, para o paladar dos convivas, o sabor do vinho, o sabor que Jesus lhe impôs.[...]

Para compreenderdes que Jesus, operando a distância, tenha exercido ação magnética sobre todos os convivas, basta refletis em que um forte magnetizador humano pode, a grande distância relativamente aos homens, atuar sobre um paciente apropriado a essa ação. Ora, Jesus possuía no máximo grau a faculdade magnética. [...]

No caso de que tratamos, desde que à água foi dado o sabor do vinho, houve, por meio do magnetismo espiritual, ação sobre o pensamento dos convivas, uma inspiração que os preparou a sentirem na água o sabor do vinho, como era preciso que acontecesse. [...]

Se na minha narração [...] eu, João, o evangelista, disse “que ela se transformara em vinho”, foi porque, ignorante das causas, como o vulgo, reproduzi a narrativa corrente do fato, considerando-o também um “milagre”, sem lhe buscar a explicação. E não busquei, não só porque era inútil que eu a desse, como ainda porque não podia nem tinha que a dar. Cumprindo que guardasse silêncio a tal respeito, fiquei, com relação a esse caso, privado da inspiração mediúnicamente, entregue às minhas impressões pessoais”. (Tomo IV, item 06)

Quanto ao sabor do vinho, só a água que foi tirada das talhas para ser levada ao mordomo e servida aos convivas o adquiriu, por efeito da vontade de Jesus e da ação magnética que ele exerceu. Só nessa porção d'água era necessário que se sentisse tal sabor”. (Tomo IV, item 7)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO VIII  
DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

131. (Cont. da pág. 204). Tanto quanto do Espírito errante, a vontade é igualmente atributo do Espírito encarnado; daí o poder do magnetizador, poder que se sabe estar na razão direta da força de vontade. Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites. Assim se explica a faculdade de cura pelo contacto e pela imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem em grau mais ou menos elevado. (Veja-se, no capítulo dos Médiuns, o parágrafo referente aos Médiuns curadores. Veja-se também a Revue Spirite, de julho de 1859, págs. 184 e 189: O zuavo de Magenta; Um oficial do exército da Itália.)

## OS QUATRO EVANGELHOS

“o magnetismo é o agente universal que tudo aciona. Tudo está submetido à influência magnética. A atração existe em todos os reinos da natureza; tudo no Universo é atração magnética. Essa a grande lei que rege todas as coisas. Tudo na Natureza é magnetismo, tudo é atração resultante desse agente universal. [...]

Na ordem material, os fluidos se reúnem sob a ação da vontade do Espírito e, na ordem espiritual, constituem, por efeito dessa mesma vontade, o veículo do pensamento através da imensidade.

Quando o homem se tornar capaz de compreender toda a extensão da atração magnética, o mundo lhe estará submetido, porque então ele terá o poder de dirigir a ação dessa grande lei. Mas, para lá chegar, ser-lhe-á mister longo e aprofundado estudo das causas e sobretudo muito respeito e amor àquele que lhe confiou tão poderoso meio de agir. [...]

O homem, por meio do magnetismo humano, que é a concentração dos fluidos existentes nele e na atmosfera que o envolve dentro de determinado limite, operada por efeito da sua vontade, atua sobre outro homem ou sobre as coisas, até uma certa distância.

Por meio do magnetismo espiritual, resultado da concentração da vontade do Espírito, este reúne em torno de si os fluidos de qualquer espécie existentes no homem ou no espaço e os dispõe de modo a atuarem, conforme ele queira, sobre o homem ou sobre as coisas, produzindo os efeitos que deseje.

O poder da vontade do homem e os efeitos magnéticos que lhe seja dado obter se acham em relação com o grau de pureza que ele haja alcançado e que lhe faculta, em muitos casos, sem que tenha disso consciência, a assistência e o concurso dos Espíritos elevados.

O poder da vontade do Espírito e os efeitos magnéticos que lhe seja dado obter também se acham em relação com o grau de pureza, de elevação moral e intelectual que ele tenha atingido, na medida do conhecimento que adquiriu das causas, o que lhe torna possível remontar à origem das coisas e compreender a força e a utilidade da poderosa alavanca que se chama - atração magnética”. (Tomo I, item 71)

## **SAIBA MAIS DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL**

### **Aparição do Anjo a Zacarias e sua mudez**

*“Zacarias disse ao anjo: “Como me certificarei disso, sendo já velho e estando minha mulher em idade avançada?” O anjo, respondendo, lhe disse: “Sou Gabriel, sempre presente diante de Deus, e fui enviado para te falar e te dar esta boa nova. Vais ficar mudo e não poderás mais falar até ao dia em que estas coisas acontecerem” (LC., Cap. I, vv. 18 a 20)*

### **“Por que meios se operou a mudez de Zacarias?”**

Pela ação fluídica resultante da vontade do anjo. [...] assim como há um magnetismo humano, também há um magnetismo espiritual. Por efeito da ação espírita; a língua de Zacarias foi carregada de fluidos, que a tornaram pesada, determinando uma espécie de paralisia aparente, da mesma forma que, quando o magnetizador quer imobilizar um dos membros do magnetizando, o torna extremamente pesado. O magnetismo, ainda muito imperfeito entre vós outros, é um derivado da nossa natureza. Vossos fluidos atuam mais ou menos, conforme se acham menos ou mais comprimidos ou desnaturados pela carne. No Espírito, os fluidos são livres e vos influenciam mais ou menos conforme à vossa matéria, do mesmo modo que a influência do magnetizador se faz sentir mais ou menos, conforme o magnetizando é mais ou menos impressionável, mais ou menos lúcido. Esta explicação deve bastar para todos os casos da categoria dos milagres. Toca-vos tirar dela o partido conveniente. [...]” (Tomo I, item 12)

### **Nascimento de João / Fim da mudez de Zacarias**

*“Zacarias pediu uma tabuinha e escreveu: “João é o seu nome”; o que encheu de espanto a toda gente. No mesmo instante se lhe abriu a boca, soltou-se-lhe a língua e ele entrou a falar bendizendo de Deus”.(LC.Cap.1.vv.63 e 64)*

“Pelo que já vos dissemos, explicando como se produzira a mudez de Zacarias, deveis compreender por que modo se lhe soltou a língua, isto é, por que modo cessou para ele a mudez e lhe foi restituída a palavra. Pela ação espírita, por efeito do magnetismo espiritual, houve dispersão dos fluidos que tinham servido para tornar pesada a língua e provocar uma paralisia aparente”. (Tomo I, item 28)



## **SAIBA MAIS DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL**

### **Pesca chamada milagrosa**

*“Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo e atira a tua rede para pescar. Simão lhe objetou: Mestre, trabalhamos toda a noite e nada apanhamos; mas, obedecendo à tua ordem, lançarei a rede. E, tendo-o feito, pescaram tão grande quantidade de peixes que a rede se rompia”. (LC., Cap. V, vv. 4 a 6)*

[...] Com relação à pesca, não houve “milagre” algum, no sentido que o homem dá a essa palavra, pois que, com efeito, ela não constituiu um fato que se haja produzido com derrogação das leis da Natureza. [...]

A pesca dita milagrosa resultou de uma ação toda natural, foi obra exclusiva da vontade de Jesus, que adquirira e possuía o conhecimento daquele agente universal, daquela grande lei a que tudo está sujeito, da natureza dos fluidos, das causas, o que lhe facultava poder remontar à origem das coisas, compreender e empregar a mesma poderosa alavanca. [...]

Não peçais explicação das causas, dos meios e das leis naturais e imutáveis a que recorreu Jesus para, por ato da sua vontade, produzir o efeito visível de atrair os fluidos e determinar com eles as correntes que levaram os peixes às redes. Ultrapassaríeis os limites da vossa humanidade, porquanto atualmente vos é impossível compreender essas causas, esses meios e essas leis. [...] A Natureza tem ainda para vós muitos segredos que desvendareis à medida que, purificadas, vossas crenças vos ponham em condições de remontar à origem das coisas”. (Tomo I, item 71)

*“Espíritos elevados como Jesus teriam podido e poderiam ainda, por meio do magnetismo espiritual, provocar e obter uma pesca qual a de que aqui se trata e é chamada milagrosa?”*

“Sim, com a permissão de Deus [...]” (Tomo I, item 72)

*“Por meio do magnetismo humano, poderia hoje o homem [...] ajudado por Espíritos suficientemente elevados, [...] obter uma pesca semelhante à que é chamada milagrosa?”*

“Não; o homem tal como ainda é não o poderia. Cumpre-lhe atingir um grau de pureza que está longe de possuir”. (Tomo I, Item 73)

## **SAIBA MAIS DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL**

### **Jesus paga o tributo**

*“Tendo eles vindo a Cafarnaum, os que recebiam o tributo das duas dracmas se aproximaram de Pedro e lhe perguntaram: Teu Mestre não paga as duas dracmas? — Ele respondeu: Sim. Ao entrarem em casa, Jesus lhe perguntou: Que te parece, Simão? De quem recebem os reis da terra os tributos ou impostos? De seus filhos ou dos estranhos? Pedro respondeu: Dos estranhos. Jesus replicou: Então os filhos se acham isentos; mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar e lança o teu anzol; pega do primeiro peixe que apanhares, abre-lhe a boca, que encontrarás dentro um estâter; toma-o e vai entregá-lo por mim e por ti”. (MT., Cap. XVII, vv.24 a 27)*

“Acerca deste fato nada mais há que dizer, além do que já sabeis relativamente a todos os que considerais milagrosos. Já tivemos ocasião de dar-vos explicações gerais sobre os efeitos dessa natureza, quando tratamos da pesca tida por miraculosa.

Por ato da sua vontade e auxiliado pelo magnetismo espiritual, o Espírito preposto à realização do fato com que nos ocupamos, exercendo uma ação magnética, dirigiu para o lugar, onde, no fundo do mar, se achava o estâter, os fluidos que envolviam o peixe. Arrastado este, assim, para aquele lugar pela corrente desses fluidos, o Espírito preposto, acionando outra corrente magnética, fê-lo aspirar a moeda, reconduziu-o à superfície das águas e o encaminhou para o anzol que o tinha de fisgar como fisgou.

Ignorais, porventura, que o fundo do mar encerra muitos tesouros que a cupidez humana ambicionaria, se os conhecesse? Que há de surpreendente em que o peixe, que teria de trazer à superfície do mar a moeda, haja sido, pela ação das correntes magnéticas, impelido para o lugar onde ela se achava e a tenha aspirado, ainda sob a ação de tais correntes, dirigidas estas pelo Espírito que, desse modo, fez do mesmo peixe o portador da dita moeda?” (Tomo III, item 200)

## **SAIBA MAIS DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL**

### **Parábola da figueira que secou**

*“Pela manhã, ao voltar para a cidade, teve fome, e, vendo uma figueira à beira do caminho, dela se aproximou, mas não achou ali senão folhas. Disse-lhe então: Nunca mais nasça fruto de ti. No mesmo instante a figueira secou”.* (MT., Cap. XXI, vv. 18 e 19)

“Vós, espíritas, compreendereis o fenômeno e de que modo a figueira secou subitamente. A uma ordem mental de Jesus e por efeito de sua vontade, os Espíritos prepostos ao que concerne à vegetação retiraram da seiva, por uma ação instantânea, juntamente com a essência espiritual, que foi levada para outro ponto, os fluidos que dão a vida e os fluidos necessários à vegetação material. [...] Os discípulos notaram imediatamente a ação exercida sobre a árvore e, no dia seguinte, ainda se detiveram a lhe verificarem os efeitos”. (Tomo III, item 248)

### **Jesus no Getsêmani**

*“Saindo dali, foi, como costumava, para o monte das Oliveiras e seus discípulos o seguiram. [...] Apareceu-lhe então um anjo do céu a confortá-lo. Ele, presa de agonia, com mais instância orava. Veio-lhe um suor como de gotas de sangue que corriam até o chão.”* (LC., Cap. XXII, vv. 43 e 44)

“Foi um efeito fluidico que se produziu em presença dos três discípulos e que se lhes tornou mediunicamente visível [...]. [...] Tal manifestação nada tem de “maravilhosa” para aquele que já se iniciou na ciência espírita, na história das manifestações espíritas, que regista, com o cunho da autenticidade, efeitos análogos. Estes podem produzir-se e ainda se produzirão em vossos dias aos olhos de médiuns videntes.

A esses efeitos fluidicos da parte dos Espíritos correspondem efeitos análogos da parte dos encarnados, dos que, como vós, sofrem a encarnação humana. São, em tais casos, efeitos materiais, que nada têm de extraordinários, que a ciência dos homens comprovou e comprova como fenômenos de patologia, a que dão o nome de suor de sangue. Os anais médicos os registam em grande número. Lembrai-vos em particular, como caso histórico, do das duas moças conhecidas pela designação de Estigmatizadas do Tirol”. (Tomo III, Item 290)

## **SAIBA MAIS DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL**

### **Rasga-se o véu do templo. Tremor de terra.**

*“E eis que o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo; a terra tremeu e as pedras se fenderam”. (MT., Cap. XXVII, vv. 51)*

“Os fenômenos concernentes à aparente morte de Jesus foram devidos à ação dos Espíritos que o cercavam em número, para vós, incalculável.

Era preciso que aquelas massas ignorantes e grosseiras fossem tomadas de espanto. Era preciso fossem tocados os sentidos materiais daquelas gentes, totalmente materializadas. E, com efeito, o tremor de terra parcial, provocado por uma combinação de fluidos e o vapor que, por instantes, obscureceu a luz do dia fizeram mais do que os “milagres” que, por bondade e caridade, Jesus operara durante três anos.

O obscurecimento do Sol, as trevas que cobriram a Terra foram obtidos pela reunião e combinação de fluidos opacos, sob a ação dos Espíritos prepostos à produção do fenômeno. O tremor de terra, apenas parcial, se deu na região do planeta onde se encontravam os Judeus que, com seu ódio e seus sarcasmos, haviam perseguido a Jesus e se fez sentir no templo onde os sacerdotes e os Judeus mais eminentes se tinham reunido após o suplício. Foi um fato puramente espírita, devido à ação de Espíritos prepostos, mediante simples combinação de fluidos próprios para produzirem abalos. Os tremores de terra que, na ordem material das coisas, são crises planetárias que ocorrem na execução da obra de transformação progressiva do globo terráqueo, se originam de abalos vulcânicos mais ou menos violentos, conforme o propulsor está mais ou menos afastado, mais ou menos profundamente enterrado. Os abalos, porém, que se fizeram sentir no momento em que Jesus “expirava” não resultaram de causas diversas das que produzem a sacudidura de um móvel, ou de um aposento, provocando o deslocamento das peças do mobiliário que nele existam. A ação ali foi mais forte, mas os agentes eram os mesmos.

As pedras se fenderam, dizem os Evangelistas. Este fenômeno foi igualmente um efeito físico, resultante das mesmas causas, obtido pelos mesmos meios e pelos mesmos agentes que produziram o terremoto parcial.

*E o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo.*

## **SAIBA MAIS DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL**

Este outro efeito físico, devido, como os demais fenômenos, à ação oculta, direta, dos Espíritos do Senhor, se verificou ao mesmo tempo que o abalo sentido naquela parte da superfície da terra, onde estava o templo”. (Tomo III, item 304)

### **Moisés e os efeitos físicos no alto do Sinai**

“Espírito elevado, com relação ao povo hebreu, que ele dirigia; médium, em certas circunstâncias, vidente, audiente, ou inspirado, e também de efeitos físicos, conforme aos casos e às necessidades da sua missão, Moisés se viu obrigado, para dar força e valor aos mandamentos que impunha aos Hebreus, para lhes gravar na memória e nos corações as ordenações e os estatutos que lhes eram indispensáveis naquela época, a cercar-se de todo mistério e de pompas que os impressionassem; a empregar fórmulas capazes de lhes infundir respeito. [...]

Do mesmo modo, para fortemente impressionar e abalar homens que ainda por longo tempo tinham de ser conduzidos pelo temor e pelo terror, para impor o respeito à lei que lhes era dada, foi que no Sinai se produziu aquela formidável manifestação, que precedeu, acompanhou e se seguiu à promulgação do Decálogo e que o cercou de tanto mistério e de tão grande pompa. Dessa manifestação podeis inteirar-vos pelo que sabeis relativamente a efeitos semelhantes produzidos em todos os tempos e ainda agora.

Assim como as outras manifestações físicas de ordem material e de ordem inteligente, relatadas no Antigo Testamento, tudo o que a respeito da de que vimos tratando vos é aí referido foi obra dos Espíritos prepostos à produção de tal efeito. Esses Espíritos provocaram ruídos mediante o choque de fluidos inflamáveis e desse modo fizeram que a multidão reunida no sopé do monte visse a aparência de um fogo ardente, do qual se desprendia um vapor inflamado, e produziram, como consta do Êxodo, XIX, vv. 16 a 19 e XX, v. 18, os efeitos físicos que ali se diz terem sido — trovões, relâmpagos e uma caliginosa e densa nuvem que cobriu o monte, elevando-se-lhe do alto como se de uma fornalha. Manejando fluidos sônicos, causaram o efeito físico “do som de trombeta, que aumentava pouco a pouco e se tornava mais forte e mais agudo”.

## **SAIBA MAIS DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL**

A proibição aos Hebreus de transporem a barreira foi motivada pelo perigo, que alguns poderiam ocasionar, do rompimento das colunas de fluidos que se entrechocavam no monte, fato que daria lugar a acidentes semelhantes aos que resultam da passagem do raio”.

Estas palavras ditas a Moisés (Êxodo, XX, v. 19): “Fala-nos tu mesmo e nós te escutaremos; mas que não nos fale Deus, para que não morramos”, aludem ao ribombo “dos trovões”, que a multidão tomava pela voz do próprio Deus. Empregando e combinando fluidos tornados opacos, os Espíritos prepostos produziram — “aquela obscuridade” em que (segundo a expressão bíblica, Êxodo, XX, v. 22) Deus estava, isto é, em que estava o Espírito superior, seu enviado, e em que Moisés, após a promulgação do Decálogo, foi receber desse enviado as instruções particulares, as ordenações, os estatutos, indispensáveis aos Hebreus naquela época”. (Tomo IV - Decálogo)

### **Moisés e a serpente no deserto**

*“Como se operava a cura dos males físicos quando Moisés alçou a serpente de bronze no deserto?”*

“Pelo concurso dos Espíritos protetores. Moisés, como sabeis, era um Espírito em missão, assistido, consequentemente, pelos seus iguais e mesmo pelos seus superiores. Poderoso médium, guiavam-no as influências ocultas e benfazejas que o cercavam. A serpente não era mais do que um meio material de prender a atenção dos Hebreus, sempre inconstantes e revoltados, e de lhes fazer compreender o poder da fé, pois que só a fé operava a cura. Os Espíritos do Senhor atuavam sobre os corpos materiais humanos, por meio do magnetismo espiritual, aplicando à cura dos mesmos corpos os fluidos necessários”. (Tomo IV, item 09)

**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO IX**  
Dos Lugares Assombrados

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO IX  
DOS LUGARES ASSOMBRADOS

132. As manifestações espontâneas, que em todos os tempos se hão produzido, e a persistência de alguns Espíritos em darem mostras ostensivas de sua presença em certas localidades, constituem a fonte de origem da crença na existência de lugares mal assombrados. As respostas que se seguem foram dadas a perguntas feitas sobre este assunto:

1ª Os Espíritos se apegam unicamente às pessoas, ou também às coisas?

“Depende da elevação deles. Alguns Espíritos podem apegar-se aos objetos terrenos. Os avarentos, por exemplo, que esconderam seus tesouros e que ainda não estão bastante desmaterializados, muitas vezes se obstinam em vigiá-los e montar-lhes guarda.” [...]

3ª O apego dos Espíritos a uma localidade, sendo sinal de inferioridade, constituirá igualmente prova de serem eles maus?

“Certamente que não. Pode um Espírito ser pouco adiantado, sem que por isso seja mau. Não se observa o mesmo entre os homens?” [...]

5ª Em geral, as crenças populares guardam um fundo de verdade. Qual terá sido a origem da crença em lugares mal-assombrados?

“O fundo de verdade está na manifestação dos Espíritos, na qual o homem instintivamente acreditou desde todos os tempos. Mas, conforme disse acima, o aspecto lúgubre de certos lugares lhe fere a imaginação e esta o leva naturalmente a colocar nesses lugares os seres que ele considera sobrenaturais. Demais, a entreter essa crença supersticiosa, aí estão as narrativas poéticas e os contos fantásticos com que o acalentam na infância.” [...]

(Cont. na pág. 218)



## OS QUATRO EVANGELHOS

### Legião de Maus Espíritos Expulsos

*Jesus lhe perguntou: Qual é o teu nome? Ele respondeu: Chamo-me Legião, pois que muitos demônios tinham entrado nele. E esses demônios pediam a Jesus que os não mandasse para o abismo”. (LC., Cap. VIII, vv. 30 e 31)*

“O pedido que dirigiram ao Mestre, para que os não expulsasse daquele país, era motivado pela preferência que certos Espíritos conservam por tais ou tais lugares onde viveram, quer na última encarnação, quer em outra anterior, que lhes deixou vago sentimento de apego a tais sítios”. (Tomo II, item 120)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO IX  
DOS LUGARES ASSOMBRADOS

(Continuação da pág. 216)

132. 8ª Preferem os Espíritos frequentar os túmulos onde repousam seus corpos?

“O corpo era uma simples vestidura. Do mesmo modo que o prisioneiro nenhuma atração sente pelas correntes que o prendem, os Espíritos nenhuma experimentam pelo envoltório que os fez sofrer. A lembrança das pessoas que lhes são caras é a única coisa que para eles tem valor.”

a) São-lhes mais agradáveis, do que quaisquer outras, as preces que por eles se façam junto dos túmulos de seus corpos?

“A prece, bem o sabes, é uma evocação que atrai os Espíritos. Tanto maior ação terá, quanto mais fervorosa e sincera for. Ora, junto de um túmulo venerado, sempre se está em maior recolhimento, do que algures, e a conservação de estimadas relíquias é um testemunho de afeição dado ao Espírito e que nunca deixa de o sensibilizar. O que atua sobre o Espírito é sempre o pensamento e não os objetos materiais. Mais influência, do que sobre o Espírito, exercem esses objetos sobre aquele que ora, porque lhe fixam a atenção.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Fazei com os corpos mortos o que fazeis com essas nadas que vos lembram os que amastes. Não os profaneis, porquanto, se o Espírito não está mais aí, já esteve. Sepultai os mortos: que a profanação não os conspurque; que suas emanações não empestem o ar; mas, não façais do enterramento um culto, nem — o que é pior — objeto de ostentação e de luxo. A quantos dentre vós importa mais o estrépito de um enterro brilhante do que a lembrança daqueles cujos corpos são assim pomposamente levados à sepultura! Ah! deixai que os mortos enterrem seus mortos e dispensai, oh! bem-amados, ao envoltório material, a atenção devida a, um objeto que o defunto amou. Amai, porém, amai com todo o vosso amor aquele que se ausentou desse corpo inanimado. Para ele os vossos cuidados, o vosso amor. Consista o vosso luxo em orações íntimas, saídas do coração. Não deixeis que arrefeça o vosso zelo por aquele que abandonou o corpo, como arrefece com relação a esse corpo.

Entrai num desses recintos povoados de cadáveres e apreciái a progressão decrescente do afeto e da lembrança. Contemplai as flores que fenecem pouco a pouco e das quais não resta o mais ligeiro sinal ao cabo de alguns anos. Vede como o musgo e os parasitas progridem na pedra, tanto quanto os vermes no corpo. Compreendereis então não ser a morte material o que atrai o homem.

Que são os despojos mortais deste? Matéria que os vermes decompõem, um composto tirado do todo universal e que a ele tem que voltar, subdividindo-se. Não deis, portanto, valor pueril a esses restos que a terra reclama. Só o Espírito que os animava não perece, só ele vê, sente, ama e sofre”. (Tomo II, item 117)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO X**  
Da Natureza das  
Comunicações

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO X  
DA NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES

Comunicações grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas

133. [...] Quem estiver bem compenetrado, segundo a escala espírita (“O Livro dos Espíritos”, n. 100), da variedade infinita que apresentam os Espíritos, sob o duplo aspecto da inteligência e da moralidade, facilmente se convencerá de que há de haver diferença entre as suas comunicações [...]. Em quatro categorias principais se podem grupar os matizes que apresentam. Segundo seus caracteres mais acentuados, elas se dividem em: grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas.

134. Comunicações grosseiras são as concebidas em termos que chocam o decoro. Só podem provir de Espíritos de baixa estofa, ainda cobertos de todas as impurezas da matéria, e em nada diferem das que provenham de homens viciosos e grosseiros. [...]

135. As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombeteiros, ou brincalhões, antes maliciosos do que maus, e que nenhuma importância ligam ao que dizem. [...]

136. As comunicações sérias são ponderosas quanto ao assunto e elevadas quanto à forma. Toda comunicação que, isenta de frivolidade e de grosseria, objetiva um fim útil, ainda que de caráter particular, é, por esse simples fato, uma comunicação séria. [...]

137. Instrutivas são as comunicações sérias cujo principal objeto consiste num ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos, sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de desmaterialização do Espírito. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

*“Se uma árvore for boa, bom será o seu fruto; se for má, seus frutos serão maus, visto que pelo fruto é que se conhece a árvore”. (MT., Cap. XII, vv. 33)*

“Por estas palavras dirigidas aos discípulos, Jesus lhes ensinava a conhecer os homens. Indubitavelmente, o homem de maus instintos praticará más ações. Se, porém, o verdes esforçar-se por fazer o bem, por cumprir os deveres que a humanidade impõe, podeis dizer: “a árvore é boa”. E ficai certos de que, se for cultivada, melhor se tornará.

[...] Pelos termos “raça de víboras”, apropriados aos tempos e aos homens, designava Jesus aquela raça de Espíritos inferiores e orgulhosos, que acreditavam poder alcançar, sem socorro, o céu e que não queriam receber luz alguma. A palavra emerge do coração, quando exprime abertamente a maneira de pensar. Se, porém, oculta o pensamento, ou lhe dá a aparência da doçura, sendo ele agressivo, a palavra é mentirosa, hipócrita e má. Por isso é que Jesus perguntava aos fariseus: Como é que, sendo maus, podeis dizer boas coisas? As palavras saem do tesouro do coração. Se o tesouro é mau, más serão as palavras e as ações, quer as primeiras exprimam abertamente a maneira de pensar, quer sirvam de disfarce à mentira, à hipocrisia ou à maldade”. (Tomo II, item 160)





**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XII**  
Da Pneumatografia  
ou Escrita Direta  
Da Pneumatofonia

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XII  
DA PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA  
DA PNEUMATOFONIA

Escrita direta

146. A pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da psicografia, por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium. [...]

Pneumatofonia

150. Dado que podem produzir ruídos e pancadas, os Espíritos podem igualmente fazer se ouçam gritos de toda espécie e sons vocais que imitam a voz humana, assim ao nosso lado, como nos ares. A este fenômeno é que damos o nome de pneumatofonia. [...]

151. Acontece frequentemente ouvirmos, de modo distinto, quando nos achamos meio adormecidos, palavras, nomes, às vezes frases inteiras, ditas com tal intensidade que nos despertam, espantados. Se bem nalguns casos possa haver aí, na realidade, uma manifestação, esse fenômeno nada de bastante positivo apresenta, para que também possa ser atribuído a uma causa análoga à que estudamos desenvolvidamente na teoria da alucinação, capítulo VI, ns. 111 e seguintes. Demais, nenhuma sequência tem o que de tal maneira se escuta. O mesmo, no entanto, não acontece, quando se está inteiramente acordado, porque, então, se é um Espírito que se faz ouvir, quase sempre se podem trocar ideias com ele e travar uma conversação regular. Os sons espíritas, os pneumatofônicos se produzem de duas maneiras distintas: às vezes, é uma voz interior que repercute no nosso foro íntimo, nada tendo, porém, de material as palavras, conquanto sejam claramente perceptíveis; outras vezes, são exteriores e nitidamente articuladas, como se proviessem de uma pessoa que nos estivesse ao lado. De um modo, ou de outro, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e só muito raramente pode ser provocado.

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Continuação das Palavras de Jesus

*“Agora minha alma está turbada. E que direi? Pai, livra-me desta hora. Mas, foi para esta hora que vim. Pai, glorifica o teu nome. Veio então uma voz do céu, dizendo: Já o glorifiquei e ainda o glorificarei. O povo, que ali estava e ouvira aquela voz, dizia ter sido um trovão. Outros diziam: Foi um anjo que falou. Jesus respondeu: Não foi por mim, mas por vós outros que esta voz se fez ouvir”. (JO, Cap. XII, vv. 27 a 30)*

“A voz que se fez ouvir, efeito produzido, de acordo com a vontade divina, pelos Espíritos que cercavam a Jesus, prontos sempre a secundá-lo, teve por fim provar, de modo positivo, que ele era realmente um enviado celeste e que, todas as vezes que o homem eleva com confiança o Espírito para Deus, a potência divina o sustenta e fortifica.

Estas palavras: “Já o glorifiquei e ainda o glorificarei”, significam que Deus, pelas manifestações que já permitira, com o fito de impressionar os homens, os forçou a lhe renderem homenagem ao nome e ao poder e os forçará a isso, sempre que dele se afastarem.

“Não foi por minha causa, disse Jesus, mas por causa de vós outros, que esta voz se fez ouvir.” Com efeito, Jesus não precisava de manifestações perceptíveis aos homens, para estar certo de que a sua voz chegara ao pai celestial. O que se fazia preciso, sim, era abalar materialmente homens materiais”. (Tomo IV, item 41)

---

Nota: Os nossos leitores poderão certamente lembrar, em se tratando da pneumatofonia ou voz direta, do episódio associado ao batismo de Jesus, ocorrido com João Batista, às margens do Jordão (MT. Cap. III, vv. 17). Os Espíritos autores de “Os Quatro Evangelhos” nos esclarecem, no entanto, tratar-se de fenômenos distintos. No caso acima, o fenômeno foi ostensivo e público, objetivo, todos os que lá estavam puderam ouvir a voz que se manifestou (“o povo que ali estava e ouvira aquela voz”). No caso do Batista, ao contrário, temos um fenômeno associado à vidência e audiência comuns, portanto subjetivo: “Somente alguns deles haviam assistido ao que se passara entre João e Jesus às margens do Jordão. Esses mesmos, porém, à falta de faculdade e de ação mediúnica, não tinham visto, nem ouvido, as manifestações espíritas”. (Vide Tomo IV, item 41 - “João dá testemunho de Jesus”). O mesmo vale para a voz ouvida por Thiago, Pedro e João, quando da Transfiguração de Jesus, em que os Espíritos nos informam logo no início de seu comentário que os três foram selecionados para participar do processo devido às suas aptidões mediúnicas - vide a respeito os textos reproduzidos nas páginas 191 a 197 deste volume.



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XIV**  
Dos Médiuns

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XIV  
DOS MÉDIUNS

Médiuns de efeitos físicos. - Pessoas elétricas. - Médiuns sensitivos ou impressionáveis. - Médiuns audientes. - Médiuns falantes. - Médiuns videntes. - Médiuns sonambúlicos. - Médiuns curadores. - Médiuns pneumatógrafos.

[...]

1. Médiuns de efeitos físicos

160. Os médiuns de efeitos físicos são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos dos corpos inertes, ou ruídos, etc. Podem dividir-se em médiuns facultativos e médiuns involuntários. (Veja-se a 2ª parte, caps. II e IV.) Os médiuns facultativos são os que têm consciência do seu poder e que produzem fenômenos espíritas por ato da própria vontade. Conquanto inerente à espécie humana, conforme já dissemos, semelhante faculdade longe está de existir em todos no mesmo grau. Porém, se poucas pessoas há em quem ela seja absolutamente nula, mais raras ainda são as capazes de produzir os grandes efeitos tais como a suspensão de corpos pesados, a translação aérea e, sobretudo, as aparições. Os efeitos mais simples são a rotação de um objeto, pancadas produzidas mediante o levantamento desse objeto, ou na sua própria substância. Embora não demos importância capital a esses fenômenos, recomendamos, contudo, que não sejam desprezados. Podem proporcionar ensejo a observações interessantes e contribuir para a convicção dos que os observem. Cumpre, entretanto, ponderar que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente existe nos que dispõem de mais perfeitos meios de comunicação, quais a escrita e a palavra. Em geral, a faculdade diminui num sentido à proporção que se desenvolve em outro.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Pedro era, para nos servirmos de uma expressão consagrada, médium de efeitos físicos da mais alta monta”. (Tomo II, item 174)

“Moisés era médium de efeitos físicos [...]”. (Tomo III, item 260)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XIV  
DOS MÉDIUNS

3. Médiuns audientes

165. Estes ouvem a voz dos Espíritos. É, como dissemos ao falar da pneumatofonia, algumas vezes uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo; doutras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem, assim, travar conversação com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com determinados Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pela natureza da voz. Quem não seja dotado esta faculdade pode, igualmente, comunicar com um Espírito, se tiver, a auxiliá-lo, um médium audiente, que desempenhe a função de intérprete. [...]



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Zacarias era, inconscientemente, médium [...] audiente. Assim se explica que [...] o Espírito [...] lhe haja falado”. (Tomo I, item 02)

“Maria era [...] médium inconsciente, [...] médium [...] audiente”. (Tomo I, item 14)

“quanto à aparição do anjo, ou Espírito enviado, aos pastores [...] a mediunidade explica como puderam eles [...] ouvir. Foram médiuns [...] audientes”. (Tomo I, item 33)

“Ana era médium audiente”. (Tomo I, item 42).

“Deus nunca falou a João, como nunca falou a nenhum dos profetas [...] médiuns [...] audientes”. (Tomo I, item 51)

“Pedro, que era médium audiente [...] muito adiantado, muito desenvolvido [...]”. (Tomo II, item 174)

“Elias e Eliseu, sob a influência e a ação espíritas, eram, conforme os casos e as necessidades das missões que um e outro desempenhavam, médiuns [...] audientes e, como tais, instrumentos das vontades do Senhor”. (Tomo II, item 195)

“os apóstolos, os discípulos, [...] médiuns, [...] audientes”. (Tomo III, item 229)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XIV  
DOS MÉDIUNS

4. Médiuns falantes

166. Os médiuns audientes, que apenas transmitem o que ouvem, não são, a bem dizer, médiuns falantes. Estes últimos, as mais das vezes, nada ouvem. Neles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“As palavras que Isabel dirigiu a Maria foram um efeito mediúnic, fruto da inspiração dos Espíritos do Senhor. Isabel as pronunciou como médium inspirado e, assim, cheia de um Espírito Santo”. (Tomo I, item 25)

“Ana era médium audiente e falante”. (Tomo I, item 42).

“A mulher que elevou a voz do meio da multidão falou, como médium, sob a inspiração momentânea de um guia que, desse modo, abriu ensejo à resposta de Jesus”. (Tomo II, item 162)

“A resposta de Pedro: És o Cristo, filho do Deus vivo, o Cristo de Deus, isto é, o enviado do Senhor; assim como as palavras que Jesus lhe dirigiu: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que te revelaram isto, mas meu pai que está nos céus; não foste tu que o disseste, foi meu pai quem to revelou”, patenteiam, oh! bem-amados, a revelação toda, revelação que foi, naquele momento, de atualidade, pela mediunidade de Pedro, e também futura pelas relações mediúnicas dos Espíritos do Senhor com os homens. Estes, como Pedro, são hoje e serão no porvir, para a nova revelação, médiuns sinceros e humildes, instrumentos escolhidos para transmissores da verdade ao gênero humano.

Por que meio houvera o Senhor feito a Pedro aquela revelação? Não é claro que, na ocasião, Pedro foi o instrumento falante que serviu para revelar a verdade? Que foi Pedro, em tal ocasião, senão um médium falante?

Já temos dito que Pedro possuía em altíssimo grau as faculdades mediúnicas. Por isso mesmo foi ele e não outro quem serviu naquele momento”. (Tomo II, item 184)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XIV  
DOS MÉDIUNS

5. Médiuns videntes

167. Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambúlico, ou próximo do sonambulismo. [...]Na categoria dos médiuns videntes se podem incluir todas as pessoas dotadas de dupla vista. [...]

O médium vidente julga ver com os olhos, como os que são dotados de dupla vista; mas, na realidade, é a alma quem vê e por isso é que eles tanto veem com os olhos fechados, como com os olhos abertos; donde se conclui que um cego pode ver os Espíritos, do mesmo modo que qualquer outro que tem perfeita a vista. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Zacarias era, inconscientemente, médium, como bem o compreendeis: - vidente [...]”. (Tomo I, item 02)

“Maria era [...] médium inconsciente, [...] médium vidente [...]”. (Tomo I, item 14)

“quanto à aparição do anjo, ou Espírito enviado, aos pastores [...] a mediunidade explica como puderam eles ver e ouvir. Foram médiuns videntes e audientes”. (Tomo I, item 33)

“os magos, médiuns videntes”.(Tomo I,item 43)

“Deus nunca falou a João, como nunca falou a nenhum dos profetas [...] médiuns videntes e audientes”. (Tomo I, item 51)

“Pedro, que era médium audiente e vidente muito adiantado, muito desenvolvido [...]”. (Tomo II, item 174)

“Elias e Eliseu, [...] médiuns videntes e audientes e, como tais, instrumentos das vontades do Senhor”. (Tomo II, item 195)

“os apóstolos, os discípulos, [...] médiuns, [...] audientes, ou videntes”. (Tomo III, item 229)

“Moisés era médium de efeitos físicos, audiente e vidente”. (Tomo III, item 260)

“Então, as mulheres viram (elas e não os guardas, pois só elas eram médiuns videntes e, além disso, audientes) um anjo do Senhor (um Espírito superior)”. (Tomo III, item 307)

“A aparição de Jesus aos dois discípulos (a caminho de Emaús), que eram inconscientemente médiuns videntes e audientes, foi visível, tangível e audível”. (Tomo III, item 308)

“João [...] era, vós o sabeis, médium, não só vidente [...], mas também audiente”. (Tomo IV, item 03)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XIV  
DOS MÉDIUNS

6. Médiuns sonambúlicos

172. Pode considerar-se o sonambulismo uma variedade da faculdade mediúnica, ou, melhor, são duas ordens de fenômenos que frequentemente se acham reunidos. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. O que ele externa tira-o de si mesmo; suas ideias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais dilatados, porque tem livre a alma. Numa palavra, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem de si [...] Mas, o Espírito que se comunica com um médium comum também o pode fazer com um sonâmbulo; dá-se mesmo que, muitas vezes, o estado de emancipação da alma facilita essa comunicação. Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão, como os médiuns videntes. Podem confabular com eles e transmitir-nos seus pensamentos. O que dizem, fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais, lhes é com frequência sugerido por outros Espíritos. Aqui está um exemplo notável, em que a dupla ação do Espírito do sonâmbulo e de outro Espírito se revela e de modo inequívoco. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Se haveis estudado o magnetismo humano por todas as suas faces, tereis notado que alguns pacientes, cujo desprendimento se opera com grande facilidade, falam e procedem exatamente como se não estivessem mergulhados em sono magnético, nenhum traço ou sintoma apresentando, por onde o observador possa reconhecer aquele estado. É que a ação magnética se exerce sobre o Espírito, deixando ao corpo a sua liberdade.

São indivíduos que gozam do desenvolvimento de faculdades extra-humanas, isto é, indivíduos excepcionais que gozam, não só, como todo Espírito desprendido da matéria, de faculdades extra-humanas, mas também de faculdades superiores às que podeis do número ter observado nos vossos melhores lúcidos, e que são capazes, em certos casos, de resolver problemas que o Espírito encarcerado na carne não ousaria, nem poderia abordar. Há questões que o homem não se atreve a propor à ciência, não por humildade, ou por uma cautelosa apreciação de suas forças, sim por considerar a ciência incapaz de responder a elas.

Raros são ainda tais indivíduos; mas, hão de multiplicar mediante o emprego dessa força que vos está confiada. Servirão imensamente ao progresso das ciências e das artes no vosso planeta. São instrumentos mais perfeitos do que os outros, porém mais fáceis também de se quebrarem, isto é, são indivíduos cujas faculdades mediúnicas, mal dirigidas, se estragariam rapidamente. Tal a razão por que não vos aparecem ainda em grande número. Preciso é que, em matéria de magnetismo, ganheis mais experiência”. (Tomo I, item 31)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XIV  
DOS MÉDIUNS

6. Médiuns sonambúlicos (cont.)

174. A lucidez sonambúlica é uma faculdade que se radica no organismo e que independe, em absoluto, da elevação, do adiantamento e mesmo do estado moral do indivíduo. Pode, pois, um sonâmbulo ser muito lúcido e ao mesmo tempo incapaz de resolver certas questões, desde que seu Espírito seja pouco adiantado. O que fala por si próprio pode, portanto, dizer coisas boas ou más, exatas ou falsas, demonstrar mais ou menos delicadeza e escrúpulo nos processos de que use, conforme o grau de elevação, ou de inferioridade do seu próprio Espírito. A assistência então de outro Espírito pode suprir-lhe as deficiências. Mas, um sonâmbulo, tanto como os médiuns, pode ser assistido por um Espírito mentiroso, leviano, ou mesmo mau. Aí, sobretudo, é que as qualidades morais exercem grande influência, para atraírem os bons Espíritos.



## OS QUATRO EVANGELHOS

“O magnetizador sério, que trabalhe visando o progresso da Humanidade, deve pôr o máximo cuidado na escolha dos sonâmbulos que hajam de secundá-lo nas suas pesquisas. Um só não basta, pois que tal Espírito, adiantado num dos ramos da ciência, pode ser completamente ignorante no que respeita a outro. Não falamos aqui da ciência humana, porquanto o sonâmbulo que, na condição de encarnado, seja extremamente simples de espírito, poderá ser espiritualmente muito adiantado, desde que seja também simples de coração. E o desprendimento traz ao homem, como sabeis, inesperadas revelações, graças aos Espíritos superiores aos quais o sonâmbulo serve de instrumento.

Ao fazer a escolha dos sensitivos, deve o magnetizador ter a preocupação de encontrar corações puros e devotados que ele instruirá na ciência magnética, moldando-os desde o primeiro momento, a pouco e pouco, para o gênero de trabalho acorde com a aptidão que manifestem. Este, quando em êxtase, poderá ser o auxiliar de um químico; aquele projetará luz nas trevas da história; aquele outro resolverá problemas mecânicos sobre os quais a Humanidade tem encanecido sem lhes achar a solução. Mas, para chegar a semelhante resultado, cumpre que tanto o magnetizador como o magnetizado sejam puros de coração e não busquem na ciência uma exploração mundana. De outro modo, ambos verão falir suas esperanças e os Espíritos embusteiros lançarão seus lucilantes véus sobre as mais sérias questões, por isso que os Espíritos superiores não se aproximam senão do que é puro, de conformidade com as leis de atração espiritual, fluídica. Só aos que tenham o coração puro eles auxiliam nas suas pesquisas, nos seus estudos, dando-lhes a luz, a ciência, a verdade. Só prestam o seu concurso, repetimos, aos que, tendo em vista unicamente o progresso da Humanidade, trabalhem com ilimitado desinteresse, fé viva e inesgotável amor ao próximo, jamais procurando na ciência um meio de levar a efeito mundanas explorações. Só esses são capazes e dignos de se constituírem, entre vós, os auxiliares de Deus e dos Espíritos superiores, no tocante à marcha e à realização do progresso”. (Tomo II, item 183)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XIV  
DOS MÉDIUNS

7. Médiuns curadores

175. Unicamente para não deixar de mencioná-la, falaremos aqui desta espécie de médiuns, porquanto o assunto exigiria desenvolvimento excessivo para os limites em que precisamos ater-nos. Sabemos, ao demais, que um de nossos amigos, médico, se propõe a tratá-lo em obra especial sobre a medicina intuitiva. Diremos apenas que este gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. Dir-se-á, sem dúvida, que isso mais não é do que magnetismo. Evidentemente, o fluido magnético desempenha aí importante papel; porém, quem examina cuidadosamente o fenômeno sem dificuldade reconhece que há mais alguma coisa. A magnetização ordinária é um verdadeiro tratamento seguido, regular e metódico; no caso que apreciamos, as coisas se passam de modo inteiramente diverso. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam conduzir-se convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a faculdade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta, que é o que constitui a mediunidade, se faz manifesta, em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem, com razão, ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação. (Veja-se atrás o n. 131.)

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Pregações de Jesus

*“E Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino, curando todos os males e enfermidades do povo. Sua fama se espalhou por toda a Síria, à sua presença foram trazidos os que se achavam doentes e atormentados por dores e males diversos: - possessos, lunáticos, paralíticos - e ele os curou”. (MT., Cap. IV, vv.23 e 24)*

“Para operar as curas materiais, ele usava do poder magnético que a sua pureza perfeita lhe conferia e da qual ainda não pode o homem fazer idéia precisa.

Todavia, pelo que já tem obtido e obtém sobre os doentes, em certos casos, o magnetizador, com o auxílio do magnetismo humano e, sobretudo o médium curador, consciente ou inconsciente, mediante ação magnética, com a assistência, a intervenção, o concurso dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, podeis entrever qual fosse e era o poder magnético de Jesus, quando a sua vontade atuava sobre os fluidos regeneradores, fortificantes, que, todos, ele conhecia, conhecendo-lhes a natureza, as combinações, os efeitos e as propriedades atuantes.

Não tendes que vos admirar das curas materiais que realizou durante a sua missão terrena, uma vez que nada do que respeita à vossa organização humana, à formação a priori dos vossos corpos, às condições de vida e às funções vitais dos mesmos corpos, às vossas doenças e enfermidades, às suas sedes e causas, lhe escapava à visão espiritual [...]”. (Tomo I, item 74)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XIV  
DOS MÉDIUNS

Médiuns curadores (cont.)

176. Eis aqui as respostas que nos deram os Espíritos às perguntas que lhes dirigimos sobre este assunto:

1ª Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?

“Não há que duvidar.”

2ª Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

“É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias.”

3ª Há, entretanto, bons magnetizadores que não creem nos Espíritos?

“Pensas então que os Espíritos só atuam nos que creem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus.”

4ª Agiria com maior eficácia aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos?

“Faria coisas que consideraríeis milagre.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Só à força de estudar, de praticar o magnetismo humano, chegareis a compreender o magnetismo espiritual e as propriedades da sua ação sobre toda a natureza”. (Tomo I, item 66)

“Todas as vezes que empregais com fé o magnetismo e visando exclusivamente obter alívio para a humanidade, vossos guias vos auxiliam, pela ação do magnetismo espiritual, imperceptível para vós. E esta ação mais se desenvolve, se lhes pedis com fervor a assistência.

Praticai com ardor, com perseverança e desinteresse esta ciência celeste que o Senhor vos confiou e também vós fareis, se vos dominarem a fraternidade e a abnegação, que se empertiguem os que se acham curvados, que os surdos ouçam e que os cegos vejam; também vós podereis cauterizar as chagas, sustar as perdas de sangue, fortalecer os fracos e endireitar os coxos. Não vos dizemos que a vossa vontade baste. Ainda vos não desprendestes suficientemente da matéria para que seja assim. Mas, a vossa perseverança, auxiliada pela assistência e pela intervenção ocultas de vossos guias, obterá com o tempo o que unicamente a vontade do Mestre conseguia num instante. Repetimos: não desprezeis o tesouro que o Senhor vos confiou. A prática séria e perseverante desenvolverá os vossos poderes. Praticai, pois, com fé e o Senhor abençoará os vossos esforços”. (Tomo I, item 81)

“O magnetismo humano pode operar curas que ainda não compreendeis e quanto mais o homem se aproximar da vida espiritual, mais se depurará, mais em relação se porá, conseguintemente, com os fluidos que o cercam e tanto mais facilmente os dominará e empregará como meios curativos. Ainda não sabeis o que pode o homem com o magnetismo e sobretudo o que poderá daqui a algum tempo. [...] Repetimos: quanto mais o homem se aproximar da vida espiritual, tanto mais se depurará, tanto mais se porá em relação com os fluidos magnéticos que o cercam, tanto mais os dominará e poderá empregar como meios curativos. A depuração do homem, assim no físico como no moral, se operará mediante uma revolução lenta e progressiva, de modo, por assim dizer, insensível aos que a testemunharem; mas, a revolução moral terá que preceder de muito à revolução física”. (Tomo II, item 109)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XIV  
DOS MÉDIUNS

176. 5ª Há pessoas que verdadeiramente possuem o dom de curar pelo simples contacto, sem o emprego dos passes magnéticos?

“Certamente; não tens disso múltiplos exemplos?”

6ª Nesse caso, há também ação magnética, ou apenas influência dos Espíritos?

“Uma e outra coisa. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois que atuam sob a influência dos Espíritos; isso, porém, não quer dizer que sejam quais médiuns curadores, conforme o entendes.”

7ª Pode transmitir-se esse poder?

“O poder, não; mas o conhecimento de que necessita, para exercê-lo, quem o possua. Não falta quem não suspeite sequer de que tem esse poder, se não acreditar que lhe foi transmitido.”

8ª Podem obter-se curas unicamente por meio da prece?

“Sim, desde que Deus o permita; pode dar-se, no entanto, que o bem do doente esteja em sofrer por mais tempo e então julgais que a vossa prece não foi ouvida.”

9ª Haverá para isso algumas fórmulas de prece mais eficazes do que outras?

“Somente a superstição pode emprestar virtudes quaisquer a certas palavras e somente Espíritos ignorantes, ou mentirosos podem alimentar semelhantes ideias, prescrevendo fórmulas. Pode, entretanto, acontecer que, em se tratando de pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o uso de determinada fórmula contribua para lhes infundir confiança. Neste caso, porém, não é na fórmula que está a eficácia, mas na fé, que aumenta por efeito da idéia ligada ao uso da fórmula.” [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Do mesmo modo que juncou o solo que pisais de plantas benéficas, cujas propriedades curativas ainda não conheceis inteiramente, o Senhor também carregou a atmosfera que vos envolve de propriedades fortificantes, purificadoras e regeneradoras, que nem sequer suspeitais, que para vós ainda são letra morta, por isso que, para vos servirdes delas eficazmente, tendes que fazer os estudos necessários, estudos morais, únicos que vos podem elevar à altura da ciência que desejais adquirir. [...]

O conhecimento desses fluidos será progressivo, acompanhando o progresso do estado moral, já o temos dito. Segue-se que só será completo quando o homem houver alcançado a perfeição que pode esperar na terra.

O magnetismo humano ainda tem que progredir muito para chegar ao seu apogeu, para chegar à época em que a força da vontade do Espírito bastará para reunir ou dispersar os fluidos sobre que queira atuar.[...]

Até que se ultime a depuração moral e, como consequência, a depuração física do homem, a ação magnética humana não bastará por si só, a maior parte das vezes, para a cura das enfermidades. Na maioria dos casos essencialmente físicos, orgânicos, serão necessários o auxílio e o concurso, tanto da ciência médica, como do sonambulismo magnético, das propriedades curativas já conhecidas e das que virão a ser descobertas, nas substâncias minerais, vegetais e animais.

Ficai sabendo: os auxílios estranhos aos fluidos magnéticos podem servir, combinando-se com estes. Há simpatia entre as plantas que curam e os fluidos que para esse fim se assimilam. Aquelas se saturam destes fluidos e os levam ao organismo. Atraí-os em seguida, por meio do magnetismo humano e obtereis duplo resultado. Eis porque os sonâmbulos lúcidos, livres, pelo desprendimento magnético, de quaisquer influências, se mostram aptos a escolher as plantas curativas.

Não desprezeis nenhum dos meios que o Senhor vos confiou para atingirdes o fim”. (Tomo II, item 110)

## **SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA**

### **Mulher doente, curvada**

*“Certo sábado em que Jesus ensinava numa das sinagogas deles, veio aí ter uma mulher possesa de um espírito de enfermidade que a tornara doente, havia dezoito anos. Tão curvada era, que absolutamente não podia olhar para cima. Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: “Mulher, estás livre da tua doença.” E, impondo-lhe as mãos, ela se endireitou no mesmo instante e rendeu graças a Deus”. (LC., Cap. XIII, vv. 10 a 13)*

“Os Judeus atribuíam a satanás, isto é, aos Espíritos, tudo o que não podiam compreender, nem explicar. Daí o empregarem o termo possessão, falando das curas feitas por Jesus, quando o Mestre diz simplesmente - doença.[...]

A mulher sofria de um amolecimento da medula espinhal e, portanto, de um enfraquecimento da coluna vertebral, onde a impossibilidade de empertigar-se.

A ação espírito-magnética exercida por Jesus restituiu ao órgão enfraquecido a força de que carecia e a mulher se endireitou.

Não pergunteis qual a natureza dos fluidos de que se serviu o Mestre para operar aquela cura, nem quais eram as propriedades atuantes desses fluidos. Para que pudésseis perceber uma explicação a este respeito, fora mister conhecêsseis a natureza dos fluidos que vos cercam e seus efeitos e longe estais desse conhecimento.

Vem fora de propósito qualquer explanação sobre este ponto. Contentai-vos com o saber que houve ação espírito-magnética, isto é, ação do magnetismo espiritual que se alia à dos vossos próprios fluidos”. (Tomo I, item 81)

### **O leproso**

*MATEUS: V. 1. Tendo Jesus descido do monte, grande multidão o acompanhou; e, aproximando-se dele, um leproso se pôs a adorá-lo, dizendo: Senhor, se quiseres, podes curar-me. Jesus, estendendo a mão, tocou-o e disse: Quero-o; estás curado. E no mesmo instante lhe desapareceu a lepra”. (MT., Cap. VIII, vv.1 a 3)*

“A cura instantânea daquele homem, efeito da vontade poderosa de Jesus e da sua ação sobre os fluidos apropriados, se operou pela concentração magnética desses fluidos. [...]

A cura instantânea do leproso não foi, portanto, mais do que um fato natural, mais do que uma concentração



## SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA

dos fluidos de que Jesus podia dispor e que, penetrando a pele do doente, devoraram, aniquilaram as matérias impuras nela contidas, impedindo fossem interiormente lançadas no organismo e na circulação geral. A purificação dos fluidos sanguíneos destruiu o princípio interno da lepra. O tecido da pele foi instantaneamente limpo e o doente se achou curado. Nisso consistiu, aos olhos dos homens, o “milagre”, pela razão de que ao homem ainda não é possível conseguir semelhante efeito em virtude da sua impureza moral. Quando for capaz de produzir por essa forma a cura física, sua cura moral estará realizada. A submissão e a fé expelirão de vossos corações as influências impuras que os corroem, tornando-os limpos aos olhos do Senhor”. (Tomo II, item 109)

### O centurião

*“Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, veio ter com ele um centurião e lhe dirigiu esta súplica: — Senhor, meu servo está de cama, em minha casa, atacado de paralisia e sofre extremamente. Jesus disse: Irei lá e o curarei. Mas o centurião lhe ponderou: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; dize apenas uma palavra e o meu servo estará curado [...] Vai e seja feito como acreditaste. Nessa mesma hora o servo ficou curado”. (MT., Cap. VIII, vv. 5 a 8 e 13)*

“Quanto à cura do servo do centurião, Jesus a operou pelo mesmo princípio de sempre: o princípio magnético. Todos os fatos de curas materiais qualificados de miraculosos, de milagres, emanam da mesma fonte.

A paralisia é um resfriamento dos fluidos animalizados que circulam no organismo humano. A vontade poderosa de Jesus mudou esses fluidos, modificando-os e vivificando-os de novo.

Assim como a pilha galvânica pode momentaneamente dar movimento aos músculos e aos nervos de um cadáver, também a concentração, por efeito magnético, de certos fluidos espalhados na atmosfera pode operar sobre o organismo vivo um abalo violento que o regenere.

Na força daquele que, pela ação exclusiva da sua vontade, obtinha tais efeitos é que o homem poderia ver um milagre; mas, a explicação faz ver que essa força é natural”. (Tomo II, item 110)

## **SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA**

### **Cura da sogra de Pedro. Enfermidades curadas**

*“Tendo ido a casa de Pedro, Jesus aí encontrou a sogra deste de cama e com febre. Tocou-lhe na mão e a febre desapareceu; ela se levantou imediatamente e se pôs a servi-lo. Pela tarde apresentaram-lhe muitos possessos e de todos expulsou ele com a sua palavra os maus Espíritos e curou os que estavam doentes; a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta Isaías: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças”. (MT., Cap. VIII, vv. 14 a 17)*

[...] tanto a cura da sogra de Pedro, como as dos outros doentes que se apresentaram ao pôr do sol, todas se operaram pelo mesmo processo: pela ação magnética. Aproximando-se da sogra de Pedro, Jesus lhe tomou da mão e a sua vontade imprimiu a esse contacto magnético a força necessária para determinar o desaparecimento da moléstia.

Não acrediteis que Jesus precisasse usar e usasse, para obter cada uma das curas que operou, de fluidos diferentes, especialmente apropriados a cada moléstia; não. Os fluidos mais ou menos se assemelham. Fluidos purificadores e regeneradores, quando se trata de um organismo vital viciado; fluidos fortificantes, quando se trate de restabelecer a ação dos músculos, dos nervos, do mecanismo — tais são os dois princípios fundamentais dos fluidos. Jesus aplicava o remédio adequado ao mal, qualquer que fosse a sua natureza”. (Tomo II, item 115)

### **Paralítico**

*“Tendo tomado de novo a barca, Jesus tornou a atravessar o lago e veio à sua cidade. E eis que lhe apresentaram um paralítico deitado no seu leito. Jesus, vendo-lhe a fé, disse ao paralítico: Filho, tem confiança; teus pecados te são perdoados”. (MT., Cap. IX, vv. 1 e 2)*

“Fora inútil insistirmos em explicações já dadas. Jesus curou o paralítico pelos mesmos meios que indicamos (n. 110), quando tratamos do servo do centurião”. (Tomo II, item 121)

### **A hemorroíssa**

*“Ao mesmo tempo, uma mulher que, havia doze anos, sofria de um fluxo de sangue, acercando-se dele por detrás, lhe tocou a fimbria da túnica; pois que dizia consigo mesma:*

## SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA

*bastar-me-á tocar nas suas vestes para ficar curada. Jesus, voltando-se, a viu e lhe disse: Filha, tem confiança, tua fé te curou. E desde aquele momento a mulher se achou curada. (MT., Cap. IX, vv. 20 a 22)*

“Quanto à cura da mulher doente, Jesus a operou pelos meios que conheceis, pelo seu poder magnético.

Envolto em fluidos vivificantes, distribuía-os pelos que deles necessitavam. Quanto aos de que se serviu para fazer cessasse o fluxo sanguíneo, nada podemos dizer, por vos ser ainda impossível entrar no conhecimento das combinações fluídicas. O homem, como já o temos dito, não se acha ainda capaz de compreender a natureza dos fluidos, seus efeitos e suas propriedades de ação. Jesus dispunha dos fluidos vivificantes e reparadores; que isso por enquanto vos baste.

A pergunta: Quem me tocou? — pergunta que, feita pelo Mestre, pode causar estranheza, ele a formulou intencionalmente para provocar, diante da multidão, a confissão da mulher e assim tornar patente a todos o “milagre”. (Tomo II, item 124)

### **Cegos curados**

*“Ao sair Jesus dali, dois cegos o seguiram, clamando: Filho de David, tem piedade de nós! Quando chegou a casa, os cegos se aproximaram e ele lhes perguntou: Credes que eu possa fazer o que me pedis? Os dois responderam: Sim, Senhor! Ele então lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se conforme a vossa fé. Os olhos de ambos se abriram [...].” (MT., Cap. IX, vv.27 a 30)*

“A cura dos cegos se operou como as outras curas materiais já anteriormente obtidas: por ato da vontade do Mestre e por sua ação magnética. Ele fez convergir, sobre os olhos dos cegos e sobre os organismos de ambos, os fluidos apropriados à natureza e à causa da cegueira que os havia atacado”. (Tomo II, item 125)

### **Descida do monte. — Curas**

*“Jesus em seguida desceu com eles do monte e se deteve numa planície, cercado dos discípulos e de grande multidão de gente de toda a Judéia, de Jerusalém e das regiões marítimas de Tiro e de Sídon, gente que viera para ouvi-lo e para ser curada de suas enfermidades. Eram também curados os que se achavam possesores de Espíritos imundos. To-*

## **SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA**

*dos procuravam tocá-lo, porque dele saía uma virtude que a todos curava”. (LC., Cap. VI, vv.17 a 19)*

“Relativamente à cura das enfermidades e ao afastamento dos Espíritos obsessores, já recebestes todas as explicações (n. 74). Não temos que voltar a esse assunto.

Compreendeis o que era a virtude que saía de Jesus. Eram os fluidos que, por ato de sua vontade e do seu poder magnético, ele dirigia sobre os doentes e notadamente sobre os que dele se aproximavam”. (Tomo II, item 129)

### **Discípulos de João mandados por este a Jesus**

*“Jesus lhes respondeu: Ide contar a João o que vistes e ouvistes. Os cegos veem, os coxos caminham, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam; o evangelho é pregado aos pobres. Bem-aventurado o que não se houver escandalizado de mim”. (MT., Cap. XI, vv. 4 a 6)*

“Quanto aos chamados “milagres” que Jesus praticou diante dos discípulos de João, nada diremos, por ser inútil repetir explicações já dadas”. (Tomo II, item 148)

### **Cura da mão paralítica, em dia de sábado**

*“Dali saindo, veio Jesus à sinagoga deles. Aí se achava um homem, que tinha seca uma das mãos, e, para acusarem a Jesus, lhe perguntaram: É permitido curar em dia de sábado? Jesus lhes respondeu: Qual, dentre vós, aquele que, tendo uma ovelha e vendo-a cair num fosso em dia de sábado, não pegará nela para retirá-la de lá? E não vale o homem muito mais do que uma ovelha? Sim, é permitido fazer o bem em dia de sábado. E disse ao homem: Estende a tua mão. O homem a estendeu e ela ficou sã como a outra. Os fariseus, porém, saindo dali, se reuniram em conluio contra ele, cogitando do modo por que o perderiam. (MT., Cap. XII, vv. 9 a 14)*

“Quanto à cura que Jesus operou na sinagoga, tratava-se de uma paralisia que atacara a mão direita do homem de quem se fala. Nas traduções se lê: mão árida, mão seca. De acordo com o texto original corretamente interpretado, o caso era de mão paralítica. Já por duas vezes (ns. 110 e 121, 2o. vol.) explicamos as curas de paralisia feitas por Jesus. A mão paralítica, a que aludem os versículos acima, se tornou sã como a outra por ato da vontade do Mestre, que dirigiu, mediante a ação magnética da von-

## SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA

tade e do olhar, para a mão doente e para o organismo do homem, os fluidos fortificantes. Não tendes visto o magnetismo operar pelo olhar?” (Tomo II, item 157)

### **Curas operadas pelo contacto c/as vestes de Jesus**

*Tendo atravessado o lago, vieram eles à terra de Genesaré; e, reconhecendo-os, os do lugar espalharam a notícia por todo o país e lhe apresentaram todos os doentes; e lhe pediam que os deixasse apenas tocar na fimbria de suas vestes; e todos os que as tocaram ficaram sãos. (MT., Cap. XIV, vv.34 a 36)*

“Já vos explicamos o poder magnético de que dispunha Jesus. O tocar-lhe nas vestes, fato que, devido à ignorância das causas e dos efeitos, os homens tinham por “milagroso”, não passava de um meio material que lhes era indispensável. A cura se operava pela ação da vontade daquele que exercia poder soberano sobre os elementos etéreos. Os doentes se curaram todos, não por terem tocado na fimbria das vestes de Jesus, mas pela ação de sua vontade poderosa, como acabamos de dizer, pela ação magnética que ele exercia, pela emissão que fazia, sob o influxo desta ação, dos fluidos apropriados a cada espécie de doença, os quais eram dirigidos para o organismo do doente”. (Tomo II, item 175)

### **Cura de um surdo-mudo**

*“Trouxeram-lhe um surdo-mudo e lhe pediram que impusesse as mãos nele. Jesus, fazendo-o sair do meio da multidão e levando-o para um lado, lhe pôs os dedos nos ouvidos e saliva na língua. E, levantando os olhos para o céu, suspirou e disse: Eph pheta, isto é: “abri-vos”. Logo se abriram os ouvidos ao surdo-mudo e se lhe soltou a língua, entrando ele a falar distintamente.(MC.,Cap.VII, vv.32 a 35)*

“Foi um exemplo dado aos discípulos, aos homens. Por ato exclusivo da sua vontade, unicamente pela sua força magnética, podia o Mestre restituir ao surdo-mudo a faculdade de ouvir e de falar. Mas, tanto os discípulos como os que os seguiam precisavam concentrar suas forças e usar da prece para alcançarem o resultado almejado, obtendo dos Espíritos superiores o necessário auxílio, consistente em escolherem e lhes porem nas mãos os fluidos apropriados. Era, portanto, preciso que o Mestre lhes ensinasse os diversos meios que tinham ao seu alcance, quando houvessem de operar. [...]

## **SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA**

O magnetismo prova a possibilidade de tais fatos. A surdez de nascença e, portanto, o mutismo que lhe é consequente, provém muitas vezes de uma relaxação do órgão respectivo e, às vezes, também, de uma obstrução. A ação fluídica, exercendo-se sobre o aparelho da audição, sobre o tímpano, quando se ache distendido ou espessado, o contrai ou dilata, conforme ao caso, dispersa os fluidos que se tenham acumulado ou prendido nos tecidos e restitui ao órgão a flexibilidade que perdera. E, assim, o surdo, logo que começa a ouvir, deixa de ser mudo.

Não vos cause espanto haja falado incontinenti aquele homem, que jamais articulara uma só palavra desde que nascera. Deveis compreender que as palavras não lhe saíam a princípio tão distintas como as vossas. Quaisquer que tenham sido, porém, as que pronunciou, bastaram para encher de espanto a multidão. Além disso, como deveis igualmente compreender vós outros espíritas, sendo aquela cura de grande importância para a aceitação da crença que Jesus viera difundir, os Espíritos que sempre o acompanhavam auxiliaram, no mesmo instante, por meio do magnetismo espiritual, o desenvolvimento da nova faculdade que ele acabava de dar ao homem e, por meio da inspiração, facilitaram a este o uso dela. (Tomo II, item 178)

### **Multidão de doentes curados**

*“Logo dele se acercou grande multidão, onde havia mudos, cegos, coxos e muitos outros doentes que foram colocados a seus pés; e ele a todos curou”. (MT., Cap. XV, vv. 30)*

“[...]Entre os cegos e os mudos que lhe apresentaram, uns padeciam de cegueira ou de mudez por efeito de subjugação, outros por efeito de enfermidade física do organismo humano.

Já recebestes explicações concernentes aos dois casos. Sabeis assim que, no primeiro, a cura se operava pelo afastamento do Espírito obsessivo e pela ação magnética que, fazendo cessar a perturbação causada pela subjugação e pela libertação, restituía no mesmo instante ao órgão da audição ou da palavra o estado normal. No segundo caso, a cura se operava por ato da vontade de Jesus e pela ação fluídica que resultava dessa mesma vontade poderosa e da sua força magnética. O mesmo se dava com to-

## SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA

dos os outros doentes. Quanto aos coxos, Jesus os curava também pelos meios magnéticos, restituindo aos músculos a elasticidade que lhes faltava”. (Tomo II, item 179)

### **Cura de um cego**

*“Como chegassem a Betsaida, trouxeram-lhe um cego e lhe pediram que o tocasse. Tomando o cego pela mão, ele o conduziu para fora da aldeia e, passando-lhe saliva nos olhos e impondo-lhe as mãos, lhe perguntou se via alguma coisa. O homem, olhando, disse: Vejo a caminhar homens que parecem árvores. Jesus lhe colocou de novo a mão sobre os olhos e ele começou a ver, ficou curado, de sorte que via tudo distintamente. Jesus o mandou embora para casa, dizendo: Vai para tua casa e, se entrares na aldeia, não digas a ninguém o que te sucedeu. (MC., Cap. VIII, vv. 22 a 26)*

“Da primeira vez que lhe impôs as mãos, o Mestre deu ao homem a vista espiritual. Viu ele então os Espíritos que se grupavam em torno de Jesus. Ao seu entendimento obscurecido esses Espíritos pareceram homens de gigantescas proporções. Pela segunda imposição das mãos, o Mestre curou os órgãos animais do homem e ele começou a ver, mas a ver apenas os outros homens seus semelhantes. A vista corporal lhe fora restituída. A proibição de Jesus se entendia, portanto, com a primeira visão. Só os discípulos ouviram as palavras do cego, por isso que, formando círculo em torno do Mestre, mantinham a multidão a certa distância.[...]

Acabamos igualmente de dizer que o cego viu os Espíritos que se grupavam em torno de Jesus e que, ao seu entendimento obscurecido, esses Espíritos pareceram homens de gigantescas proporções, semelhantes a árvores pela altura do porte.

Como a maioria dos que vivem na terra, ele desconhecia os efeitos do desprendimento espiritual. Não lhe foi possível, pois, inteirar-se do que se passava aos olhos do seu Espírito.

Os Espíritos que cercavam o Mestre, Espíritos aos quais mais tarde ele se referiu dizendo que, “se o quisesse, seu pai enviaria milhares de anjos para o servirem”, não precisando apoiar-se no solo, se reuniam no espaço e, como a parte inteligente do ser é sempre o que mais atrai o olhar dos outros seres, o olhar espiritual do cego se dirigiu para a região superior dos que por ele eram vistos.

## **SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA**

Nas aparições espíritas, ou no caso de desprendimento do Espírito do vidente, o que mais lhe prende a atenção é a sede propriamente dita do Espírito, a parte superior do corpo. Só depois de haver experimentado o contacto visual com essa parte superior do vulto é que o olhar do vidente desce e percebe o resto das formas, isto mesmo se for necessário, porquanto, na maioria das vezes, essas formas se apresentam indistintas, como que diluídas numa espécie de vapor.

As dimensões espíritas não são apreciáveis pelas medidas de que usais. Os Espíritos, librando-se no espaço, ultrapassavam as árvores na visão espiritual do cego. Suas formas imprecisas não lhe chamaram a atenção, por se achar esta voltada toda para as fisionomias que ele distinguia. Podemos acrescentar, para satisfazer à curiosidade minuciosa de alguns, que as formas humanas conservadas pelos Espíritos são geralmente mais amplas do que o eram na terra. Mesmo o homem, nos mundos superiores ao vosso, tem maior estatura do que vós outros e de muito maior pureza são as linhas de seu talhe. [...]

“A segunda imposição das mãos, dissemos, curou os órgãos animais do homem e este começou a ver, mas apenas os outros homens, seus semelhantes. A vista corporal lhe fora restituída”. [...]

Para curá-lo, não precisava o Mestre de lhe passar saliva nos olhos nem de lhe impor as mãos. Também não era preciso que lhe desembaraçasse a visão espiritual e, para o conseguir, não se fazia mister igualmente que lhe passasse saliva nos olhos, nem que o submetesse a uma primeira imposição das mãos, como não era necessária a segunda, para o que o homem recuperasse a vista corporal. Procedendo da maneira que se vos refere, os atos e palavras de Jesus tinham, como sempre, o objetivo de dar aos homens de então e aos do futuro um ensinamento, um exemplo. Duplo era o seu objetivo com relação aos discípulos. Pondo saliva nos olhos do cego e fazendo-lhe as imposições das mãos, ensinava-lhes, conforme já o explicamos tratando do surdo-mudo (n. 178), os diversos meios de que dispunham para operar.

Desembaraçando a visão espiritual do homem e interrogando-o nesse estado de desprendimento, Jesus atraía a atenção dos discípulos (do mesmo passo que a dos homens vindouros, que são os da época atual da nova revelação)



## **SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA**

para os mistérios de além-túmulo, para a imortalidade da alma, para a persistência da individualidade após a morte, tendo em vista o conhecimento, que a mediunidade vidente dera a alguns deles, das aparições espíritas e que hoje dá a alguns de vós”. (Tomo II, item 183)

### **Os dez leprosos**

*“Ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos que pararam ao longe, e lhe bradaram: Jesus, Mestre, tem piedade de nós. Assim que os viu, Jesus disse: Ide mostrar-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram limpos. (LC., Cap. XVII, vv. 12 a 14)*

“Quanto à cura dos leprosos, já vos demos a tal respeito suficientes explicações (n. 109, página 72 do 2º volume). Não temos que voltar ao assunto. A cura se operou materialmente no momento mesmo em que Jesus pronunciou as palavras: “Ide mostrar-vos aos sacerdotes”. Não vos admireis de que, só algum tempo depois de operada a sua cura material, haja dado por ela o leproso samaritano. Jesus regulara a ação dos fluidos e seus efeitos e foi sob a influência espírita que o Samaritano apreciou a sua própria cura. Impelido então pelo reconhecimento, voltou atrás. Que pode haver de espantoso em que os leprosos só se tenham inteirado de estarem curados algum tempo depois de efetuada a cura? Alguém vos disse que eles já iam longe? Jesus ainda se achava no local onde a cena se passara. Não podiam, portanto, estar já muito distantes os leprosos, quando o Samaritano deliberou voltar”. (Tomo III, item 224)

### **Cura dos cegos de Jericó**

*“Saindo eles de Jericó, grande multidão acompanhou a Jesus. E eis que dois cegos que se achavam sentados à beira da estrada, ouvindo dizer que Jesus por ali passava, se puseram a clamar: Senhor, filho de David, tem compaixão de nós! O povo os repreendia, mandando que se calassem; porém, eles clamavam cada vez mais alto: Tem compaixão de nós, Senhor, filho de David! Jesus então parou, chamou-os e lhes perguntou: Que quereis que eu vos faça? Responderam os dois: Que se nos abram, Senhor, os olhos. Compadecido deles, Jesus lhes tocou os olhos e, no mesmo instante, ambos recobriram a vista e o seguiram. (MT., Cap. XX, vv. 29 a 34)*

## SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA

“Quanto às curas, já vos explicamos (2º vol. pág. 152) como se operavam. Jesus as produziu por ato exclusivo da sua vontade e pela ação de seu poder magnético. Nenhuma necessidade tinha ele de tocar os olhos dos cegos para os curar da cegueira. Tocando-lhes os olhos, mostrava aos discípulos o que lhes cumpria fazer”. (Tomo III, item 246)

### **Cura de um hidrópico**

*“Tendo Jesus entrado em certo sábado na casa de um dos principais fariseus para comer, os que lá estavam se puseram a observá-lo. Defronte dele se achava um homem hidrópico. E Jesus, dirigindo-se aos doutores da lei e aos fariseus, perguntou: É lícito curar em dia de sábado? Todos guardaram silêncio. Jesus então, pondo a mão no homem, o curou e mandou embora. Disse-lhes em seguida: Qual de vós, cujo boi ou jumento caiu num poço, não o tirará logo daí por ser dia de sábado? A isto nada puderam responder”. (LC., Cap. XIV, vv. 1 a 6)*

“Já recebestes as explicações necessárias para poderdes compreender a cura do hidrópico. Operou-a o poder magnético de que Jesus dispunha, como sabeis.

Os homens se obstinam em não pesquisar as causas para comprovar e compreender os efeitos. Qual a causa originária da hidropsia? Um empobrecimento do sangue, cujo quilo diminui, sendo substituído pelas partes aquosas que ele contém. E esse empobrecimento resulta de uma alteração dos princípios vitais, por efeito de privações ou de excessos.

Bem dirigida, a ação magnética humana pode deter os progressos dessa decomposição do sangue e mesmo fazê-la cessar, mas só com tempo e perseverança, porquanto os instrumentos ainda não são bastante puros para não alterarem ou apoucarem, pelo seu contacto, os fluidos de que dispõem.

Jesus, magnetizador perfeito, empregava os princípios curativos em toda a sua pureza e, conseqüentemente, no seu máximo grau de eficácia. Não se vos disse que a tumefação produzida pela enfermidade cessou inopinadamente. Disse-se apenas que a enfermidade foi curada. O mal fora destruído; o equilíbrio se restabeleceu como conseqüência da ação magnética exercida, da ação dos fluidos de que Jesus impregnara o organismo do doente.

Operada a cura, mandou ele embora o homem. O mal chegara a uma de suas últimas fases e a fraqueza obstava

## SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA

a que o hidrópico fizesse qualquer esforço. Dissemos acima que ele fora levado para ali propositadamente. Jesus, entretanto, o mandou embora. É que lhe dera forças para se retirar e esse era o prelúdio da cura visível: a desinchação”. (Tomo III, item 252)

### **Cura da Orelha de Malco**

*“Um então dos que estavam com Jesus, levando a mão à espada, a desembainhou e, brandindo-a contra um servo do sumo sacerdote, lhe cortou uma orelha” (MT., Cap. XXVI, vv.51)*

“Quanto à cura da orelha de Malco, o que se voz diz é que, tendo-a tocado Jesus, ela se curou. A orelha fora cortada, mas não totalmente; não fora decepada. Jesus a curou detendo, pela ação magnética, a efusão do sangue. A emissão de certos fluidos magnéticos pode impedir a circulação do sangue, desviá-la ou ativá-la e esses efeitos se podem obter tanto com o magnetismo humano, como com o magnetismo espiritual. O magnetizador humano, auxiliado, se preciso, por Espíritos benfazejos, poderia, em certos casos, obter o mesmo resultado. Tais fatos serão estudados e aplicados quando houver passado o tempo da ignorância voluntária”. (Tomo III, item 291)

### **Piscina de Betesda. — Cura de um paralítico**

*“Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas, chamada em hebreu Betesda, e que tinha cinco alpendres. Nestes jazia uma multidão de enfermos, de cegos, de coxos, de paralíticos, esperando todos que a água se movesse. É que, em certas épocas, um anjo do Senhor descia à piscina e agitava a água; e aquele que primeiro entrava na piscina, após ter sido agitada a água, ficava curado de qualquer enfermidade que tivesse. Um homem lá se achava, que, havia trinta e oito anos, estava enfermo. Vendo-o deitado, Jesus, ao saber que ele desde tanto tempo se achava assim doente, lhe perguntou: Queres ficar são? Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho quem me meta na piscina quando a água é movimentada; enquanto para lá me dirijo, outro desce antes de mim. Disse-lhe Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda”. (JO., Cap. V, vv. 1 a 8)*

“A narrativa de João, no tocante à piscina de Betesda, exprime e resume as crenças vulgares de que ele próprio partilhava.

## **SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA**

Abalos vulcânicos por vezes agitavam aquela fonte. Suas águas, tornadas tépidas por um efeito térmico, eram apropriadas à cura de certas moléstias. Desconhecendo a causa do fenômeno, os homens de então o atribuíam a uma ação “milagrosa”.

Havia exagero da opinião pública.

Quanto às épocas em que o fenômeno se produzia, nada tinham de regulares. A aproximação delas era presentida por um ligeiro movimento na superfície da água. Ê que pequenos abalos a encrespavam algum tempo antes que fosse agitada pelas matérias calcáreas, que a invadiam por ocasião das erupções subterrâneas.

Aquele que primeiro entrava na piscina, diz a narração evangélica, depois de ter sido fortemente movimentada a água, ficava curado de qualquer doença de que sofresse. Como nem sempre a cura fosse obtida, deduziram desse fato que, para que ela se operasse, eram necessárias determinadas condições.

Curavam-se os que mergulhavam com fé na piscina. Os que se achavam atacados de moléstias para as quais aquelas águas tinham aplicação curavam-se, auxiliados pelo magnetismo espiritual. Aqueles para cujas enfermidades elas nenhuma eficácia apresentavam eram curados direta e unicamente por efeito desse magnetismo. Atraídos pela fé ardente com que esses enfermos ali iam, os Espíritos do Senhor exerciam sobre eles, invisivelmente, a ação magnética, servindo-se de fluidos apropriados à natureza da moléstia de que se tratava e desse modo produziam a cura.

Sabeis o que a fé pode alcançar. De fato, aquele que mergulhava na água, cheio de confiança, de reconhecimento e, mais que tudo, de submissão aos decretos da Providência, podia contar com a sua cura. Porém, ainda mais talvez do que atualmente, os que buscavam a piscina se limitavam, na sua maioria, a acompanhar a corrente, a cumprir uma mera formalidade, dominados pelo egoísmo, que não permitia se elevassem os Espíritos e rendessem graças àquele que é o autor de todos os dons perfeitos.

Daí, não conseguirem muitos doentes curar-se, o que deu lugar à crença de que a cura dependia de uma condição especial. Por seu lado, os anciões e os doutores para evitarem a confusão e o tumulto que resultavam de quere-rem todos os doentes entrar na piscina, se aproveitaram

## SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA

daquela suposição e fizeram crer que só obtinha a cura o que primeiro entrava, donde a reputação que as águas de Betesda conservaram.

De modo que, havendo sempre doentes apressados e sucedendo, portanto, que muitos mergulhavam ao mesmo tempo, cada um julgando ser o “primeiro”, se alguns se curavam, era pela razão de que, por terem molhado seus corpos no mesmo instante, todos esses tinham sido cada um o primeiro. Se a cura não se dava, isso não podia prover senão de que os não curados, embora parecendo ter mergulhado ao mesmo tempo, só o haviam feito sucessivamente, sem que tivessem sido cada um o primeiro.

Quanto à cura do homem que se achava enfermo havia trinta e oito anos e que, como o diz a narração evangélica, era paralítico, já recebestes sobre isso todas as explicações necessárias. Para vos inteirardes da maneira por que se deu esse fato qualificado de “milagre”, não tendes mais do que vos reportardes ao que foi explicado com relação a casos análogos ou idênticos em o 2º tomo, n. 110, pág. 76; n. 121, pág. 131, e n. 157, pág. 264. [...]” (Tomo IV, item 14)

### **Cego de nascença. — Sua cura operada por Jesus**

*“E ao passar viu Jesus um homem, que era cego de nascença. Seus discípulos lhe perguntaram: Mestre, que pecado cometeu este homem ou cometeram seus pais, para que nascesse cego? Respondeu-lhes Jesus: Nem ele pecou, nem pecaram seus pais; isto assim é para que nele se manifestem as obras do poder de Deus. É necessário que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; vem depois a noite e durante ela ninguém pode fazer obras. Enquanto eu estou no mundo, sou a luz do mundo. Dito isso, cuspiu no chão, fez lodo com o cuspo e untou com esse lodo os olhos do cego; , e lhe disse: Vai e lava-te na piscina de Siloé (que significa: Enviado)”. (JO., Cap. IX, vv.1 a 7)*

“Quanto ao cego de nascença, chegara o momento terminal da sua prova. Jesus, como bem o compreendeis, para curá-lo, atuou fluidicamente sobre os órgãos da visão, exercendo, por ato da sua vontade, uma ação magnética. No 2º tomo, págs. 152-155 e no 3º, págs. 230-231, já explicamos fatos de cura da cegueira. Cabem aqui as explicações que demos então. Reportai-vos a elas.

## **SAIBA MAIS - MEDIUNIDADE CURADORA**

Deveis igualmente compreender que Jesus nenhuma necessidade tinha de passar lodo nos olhos do cego a fim de lhe operar a cura. Esta se verificou por efeito da ação magnética. Ele fez aquilo apenas para dizer em seguida: Vai lavar-te na piscina de Siloé. As águas dessa piscina passavam por virtuosas. Jesus mandou que o cego curado se fosse lavar naquelas águas para mais divulgar o fato da cura, visto que era muito frequentada a piscina de Siloé". (Tomo IV, item 30)

**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XV**  
Dos Médiuns Escreventes  
ou Psicógrafos

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XV  
DOS MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

Médiuns mecânicos, intuitivos, semimecânicos, inspirados ou involuntários; de pressentimentos.

[...]

Médiuns mecânicos

179. Quem examinar certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta, ou da prancheta que escreve não poderá duvidar de uma ação diretamente exercida pelo Espírito sobre esses objetos. A cesta se agita por vezes com tanta violência, que escapa das mãos do médium e não raro se dirige a certas pessoas da assistência para nelas bater. Outras vezes, seus movimentos dão mostra de um sentimento afetuoso. O mesmo ocorre quando o lápis está colocado na mão do médium; frequentemente é atirado longe com força, ou, então, a mão, bem como a cesta, se agitam convulsivamente e batem na mesa de modo colérico, ainda quando o médium está possuído da maior calma e se admira de não ser senhor de si. Digamos, de passagem, que tais efeitos demonstram sempre a presença de Espíritos imperfeitos; os Espíritos superiores são constantemente calmos, dignos e benévolos; se não são escutados convenientemente, retiram-se e outros lhes tomam o lugar. Pode, pois, o Espírito exprimir diretamente suas ideias, quer movimentando um objeto a que a mão do médium serve de simples ponto de apoio, quer acionando a própria mão. Quando atua diretamente sobre a mão, o Espírito lhe dá uma impulsão de todo independente da vontade deste último. Ela se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer, e pára, assim ele acaba. Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. Quando se dá, no caso, a inconsciência absoluta; têm-se os médiuns chamados passivos ou mecânicos. E preciosa esta faculdade, por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve.



## OS QUATRO EVANGELHOS

“O médium psicógrafo [...] sente o braço impellido por ligeira pressão, mas não sente nem vê quem lhe atua no braço, para pô-lo em movimento, desde que não se trate de um médium também vidente, ou de um encarnado que possua a faculdade da vidência, da qual o Espírito use para se lhe tornar visível” (Tomo II, item 194)

“As primeiras tábuas da lei, as quais Deus, com a sua presciência, sabia que seriam quebradas, escreveu-as o próprio Moisés, como médium mecânico e audiente, sob a influência espírita. Elas foram, pois, obra de Deus, por intermédio do Espírito superior enviado, Espírito que, invisível para Moisés, lhe fez ouvir as palavras dos Mandamentos, ao mesmo tempo que fazia com que ele os escrevesse mecanicamente, sob a impressão de que provinham do próprio Deus.

As segundas tábuas Moisés as escreveu também mecanicamente, debaixo da inspiração do Espírito superior enviado. Tão inconsciente, porém, ele se conservou dessa inspiração, que acreditou tê-las escrito “de memória e trazido aos Hebreus, gravadas e tais como se recordava que eram”. (Tomo IV, Decálogo)

“Se vos fosse dado ver, observaríeis uma camada luminosa estendida por sobre o cérebro, como uma espécie de verniz sobre um quadro. É nessa camada de fluido que nós executamos o trabalho de vos transmitir os pensamentos, trabalho de que resulta para vós a inspiração e que, indo afetar consecutivamente o fluido vital e o fluido nervoso, produz as mediunidades psicográfica e psicofônica. Vosso cérebro, reservatório e sede de impulsão e de direção dos fluidos espiritual, vital e nervoso, é então, por assim dizer, a pilha galvânica que pomos em movimento e que transmite o abalo a todo o corpo, nas condições que correspondam aos efeitos que se devam produzir”. (Tomo III, item 199)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XV  
DOS MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

Médiuns intuitivos

180. A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou, melhor, de sua alma, pois que por este nome designamos o Espírito encarnado. O Espírito livre, neste caso, não atua sobre a mão, para fazê-la escrever; não a toma, não a guia. Atua sobre a alma, com a qual se identifica. A alma, sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante: é que o Espírito livre não se substitui à alma, visto que não a pode deslocar. Domina-a, mau grado seu, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é o de inteira passividade; ela recebe o pensamento do Espírito livre e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. É o que se chama médium intuitivo. Mas, sendo assim, dir-se-á, nada prova seja um Espírito estranho quem escreve e não o do médium. Efetivamente, a distinção é às vezes difícil de fazer-se, porém, pode acontecer que isso pouca importância apresente. Todavia, é possível reconhecer-se o pensamento sugerido, por não ser nunca preconcebido; nasce à medida que a escrita vai sendo traçada e, amiúde, é contrário à idéia que antecipadamente se formara. Pode mesmo estar fora dos limites dos conhecimentos e capacidades do médium. O papel do médium mecânico é o de uma máquina; o médium intuitivo age como o faria um intérprete. Este, de fato, para transmitir o pensamento, precisa compreendê-lo, apropriar-se dele, de certo modo, para traduzi-lo fielmente e, no entanto, esse pensamento não é seu, apenas lhe atravessa o cérebro. Tal precisamente o papel do médium intuitivo.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Zacarias era, inconscientemente, médium, como bem o compreendeis: - vidente, intuitivo pela consciência que tinha da sua visão, e audiente. Assim se explica que tenha visto o Espírito e lhe haja falado”. (Tomo I, item 02)

“Maria era um Espírito muito puro, Espírito superior, que descera à terra com a missão sagrada de cooperar no preparo da regeneração humana.

Em comunhão espiritual com os Espíritos do Senhor, mas submetida à lei da encarnação material humana tal qual a sofreis, médium inconsciente, ela recebeu, como médium vidente, audiente e intuitivo, no sentido de ter consciência do ser que se lhe apresentava, a predição que lhe era feita”. (Tomo I, item 14)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XV  
DOS MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

Médiuns inspirados

182. Todo aquele que, tanto no estado normal, como no de êxtase, recebe, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas ideias preconcebidas, pode ser incluído na categoria dos médiuns inspirados. Estes, como se vê, formam uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta é aí muito menos sensível, por isso que, ao inspirado, ainda é mais difícil distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido. A espontaneidade é o que, sobretudo, caracteriza o pensamento deste último gênero. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem, ou para o mal, porém, procede, principalmente, dos que querem o nosso bem e cujos conselhos muito amiúde cometemos o erro de não seguir. Ela se aplica, em todas as circunstâncias da vida, às resoluções que devemos tomar. Sob esse aspecto, pode dizer-se que todos são médiuns, porquanto não há quem não tenha seus Espíritos protetores e familiares, a se esforçarem por sugerir aos protegidos salutares ideias. Se todos estivessem bem compenetrados desta verdade, ninguém deixaria de recorrer com frequência à inspiração do seu anjo de guarda, nos momentos em que se não sabe o que dizer, ou fazer. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Os evangelistas eram, sem o saberem, médiuns historiadores inspirados mas dentro dos liames da humanidade, guardando, em face da aptidão mediúnica, a independência da natureza que lhes era peculiar”. (Tomo I, item 01)

“As palavras que Isabel dirigiu a Maria foram um efeito mediúnico, fruto da inspiração dos Espíritos do Senhor. Isabel as pronunciou como médium inspirado e, assim, cheia de um Espírito Santo”. (Tomo I, item 25)

“Moisés [...] médium inspirado, audiente” (Tomo II, item 176)

“Elias e Eliseu, sob a influência e a ação espíritas, eram, conforme os casos e as necessidades das missões que um e outro desempenhavam, médiuns videntes, inspirados, audientes e, como tais, instrumentos das vontades do Senhor”. (Tomo II, item 195)

“A perspicácia dos apóstolos, que todos eram médiuns inspirados, audientes, resultava da elevação pessoal deles e dos avisos que recebiam de seus guias espirituais”. (Tomo III, item 228)

“De que modo, senão por meio de uma manifestação espírita, de uma comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, foi o Messias anunciado a Abraão e depois aos Hebreus pelos profetas de Israel? Que eram estes, senão médiuns inspirados, audientes, instrumentos inconscientes dos Espíritos do Senhor”? (Tomo III, item 229)

“Os apóstolos, especialmente Paulo e João, este na sua narrativa evangélica, inspirados pelos Espíritos do Senhor que os assistiam e guiavam no desempenho de suas missões, a fim de que o que tinha de ser dito e feito o fosse, caminharam pelas sendas que Jesus traçara”. (Tomo IV, item 01)

“Como encarnado, João se achava imbuído das tradições da época. Era, vós o sabeis, médium, não só vidente e inspirado, mas também audiente”. (Tomo IV, item 03)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XV  
DOS MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

Médiuns inspirados (cont.)

183. Os homens de gênio, de todas as espécies, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de compreender por si mesmos e de conceber grandes coisas. Ora, precisamente porque os julgam capazes, é que os Espíritos, quando querem executar certos trabalhos, lhes sugerem as ideias necessárias e assim é que eles, as mais das vezes, são médiuns sem o saberem. Têm, no entanto, vaga intuição de uma assistência estranha, visto que todo aquele que apela para a inspiração, mais não faz do que uma evocação. Se não esperasse ser atendido, por que exclamaria, tão frequentemente: meu bom gênio, vem em meu auxílio? [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Que é o que se dá em certos casos, com o orador cuja linguagem de repente muda, sob a inspiração do momento; com o orador que, tendo-se preparado para tratar do assunto desta ou daquela maneira, se vê arrastado por uma força irresistível a desenvolvê-lo sob outro ponto de vista? Cede, dizeis, à inspiração do gênio. — Mas, de que gênio, senão do Espírito que veio em seu socorro e lhe prestou momentaneamente auxílio, fazendo dele um médium inspirado, inconsciente muitas vezes da influência espírita a que ficou sujeito?” (Tomo II, item 139)

Resposta de Jesus aos discípulos sobre o divórcio

*“Em casa, os discípulos o interrogaram de novo a esse respeito. Disse-lhes ele: Se um homem deixa sua mulher e casa com outra comete adultério por causa da primeira. E se uma mulher deixa o marido e casa com outro também comete adultério”. (MC., Cap. X, vv. 10 a 12)*

“Aquela observação serviu para mostrar que muitos acreditam falar sempre por si mesmos e, no entanto, falam pela inspiração que recebem. Os discípulos acreditavam falar por inspiração própria. Entretanto, haviam recebido a inspiração e a ela obedeciam, tanto mais facilmente quanto era conforme às ideias que lhes advinham dos preconceitos sob cuja influência se achavam”. (Tomo III, item 233)

Palavras de Caifás

*“Mas, um deles, chamado Caifás, que era pontífice naquele ano, lhes disse: Nada sabeis nem considerais que mais vos convém morra um só homem pelo povo do que perecer toda a nação”. (JO., Cap. XI, vv. 49 e 50)*

“Ora, observa João, ele não dizia isto de si mesmo. Caifás, com efeito, não pronunciou essas palavras de si mesmo; fê-lo por inspiração, sem que desta tivesse consciência. Estava na situação de muitas pessoas que julgam falar sempre por impulso próprio, mas que de fato receberam a inspiração e a esta ficam sujeitas”. (Tomo IV, item 37)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XV  
DOS MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

Médiuns de pressentimentos

184. O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. Pode ser devida a uma espécie de dupla vista, que lhes permite entrever as conseqüências das coisas atuais e a filiação dos acontecimentos. Mas, muitas vezes, também é resultado de comunicações ocultas e, sobretudo neste caso, é que se pode dar aos que dela são dotados o nome de médiuns de pressentimentos, que constituem uma variedade dos médiuns inspirados.

---

Nota: Embora Simeão e Ana não fossem médiuns escreventes ou psicógrafos, entendemos que melhor/mais correto seria correlacioná-los à mediunidade de pressentimentos. Vale lembrar, também, que esta variedade mediúnica nem sempre se manifesta através da escrita, sendo comum também na forma psicofônica.



## OS QUATRO EVANGELHOS

### *Cântico de Simeão*

*“Havia em Jerusalém um homem probo e temente a Deus, chamado Simeão, que vivia à espera da consolação de Israel; e um Espírito Santo estava nele. Pelo Espírito Santo lhe fora revelado que não morreria antes que houvesse visto o Cristo do Senhor. Impelido pelo Espírito, veio ao templo e, como os pais do menino Jesus o tivessem levado lá a fim de o submeterem ao que a lei ordenava, ele o tomou nos braços e louvou a Deus, dizendo: “Agora, Senhor, segundo a tua palavra, mandarás em paz o teu servo, pois meus olhos viram o Salvador que nos dás” (LC., Cap. II, vv. 25 a 30)*

“Simeão recebeu do seu anjo de guarda a inspiração (é o que, na vossa linguagem humana, chamais um presentimento) de que não morreria antes de ver o Cristo do Senhor. Por efeito dessa inspiração, houve, de sua parte, intuição, convicção. Ainda em virtude da mesma inspiração, ele se sentiu impelido a ir ao templo, onde, esclarecido por ela, tomou nos braços o “menino Jesus” e o proclamou o salvador esperado, pronunciando as palavras do cântico”. (Tomo I, item 41)

### *Ana profetiza*

*“Havia também uma profetiza chamada Ana, filha de Fanuel da tribo de Aser. Estava em idade muito avançada e não vivera senão sete anos com o marido, desde que se casara. Era então viúva, contava oitenta e quatro anos e não se afastava do templo, servindo a Deus, dia e noite, em jejuns e orações. Chegando ao templo naquele momento, pôs-se a louvar o Senhor e a falar do menino a quantos esperavam a redenção de Israel. (LC., Cap. II, vv. 36 a 38)*

“Ana era médium audiente e falante. Chamavam-na profetiza porque possuía (como médium), sob a influência e a ação dos Espíritos do Senhor, a faculdade de prever certos acontecimentos. Era um Espírito elevado, muito desenvolvido mediunicamente, como os profetas que apareceram em Israel. O povo considerava os profetas como inspirados mesmo pelo Altíssimo. Na realidade, eram médiuns”. (Tomo I, item 42)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XVI**  
Dos Médiuns Especiais

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XVI  
DOS MÉDIUNS ESPECIAIS

Aptidões especiais dos médiuns. Quadro sinóptico das diferentes espécies de médiuns.

[...]

186. [...] Vamos fazer um resumo dos principais gêneros de mediunidade, a fim de apresentarmos, por assim dizer, o quadro sinóptico de todas[...]

193. 3º - Segundo o gênero e a particularidade das comunicações

Médiuns historiadores: os que revelam aptidão especial para as explicações históricas. Esta faculdade, como todas as demais, independe dos conhecimentos do médium, porquanto não é raro verem-se pessoas sem instrução e até crianças tratar de assuntos que lhes não estão ao alcance. Variedade rara dos médiuns positivos.  
[...]

“Este quadro é de grande importância, não só para os médiuns sinceros que, lendo-o, procurarem de boa-fé preservar-se dos escolhos a que estão expostos, mas também para todos os que se servem dos médiuns, porque lhes dará a medida do que podem racionalmente esperar. Ele deverá estar constantemente sob as vistas de todo aquele que se ocupa de manifestações, do mesmo modo que a escala espírita, a que serve de complemento. Esses dois quadros reúnem todos os princípios da Doutrina e contribuirão, mais do que o supondes, para trazer o Espiritismo ao verdadeiro caminho.” (SÓCRATES.)

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Médiuns de todas as espécies, os apóstolos e seus discípulos serviam de instrumento às grandes vontades superiores”.(Tomo II, item 184)

“Os evangelistas, como os apóstolos, possuíam a fé simples. Instrumentos dóceis do Senhor, não procuravam ir além do ponto a que eram levados, temendo transviar-se. Médiuns historiadores inspirados, só disseram, sob a influência espírita, sob a inspiração mediúnica, das quais não tinham consciência, o que deviam dizer, empregando, como o fazem os vossos médiuns, as palavras de que dispunham para relatar os fatos. Debaixo daquela influência e daquela inspiração, cada um reproduziu, dentro do quadro que lhe fora traçado, as manifestações espíritas, os fatos, as palavras proferidas por Jesus, as que os homens lhe atribuíam, os atos por ele praticados, o que diziam e faziam os homens, suas opiniões, apreciações e interpretações relativas à personalidade do Mestre, a suas palavras e a seus atos. (Tomo IV, item 36)

## SAIBA MAIS - DOS MÉDIUNS

### **Sobre os apóstolos**

“Os apóstolos eram médiuns, quer dizer: intermediários entre os Espíritos superiores que os assistiam e os homens. Com o auxílio das faculdades mediúnicas, sob a ação e a influência medianímicas, é que eles obraram e falaram, a fim de concorrerem para a obra de redenção”.

Para expulsarem os maus Espíritos, isto é, para libertarem os homens da subjugação, tanto corporal, como corporal e moral, ordenavam aos obsessores que se afastassem da vítima, empregando as mesmas palavras de que usava Jesus: “Sai desse homem”. E os obsessores se afastavam no mesmo instante por ato da vontade dos Espíritos superiores, sustentada, se necessário, pela dos Espíritos puros.

Para restituir a saúde aos doentes, limpar os leprosos, curar todos os males e enfermidades, impunham as mãos ou ungiam com óleo os enfermos, obrando por ato da própria vontade e pela ação magnética humana. Ao mesmo tempo, os Espíritos superiores, associando sua vontade à deles por meio do magnetismo espiritual, escolhiam e lhes punham ao alcance os fluidos apropriados aos efeitos, aos resultados que tinham de ser obtidos, à cura que se havia de operar.

Ungiam com óleo muitos doentes apenas para tornar a ação que exerciam mais compreensível aos homens. Nenhuma necessidade tinham, para obterem a cura, de recorrer a esses meios materiais, externos, porquanto a mão do magnetizador humano, ou a vontade do Justo teriam enviado, sem isso, ao organismo os fluidos de que se achavam carregados os óleos empregados. Aplicando o das oliveiras, usavam dos meios postos a seu alcance, a fim de mostrarem que tudo pode servir para a execução dos desígnios de Deus, quando se tem a fé”. (Tomo II, 133)

## SAIBA MAIS - DOS MÉDIUNS

### Sobre Pedro

Já temos dito que Pedro possuía em altíssimo grau as faculdades mediúnicas.

[...] médium desenvolvido e adiantado, era, nas mãos dos Espíritos do Senhor, um instrumento poderoso para a difusão da luz. Todos os discípulos do Cristo tinham utilidade, mas cada um na sua especialidade. Pedro, ao contrário, dotado de uma organização física bastante maleável para se prestar a todas as influências mediúnicas, Espírito mais elevado do que os outros apóstolos fiéis, senão em pureza, pelo menos em inteligência, tinha mais amplo poder. Servia assim de pedra fundamental ao edifício. Sobre ele foi construída a Igreja do Cristo, que desse modo assenta em alicerces inabaláveis, porquanto a faculdade que ele possuía se vai espalhando e cada vez se espalhará mais. E, tal como a pedra principal do ângulo, todos, todos os verdadeiros espíritas e sobretudo médiuns sinceros e humildes, servireis para a construção desse edifício, trazendo cada um a sua pedra. E podereis, espalhando de mais em mais, ao derredor de vós, a luz que fordes obtendo, ligar também e desligar na terra e o Senhor ligará e desligará no céu. [...]

Pedro, Espírito adiantado e devotado, além disso excelente instrumento mediúnico (era preciso que fosse assim), dispunha, por ser da vontade de Jesus e graças aos Espíritos superiores que o assistiam, de uma perspicácia que não podeis avaliar com exatidão. Seu olhar penetrante descia ao fundo das consciências, sondava os mais íntimos pensamentos. [...]

“Sobre ti, Pedro, edificarei a minha igreja.”

Pedro preside ao progredir da fé, ao desenvolvimento da inteligência, ao cumprimento das promessas de Jesus. Ele continuou no desempenho da sua missão espiritual, depois de haver cumprido a sua missão humana. Desempenhando esta, começou, com o auxílio dos outros apóstolos e dos discípulos que se lhes associaram, a construir a Igreja do Cristo. Pelo desempenho da sua missão espiritual, prossegue na execução desta obra e a concluirá”. (Tomo II, item 184)

TIPOS DE MEDIUMS	PERSONAGENS EVANGÉLICOS																				
	Zacarias	Maria	Isabel	José	Pastores	Magos	Simeão	Ana Profetisa	Apóstolos	Evangelistas	Profetas	Moisés	João Batista	Pedro	Tiago	João	Elias e Eliseu	Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, Salomé, Joana e as outras que com elas andavam juntas	Os 02 Discípulos de Emaús	Paulo de Tarso	
<b>Espécies comuns a todos os gêneros de mediunidade</b>																					
Médiuns Sensitivos																					
Médiuns Delicados																					
Médiuns naturais ou inconscientes																					
Médiuns facultativos ou voluntários																					
<b>Variedades especiais para os efeitos físicos</b>												●	●								
Médiuns Tiptólogos																					
Médiuns Motores																					
Médiuns de Translações e de Suspensões																					
Médiuns de Efeitos Musicais																					
Médiuns de Aparições																					
Médiuns de Transporte																					
Médiuns Noturnos																					
Médiuns Pneumatógrafos																					
Médiuns Curadores								●													
Médiuns Excitadores																					



TIPOS DE MEDIUNS	PERSONAGENS EVANGÉLICOS																			
	Zacarias	Maria	Isabel	José	Pastores	Magos	Simeão	Ana Profetisa	Apóstolos	Evangelistas	Profetas	Moisés	João Batista	Pedro	Tiago	João	Elias e Eliseu	Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago, Salomé, Joana e as outras que com elas andavam juntas	Os 02 Discípulos de Emaús	Paulo de Tarso
<b>Médiuns Especiais para Efeitos Intelectuais. Aportões Diversas</b>																				
Médiuns Audientes	●	●			●			●	●		●	●	●	●			●		●	
Médiuns Falantes			●					●						●						
Médiuns Videntes	●	●			●	●			●			●	●	●			●		●	
Médiuns Inspirados			●						●	●	●	●	●			●	●			●
Médiuns de Pressentimentos							●	●												
Médiuns Proféticos																				
Médiuns Sonâmbulos																				
Médiuns Extáticos																				
Médiuns Pintores ou Desenhistas																				
Médiuns Músicos																				
<b>Variedade dos Médiuns Escreventes</b>																				
<b>1. Segundo o Modo de Execução</b>																				
Psicógrafos																				
Mecânicos												●								
Semimecânicos																				
Intuitivos	●	●																		
Polígrafos																				
Políglotas																				
Ilustrados																				

TIPOS DE MÊDIUNS	PERSONAGENS EVANGÉLICOS																				
	Zacarias	Maria	Isabel	José	Pastores	Magos	Simeão	Ana Profetisa	Apóstolos	Evangelistas	Profetas	Moisés	João Batista	Pedro	Tiago	João	Elias e Eliseu	Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago, Salomé, Joana e as outras que com elas andavam juntas	Os 02 Discípulos de Emaús	Paulo de Tarso	
<b>2. Segundo o Desenvolvimento da Faculdade</b>																					
Médiuns Novatos																					
Médiuns Improdutivos																					
Médiuns Feitos ou Formados																					
Médiuns Lacônicos																					
Médiuns Explícitos																					
Médiuns Experimentados																					
Médiuns Maleáveis																					
Médiuns Exclusivos																					
Médiuns para Evocação																					
Médiuns para Ditados Espontâneos																					
<b>3. Segundo o Gênero e a Parcialidade das Comunicações</b>																					
Médiuns Versejadores																					
Médiuns Poéticos																					
Médiuns Positivos																					
Médiuns Literários																					
Médiuns Incorretos																					

TIPOS DE MÊDIUNS	PERSONAGENS EVANGÉLICOS																				
	Zacarias	Maria	Isabel	José	Pastores	Magos	Simeão	Ana Profetisa	Apóstolos	Evangelistas	Profetas	Moisés	João Batista	Pedro	Tiago	João	Elias e Eliseu	Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago, Salomé, Joana e as outras que com elas andavam juntas	Os 02 Discípulos de Emaús	Paulo de Tarso	
Médiuns Historiadores										●											
Médiuns Científicos																					
Médiuns Receitistas																					
Médiuns Religiosos																					
Médiuns Filósofos e Moralistas																					
Médiuns de Comunicações Triviais ou Obscenas																					
<b>4. Segundo as Qualidades Físicas do Médiun</b>																					
Médiuns Calmos																					
Médiuns Velozes																					
Médiuns Convulsivos																					
<b>5. Segundo as Qualidades Morais dos Médiuns</b>																					
<b>Médiuns Imperfeitos</b>																					
Médiuns Obsidiados																					
Médiuns Fascinados																					
Médiuns Subjugados																					
Médiuns Levianos																					
Médiuns Indiferentes																					
Médiuns Presunçosos																					

TIPOS DE MÊDIUNS	PERSONAGENS EVANGÉLICOS																				
	Zacarias	Maria	Isabel	José	Pastores	Magos	Simeão	Ana Profetisa	Apóstolos	Evangelistas	Profetas	Moisés	João Batista	Pedro	Tiago	João	Elias e Eliseu	Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago, Salomé, Joana e as outras que com elas andavam juntas	Os 02 Discípulos de Emaús	Paulo de Tarso	
Médiuns Orgulhosos																					
Médiuns Suscetíveis																					
Médiuns Mercenários																					
Médiuns Ambiciosos																					
Médiuns de Má-fé																					
Médiuns Egoístas																					
Médiuns Invejosos																					
<b>Bons Médiuns</b>																					
Médiuns Sérios																					
Médiuns Modestos																					
Médiuns Devotados																					
Médiuns Seguros																					

**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XVII**  
Formação dos Médiuns

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XVII  
DA FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Desenvolvimento da mediunidade. Mudança de caligrafia.  
- Perda e suspensão da mediunidade. Desenvolvimento da  
mediunidade

[...]

203. [...] Para que um Espírito possa comunicar-se, preciso é que haja entre ele e o médium relações fluídicas, que nem sempre se estabelecem instantaneamente. Só à medida que a faculdade se desenvolve, é que o médium adquire pouco a pouco a aptidão necessária para pôr-se em comunicação com o Espírito que se apresenta. [...]

217. Uma vez desenvolvida a faculdade, é essencial que o médium não abuse dela. O contentamento que daí advém a alguns principiantes lhes provoca um entusiasmo, que muito importa moderar. Devem lembrar-se de que ela lhes foi dada para o bem e não para satisfação de vã curiosidade. Convém, portanto, que só se utilizem dela nas ocasiões oportunas e não a todo momento. Não lhes estando os Espíritos ao dispor a toda hora, correm o risco de ser enganados por mistificadores. Bom é que, para evitarem esse mal, adotem o sistema de só trabalhar em dias e horas determinados, porque assim se entregarão ao trabalho em condições de maior recolhimento e os Espíritos que os queiram auxiliar, estando prevenidos, se disporão melhor a prestar esse auxílio. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Há entre os fluidos atração recíproca, donde as relações que se estabelecem entre os Espíritos, conforme às suas tendências, boas ou más, seus pendores e sentimentos, bons e maus.

Daí deriva a influência atrativa dos fluidos similares, simpáticos, constituindo o laço que aproxima um do outro dois Espíritos, senão da mesma categoria, animados dos mesmos pendores, dos mesmos sentimentos.

Assim, pela natureza de suas inclinações, os Espíritos atraem a si outros Espíritos que lhes são semelhantes, simpáticos pela identidade dos sentimentos e pendores e entram com eles em relação, graças à influência atrativa dos fluidos”. (Tomo I, item 56)

“Jesus [...] chamando o Espírito Santo para os discípulos, fez que descessem até eles os Espíritos elevados que os haviam de amparar nos seus ásperos e perigosos trabalhos e que, sob a aparência de “línguas de fogo”, se manifestaram por meio dos seus perispíritos luminosos.

Ainda hoje, sob essa influência vos colocais quando, subtraindo-vos às paixões humanas, vivendo a vida que pertença a Deus e tudo lhe referindo pela prática do trabalho, da humildade, da caridade e do amor, atraís os Espíritos protetores da humanidade. Não vos orgulheis, porém, disso, porquanto a queda é fácil, mesmo para o mais elevado e os maus pensamentos com facilidade nascem no Espírito encarnado. Recebei, portanto, a luz espírita, que vos é confiada para que a repartais abundantemente com os que queiram esclarecer-se; mas, recebei-a sempre cheios de um profundo sentimento de humildade e de reconhecimento, rendendo graças a essa fonte donde dimana tudo o que é grande, tudo o que é belo, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é eterno.

O Espiritismo é o complemento da lei de amor que há tanto tempo calcais aos pés”. (Tomo I, item 53)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XVII  
DA FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Mudança de caligrafia

219. Um fenômeno muito comum nos médiuns escreventes é a mudança da caligrafia, conforme os Espíritos que se comunicam. E o que há de mais notável é que uma certa caligrafia se reproduz constantemente com determinado Espírito, sendo às vezes idêntica à que este tinha em vida. Veremos mais tarde as consequências que daí se podem tirar, com relação à identidade dos Espíritos. A mudança da caligrafia só se dá com os médiuns mecânicos ou semimecânicos, porque neles é involuntário o movimento da mão e dirigido unicamente pelo Espírito. O mesmo já não sucede com os médiuns puramente intuitivos, visto que, neste caso, o Espírito apenas atua sobre o pensamento, sendo a mão dirigida, como nas circunstâncias ordinárias, pela vontade do médium. Mas, a uniformidade da caligrafia, mesmo em se tratando de um médium mecânico, nada absolutamente prova contra a sua faculdade, porquanto a variação da forma da escrita não é condição absoluta, na manifestação dos Espíritos: deriva de uma aptidão especial, de que nem sempre são dotados os médiuns, ainda os mais mecânicos. Aos que a possuem damos a denominação de Médiuns polígrafos.



## OS QUATRO EVANGELHOS

“No momento em que estas palavras acabavam de ser escritas, o médium, colocado espontaneamente sob nova influência medianímica, escreveu, com uma grafia diferente e magistral, o seguinte:

*Não basta se diga que certa moral é sublime; cumpre seja posta em prática. Não basta ser-se cristão e mesmo cristão-espírita, se se não pratica a moral por mim ensinada. Assim, pois, que os que querem entrar no reino de meu pai sejam seus filhos pelo coração e não pelos lábios, obedçam com submissão, zelo e confiança às instruções que receberam e recebam hoje dos Espíritos enviados, de acordo com as minhas promessas, para ensinarem progressivamente aos homens todas as coisas, para conduzi-los à verdade e lembrar-lhes o que eu lhes disse.*

*“Que digam: Senhor, Senhor! mas que o digam do fundo de seus corações; que seus atos correspondam às suas palavras e o reino dos céus lhes pertencerá.*

*Por aquele cuja mão protetora sustenta os humildes e os fracos e humilha os orgulhosos e poderosos”. ISABEL. (Tomo II, item 108)*

“No momento em que estas palavras acabavam de ser escritas, o médium, sob outra influência mediúnica que se fez sentir espontaneamente, escreveu, com uma caligrafia diferente e magistral o seguinte:

*“Deixa que os mortos enterrem seus mortos e vai tu e anuncia o reino de Deus; deixa entregues a si mesmos os que se mostram incapazes de ver a luz; trata, primeiramente, de levá-la aos que a desejam. Aquele que, tendo posto a mão no arado, olha para trás de si, não serve para o reino de Deus: É preciso que as condições pessoais, egoísticas, não te façam voltar atrás e abandonar a obra que tens de executar. Começaste a caminhar para a frente, segue teu caminho, pois parar é recuar”.[...] Jesus vos abençoa”.*

Depois, [...], com a caligrafia de que antes usava: “Foi um Espírito intermediário de Jesus junto de vós quem [...] vos transmitiu a palavra do Mestre, encarregado, como seu mandatário, de assinar por ele. Para bem apreciardes a vossa posição em tal caso, dir-vos-emos: “É a palavra do monarca transcrita pelo secretário, mas selada com as armas reais”. (Tomo II, item 117)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XVII  
DA FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Perda e suspensão da mediunidade

220. A faculdade mediúmica está sujeita a intermitências e a suspensões temporárias, quer para as manifestações físicas, quer para a escrita. Damos a seguir as respostas que obtivemos dos Espíritos a algumas perguntas feitas sobre este ponto: [...]

12ª Com que fim a Providência outorgou de maneira especial, a certos indivíduos, o dom da mediunidade?

“É uma missão de que se incumbiram e cujo desempenho os faz ditosos. São os intérpretes dos Espíritos com os homens.”

13ª Entretanto, médiuns há que manifestam repugnância ao uso de suas faculdades.

“São médiuns imperfeitos; desconhecem o valor da graça que lhes é concedida.” [...]

16ª Como pode um homem aperfeiçoar-se mediante o ensino dos Espíritos, quando não tem, nem por si mesmo, nem com o auxílio de outros médiuns, os meios de receber de modo direto esse ensinamento?

“Não tem ele os livros, como tem o cristão o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus, não é preciso que o cristão tenha ouvido as palavras ao lhe saírem da boca.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Cântico de Maria

*“Disse então Maria: ‘Minh’alma glorifica o Senhor; e meu Espírito se arrebatava de alegria em Deus, meu salvador. Pois que ele deu atenção à humildade da sua serva, eis que daqui por diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada’.* (LC., Cap. I, vv.46 a 48)

“Glorificai o Senhor. O homem é um instrumento; o espírito, o médium, sobretudo, é o instrumento de que se servem hoje os bons Espíritos para rebaixar o orgulho, a ambição, a cupidez, a tirania (sem fazermos qualquer alusão)”. (Tomo I, item 26)

“Não penseis que tenhamos vindo destruir a lei e os profetas”. Não; nada do que está na lei passará, porquanto a lei é o amor, que há de continuamente crescer, até que vos tenha levado ao trono eterno do Pai. Vimos lembrar, explicar, tornar compreensível em espírito e verdade - a doutrina moral, simples e sublime, do Mestre, os ensinamentos velados que ele transmitiu aos homens, as profecias veladas que fez durante a sua missão terrena. Não vimos destruir a lei e sim cumpri-la, escoimando a do Cristo das adições que lhe introduziram, das tradições que lhe tomaram o lugar, dos dogmas que, oriundos das interpretações humanas, lhe alteraram ou falsearam o sentido e a aplicação. Vimos reintegrá-la na verdade, estabelecer na Terra a unidade das crenças, convidar-vos e conduzir-vos a todos, abstraindo dos cultos exteriores que ainda vos dividem e separam, à fraternidade, pela prática da justiça, da caridade e do amor recíprocos e solidários.

O Espiritismo é a confirmação do Cristianismo, não com o feitiço que lhe deram os homens, mas tal como Jesus o instituiu pela sua palavra evangélica, compreendida e praticada em espírito e verdade.

Ora, que é o Cristianismo de Jesus senão a religião universal, que há de encerrar todos os homens num círculo único de amor e de caridade?” (Tomo I, item 77)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XVIII**  
Dos Inconvenientes e Perigos  
da Mediunidade

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XVIII  
DOS INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE

Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde. -  
Idem sobre o cérebro. - Idem sobre as crianças.

221. 1ª Será a faculdade mediúcnica indício de um estado patológico qualquer, ou de um estado simplesmente anômalo?

“Anômalo, às vezes, porém, não patológico; há médiuns de saúde robusta; os doentes o são por outras causas.”

2ª O exercício da faculdade mediúcnica pode causar fadiga?

“O exercício muito prolongado de qualquer faculdade acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos [...].

3ª Pode o exercício da mediunidade ter, de si mesmo, inconveniente, do ponto de vista higiênico, abstração, feita do abuso?

“Há casos em que é prudente, necessária mesmo, a abstenção, ou, pelo menos, o exercício moderado, tudo dependendo do estado físico e moral do médium. [...]

4ª Haverá pessoas para quem esse exercício seja mais inconveniente do que para outras?

“[...] Há pessoas relativamente às quais se devem evitar todas as causas de sobreexcitação e o exercício da mediunidade é uma delas.” (Ns. 188 e 194.)

5ª Poderia a mediunidade produzir a loucura?

“Não mais do que qualquer outra coisa, desde que não haja predisposição para isso, em virtude de fraqueza cerebral.[...]”

6ª Haverá inconveniente em desenvolver-se a mediunidade nas crianças?

“Certamente e sustento mesmo que é muito perigoso, pois que esses organismos débeis e delicados sofreriam por essa forma grandes abalos, e as respectivas imaginações excessiva sobreexcitação. Assim, os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias, ou, quando nada, não lhes falar do assunto, senão do ponto de vista das consequências morais.” [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“ignorais quanto a mediunidade é perigosa para quem não sabe servir-se dela?” (Tomo II, item 184)





**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XIX**  
Do Papel dos Médiuns nas  
Comunicações Espíritas

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XIX  
DO PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

Influência do Espírito pessoal do médium. - Sistema dos médiuns inertes. - Aptidão de certos médiuns para coisas de que nada conhecem: línguas, música, desenho. - Dissertação de um Espírito sobre o papel dos médiuns.

223.[...] 3ª Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium, ou outro?

“Pela natureza das comunicações. Estuda as circunstâncias e a linguagem e distinguirás. No estado de sonambulismo, ou de êxtase, é que, principalmente, o Espírito do médium se manifesta, porque então se encontra mais livre. No estado normal é mais difícil. Aliás, há respostas que se lhe não podem atribuir de modo algum. Por isso é que te digo: estuda e observa.” [...]

7ª O Espírito encarnado no médium exerce alguma influência sobre as comunicações que deva transmitir, provindas de outros Espíritos?

“Exerce, porquanto, se estes não lhe são simpáticos, pode ele alterar-lhes as respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e a seus pendores [...]

8ª Será essa a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

“Não há outra. Os Espíritos procuram o intérprete que mais simpatize com eles e que lhes exprima com mais exatidão os pensamentos. [...]

10ª Dessas explicações resulta, ao que parece, que o Espírito do médium nunca é completamente passivo?

“É passivo, quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito que se comunica, mas nunca é inteiramente nulo. Seu concurso é sempre indispensável, como o de um intermediário, embora se trate dos que chamais médiuns mecânicos.”

11ª Não haverá maior garantia de independência no médium mecânico, do que no médium intuitivo?

“Sem dúvida alguma e, para certas comunicações, é preferível um médium mecânico; mas, quando se conhecem as faculdades de um médium intuitivo, torna-se indiferente, conforme as circunstâncias. Quero dizer que há comunicações que exigem menos precisão.” [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“A cada evangelista cabia, no quadro geral, uma parte da narração. Os tradutores e interpretadores frequentemente falsearam a intenção primitiva. As palavras dos apóstolos passaram de boca em boca durante muito tempo antes que fossem escritas, o que deu lugar, de certo modo, às diferenças que se notam nas narrativas. Levado em conta o que, nas relações mediúnicas, há de humano e, por isso, de molde a embarçá-las, ter-se-á desvendado o segredo dessas diferenças, aliás pouco importantes em si mesmas. Não podendo deixar de ser assim, os evangelistas, em certos casos que vos serão assinalados, ficaram privados da inspiração, entregues ao próprio critério, nalguns pontos da narrativa oriundos da voz pública e que, ao tempo da nova revelação, da revelação da revelação, teriam que ser explicados e compreendidos. [...]

Visto que em tudo o que é humano há erro, as diferenças, nos Evangelhos, são devidas à condição humana dos narradores, que conservavam a independência da natureza que lhes era particular, ainda quando sob a inspiração que os auxiliava na revelação”. (Tomo I, item 1)

“Não esqueçais nunca que a linguagem humana e a narração dos evangelistas são conformes, debaixo da influência e da inspiração mediúnicas, às crenças dos apóstolos, dos discípulos e da multidão que acompanhava os passos de Jesus, crenças que, como homens, eles adotaram (já o explicamos) de acordo com os tempos e as fases da missão que desempenhavam”. (Tomo II, item 116)

“Desde que estudais a ciência espírita, ainda não compreendestes que o melhor médium, isto é: o mais maleável, o mais dócil dos instrumentos, pode, em certos casos, ficar entregue a si mesmo, embora dominado pela sobreexcitação mediúnica, de tal sorte que é a sua própria natureza que atua pessoalmente, quando ele ainda se julga sob a influência espiritual?

Assim é que, em certos casos, os apóstolos referiram os fatos sob a impressão da sua maneira de ver pessoal, ao passo que, em outros, os fatos lhes eram, a bem dizer, postos, mediunicamente, debaixo das vistas”. (Tomo III, item 303)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XIX  
DO PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

225. A dissertação que se segue, dada espontaneamente por um Espírito superior [...] resume, de modo claro e completo, a questão do papel do médium:

“Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, quer mecânicos ou semimecânicos, quer simplesmente intuitivos, não variam essencialmente os nossos processos de comunicação com eles. De fato, nós nos comunicamos com os Espíritos encarnados dos médiuns, da mesma forma que com os Espíritos propriamente ditos, tão só pela irradiação do nosso pensamento. Os nossos pensamentos não precisam da vestidura da palavra, para serem compreendidos pelos Espíritos e todos os Espíritos percebem os pensamentos que lhes desejamos transmitir, sendo suficiente que lhes dirijamos esses pensamentos e isto em razão de suas faculdades intelectuais. [...]

Assim, quando encontramos em um médium o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores, de natureza a nos facilitarem as comunicações, dele de preferência nos servimos, porque com ele o fenômeno da comunicação se nos toma muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos anteriormente adquiridos. [...]

Sem dúvida, podemos falar de matemáticas, servindo-nos de um médium a quem estas sejam absolutamente estranhas; porém, quase sempre, o Espírito desse médium possui, em estado latente, conhecimento do assunto, isto é, conhecimento peculiar ao ser fluídico e não ao ser encarnado, por ser o seu corpo atual um instrumento rebelde, ou contrário, a esse conhecimento. O mesmo se dá com a astronomia, com a poesia, com a medicina, com as diversas línguas, assim como com todos os outros conhecimentos peculiares à espécie humana.

“Finalmente, ainda temos como meio penoso de elaboração, para ser usado com médiuns completamente estranhos ao assunto de que se trate, o da reunião das letras e das palavras, uma a uma, como em tipografia”. - ERASTO e TIMÓTEO [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Para o Espírito elevado, o pensamento é luz. [...] Para o Espírito, o pensamento é um corpo visível e palpável e quanto mais puro é o Espírito, tanto mais luminoso se lhe torna o pensamento. Este é, para o Espírito, um corpo visível e palpável, no sentido de ser conduzido e transmitido por uma corrente fluídica. Deveis agora compreender que, para o puro Espírito, ele seja a luz que lhe ilumina a inteligência por meio de uma corrente fluídica pura que parte de Deus, constituindo o veículo do pensamento divino.

Não sabeis já que o fluido universal, em todos os seus estados de combinação e de transformação, é, na imensidade, o veículo do pensamento, sob a influência atrativa dos fluidos mediante os quais se estabelecem as relações, entre os Espíritos, por analogia de natureza, ou de espécie?” (Tomo IV, item 15)

“Se os apóstolos, homens saídos do povo, sem educação, sem maneiras, não depositassem confiança na inspiração, não teriam caminhado para a frente. A desconfiança de si mesmos os houvera paralisado. Certos de que a inspiração do Espírito Santo os ampararia, avançaram com passo firme para todas as lutas. As ciências, latentes neles, se desenvolveram, a assistência dos Espíritos do Senhor os fortificou e a obra se executou de modo tanto mais frisante, tanto mais notável para as massas, quanto ninguém ignorava donde provinham aqueles homens que, com facilidade, falavam as línguas estrangeiras, pleiteavam com suma eloquência sua própria causa e as de seus irmãos, mostravam, finalmente, em tudo, um saber, um cabedal de conhecimentos que ninguém pudera supor possuísem. Notai de passagem que em parte alguma se diz que cada um deles era senhor de todas as ciências. Cada um tinha as suas especialidades, de acordo com os antecedentes de sua existência”. (Tomo II, item 139)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XX**  
Da Influência Moral  
do Médium

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XX  
DA INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

Questões diversas. - Dissertação de um Espírito sobre a influência moral.

226. 1ª O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?

“Não; a faculdade propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium.”

2ª Sempre se há dito que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor. Por que, então, não constitui privilégio dos homens de bem e por que se veem pessoas indignas que a possuem no mais alto grau e que dela usam mal?

“Todas as faculdades são favores pelos quais deve a criatura render graças a Deus, pois que homens há privados delas. Poderias igualmente perguntar por que concede Deus vista magnífica a malfeitores, destreza a gatunos, eloquência aos que dela se servem para dizer coisas nocivas. O mesmo se dá com a mediunidade”. [...]

3ª Os médiuns, que fazem mau uso das suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as consequências dessa falta?

“Se delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e o não aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso.” [...]

11ª Quais as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos superiores nos chegue isenta de qualquer alteração?

“Querer o bem; repulsar o egoísmo e o orgulho. Ambas essas coisas são necessárias.” [...]



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Espíritos elevados em missão, tinham os apóstolos grande aptidão para a comunicação com os Espíritos superiores, o que tornava suas mediunidades diferentes das vossas.

Para vós, a mediunidade ainda não chegou ao seu completo desenvolvimento e nem mesmo a compreendeis”.  
(Tomo II, item 139)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XX  
DA INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

230. A seguinte instrução deu-no-la, sobre o assunto, um Espírito de quem temos inserido muitas comunicações:

[...]

“Em tese geral, pode afirmar-se que os Espíritos atraem Espíritos que lhes são similares e que raramente os Espíritos das plêiadas elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos mediúnicos, bons médiuns, numa palavra”.

“O Espiritismo já está bastante espalhado entre os homens e já moralizou suficientemente os adeptos sinceros da sua santa doutrina, para que os Espíritos já não se vejam constrangidos a usar de maus instrumentos, de médiuns imperfeitos. Se, pois, agora, um médium, qualquer que ele seja, se tornar objeto de legítima suspeição, pelo seu proceder, pelos seus costumes, pelo seu orgulho, pela sua falta de amor e de caridade, repeli, repeli suas comunicações, porquanto aí estará uma serpente oculta entre as ervas.” - ERASTO

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Ignorais que o Espírito encarnado atrai a si os Espíritos que se lhe assemelham pelas tendências, pelas ideias preconcebidas ou sistemáticas, de acordo com os preconceitos ou as tradições do meio em que se ache; que, como médium, pode ser submetido a uma influência má, tornar-se instrumento, inconsciente e muitas vezes patente, de Espíritos embusteiros e, assim, instrumentos do erro ou da mentira, do mesmo modo que o pode ser dos bons Espíritos, quando escolhido, como o foi Pedro, para a revelação da verdade que o Senhor queira se faça conhecida dos homens, nos tempos determinados?” (Tomo II, item 184)

“Da mesma forma que vos servis de um instrumento imperfeito até que descubrais um bom, caso em que abandonais o que não preenchia senão uma apenas das condições precisas, e passais a fazer uso do que as reúne todas, também nós abandonamos o instrumento que só possui as qualidades materiais, isto é, as disposições físicas, logo que podemos servir-nos de outro, bom, que reúna as disposições morais e físicas necessárias. Deparando-se-nos um encarnado que preencha, do ponto de vista moral, as condições desejadas, estamos sempre prontos a fazer todos os esforços para remediar ao que lhe falte fisicamente. Mas, quão poucos sois os que possuíis a fé assaz forte, a elevação dalma assaz grande, a renúncia assaz poderosa, a caridade assaz benigna, para nos atrair suficientemente!” (Tomo II item 194)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XXI**  
Da Influência do Meio

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXI  
DA INFLUÊNCIA DO MEIO

231. 1ª O meio em que se acha o médium exerce alguma influência nas manifestações?

“Todos os Espíritos que cercam o médium o auxiliam, para o bem ou para o mal.”

2ª Não podem os Espíritos superiores triunfar da má-vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e dos que o cercam?

“Podem, quando julgam conveniente e conforme a intenção da pessoa que a eles se dirige. Já o dissemos: os Espíritos mais elevados se comunicam, às vezes, por uma graça especial, mau grado à imperfeição do médium e do meio, mas, então, estes se conservam completamente estranhos ao fato.” [...]

233. Nem sempre basta que uma assembleia seja séria, para receber comunicações de ordem elevada. Há pessoas que nunca riem e cujo coração, nem por isso, é puro. [...] as condições do meio serão tanto melhores, quanto mais homogeneidade houver para o bem, mais sentimentos puros e elevados, mais desejo sincero de instrução, sem ideias preconcebidas.

## OS QUATRO EVANGELHOS

*“E não fez lá muitos milagres por causa da incredulidade deles”.* (MT., Cap. XIII, vv. 58)

“Não sabeis que a oposição dos Espíritos, encarnados ou não, prejudica a influência que se possa exercer? Jesus, se o quisesse, houvera dominado aquela influência contrária. Mas, que é o que conseguiria? Que aqueles Espíritos, voluntariamente cegos, fossem forçados a ver. Eles, porém, se obstinariam em fechar os olhos e desde então passariam a merecer castigo mais severo. Ora, o Mestre, com a doçura do seu coração, jamais provocou a revolta de qualquer Espírito, a fim de lhe poupar o remorso da falta. [...] Assim, não houve impotência, mas ausência de vontade, o que, aos olhos dos homens, era tido por impossibilidade”. (Tomo II, item 171)

*“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei eu no meio deles”.* (MT., Cap. XVIII, vv.20)

“Já conheceis a influência atrativa que exercem os fluidos simpáticos. Eles são o laço que aproxima, um do outro, Espíritos, senão da mesma ordem, pelo menos animados dos mesmos sentimentos, dos mesmos gostos, dos mesmos pendores. Tais fluidos se atraem uns aos outros por analogia de espécie, de natureza, estabelecendo as relações entre os Espíritos. Quando, pois, obedecendo ao mesmo pensamento, concorrendo para uma mesma obra, alguns homens se reúnem, as simpatias que eles atraem se lhes vêm grupar em torno. Assim, às reuniões de homens frívolos e vãos acorrem Espíritos vãos e frívolos.

Se, portanto, intimamente unidos pelo amor a Deus, vos reunis para a obtenção de suas graças, se formais uma cadeia simpática, bastante sólida, aquele para cuja proteção apelaís acode ao vosso chamado, no sentido de que seus emissários vos cercam, vos banham nos eflúvios de amor que implorais.

Não deduzais daí seja preciso que vos aglomereis num certo ponto para que as graças do Senhor afluam. Ah! são tão raros os homens animados de bons sentimentos, do verdadeiro sentimento de amor, que, quando se reúnem, ainda que em pequeno número, há sempre entre eles tíbios, indiferentes, ou indignos. O Senhor, porém, sabe contar suas ovelhas e caras lhe são as cabeças fiéis”. (Tomo III, item 228)





**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XXII**  
Da Mediundade nos Animais

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXII  
DA MEDIUNIDADE NOS ANIMAIS

236. A questão da mediunidade dos animais se acha completamente resolvida na dissertação seguinte [...]:

“É certo que os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis aos animais e, muitas vezes, o terror súbito que eles denotam, sem que lhe percebais a causa, é determinado pela visão de um ou de muitos Espíritos, mal-intencionados com relação aos indivíduos presentes, ou com relação aos donos dos animais. Ainda com mais frequência vedes cavalos que se negam a avançar ou a recuar, ou que empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! tende como certo que o obstáculo imaginário é quase sempre um Espírito ou um grupo de Espíritos que se comprazem em impedi-los de mover-se. [...] Mas, repito, não mediunizamos diretamente nem os animais, nem a matéria inerte. É-nos sempre necessário o concurso consciente, ou inconsciente, de um médium humano, porque precisamos da união de fluidos similares, o que não achamos nem nos animais, nem na matéria bruta.

“O Sr. T..., diz-se, magnetizou o seu cão. A que resultado chegou? Matou-o, porquanto o infeliz animal morreu, depois de haver caído numa espécie de atonia, de langor, conseqüentes à sua magnetização. Com efeito, saturando-o de um fluido haurido numa essência superior à essência especial da sua natureza de cão, ele o esmagou, agindo sobre o animal à semelhança do raio, ainda que mais lentamente. Assim, pois, como não há assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluidico dos animais, propriamente ditos, aniquila-los-íamos instantaneamente, se os mediunizássemos.

“Isto posto, reconheço perfeitamente que há nos animais aptidões diversas [...]. Mas, daí a poderem servir de intermediários para a transmissão do pensamento dos Espíritos, há um abismo: a diferença das naturezas. [...]

“Resumindo: os fatos mediúnicos não podem dar-se sem o concurso consciente, ou inconsciente, dos médiuns; e somente entre os encarnados, Espíritos como nós, podemos encontrar os que nos sirvam de médiuns. [...]” - ERASTO.

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Legião de maus Espíritos expulsos

*“Chamo-me Legião. porquanto somos muitos”. E lhe pedia com instância que não o expulsasse daquele país. Ora, havia ali uma grande vara de porcos pastando na encosta do monte; e os demônios faziam a Jesus esta súplica: “Manda-nos para aqueles porcos, a fim de que entremos neles”. E como Jesus lhes desse prontamente permissão para isso, os Espíritos impuros, saindo do possesso, entraram nos porcos e toda a manada, que era de perto de duas mil cabeças, correu com grande impetuosidade e foi precipitar-se no mar, onde se afogou”. (MC., Cap. V, vv. 9 a 13)*

“Não admitais nunca [...] a possibilidade de uma união, embora momentânea, entre o Espírito e o animal. Não há subjugação corporal deste por aquele e ainda menos possessão, substituição. Há apenas subjugação moral, no sentido de que o Espírito consegue espantar o animal, enchê-lo de terror, obrigá-lo a atos extravagantes, que podeis considerar materiais, mas que nem por isso deixam de tocar a inteligência relativa daquele que a sofre.

A vontade do obsessor basta por si só para tornar vidente o animal, pela razão de que o Espírito deste é mais apto do que o vosso a ter a faculdade da vidência e ainda porque a vontade do Espírito, por mais inferior que ele seja, domina sempre o Espírito do animal, a menos que a isso se oponha um Espírito superior.

Não infirais daí que o animal vidente seja médium. Não o é na acepção exata da palavra, pois que não pode, em caso algum, servir de intermediário ao Espírito para se manifestar ao homem. O animal goza de uma faculdade que lhe é peculiar. É vidente, mas não médium. Todavia, em certos casos ao alcance da vossa percepção, a faculdade que o animal possui, de ver, pode servir, especialmente pelo terror que dele se apodera, para, da presença do Espírito, prevenir o homem, quando coisa alguma material existe, visível ou tangível para este, capaz de justificar aquele terror.

Não pergunteis por que meios e processos o Espírito obsessor atua sobre a faculdade de visão do animal, para se lhe tornar visível. Entraríeis em particularidades inoportunas. A cada dia o seu labor”. (Tomo II, item 120)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XXIII**  
Da Obsessão

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIII  
DA OBSESSÃO

Obsessão simples. - Fascinação. - Subjugação. - Causas de obsessão. - Meios de a combater.

237. [...] A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenómeno, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

238. Dá-se a obsessão simples, quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados. Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. O melhor médium se acha exposto a isso, sobretudo, no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós homens, os mais honestos podem ser enganados por velhacos. Pode-se, pois, ser enganado, sem estar obsidiado. A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua. Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a felonía e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados. Podem incluir-se nesta categoria os casos de obsessão física, isto é, a que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

“[...] Por possessos, possessos do demônio, deveis entender aqui os encarnados subjugados, quer corporalmente, quer corporal e moralmente, por maus Espíritos.

Os lunáticos eram encarnados sujeitos a obsessões ou subjugações momentâneas, que se repetiam com certa regularidade. A possessão de que falam os Evangelhos nos casos que relatam não era mais do que subjugação. Jesus se servia sempre das expressões em uso, de acordo com os preconceitos e as tradições, a fim de ser compreendido e, mais ainda, escutado. A subjugação consiste na ação dominadora que o Espírito mau exerce, sujeitando-o momentaneamente à sua vontade, sobre outro Espírito que, mais fraco, se deixou dominar.

Para produzir os efeitos corporais ou físicos, atua fluidicamente sobre o encarnado, combinando com os destes os fluidos do seu perispírito, utilizando-se de todos os elementos de mediunidade, tanto sensitiva e impressionável, como de efeitos físicos, que lhe ofereça a organização da sua vítima. Faz-lhe sentir a sua presença, atormenta-a, põe-na em convulsões, numa palavra: por meio da ação fluídica exercida segundo a sua vontade dominante, dispõe a seu bel-prazer do corpo dela. Para produzir efeitos corporais e morais, o obsessor procede também como acabamos de explicar. Serve-se dos elementos de mediunidade, audiente, falante, vidente, psicográfica, que encontra na sua vítima, atuando-lhe sobre os órgãos materiais aptos à manifestação que queira obter. Faz que lhe ouça a voz, que fale, que escreva, que tenha visões. Em suma, atormenta corporal e moralmente o subjugado por todos os meios que a organização deste lhe ponha à disposição. Indu-lo a resoluções muitas vezes absurdas ou comprometedoras, mesmo aos atos mais ridículos, ou então, pela ação fluídica que exerça sobre o cérebro da vítima, chega até a produzir nela, momentaneamente, a aberração das faculdades, o que, para os homens ainda não iluminados pela luz espírita, é uma loucura ordinária com intervalos de lucidez.

Desse modo se produziram todos os efeitos, tanto corporais ou físicos, como corporais e morais, nos casos, que os Evangelhos relatam, de subjugação de encarnados, que eles designam por possessos, possessos do demônio”. (Tomo I, item 74)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIII  
DA OBSESSÃO

240. A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro jugo. A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes. Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era; porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horrivelmente.



## OS QUATRO EVANGELHOS

### Pregações de Jesus

*“Ora, estava na sinagoga um homem dominado por um demônio impuro, que exclamou em alta voz: Deixa-nos; que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus. E Jesus, ameaçando-o, disse-lhe: “Cala-te e sai desse homem.” E o demônio, atirando o homem ao chão no meio da sinagoga, saiu dele sem lhe ter feito mal algum”.* (LC., Cap.IV, vv. 33 a 35)

“Aquele homem [...] estava subjugado corporal e moralmente por um Espírito mau. Constrangido por essa subjugação, posta em prática da maneira que acabamos de explicar, submetido inteiramente à vontade do obsessor, que o dominava pela ação fluidica, foi que, agindo o mesmo obsessor fluidicamente sobre os seus órgãos vocais, ele, tornado assim médium falante, pronunciou estas palavras: “Deixa-nos: que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus”. Foi ainda por efeito da ação fluidica do perispírito do obsessor sobre o do obsidiado e da ação da vontade do primeiro sobre a do segundo, sujeita inteiramente e governada aos caprichos do outro, que o homem se agitou em violentas convulsões e se atirou ao chão, soltando um grito estridente, quando Jesus intimou o mau Espírito a cessar a subjugação, exprimindo-se nestes termos apropriados às inteligências, aos preconceitos e às crenças da época: “Cala-te e sai desse homem”. [...]

Diz o Evangelho: “Quando viam a Jesus, os Espíritos impuros se prosternavam, exclamando: És o “filho de Deus”. Os que assim procediam eram pessoas que, na multidão que se premia à passagem do Cristo, se encontravam subjugadas corporal e moralmente pelos maus Espíritos, pelos Espíritos impuros. Essas pessoas, violentadas pelos obsessores que, a seu turno, eram subjugados à vista do Senhor, é que se prosternavam e, tornando-se médiuns falantes, proferiam aquelas palavras de verdade destinadas a atravessar os séculos e a levar a luz às inteligências. Compelidos pelos Espíritos superiores que cercavam o Mestre é que os Espíritos impuros obrigavam os subjugados a se prosternarem diante de Jesus e a dizerem: “És o santo de Deus, és o filho de Deus”, porquanto assim eles provavam aos homens a identidade do Cristo”. (Tomo I, item 74)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIII  
DA OBSESSÃO

241. Dava-se outrora o nome de possessão ao império exercido por maus Espíritos, quando a influência deles ia até à aberração das faculdades da vítima. A possessão seria, para nós, sinônimo da subjugação. Por dois motivos deixamos de adotar esse termo: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, os quais todos podem melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a idéia do apoderamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constrangimento. A palavra subjugação exprime perfeitamente a idéia. Assim, para nós, não há possessos, no sentido vulgar do termo, há somente obsidiados, subjugados e fascinados.

---

Nota: A propósito deste tema da “substituição do Espírito” nos casos mais graves de obsessão, vale a pena rever o que consta no item 47 do Capítulo XIV de “A Gênese”, de Allan Kardec: “Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constrangido a proceder contra a sua vontade. Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseguintemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, nº 18.) De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o último que fala e obra; quem o haja conhecido em vida, reconhece-lhe a linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia”. - Esta passagem guarda diferença do que se verifica no item 241, acima, revelando uma evolução do pensamento do Codificador em relação a este assunto, exatamente na direção apontada pela obra “Os Quatro Evangelhos”, conforme evidenciado ao lado.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Independentemente da obsessão e da subjugação, quer corporal apenas, quer corporal e moral, há os casos, a que podeis chamar possessão, em que o Espírito do obsessor se substitui ao do encarnado no seu corpo, a fim de servir-se deste como se lhe pertencera. Tais casos são muito raros. A substituição se opera da maneira seguinte:

Pela ação da vontade dominadora do mau Espírito, o Espírito encarnado é, por assim dizer, expulso do seu corpo, ao qual se conserva ligado apenas por um cordão fluídico com o auxílio do perispírito. Combinando os fluidos do seu perispírito com os do perispírito do encarnado, o Espírito mau se introduz no corpo pertencente a este e lhe imprime uma ação que é o produto daquela combinação. O perispírito do encarnado fica sendo o instrumento e o auxiliar indispensável ao outro para que, por ato da sua vontade dominadora, possa servir-se do corpo de que se apoderou, como se seu próprio fora.

Enquanto dura a substituição momentânea, o Espírito do encarnado, fora do corpo que lhe pertence e ligado a ele somente pelo cordão fluídico, vê, sem poder impedi-lo, por se achar dominado e submetido à vontade do outro, o que este faz. Uma tal substituição, tanto se pode dar em estado de vigília, como no de sonambulismo do encarnado. No primeiro caso, consideram-no quase sempre um desarranjo do cérebro. Repetimos: essas substituições são muito raras.

Há ainda um caso excepcional de substituição, que, sempre com um fim útil e com a permissão dos anjos da guarda, se produz voluntariamente. É o em que, no estado de sonambulismo magnético, o Espírito encarnado, cedendo à súplica de um Espírito que se quer manifestar, consente em deixar o seu corpo e empresta, por assim dizer, àquele o instrumento necessário à manifestação.

Ainda aqui o processo da substituição é o mesmo. Ela se opera exatamente como quando é obra da violência de um Espírito obsessor, com a única diferença de que aqui há consentimento, há acordo de vontades para que o fato se produza”. (Tomo I, item 74)

“Assim como o obsessor não habita no subjugado, limitando-se a influenciá-lo por meio de uma ação fluídica, conforme já explicamos (n. 74, 1º vol.)” (Tomo II, item 120)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIII  
DA OBSESSÃO

243. Reconhece-se a obsessão pelas seguintes características:

1ª Persistência de um Espírito em se comunicar, bom ou mau grado, pela escrita, pela audição, pela tiptologia, etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam;

2ª Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe;

3ª Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas;

4ª Confiança do médium nos elogios que lhe dispensam os Espíritos que por ele se comunicam;

5ª Disposição para se afastar das pessoas que podem emitir opiniões aproveitáveis;

6ª Tomar a mal a crítica das comunicações que recebe;

7ª Necessidade incessante e inoportuna de escrever;

8ª Constrangimento físico qualquer, dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou falar a seu mau grado;

9ª Rumores e desordens persistentes ao redor do médium, sendo ele de tudo a causa, ou o objeto. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

### A mulher cananeiana

*“Partindo dali, Jesus se retirou para os lados de Tiro e de Sídon. E uma mulher cananeiana, vindo dessa região, lhe bradou: Senhor, filho de David, tem piedade de mim; minha filha está sendo cruelmente atormentada pelo demônio. Jesus não lhe respondeu uma só palavra e seus discípulos, aproximando-se, lhe rogaram: Faze o que ela pede, a fim de que se vá embora, pois vem gritando no nosso encalço: Ele respondeu: Não fui mandado senão para as ovelhas perdidas da casa de Israel. A mulher afinal se aproximou dele e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me. Ele lhe respondeu: Não convém pegar do pão dos filhos e dá-lo aos cães. Repliquou-lhe ela: Sim, Senhor; mas, os cãesinhos comem ao menos as migalhas que caem das mesas de seus amos. Disse então Jesus: Mulher, grande é a tua fé: seja-te feito como desejas. E no mesmo instante lhe ficou a filha curada”. (MT., Cap. XV, vv. 21 a 28)*

“Quanto à cura da filha da Cananeiana, já demos as explicações necessárias tratando de assuntos análogos. Está entendido que ela se achava subjugada por um Espírito mau.

O obsessor a trazia sempre em movimento e a impelia a não se sujeitar aos hábitos humanos, isto é: aos hábitos que o homem mais ou menos civilizado se impõe. Jesus a libertou, ordenando mentalmente ao obsessor que dela se afastasse e a sua libertação se verificou no instante mesmo em que a ordem foi dada. Liberta da subjugação, a filha da Cananeiana retomou os hábitos próprios do seu meio e sentiu a necessidade de um repouso que havia muito não tinha. Daí vem que a sua mãe a foi encontrar deitada no leito”. (Tomo II, item 177)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIII  
DA OBSESSÃO

245. As causas da obsessão variam, de acordo com o caráter do Espírito. É, às vezes, uma vingança que este toma de um indivíduo de quem guarda queixas da sua vida presente ou do tempo de outra existência. Muitas vezes, também, não há mais do que o desejo de fazer mal: o Espírito, como sofre, entende de fazer que os outros sofram; encontra uma espécie de gozo em os atormentar, em os vexar, e a impaciência que por isso a vítima demonstra mais o exacerba, porque esse é o objetivo que colima, ao passo que a paciência o leva a cansar-se. Com o irritar-se e mostrar-se despeitado, o perseguido faz exatamente o que quer o seu perseguidor. Esses Espíritos agem, não raro por ódio e inveja do bem; daí o lançarem suas vistas malfazejas sobre as pessoas mais honestas. Um deles se apegou como “tinha” a uma honrada família do nosso conhecimento, à qual, aliás, não teve a satisfação de enganar. Interrogado acerca do motivo por que se agarrara a pessoas distintas, em vez de o fazer a homens maus como ele, respondeu: estes não me causam inveja. Outros são guiados por um sentimento de covardia, que os induz a se aproveitarem da fraqueza moral de certos indivíduos, que eles sabem incapazes de lhes resistirem. Um destes últimos, que subjulgava um rapaz de inteligência muito apoucada, interrogado sobre os motivos dessa escolha, respondeu: Tenho grandíssima necessidade de atormentar alguém; uma pessoa criteriosa me repeliria; ligo-me a um idiota, que nenhuma força me opõe. [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Legião de maus Espíritos Expulsos

*“[...] e, mal Jesus descera da barca, um homem possuído do Espírito imundo veio ter com ele, saindo dos sepulcros, onde tinha a sua morada habitual, homem esse que ninguém mais conseguia prender, nem mesmo com correntes; pois que muitas vezes já tinha estado com ferros aos pés e preso por cadeias e os quebrara, não havendo quem pudesse dominá-lo. Vivia dia e noite nas montanhas e nos sepulcros, a gritar e a flagelar-se com pedras”. (MC, Cap. V, vv. 2 a 5)*

*“[...] Tudo o que, segundo se vos diz, esse homem fazia, subjugado corporal e moralmente por uma legião de maus Espíritos, era efeito da subjugação. [...] Aí estava a punição dos crimes que cometera em anterior existência”. (Tomo II, item 120)*

### Possesso Mudo

*“Logo que eles saíram, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio. Tendo sido este expulso, o mudo falou; e a multidão admirada dizia: Nunca se viu coisa semelhante em Israel”. (MT., Cap. IX, vv. 32 e 33)*

*“Do mesmo modo por que o obsessor do cego lhe paralisa a vista, que o do surdo lhe paralisa o ouvido, cobrindo cada um desses órgãos com uma parte do fluido que o envolve e retirando-lhe assim, momentaneamente, as faculdades, também o do mudo lhe paralisa a voz, privando-o da faculdade de falar. [...] A subjugação a que se achava sujeito o homem e a sua consequente mudez eram para ele uma provação e uma expiação. O mudo [...] expiava um abuso de eloquência; orador de talento, contribuíra para arrastar os povos a profundos erros. Expiava. [...] Sofrera o castigo sem murmurar, paciente e resignado. Jesus o libertou”. (Tomo II, item 126)*

### Subjugado Cego e Mudo

*“Apresentaram-lhe então um homem cego e mudo, possesso do demônio. Ele o curou, de sorte que o homem começou a ver e a falar”. (MT., Cap. XII, v.22)*

*“[...] O homem, que se achava cego e mudo por efeito da subjugação, expiava desse modo graves abusos da palavra anteriormente cometidos e expiava também o não ter sabido aproveitar-se da luz que se lhe concedera”. (Tomo II, item 159)*

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIII  
DA OBSESSÃO

249. Os meios de se combater a obsessão variam, de acordo com o caráter que ela reveste. Não existe realmente perigo para o médium que se ache bem convencido de que está a haver-se com um Espírito mentiroso, como sucede na obsessão simples; esta não passa então, para ele, de fato desagradável. Mas, precisamente porque lhe é desagradável constitui uma razão de mais para que o Espírito se encarnice em vexá-lo. Duas coisas essenciais se têm que fazer nesse caso: provar ao Espírito que não está iludido por ele e que lhe é impossível enganar; depois, cansar-lhe a paciência, mostrando-se mais paciente que ele. Desde que se convença de que está a perder o tempo, retirar-se-á, como fazem os importunos a quem não se dá ouvidos. Isto, porém, nem sempre basta e pode levar muito tempo, porquanto Espíritos há tenazes, para os quais meses e anos nada são. Além disso, portanto, deve o médium dirigir um apelo fervoroso ao seu anjo bom, assim como aos bons Espíritos que lhe são simpáticos, pedindo-lhes que o assistam. Quanto ao Espírito obsessivo, por mau que seja, deve tratá-lo com severidade, mas com benevolência e vencê-lo pelos bons processos, orando por ele. Se for realmente perverso, a princípio zombará desses meios; porém, moralizado com perseverança, acabará por emendar-se. E uma conversão a empreender, tarefa muitas vezes penosa, ingrata, mesmo desagradável, mas cujo mérito está na dificuldade que ofereça e que, se bem desempenhada, dá sempre a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e, quase sempre, a de ter-se reconduzido ao bom caminho uma alma perdida. [...] Em certos casos, pode até convir que o médium deixe de escrever por algum tempo, regulando-se então pelas circunstâncias. Entretanto, se o médium escrevente pode evitar essas confabulações, outro tanto já não se dá com o médium audiente, que o Espírito obsessivo persegue às vezes a todo instante com as suas proposições grosseiras e obscenas [...]. Aliás, cumpre se reconheça que algumas pessoas se divertem com a linguagem trivial dessa espécie de Espíritos, que os animam e provocam com o rirem de suas tolices. [...] Os nossos conselhos não podem servir a esses, que desejam afogar-se.



## OS QUATRO EVANGELHOS

“[...] Os obsidiados e subjugados entre vós aparecem todos os dias e aqueles que ainda não foram tocados pela luz espírita os consideram atacados de enfermidades físicas, de loucura ordinária e tentam inutilmente curá-los pelos meios humanos, em lugar de recorrerem à prece e ao exemplo moral.

Recorrei à prece e ao exemplo moral, vós que ainda não possuíis a pureza perfeita donde dimana o poder imediato, que só os Espíritos puros têm, de afastar os impuros no mesmo instante em que se manifesta a vontade de o conseguirem. Trabalhai junto do encarnado por esclarecê-lo, por melhorá-lo, dispondo-o a atrair a si os bons Espíritos, seus fluidos, seu auxílio e seu concurso para o afastamento dos obsessores. Lançai mão também da evocação praticada com recolhimento e com fervor, cheios de caridade para com esses irmãos transviados, a fim de os trazerdes ao bom caminho pela prece, pela perseverança na prece saída do coração e não somente dos lábios, pelas exortações feitas e repetidas com benevolência e ao mesmo tempo com a doçura, a firmeza e a bondade, que, apoiadas na prece, acabam sempre por tocar os mais rebeldes, os mais endurecidos. Espíritas, procurai o apoio dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos que vos cercam. Chamai-os em vosso auxílio e todos acorrerão aos vossos apelos amigos e a vós se unirão. Tende confiança, pois que eles atendem sempre aos chamamentos de um coração puro e de uma consciência reta que lhes solicitem o concurso para a realização de uma obra de amor e de caridade.

Há ainda e por muito tempo haverá “demônios” entre vós. O Espiritismo que, como sabeis, é uma revelação e uma ciência, vem dissipar todas as obscuridades, iluminar todas as trevas, ensinar-vos a distinguir os que só na aparência sofrem de enfermidades ou de loucura ordinária, os obsidiados, os subjugados, aos quais unicamente o tratamento moral se deve aplicar, dos que realmente são enfermos ou loucos, passíveis, portanto, de cura material pelos processos humanos. Em caso de dúvida, se vos movem exclusivamente sentimentos de humanidade, o desinteresse, o amor e a caridade, tendes ao vosso alcance, na mediunidade psicográfica e, ainda mais, na mediunidade sonambúlica ou vidente, que vos revelará a presença e a ação do Espírito obsessivo, o meio de vos esclarecerdes, de estabelecerdes a distinção”. (Tomo I, item 74)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIII  
DA OBSESSÃO

251. A subjugação corporal tira muitas vezes ao obsidiado a energia necessária para dominar o mau Espírito. Daí o tornar-se precisa a intervenção de um terceiro, que atue, ou pelo magnetismo, ou pelo império da sua vontade. Em falta do concurso do obsidiado, essa terceira pessoa deve tomar ascendente sobre o Espírito; porém, como este ascendente só pode ser moral, só a um ser moralmente superior ao Espírito é dado assumi-lo e seu poder será tanto maior, quanto maior for a sua superioridade moral, porque, então, se impõe àquele, que se vê forçado a inclinar-se diante dele. Por isso é que Jesus tinha tão grande poder para expulsar o a que naquela época se chamava demônio, isto é, os maus Espíritos obsessores. Aqui, não podemos oferecer mais do que conselhos gerais, porquanto nenhum processo material existe, como, sobretudo, nenhuma fórmula, nenhuma palavra sacramental, com o poder de expelir os Espíritos obsessores. As vezes, o que falta ao obsidiado é força fluidica suficiente; nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador lhe pode ser de grande proveito. Contudo, é sempre conveniente procurar, por um médium de confiança, os conselhos de um Espírito superior, ou do anjo guardião.

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Pregações de Jesus

*“E Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino, curando todos os males e enfermidades do povo. Sua fama se espalhou por toda a Síria, à sua presença foram trazidos os que se achavam doentes e atormentados por dores e males diversos: - possessos, lunáticos, paralíticos - e ele os curou”.* (MT., Cap. IV, vv. 23 e 24)

“[...] Para operar as curas morais, bastava-lhe mostrar-se aos espíritos maus. Mostrava-lhes, não o invólucro que o cobria, mas o seu próprio Espírito e só a sua vontade poderosa bastava para os afastar. Então, como hoje, estavam e estão submetidos à sua influência moral todos os mais elevados Espíritos que sob a sua direção trabalhavam e trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade. Ele tinha então, como tem agora, sobre todos os Espíritos superiores, ou imundos, impuros, maus, um poder imediato que os forçava a lhe obedecerem à vontade no mesmo instante em que esta se manifestava. E esse poder imediato, graças sejam dadas ao Senhor, existe e existirá sempre. [...]

Desde os tempos de Jesus e dos apóstolos até os vossos dias, que marcam o início da era nova e bendita do Espiritismo, os casos de curas materiais e de curas morais se têm sucedido com frequência, ora de modo apreciável para os homens, que então acreditaram no “milagre”, ora ocultamente, sem que os homens lhes compreendessem a origem, por não terem deles consciência.

Toda época apresenta mudanças acordes com o espírito dos que nela vivem.” (Tomo I, item 74)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIII  
DA OBSESSÃO

252. As imperfeições morais do obsidiado constituem, frequentemente, um obstáculo à sua libertação. Aqui vai um exemplo notável, que pode servir para instrução de todos. Havia umas irmãs que se encontravam, desde alguns anos, vítimas de depredações muito desagradáveis. Suas roupas eram incessantemente espalhadas por todos os cantos da casa e até pelos telhados, cortadas, rasgadas e crivadas de buracos, por mais cuidado que tivessem em guardá-las à chave. Essas senhoras, vivendo numa pequena localidade de província, nunca tinham ouvido falar de Espiritismo. A primeira idéia que lhes veio foi, naturalmente, a de que estavam às voltas com brincalhões de mau gosto. Porém, a persistência e as precauções que tomavam lhes tiraram essa idéia. Só muito tempo depois, por algumas indicações, acharam que deviam procurar-nos, para saberem a causa de tais depredações e lhes darem remédio, se fosse possível. Sobre a causa não havia dúvida; o remédio era mais difícil. O Espírito que se manifestava por semelhantes atos era evidentemente malfazejo. Evocado, mostrou-se de grande perversidade e inacessível a qualquer sentimento bom. A prece, no entanto, pareceu exercer sobre ele uma influência salutar. Mas, após algum tempo de interrupção, recommençaram as depredações. Eis o conselho que a propósito nos deu um Espírito superior:

“O que essas senhoras têm de melhor a fazer é rogar aos Espíritos seus protetores que não as abandonem. Nenhum conselho melhor lhes posso dar do que o de dizer-lhes que desçam ao fundo de suas consciências, para se confessarem a si mesmas e verificarem se sempre praticaram o amor do próximo e a caridade. [...] Entretanto, se, conseguirem melhorar-se, seus anjos guardiães se aproximarão e a simples presença deles bastará para afastar o mau Espírito, que não se agarrou a uma delas em particular, senão porque o seu anjo guardião teve que se afastar, por efeito de atos repreensíveis, ou maus pensamentos. O que precisam é fazer preces fervorosas pelos que sofrem e, principalmente, praticar as virtudes impostas por Deus a cada um, de acordo com a sua condição.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

“[...] As obsessões e subjugações são provocadas, sob a influência atrativa dos fluidos similares, pelas disposições do encarnado, pela natureza de suas más tendências, de seus pendores e de seus sentimentos maus. Também são, não raro, uma provação e muitas vezes uma expiação de fatos de existência anterior.

Se constituem um mal para o encarnado, são um mal permitido, porque lhe será proveitoso, pois que tudo (inclusive a punição, o castigo) tem sempre por fim o vosso aperfeiçoamento moral e o vosso progresso. Nada ocorre sem ser pela vontade de Deus e, sobre aquilo que ocorre segundo a vontade divina, os Espíritos superiores e os bons Espíritos exercem vigilância para que aquele resultado não deixe de produzir-se”. (Tomo I, item 74)

*“Quando o Espírito impuro tem saído de um homem, vagueia pelos lugares áridos em busca de repouso e não o encontra. Diz então: “Voltarei para a casa donde saí”. E, voltando, a encontra vazia, limpa e ornada. Parte então de novo, arrebanha sete outros Espíritos ainda piores do que ele, entram todos na casa e passam a habitá-la; e o último estado do homem fica sendo pior do que o anterior. Assim acontecerá com esta geração criminosa”. (MT., Cap. XII vv. 43 a 45)*

“[...]Aquele que, embora por muito pouco tempo, expurga a alma dos maus pendores, dá imediatamente acesso aos sentimentos bons, que se opõem aos maus instintos. As virtudes são o ornamento da alma. É preciso que, quando o Espírito impuro, o mau Espírito queira voltar para a casa donde saiu, a encontre limpa e ornada. Nutrindo sentimentos de real pureza, conservai vossa alma firmemente inacessível aos maus instintos, às más inclinações, sugestões e instigações. [...]

A recaída é pior do que a moléstia. A geração de que falava Jesus dispunha de todos os meios para se esclarecer e progredir. Parte dela, tocada pelas prédicas do bom pastor, tentou reformar-se. Mas, a boa semente caíra sobre pedregulhos: as más paixões, um instante sopitadas, voltaram com mais força à antiga habitação, tornando a expiação mais longa e mais dolorosa. Que o mesmo não suceda com a geração a quem o Cristo hoje se dirige, mediante a nova revelação”. (Tomo II, item 162)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIII  
DA OBSESSÃO

253. Cumpre, todavia, se não atribuam à ação direta dos Espíritos todas as contrariedades que se possam experimentar, as quais, não raro, decorrem da incúria, ou da imprevidência. Um agricultor nos escreveu certo dia que, havia doze anos, toda sorte de infelicidades lhe acontecia, relativamente ao seu gado; ora eram as vacas que morriam, ou deixavam de dar leite, ora eram os cavalos, os carneiros, ou os porcos que sucumbiam. Fez muitas novenas, que em nada remediaram o mal, do mesmo modo que nada obteve com as missas que mandou celebrar, nem com os exorcismos que mandou praticar. Persuadiu-se, então, de acordo com o preconceito dos campos, de que lhe haviam enfeitiçado os animais. Supondo-nos, sem dúvida, dotados de um poder esconjurador maior do que o do cura da sua aldeia, pediu o nosso parecer. Foi a seguinte a resposta que obtivemos:

“A mortalidade ou as enfermidades do gado desse homem provêm de que seus currais estão infetados e ele não os repara, porque custa dinheiro.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Não concluais, todavia, das nossas palavras que todas as vossas ações más, todos os vossos maus pensamentos sejam resultado de uma influência oculta. Se em vós não existir o gérmen do mal, não atraireis os Espíritos do mal. As vossas tendências, boas ou más, é que determinam a ordem dos Espíritos que virão grupar-se em torno de vós. Cercar-vos-ão os que simpatizarem com os vossos pendores”. (Tomo II, item 162)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIII  
DA OBSESSÃO

254. Terminaremos este capítulo inserindo as respostas que os Espíritos deram a algumas perguntas e que vêm em apoio do que dissemos.

1ª Por que não podem certos médiuns desembaraçar-se de Espíritos maus que se lhes ligam e como é que os bons Espíritos que eles chamam não se mostram bastante poderosos para afastar os outros e se comunicar diretamente?

“Não é que falte poder ao Espírito bom; é, as mais das vezes, que o médium não é bastante forte para o secundar; é que sua natureza se presta melhor a outras relações; é que seu fluido se identifica mais com o de um Espírito do que com o de outro. Isso o que dá tão grande império aos que entendem de ludibriá-los.”

[...]

5ª Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?

“Sim, mas é o que não se faz e é o que não se deve descurar de fazer, porquanto, muitas vezes, isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosa e religiosamente. Por meio de sábios conselhos, é possível induzi-los ao arrependimento e apressar-lhes o progresso.”

- Como pode um homem ter, a esse respeito, mais influência do que a têm os próprios Espíritos?

“[...] O homem, indubitavelmente, não dispõe de mais poder do que os Espíritos superiores, porém, sua linguagem se identifica melhor com a natureza daqueles outros e, ao verem o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos inferiores, melhor compreendem a solidariedade que existe entre o céu e a terra.

“Demais, o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos está na razão da sua superioridade moral. Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os que lhe são inferiores em moralidade.” (Veja-se o n. 279.)



## OS QUATRO EVANGELHOS

### Lunático-Fé Onipotente

*“Então os discípulos vieram ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: Porque não pudemos nós expulsar esse demônio? Jesus lhes disse: Por causa da vossa ne-nhuma fé; pois, em verdade vos digo que, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis àquela montanha: Passa daqui para ali, e ela passaria; nada vos seria impossível. Não se expulsam os demônios desta espécie senão por meio da prece e do jejum. (MT., Cap. XVII, vv. 19 a 21)*

“A fé, alavanca poderosa, capaz, como nenhuma outra, de levantar o mundo, constitui o único meio de que podereis lançar mão para tal fim. Da fé nasce a prece e esta, se, além de fervorosa e perseverante, vem acompanhada [...] do jejum espiritual, acaba sempre por tocar o Espírito culpado, por o esclarecer e reencaminhar. [...]

Tratai de reconhecer bem a força da prece, de conhecer os extraordinários recursos que podeis auferir dela, atraindo a vós os Espíritos protetores da humanidade.

A prece [...] não é o que supondes: uma reunião de palavras que se repetem todos os dias, com determinado fim. Em tais condições, cedo ou tarde, ela se torna maquinal. A prece poderosa, a prece de Jesus são os atos da vida sempre praticados com o pensamento em Deus, sempre reportados a Deus; é um arroubo contínuo do pensamento, a todos os instantes, sejam quais forem as ocupações do momento; é uma aspiração incessantemente dirigida ao Criador, guiando a criatura na prática da verdade, da caridade e do amor, em bem do seu progresso intelectual e moral e do progresso de seus irmãos, aspiração que a liberta das condições humanas, fazendo reinar o Espírito sobre tudo que é matéria”. Quanto mais perversos forem os Espíritos impuros, tanto mais necessidade têm os encarnados de se elevar para os dominar. Um Espírito apenas transviado pode ser e é acessível às advertências, aos conselhos, aos testemunhos de afeição. Mas um grande culpado é sempre empedernido, só à força sede. O que subjugava o menino era dos mais perversos. Para vencer demônios dessa espécie não podeis empregar senão a força moral que o encarnado só adquire pela elevação moral e pela superioridade. E que é o que mais pode elevar o vosso Espírito do que o jejum e a prece praticados espiritualmente e de coração [...]?” (Tomo III, item 196)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIII  
DA OBSESSÃO

254. 6ª A subjugação corporal, levada a certo grau, poderá ter como consequência a loucura?

“Pode, a uma espécie de loucura cuja causa o mundo desconhece, mas que não tem relação alguma com a loucura ordinária. Entre os que são tidos por loucos, muitos há que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto que com os tratamentos corporais os tornamos verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas.”  
(N. 221.) [...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

### Legião de maus espíritos expulsos

*“[...] e, mal Jesus descera da barca, um homem possuído do Espírito imundo veio ter com ele, saindo dos sepulcros, onde tinha a sua morada habitual, homem esse que ninguém mais conseguia prender, nem mesmo com correntes; pois que muitas vezes já tinha estado com ferros aos pés e preso por cadeias e os quebrara, não havendo quem pudesse dominá-lo. Vivía dia, e noite nas montanhas e nos sepulcros, a gritar e a flagelar-se com pedras. Ao ver Jesus, de longe, correu para ele e o adorou; exclamando em altas vozes: Que há entre ti e mim, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Eu te conjuro, por Deus, a não me atormentares. Isso porque Jesus lhe ordenava: Espírito imundo, sai desse homem”. (MC, Cap. V, vv. 2 a 8)*

“O subjugado por aquela legião de maus Espíritos, quando, sob o peso da subjugação corporal e moral, tinha acessos violentos de fúria, ficava num estado aparente, mas que para os homens era real, de alienação mental, de loucura furiosa; tornava-se incapaz de ter conhecimento de seus atos, perdia a consciência de seu ser. Nos momentos, porém, de menor violência, quando a calma se restabelecia, no sentido de ser menor a sua sobreexcitação, tornava-se consciente do seu estado, do constrangimento a que estava submetido e sofria com isso horrivelmente. [...] Logo que os “demônios saíram dele”, isto é, logo que se viu livre da subjugação, recobrou, como observais ainda na atualidade, o uso pleno da razão, a liberdade do corpo e do Espírito. [...]” (Tomo II, item 120)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XXIV**  
Da Identidade dos Espíritos

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIV  
DA IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

Provas possíveis de identidade. - Modo de se distinguirem os bons dos maus Espíritos. - Questões sobre a natureza e a identidade dos Espíritos. Provas possíveis de identidade

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Todavia, em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real. [...] Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem. [...] Desde que o Espírito só diz coisas aproveitáveis, pouco importa o nome sob o qual as diga. [...]

261. Dir-se-á, sem dúvida, que, se um Espírito pode imitar uma assinatura, também pode perfeitamente imitar a linguagem. É exato; alguns temos visto tomar atrevidamente o nome do Cristo e, para impingirem a mistificação, simulavam o estilo evangélico e pronunciavam a torto e a direito estas bem conhecidas palavras: Em verdade, em verdade vos digo. Estudando, porém, sem prevenção, o ditado, em seu conjunto, perscrutado o fundo das ideias, o alcance das expressões, quando, a par de belas máximas de caridade, se veem recomendações pueris e ridículas, fora preciso estar fascinado para que alguém se equivocasse. Sim, certas partes da forma material da linguagem podem ser imitadas, mas não o pensamento. Jamais a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude. Em qualquer ponto, sempre aparecerá a pontinha da orelha. E então que o médium, assim como o evocador, precisam de toda a perspicácia e de toda a ponderação, para destrinçar a verdade da impostura. Devem persuadir-se de que os Espíritos perversos são capazes de todos os ardis e de que, quanto mais venerável for o nome com que um Espírito se apresenta, tanto maior desconfiança deve inspirar. Quantos médiuns têm tido comunicações apócrifas assinadas por Jesus, Maria, ou um santo venerado!

## OS QUATRO EVANGELHOS

*“Se então alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não o creiais. Porque, falsos cristos e falsos profetas se levantarão, que farão prodígios e portentos que, se fora possível, enganariam os próprios eleitos”. (MC., Cap. XIII, vv. 21 e 22)*

“Iniciando-vos nos segredos de além-túmulo, nos mistérios do mundo invisível, na natureza, na causa dos fenômenos espíritas, nos efeitos mediúnicos, quer de ordem material, quer de ordem moral, a revelação e a ciência espíritas vos ensinam que esses fenômenos, esses efeitos, que a ignorância dos homens tomou por prodígios, por milagres, considerando-os uma derrogação das leis da Natureza, não são mais do que uma aplicação destas leis e que tanto os podem produzir as más como as boas influências ocultas, com o auxílio de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno, do mesmo modo que o mais digno dos encarnados, pode possuir.

A revelação e a ciência espíritas vos ensinaram assim que a simples produção de fenômenos espíritas, de efeitos mediúnicos, de maneira alguma constitui o critério pelo qual se possa e deva reconhecer a moralidade e a veracidade do homem. Já mostramos os únicos caracteres pelos quais podereis e deveis reconhecer os verdadeiros Cristos, os verdadeiros profetas.

Aquilo que havia de parecer grandes prodígios e portentos aos homens a quem Jesus se dirigia e às gerações que se sucederiam até aos vossos dias, em que aos olhos de todos brilha a luz espírita, não seria e não é de molde a vos enganar, pois que estais avisados e vos achais agora esclarecidos.

Tende por falsos cristos, por falsos profetas, como instrumentos, conscientes ou inconscientes, que são, de más influências, de influências de erro e de trevas, todos os que, operando extraordinários prodígios, “grandes portentos”, sejam quais forem os fenômenos espíritas, os efeitos mediúnicos por eles produzidos, tentarem divorciar-vos da prática do amor e da caridade, da prática dos ensinamentos e exemplos do Mestre, da lei simples e pura que ele vos legou. Não os acrediteis, não os sigais”. (Tomo III, item 272)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXIV  
DA IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

256. À medida que os Espíritos se purificam e elevam na hierarquia, os caracteres distintivos de suas personalidades se apagam, de certo modo, na uniformidade da perfeição; nem por isso, entretanto, conservam eles menos suas individualidades. É o que se dá com os Espíritos superiores e os Espíritos puros. Nessa culminância, o nome que tiveram na Terra, em uma das mil existências corporais efêmeras por que passaram, é coisa absolutamente insignificante. [...] De outro lado, se considerarmos o número imenso de Espíritos que, desde a origem dos tempos, devem ter galgado as fileiras mais altas e se o compararmos ao número tão restrito dos homens que hão deixado um grande nome na Terra, compreenderemos que, entre os Espíritos superiores, que podem comunicar-se, a maioria deve carecer de nomes para nós. Porém, como de nomes precisamos para fixarmos as nossas ideias, podem eles tomar o de uma personagem conhecida, cuja natureza mais identificada seja com a deles. [...] A questão da identidade é, pois, como dissemos, quase indiferente, quando se trata de instruções gerais, uma vez que os melhores Espíritos podem substituir-se mutuamente, sem maiores consequências. [...]

268. Questões sobre a natureza e a identidade dos Espíritos:

[...] 3ª Muitos Espíritos protetores se designam pelos nomes de santos, ou de personagens conhecidas. Que se deve pensar a esse respeito?

“Nem todos os nomes de santos e de personagens conhecidas bastariam para fornecer um protetor a cada homem. [...] Por isso é que, as mais das vezes, eles nenhum nome declinam. Vós, porém, quase sempre quereis um nome; então, para vos satisfazer, o espírito toma o de um homem que conhecestes e a quem respeitais.”

4ª O uso desse nome não pode ser considerado uma fraude?

“Seria uma fraude da parte de um Espírito mau, que quisesse enganar; mas, quando é para o bem, Deus permite que assim procedam os Espíritos da mesma categoria, porque há entre eles solidariedade e analogia de pensamentos.”



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Moisés, Elias e João foram sempre o mesmo Espírito reencarnado, mas não a mesma personalidade humana, a mesma individualidade terrena.

Assim é que, no Tabor, quando da transfiguração de Jesus, um Espírito superior, da mesma elevação que Elias e João, tomou a figura, a aparência de Moisés.

Tais substituições se dão quando necessárias — por Espíritos da mesma ordem”. (Tomo II, item 195)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XXVI**  
Das Perguntas que se podem  
fazer aos Espíritos

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVI  
DAS PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS

Observações preliminares. - Perguntas simpáticas ou antipáticas aos Espíritos. - Perguntas sobre o futuro. - Sobre as existências passadas e vindouras. - Sobre interesses morais e materiais. - Sobre a sorte dos Espíritos. - Sobre a saúde. - Sobre as invenções e descobertas. - Sobre os tesouros ocultos. - Sobre os outros mundos.

[...]

288. Perguntas simpáticas ou antipáticas aos Espíritos

1ª Os Espíritos respondem de boa-vontade às perguntas que lhes são dirigidas?

“Conforme as perguntas. Os Espíritos sérios sempre respondem com prazer às que têm por objetivo o bem e os meios de progredirdes. Não atendem às fúteis.”

2ª Basta que uma pergunta seja séria para obter uma resposta séria?

“Não; isso depende do Espírito que responde.”

a) Mas, uma pergunta séria não afasta os Espíritos levianos?

“Não é a pergunta que afasta os Espíritos levianos, é o caráter daquele que a formula.”

3ª Quais as perguntas com que mais antipatizam os bons Espíritos?

“Todas as que sejam inúteis, ou feitas por pura curiosidade e para experimentá-los. Nesses casos, não respondem e se afastam.”

a) Haverá questões que sejam antipáticas aos Espíritos imperfeitos?

“Unicamente as que possam pôr-lhes de manifesto a ignorância ou o embuste, quando procuram enganar; a não ser isso, respondem a tudo, sem se preocuparem com a verdade.” [...]

6ª Todos os Espíritos são aptos a compreender as questões que se lhes proponham?

“Muito ao contrario: os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas questões, o que não impede respondam bem ou mal, como sucede entre vós mesmos.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

“os Espíritos superiores não se aproximam senão do que é puro, de conformidade com as leis de atração espiritual, fluidica. Só aos que tenham o coração puro eles auxiliam nas suas pesquisas, nos seus estudos, dando-lhes a luz, a ciência, a verdade. Só prestam o seu concurso, repetimos, aos que, tendo em vista unicamente o progresso da Humanidade, trabalhem com ilimitado desinteresse, fé viva e inesgotável amor ao próximo, jamais procurando na ciência um meio de levar a efeito mundanas explorações. Só esses são capazes e dignos de se constituírem, entre vós, os auxiliares de Deus e dos Espíritos superiores, no tocante à marcha e à realização do progresso”. (Tomo II, item 183)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVI  
DAS PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS

289. Perguntas sobre o futuro

7ª Podem os Espíritos dar-nos a conhecer o futuro?

“Se o homem conhecesse o futuro, descuidar-se-ia do presente.

“É esse ainda um ponto sobre o qual insistis sempre, no desejo de obter uma resposta precisa. Grande erro há nisso, porquanto a manifestação dos Espíritos não é um meio de adivinhação. Se fizerdes questão absoluta de uma resposta, recebê-la-eis de um Espírito doidivas, temo-lo dito a todo momento.” (Veja-se O Livro dos Espíritos - “Conhecimento do futuro”, n. 868.)

8ª Não é certo, entretanto, que, às vezes, alguns acontecimentos futuros são anunciados espontaneamente e com verdade pelos Espíritos?

“Pode dar-se que o Espírito preveja coisas que julgue conveniente revelar, ou que ele tem por missão tornar conhecidas; porém, nesse terreno, ainda são mais de temer os Espíritos enganadores, que se divertem em fazer previsões. Só o conjunto das circunstâncias permite se verifique o grau de confiança que elas merecem.”

9ª De que gênero são as previsões de que mais se deve desconfiar?

“Todas as que não tiverem um fim de utilidade geral. As predições pessoais podem quase sempre ser consideradas apócrifas.”

10ª Que fim visam os Espíritos que anunciam acontecimentos que se não realizam?

“Fazem-no as mais das vezes para se divertirem com a credulidade, o terror, ou a alegria que provocam; depois, riem-se do desapontamento. Essas predições mentirosas trazem, no entanto, algumas vezes, um fim sério, qual o de pôr à prova aquele a quem são feitas, mediante uma apreciação da maneira por que toma o que lhe é dito e dos sentimentos bons ou maus que isso lhe desperta.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

“O que, para vós, constitui o passado, o presente e o futuro, se acha sempre e por toda a eternidade patente aos olhos do Senhor. (Tomo I, item 61)

“A presciência divina é uma faculdade que não tendes possibilidade de analisar. [...] O conjunto se desdobra, desde e por toda a eternidade, aos olhos de Deus. Passado, presente e futuro são palavras que as vossas necessidades inventaram e que para Ele carecem de significação. Ele é o que é de toda a eternidade”. (Tomo I, item 63)

“Para o homem, o único interesse deve ser o do futuro de seu Espírito”.(Tomo II, item 143)

“Jesus tinha a presciência do futuro, que todos os séculos vindouros se lhe patenteavam aos olhos”.(Tomo II, item 149)

“Não há necessidade de que penetreis nos segredos do futuro. Tudo quanto, com relação ao presente, cumpre que conheçais vos é revelado”. (Tomo III, item 196)

“Anunciará as coisas que hão de vir.” Quanto ao presente, isto é, quanto aos tempos atuais, em que começais a entrar na era nova que se abre para a humanidade, e quanto ao futuro, a significação dessas palavras é quase idêntica, se bem que de maior alcance com relação ao futuro. Trata-se de anunciar as coisas que hão de vir, não como o fazem os ledores da “buena-dicha”, mas tornando claras as partes da revelação messiânica deixadas na obscuridade do véu da letra. Trata-se de instruir os homens acerca de seus destinos; acerca do que podem e devem esperar; acerca da ciência do mundo e da criatura, que é o conhecimento das leis de Deus, na ordem física e na ordem moral; acerca do conhecimento, segundo essas leis, da origem do mundo e da criatura e do fim que uma e outro têm que atingir; acerca do conhecimento das obrigações cuja observância conduz a esse fim, que é a realização da perfeição e da pureza, pela do progresso, assim da matéria como da inteligência”. (Tomo IV, item 53)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVI  
DAS PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS

289. Perguntas sobre o futuro (cont.)

11ª Por que, quando fazem pressentir um acontecimento, os Espíritos sérios de ordinário não determinam a data? Será porque o não possam, ou porque não queiram?

“Por uma e outra coisa. Eles podem, em certos casos, fazer que um acontecimento seja pressentido: nessa hipótese, é um aviso que vos dão. Quanto a precisar-lhe a época, é frequente não o deverem fazer. Também sucede com frequência não o poderem, por não o saberem eles próprios. Pode o Espírito prever que um fato se dará, mas o momento exato pode depender de acontecimentos que ainda se não verificaram e que só Deus conhece. Os Espíritos levianos, que não escrupulizam de vos enganar, esses determinam os dias e as horas, sem se preocuparem com que o fato predito ocorra ou não. Por isso é que toda predição circunstanciada vos deve ser suspeita.

“Ainda uma vez: a nossa missão consiste em fazer-vos progredir; para isso vos auxiliamos tanto quanto podemos. Jamais será enganado aquele que aos Espíritos superiores pedir a sabedoria; não acrediteis, porém, que percamos o nosso tempo em ouvir as vossas futilidades e em vos predizer a boa fortuna. Deixamos esse encargo aos Espíritos levianos, que com isso se divertem, como crianças travesas.

“A Providência pôs limite às revelações que podem ser feitas ao homem. Os Espíritos sérios guardam silêncio sobre tudo aquilo que lhes é defeso revelarem. Aquele que insista por uma resposta se expõe aos embustes dos Espíritos inferiores, sempre prontos a se aproveitarem das ocasiões que tenham de armar laços à vossa credulidade.”  
[...]

12ª Não há homens dotados de uma faculdade especial, que os faz entrever o futuro?

“Há, sim, aqueles cuja alma se desprende da matéria. Então, é o Espírito que vê. E, quando é conveniente, Deus lhes permite revelarem certas coisas, para o bem. Todavia, mesmo entre esses, são em maior número os impostores e os charlatães. Nos tempos vindouros, essa faculdade se tornará mais comum.”



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Não vos equivoqueis a respeito do sentido destas palavras — dentro em pouco, nem do das de Jesus quando na terra falava do futuro, da aproximação dos tempos. Nós não contamos, sabeis-o bem, os anos e os séculos na eternidade, como contaís os minutos, as horas, os dias e os anos da vossa existência humana”. (Tomo II, item 140)

“Quem recebe e aceita a nova revelação pode compreender o seu passado e conhecer o seu futuro, pois que sabe donde vem e para onde vai, sob que condições se acha na Terra, o que deve aí fazer e não fazer, o que o espera e lhe acontecerá depois da morte, conforme fizer ou não fizer o que lhe é, de um lado, prescrito e, de outro, defeso”. (Tomo II, item 153)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVI  
DAS PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS

289. Perguntas sobre o futuro (cont.)

13ª Que pensar dos Espíritos que gostam de pre-  
dizer a alguém o dia e hora certa em que morrerá?

“São Espíritos de mau gosto, de muito mau gosto  
mesmo, que outro fim não têm, senão gozar com o medo  
que causam. Ninguém se deve preocupar com isso.”

14ª Como é então que certas pessoas são avisadas,  
por pressentimento, da época em que morrerão?

“As mais das vezes, é o próprio Espírito delas que  
vem a saber disso em seus momentos de liberdade e guar-  
dam, ao despertar, a intuição do que entrevia. Essas pes-  
soas, por estarem preparadas para isso, não se amedron-  
tam, nem se emocionam. Não veem nessa separação da  
alma e do corpo mais do que uma mudança de situação,  
ou, se o preferirdes e para usarmos de uma linguagem  
mais vulgar, a troca de uma veste de pano grosseiro por  
uma de seda. O temor da morte irá diminuindo, à medida  
que as crenças espíritas se forem dilatando.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Que as preocupações materiais não dominem o pensamento do homem, desde que haja compreendido que lhe cumpre, sem mais demora, pensar no seu futuro espiritual”.(Tomo III, item 226)

“Pensai, pois, nas vossas almas. Não vos deixeis absorver pelas preocupações, pelos cuidados, pelas paixões da vida material. Enchei-vos de zelo e de solicitude pelo vosso progresso moral e intelectual e pelo futuro dos vossos Espíritos, pelo progresso moral e intelectual”. (Tomo III, item 226)

*“Do dia e da hora ninguém o sabe, nem os anjos do céu, nem mesmo o filho, senão só o pai” (MT., Cap. XXIV, vv.36).* “Dizendo isso, quis Jesus que os homens compreendessem quão orgulhoso e inútil é o pretenderem sondar o futuro, que só Deus conhece” [...]. Praticou assim um ato de humildade, ele, que é o maior entre os maiores do vosso planeta. Imitai essa humildade, ó homens fúteis, e não tenteis igualar-vos ao que reina sobre todas as coisas, com o pretenderdes devassar os segredos do futuro. Dessa pretensão só vos adviriam confusão e vergonha. Se, buscando penetrar mais longe do que vos é permitido, nos mistérios da vida real, vos deixardes levar por vão orgulho, o espírito do erro e da mentira de vós se apossará e caireis em erros fatais. Espíritos, bem sabeis quais os perigos que vos ameaçam, se ousardes sondar tais profundezas. Não vos abalanceis a essa aventura inconsideradamente. Que um vão orgulho, repetimos, não vos impila a querer ir mais longe do que os vossos irmãos, na penetração de segredos que ainda vos não é dado devassar. A cada dia basta o seu labor. Contentai-vos com a parte que vos coube e deixai aos que hajam de vir depois de vós o trabalho que lhes cumpre executar. (Tomo III, item 275)

“Deveis evitar tocar no futuro”. (Tomo IV, item 47)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVI  
DAS PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS

290. Perguntas sobre as existências passadas e futuras

15ª Podem os Espíritos dar-nos a conhecer as nossas existências passadas?

“Deus algumas vezes permite que elas vos sejam reveladas, conforme o objetivo. Se for para vossa edificação e instrução, as revelações serão verdadeiras e, nesse caso, feitas quase sempre espontaneamente e de modo inteiramente imprevisto. Ele, porém, não o permite nunca para satisfação de vã curiosidade.”

a) Por que é que alguns Espíritos nunca se recusam a fazer esta espécie de revelações?

“São Espíritos brincalhões, que se divertem à vossa custa. Em geral, deveis considerar falsas, ou, pelo menos, suspeitas, todas as revelações desta natureza que não tenham um fim eminentemente sério e útil. Aos Espíritos zombeteiros apraz lisonjear o amor-próprio, por meio de pretendidas origens. Há médiuns e crentes que aceitam como boa moeda o que lhes é dito a esse respeito e que não veem que o estado atual de seus Espíritos em nada justifica a categoria que pretendem ter ocupado. Vai-dadezinha que serve de divertimento aos Espíritos brincalhões, tanto quanto para os homens. Fora mais lógico e mais consentâneo com a marcha progressiva dos seres que tais pessoas houvessem subido, em vez de terem descido, o que, sem dúvida, lhes seria mais honroso. Para que se pudesse dar crédito a essa espécie de revelações, necessário seria que fossem feitas espontaneamente, por diversos médiuns estranhos uns aos outros e ao que anteriormente já fora revelado. Então, sim, razão evidente haveria para crer-se.”

b) Assim como não podemos conhecer a nossa individualidade anterior, segue-se que também nada podemos saber do gênero de existência que tivemos, da posição social que ocupamos, das virtudes e dos defeitos que em nós predominaram?

“Não, isso pode ser revelado, porque dessas revelações podeis tirar proveito para vos melhorardes. Aliás, estudando o vosso presente, podeis vós mesmos deduzir o vosso passado.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Não vos levantamos, quando necessário, o véu do passado? As particularidades das vossas existências anteriores não têm despertado entre vós a lembrança da vossa origem, lembrança que a matéria abafa?” (Tomo II, item 153)

“Não sabe (aquele que aceita a nova revelação) que, conquanto a matéria lhe anuvie a lembrança de suas existências anteriores, possível lhe é achar os traços dessas existências e saber o que tem de reparar e de expiar, de evitar e de adquirir na existência atual, desde que proceda, no foro da sua consciência, a um exame preciso e completo de seus pensamentos, palavras e atos, desde que estude seus maus pendores e tendências, seus instintos maus?” (Tomo II, item 153)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVI  
DAS PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS

291. Perguntas sobre os interesses morais e materiais

17ª Podem pedir-se conselhos aos Espíritos?

“Certamente. Os bons Espíritos jamais recusam auxílio aos que os invocam com confiança, principalmente no que concerne à alma. Repelem, porém, os hipócritas, os que simulam pedir a luz e se comprazem nas trevas.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

*“Pedi e se vos dará, disse Jesus, procurai e achareis, batei e se vos abrirá: porquanto, quem pede recebe, quem procura acha e àquele que bate se abre.” (MT., Cap.VII, vv. 7 e 8)*

“[...] Pedi ao Senhor que vos torne compreensíveis suas verdades e o vosso entendimento se abrirá. Batei às portas da eternidade e chegareis ao santuário. Dirigi-vos ao dispensador de todas as graças puras e divinas, dirigi-vos a ele com pureza e amor, pedi-lhe a luz que esclareça os vossos irmãos e ele próprio vos colocará nas mãos o facho cujos raios iluminarão o mundo.

O homem não conseguirá jamais mudar os desígnios de Deus; mas, se pedirdes a força e a luz, lograreis compreender o porquê dos vossos sofrimentos e sabereis sofrer com paciência e resignação, mesmo com amor, por mais rigorosas que sejam as vossas provas.

Se puderdes, por um arrependimento sincero, apagar as faltas recentes, podereis, pela prece, rogando a graça de não mais as cometerdes, alcançar, se deles vos fizerdes dignos tornando-os possíveis, o amparo e os conselhos que vos sustentarão e guiarão, esclarecendo-vos acerca das provações que escolhestes e acerca da maneira por que conseguireis vencê-las com felicidade aos olhos do Senhor.

Quando se vos diz: “Pedi e se vos dará”, isto não significa que possais pedir a Deus que mude vossas provas, que detenha de súbito o curso dos acontecimentos cuja realização a sua sabedoria decidiu. Significa que o Senhor vos concederá a compreensão das vistas secretas da providência, que vos concederá entrar assim em comunhão de pensamento com ele e compreender o bem que, na eternidade, vos advirá dos sofrimentos morais ou físicos que vos atormentam na existência humana. O livre arbítrio do homem pode mudar a face aos acontecimentos da sua existência, mas o fundamento sério destes será sempre o mesmo.

Não vos podem ser contadas como provações as mil contrariedades oriundas da existência em comum e da vossa civilização, ainda bárbara sob tantos pontos de vista. São particularidades ínfimas que não têm importância alguma no conjunto das provas que vos cumpre suportar”. (Tomo II, item 98)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVI  
DAS PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS

293. Questões sobre a saúde

24<sup>a</sup> Podem os Espíritos dar conselhos relativos à saúde?

“A saúde é uma condição necessária para o trabalho que se deve executar na Terra, pelo que os Espíritos se ocupam de boa-vontade com ela. Mas, como há ignorantes e sábios entre eles, convém que, para isso, como para qualquer outra coisa, ninguém se dirija ao primeiro que apareça.”



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Na medida do que lhe é necessário, deve o homem, com frugalidade, temperança e sobriedade, usar da alimentação humana e de tudo o que for higiênico para conservar a saúde e as forças precisas ao cumprimento da lei do trabalho e de todos os seus deveres”. (Tomo I, item 92)

“Todos os sistemas médicos terão que se unir para formar um único, que se aliará ao magnetismo humano e ao sonambulismo magnético, prestando-se os três mútuo apoio e constituindo o arsenal onde o homem irá buscar armas para combater a moléstia e restituir a saúde a seus irmãos”. (Tomo II, item 111)

“Não julgueis seja muito penoso para o homem viver tranquilamente diante de Deus. Basta-lhe estar com a sua consciência em paz e satisfeita, para ter a força e a saúde do corpo”. (Tomo II, item 123)

“Jesus deu aos apóstolos poder e autoridade sobre todos os maus Espíritos, o poder de curar todos os males e enfermidades, de restituir a saúde aos doentes, de ressuscitar os mortos, de purificar os leprosos, de expulsar os Espíritos maus, chamados ao mesmo tempo “demônios” e “Espíritos impuros” — dando-lhes a assistência, o apoio e o concurso dos Espíritos superiores, sustentados estes pelos Espíritos puros, que tinham poder imediato sobre todos os maus Espíritos, bem como o de curar todas as enfermidades, ressuscitar os mortos segundo o entender dos homens.

Os apóstolos eram médiuns, quer dizer: intermediários entre os Espíritos superiores que os assistiam e os homens. Com o auxílio das faculdades mediúnicas, sob a ação e a influência medianímicas, é que eles obraram e falaram, a fim de concorrerem para a obra de redenção.” (Tomo II, item 133)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVI  
DAS PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS

296. Perguntas sobre os outros mundos

32ª Que confiança se pode depositar nas descrições que os Espíritos fazem dos diferentes mundos?

“Depende do grau de adiantamento real dos Espíritos que dão essas descrições, pois bem deveis compreender que Espíritos vulgares são tão incapazes de vos informarem a esse respeito, quanto o é, entre vós, um ignorante, de descrever todos os países da Terra. [...] Entretanto, não julgueis absolutamente impossível obterdes, sobre os outros mundos, alguns esclarecimentos. Os bons Espíritos se comprazem mesmo em descrever-vos os que eles habitam, como ensino tendente a vos melhorar, induzindo-vos a seguir o caminho que vos conduzirá a esses mundos. É um meio de vos fixarem as ideias sobre o futuro e não vos deixarem na incerteza.”

a) Como se pode verificar a exatidão dessas descrições ?

“A melhor verificação reside na concordância que haja entre elas. Porém, lembrai-vos de que semelhantes descrições têm por fim o vosso melhoramento moral e que, por conseguinte, é sobre o estado moral dos habitantes dos outros mundos que podeis ser mais bem informados e não sobre o estado físico ou geológico de tais esferas. Com os vossos conhecimentos atuais, não poderíeis mesmo compreendê-lo; semelhante estudo de nada serviria para o vosso progresso na Terra e toda a possibilidade tereis de fazê-lo, quando nelas estiverdes.”

## OS QUATRO EVANGELHOS

*“Há muitas moradas na casa de meu pai. Se assim não fosse, eu vo-lo teria dito, porquanto vou preparar-vos o lugar”. (JO., Cap. XIV, vv.2)*

“A casa do pai é o Universo, a imensidade, o infinito. As diversas moradas que nela há são todos os mundos, indistintamente, os quais constituem habitações apropriadas às diversas ordens de Espíritos, pois que a hierarquia ascensional dos mundos corresponde à dos Espíritos que os habitam. [...] O Espírito muda de morada à medida que progride. Deixa a em que estava para ir habitar outra mais adequada ao grau do seu progresso e ao desenvolvimento de suas faculdades, assim como às necessidades do adiantamento e às condições em que este deva operar-se.

Tão impossível nos é dar-vos notícia exata e completa de todos os mundos, quanto o descrever-vos minuciosamente o infinito.[...]” (Tomo IV, item 47)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XXVII**  
Das Contradições e  
das Mistificações

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVII  
DAS CONTRADIÇÕES E DAS MISTIFICAÇÕES

Das contradições

297. Os adversários do Espiritismo não deixam de objetar que seus adeptos não se acham entre si de acordo; que nem todos partilham das mesmas crenças; numa palavra: que se contradizem. Ponderam eles: se o ensino vos é dado pelos espíritos, como não se apresenta idêntico? Só um estudo sério e aprofundado da ciência pode reduzir estes argumentos ao seu justo valor. Apressemos-nos em dizer desde logo que essas contradições, de que algumas pessoas fazem grande cabedal, são, em regra, mais aparentes que reais; que elas quase sempre existem mais na superfície do que no fundo mesmo das coisas e que, por consequência, carecem de importância. De duas fontes provêm: dos homens e dos Espíritos.

298. As contradições de origem humana já foram suficientemente explicadas no capítulo referente aos Sistemas, n. 36, ao qual nos reportamos. [...]

299. Para se compreenderem a causa e o valor das contradições de origem espírita, é preciso estar-se identificado com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado por todas as suas faces. A primeira vista, parecerá talvez estranho que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira, mas isso não pode surpreender a quem quer que se haja compenetrado de que infinitos são os degraus que eles têm de percorrer antes de chegarem ao alto da escada. Supor-lhes igual apreciação das coisas fora imaginá-los todos no mesmo nível; pensar que todos devam ver com justeza fora admitir que todos já chegaram à perfeição, o que não é exato e não o pode ser, desde que se considere que eles não são mais do que a Humanidade despida do envoltório corporal. Podendo manifestar-se Espíritos de todas as categorias, resulta que suas comunicações trazem o cunho da ignorância ou do saber que lhes seja peculiar no momento, o da inferioridade, ou da superioridade moral que alcançaram. [...] Assim, as contradições de origem espírita não derivam de outra causa, senão da diversidade, quanto à inteligência, aos conhecimentos, ao juízo e à moralidade, de alguns Espíritos que ainda não estão aptos a tudo conhecerem e a tudo compreenderem.

## OS QUATRO EVANGELHOS

“Não vos agarreis às contradições de palavras, às diferenças de minúcias, todas secundárias, sem valor e que não afetam a obra do Mestre. Olhai com mais amplitude para a tarefa que vos está confiada”. (Tomo I, item 1)

“Os Espíritos não se acham todos no mesmo grau de desenvolvimento. Entre vós, uns são elevados, enquanto que outros se encontram no início de suas provações morais”. (Tomo II, item 165)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVII  
DAS CONTRADIÇÕES E DAS MISTIFICAÇÕES

Das mistificações

303. [...] De todas as instruções precedentes ressaltam os meios de se frustrarem as tramas dos Espíritos enganadores. Por essa razão, pouca coisa diremos a tal respeito. Sobre o assunto, foram estas as respostas que nos deram os Espíritos:

1ª As mistificações constituem um dos escolhos mais desagradáveis do Espiritismo prático. Haverá meio de nos preservarmos deles?

“Parece-me que podeis achar a resposta em tudo quanto vos tem sido ensinado. Certamente que há para isso um meio simples: o de não pedirdes ao Espiritismo senão o que ele vos possa dar. Seu fim é o melhoramento moral da Humanidade; se vos não afastardes desse objetivo, jamais sereis enganados, porquanto não há duas maneiras de se compreender a verdadeira moral, a que todo homem de bom-senso pode admitir.[...]”

a) Porém, há pessoas que nada perguntam e que são indignamente enganadas por Espíritos que vêm espontaneamente, sem serem chamados.

“Elas nada perguntam, mas se comparam em ouvir, o que dá no mesmo. Se acolhessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os Espíritos levianos não as tomariam tão facilmente para juguete.”

2ª Por que permite Deus que pessoas sinceras e que aceitam o Espiritismo de boa-fé sejam mistificadas? Não poderia isto ter o inconveniente de lhes abalar a crença?

“Se isso lhes abalasse a crença, é que não tinham muito sólida a fé. Os que renunciassem ao Espiritismo, por um simples desapontamento, provariam não o haverem compreendido e não lhe terem atentado na parte séria. Deus permite as mistificações, para experimentar a perseverança dos verdadeiros adeptos e punir os que do Espiritismo fazem objeto de divertimento.”



## OS QUATRO EVANGELHOS

“Na ordem espiritual, pelo que concerne às verdades de além-túmulo que vos são espiriticamente reveladas, bem como pelo que toca às verdades que surgem no campo da ciência humana, há também o mesmo critério infalível: a consciência, que exerce a sua ação governativa por meio da razão e que, mediante as contradições, sob a ação do progresso dos tempos e das inteligências, assegura a vitória de todas as verdades e determina a condenação de tudo o que seja erro ou mentira”. (Tomo III, item 229)



**SEGUNDA PARTE**  
Das Manifestações Espíritas  
**CAPÍTULO XXVIII**  
Do Charlatanismo  
e do Embuste

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVIII  
DO CHARLATANISMO E DO EMBUSTE

Médiuns interesseiros. - Fraudes espíritas

304. Como tudo pode tornar-se objeto de exploração, nada de surpreendente haveria em que também quisessem explorar os Espíritos. Resta saber como receberiam eles a coisa, dado que tal especulação viesse a ser tentada. [...]

305. [...] Sabe-se que aversão infunde aos Espíritos tudo o que cheira a cobiça e a egoísmo, o pouco caso que fazem das coisas materiais; como, então, admitir-se que se prestem a ajudar quem queira traficar com a presença deles? Repugna pensar isso e seria preciso conhecer muito pouco a natureza do mundo espírita, para acreditar-se que tal coisa seja possível. [...]

306. Médiuns interesseiros não são apenas os que porventura exijam uma retribuição fixa; o interesse nem sempre se traduz pela esperança de um ganho material, mas também pelas ambições de toda sorte [...]. [...] a mediunidade é uma faculdade concedida para o bem e os bons Espíritos se afastam de quem pretenda fazer dela um degrau para chegar ao que quer que seja, que não corresponda às vistas da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os bens Espíritos a combatem; a ninguém, portanto, assiste o direito de supor que eles o venham servir. [...]

308. A faculdade mediúnica, mesmo restrita às manifestações físicas, não foi dada ao homem para ostentá-la nos teatros de feira e quem quer que pretenda ter às suas ordens os Espíritos, para exhibir em público, está no caso de ser, com justiça, suspeitado de charlatanismo, ou de mais ou menos hábil prestidigitação. Assim se entende todas as vezes que apareçam anúncios de pretendidas sessões de Espiritismo, ou de Espiritualismo, a tanto por cabeça. [...] De tudo o que precede, concluímos que o mais absoluto desinteresse é a melhor garantia contra o charlatanismo. Se ele nem sempre assegura a excelência das comunicações inteligentes, priva, contudo, os maus Espíritos de um poderoso meio de ação e fecha a boca a certos detratores.[...]

## OS QUATRO EVANGELHOS

*“Qual o sentido destas palavras de Jesus: “Dai de graça o que de graça recebestes”? (MT., Cap. X, vv. 8)*

No pensamento de Jesus, essas palavras eram ditas para aquele momento, mas também para o futuro.

A mediunidade, as faculdades mediúnicas que os apóstolos possuíam, a assistência e o concurso dos Espíritos puros e dos Espíritos superiores eram, ao mesmo tempo e concomitantemente, os meios pelos quais, no desempenho de suas missões, eles espalhavam a Boa-Nova, pregavam o reino de Deus, curavam as moléstias e enfermidades, ressuscitavam os que os homens consideravam mortos, expulsavam os maus Espíritos. E essa mediunidade, essas faculdades mediúnicas, essa assistência e esse concurso eram um dom gratuito de Deus.

Dizendo aos apóstolos: “Dai de graça o que de graça recebestes”, Jesus lhes ensinava que as coisas de Deus jamais devem constituir objeto de tráfico, de especulação, de meio de existência material humana; que, no desempenho das missões de que se achavam investidos, suas palavras e seus atos não deviam ter por móvel senão o amor a Deus, o amor ao próximo, a humildade e o mais absoluto desinteresse.

Aquelas palavras também eram dirigidas aos que, médiuns, investidos de faculdades mediúnicas, seriam chamados a servir de intérpretes aos bons Espíritos, de seus intermediários junto dos homens; a todos os que, apóstolos da nova revelação, inspirados pelos Espíritos do Senhor, seriam chamados a pregar a lei de Jesus, explicada em espírito e verdade e desenvolvida por essa mesma revelação.

O Cristo, por nosso intermédio, diz a vós outros espíritas, médiuns, como disse aos apóstolos: “Dai de graça, seguindo-lhes as pegadas, o que de graça haveis recebido”, porquanto, para vós como para eles, tudo vem de Deus e vos é dado de graça, a fim de desempenhardes a vossa tarefa”. (Tomo II, item 134)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVIII  
DO CHARLATANISMO E DO EMBUSTE

310. Dir-se-á, talvez, que um médium, que consagra todo o seu tempo ao público, no interesse da causa, não o pode fazer de graça, porque tem que viver. Mas, é no interesse da causa, ou no seu próprio, que ele o emprega? Não será, antes, porque vê nisso um ofício lucrativo? A tal preço, sempre haverá gente dedicada. [...]

313. Não ignoramos que a nossa severidade para com os médiuns interesseiros levanta contra nós todos os que exploram, ou se veem tentados a explorar essa nova indústria, fazendo-os, bem como de seus amigos, que naturalmente lhes esposam a opinião, encarniçados inimigos nossos. Consolamo-nos com o nos lembrarmos de que os mercadores expulsos do templo por Jesus também não o viam com bons olhos. Temos igualmente contra nós os que não consideram a coisa com a mesma gravidade. Entretanto, julgamo-nos no direito de ter uma opinião e de a emitir. A ninguém obrigamos que a adote. Se uma imensa maioria a esposou, é que aparentemente a acharam justa; porquanto, não vemos, com efeito, como se provaria que não há mais facilidade de se encontrarem a fraude e os abusos na especulação, do que no desinteresse. Quanto a nós, se os nossos escritos hão contribuído para desacreditar, assim na França, como em outros países, a mediunidade interesseira, entendemos que esse não será dos menores serviços que tenhamos prestado ao Espiritismo sério.

## OS QUATRO EVANGELHOS

*“Jesus entrou no templo de Deus e expulsou todos os que ali vendiam e compravam; derribou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombas, dizendo-lhes: Está escrito: “Minha casa será chamada casa de oração”. E fizestes dela um covil de ladrões”.* (MT., Cap. XXI, vv. 12 e 13)

“Jesus expulsou do templo os vendilhões.” Oh! Jesus, entrasses tu em todos os lugares onde tudo são mercadarias, onde o ouro deslumbra e paga a oração e o perdão, resgata os crimes e faz das bênçãos do Senhor vil objeto de comércio!

Disse ele: “Está escrito que minha casa é casa de oração; e dela fizestes um covil de ladrões.” O pensamento, que estas palavras do Mestre exprimiam, compreendendo a época em que foram ditas e o futuro, é este: Desconfiai dos que vendem o perdão e as graças, dos que exploram a credulidade e a ignorância, porquanto cometem roubo, vendendo o que lhes não pertence, o que não têm nem mesmo para si. [...]

Todo tráfico tendo por objetivo o reino de Deus constitui uma impiedade.

Lançai o olhar para os tempos hebraicos. Os Judeus resgatavam suas faltas por meio de sacrificios e os mercadores lhes forneciam as vítimas, os vasos com perfumes, o que tudo era trazido para o templo e aí vendido. Depois, o negócio se ampliou, as transações comerciais se instalaram na casa de Deus. As Bolsas dos tempos de agora, com as suas baixeiras, tiveram um modelo no templo de Israel.

Repetimos com Jesus: “Está escrito: Minha casa será chamada por todos os povos casa de oração; e fizestes dela um covil de ladrões”. O Espírito da Verdade vem dar cumprimento a essas palavras do Mestre, substituindo o reinado da letra que mata, pelo do espírito que vivifica”. (Tomo III, item 247)

“Ai dos pérfidos e dos hipócritas, que mercadejam com as suas orações e vendem as graças do Senhor, assim como a entrada na morada divina!” (Tomo III, item 267)

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
CAPÍTULO XXVIII  
DO CHARLATANISMO E DO EMBUSTE

Fraudes espíritas

314. Os que não admitem a realidade das manifestações físicas geralmente atribuem à fraude os efeitos produzidos. Fundam-se em que os prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios, para quem não lhes conhece os segredos; donde concluem que os médiuns não passam de escamoteadores. Já refutamos este argumento, ou, antes, esta opinião, notadamente nos nossos artigos sobre o Sr. Home e nos números da Revue de janeiro e fevereiro de 1858. Aqui, pois, não diremos mais do que algumas palavras, antes de falarmos de coisa mais séria. Há, em suma, uma consideração que não escapará a quem quer que reflita um pouco. Existem, sem dúvida, prestidigitadores de prodigiosa habilidade, mas são raros. Se todos os médiuns praticassem a escamoteação, forçoso seria reconhecer que esta arte fez, em pouco tempo, inauditos progressos e se tornou de súbito vulgaríssima, apresentando-se inata em pessoas que dela nem suspeitavam e, até, em crianças. Do fato de haver charlatães que preconizam drogas nas praças públicas, mesmo de haver médicos que, sem irem à praça pública, iludem a confiança dos seus clientes, seguir-se-á que todos os médicos são charlatães e que a classe médica haja perdido a consideração que merece? De haver indivíduos que vendem tintura por vinho, segue-se que todos os negociantes de vinho são falsificadores e que não há vinho puro? De tudo se abusa, mesmo das coisas mais respeitáveis e bem se pode dizer que também a fraude tem o seu gênio. Mas, a fraude sempre visa a um fim, a um interesse material qualquer; onde nada haja a ganhar, nenhum interesse há em enganar. Por isso foi que dissemos, falando dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é o desinteresse absoluto. [...]



## OS QUATRO EVANGELHOS

“As perseguições de que já sois e ainda sereis alvo são estas: Os escribas e os fariseus dos vossos dias vos perseguirão com seus ódios e suas injúrias, formulando contra vós as mesmas acusações que os escribas e fariseus de outrora faziam a Jesus: as de serdes agentes do demônio, do diabo, de satanás, as de charlatanismo e de loucura. Da parte dos materialistas e dos incrédulos tereis o sarcasmo e a zombaria”. (Tomo II, item 139)

“Ignorais também que a charlatanaria ou a exaltação do Espírito encarnado pode tomar ou inculcar como fruto da inspiração o que não passa de produto de uma organização fraca ou má?” (Tomo II, item 184)

“Se tornou preciso que um véu fosse lançado entre os homens, cheios de vícios, de charlatanices, de superstições, e os mistérios de além-túmulo, até que a humanidade, pelos progressos realizados, se mostrasse apta a apreender esses mistérios”. (Tomo II, item 195)

## **SAIBA MAIS - DO CHARLATANISMO E DO EMBUSTE**

“A reencarnação esteve esquecida durante longo tempo. Convinha que tal acontecesse, porque se tornou preciso que um véu fosse lançado entre os homens, cheios de vícios, de charlatanices, de superstições, e os mistérios de além-túmulo, até que a humanidade, pelos progressos realizados, se mostrasse apta a apreender esses mistérios e a lei natural e imutável da reencarnação, que lhe seria pelos Espíritos do Senhor revelada, em espírito e verdade, no seu fundamento e nas suas consequências. Aqueles mistérios e esta lei desvendam aos homens as sendas da expiação, da reparação e do progresso, sempre abertas ao Espírito, que, trilhando-as, chegará à perfeição moral e também à realização de seus destinos, por efeito da justiça de Deus, cujos tesouros de bondade e misericórdia infinitas são inesgotáveis. [...]

Tudo tem a sua razão de ser na marcha dos acontecimentos. Quantos abusos não se houveram originado do contacto, consciente e voluntário, dos Espíritos com a humanidade!

Ainda agora, quando as vossas inteligências estão mais desenvolvidas, os vossos Espíritos mais fortes, mais instruídos, que de práticas ridículas da parte de uns, da de outros que confiança absurda! E, no entanto, deveríeis todos estar maduros, pois que se aproxima o tempo da colheita. Pelo transviamento de tão grande número de espíritos, podeis julgar do que teria acontecido outrora.

Não vos socorrais do argumento de que a influência espírita existia igualmente, então como hoje.

Existia, sim, mas em termos muito diferentes. Na sua maioria, os ignorantes e culpados da terra, quando volviam ao estado de Espíritos livres, isto é, quando na erraticidade, eram conservados na ignorância da faculdade, que possuíam, de se aproximarem dos encarnados. Somente os que se haviam, em comparação com os outros, elevado e desprendido da matéria, podiam usar daquela faculdade. Hoje, todos dela fazem uso, porque lhe podem e devem compreender os efeitos.

Servimo-nos há pouco da expressão — na sua maioria — porque havia naquela época e houve sempre, tanto no período cristão, como no período hebraico, em todas as épocas e em todos os lugares, Espíritos que se constituíram instrumentos das provações e expiações dos encarnados.

## **SAIBA MAIS - DO CHARLATANISMO E DO EMBUSTE**

Os que então eram de elevação superior à destes atuavam sobre alguns dos homens menos maus, a fim de os elevar e tornar guias dos outros. O Senhor não vos confiaria uma arma perigosa; mas, também não seria capaz de deixar-vos expostos, sem defesa, aos golpes dessa mesma arma.

Hoje, estais aptos a compreender e a vos manter em guarda. A criança, se se aproxima de armas perigosas, fere-se; o homem as maneja e delas tira partido”. (Tomo II, item 195)



**APÊNDICE I**  
Das Ressurreições

## APÊNDICE I

### **O filho da viúva de Naim**

*“No dia seguinte Jesus se dirigiu a uma cidade chamada Naim, acompanhado de seus discípulos e de grande multidão. Ao aproximar-se da porta da cidade, aconteceu-lhe ver que levavam a enterrar um morto, que era filho único de sua mãe, sendo esta viúva; grande número de pessoas da cidade a acompanhava. Vendo-a, o Senhor se encheu de compaixão por ela e lhe disse: Não chores. Aproximou-se e tocou o esquife; os que o levavam pararam e ele disse: Mancebo, levanta-te, eu o ordeno. No mesmo instante, aquele que estava morto se sentou e começou a falar e Jesus o restituiu à sua mãe”. (LC., Cap. VII, vv. 11 a 16)*

“Conheceis a relação que existe entre o Espírito e o corpo quando este, num estado de repouso a que chamais — sono, fraqueza, catalepsia — se acha separado da inteligência que o anima. O Espírito retoma uma liberdade momentânea e restrita, mas permanece ligado ao corpo, de que se separou, por uma cadeia elétrica, que é o laço fluídico do perispírito, laço que o reconduz ao invólucro material logo que as necessidades humanas o ordenam.

A morte, a morte real não tem despertar material e a vontade imutável do Senhor jamais força o Espírito a se unir à podridão. Dizemos — podridão — porque, uma vez quebrado o laço perispirítico, começa o apodrecimento da matéria, ainda mesmo que a vida orgânica não se tenha extinguido aos olhos dos homens. A vossa ciência, por enquanto, é incapaz de comprovar os primeiros efeitos e indícios da decomposição, mas, não obstante, eles existem. Segue-se que, com relação ao filho da viúva de Naim, como com relação à filha de Jairo, a Lázaro e a todos os outros “mortos”, aos olhos humanos bem entendido, não se quebrou o laço que une o Espírito ao corpo. A morte, pois, era apenas aparente, mas fora considerada real pelos homens. Jesus chamou o prisioneiro que se afastara do seu cárcere carnal e ele, submisso e dedicado, voltou incontinenti. Não têm outra causa qualquer os fatos desta natureza, referidos tanto no Antigo Testamento, como na Boa-Nova.

Acabamos de dizer, falando do filho da viúva de Naim, que, submisso e dedicado, o Espírito voltou à sua prisão carnal. Para que ocorressem todos os fatos que se haviam de produzir pela ação de Jesus, deixando, através da narração

## RESSURREIÇÕES

evangélica, traços e lembranças entre os homens, os Espíritos que, por pertencerem ao grupo dos participantes da obra do Mestre, deviam concorrer para a produção desses fatos, se colocavam voluntariamente, nas condições precisas, ao longo do caminho que ele percorria e desempenhavam assim a missão que trouxeram quando encarnaram. O fato ocorrido com o filho da viúva de Naim, como os que se deram com a filha de Jairo e com Lázaro, estava no número daqueles. O Espírito do filho da viúva obedecia, portanto, com submissão e devotamento à vontade de Jesus.

O estado real em que se encontrava o mancebo era o de catalepsia completa, único estado sincopal que pode apresentar por longo tempo as aparências da morte, de modo a ser tido pelo de morte real.

Jesus tocou o corpo e não o esquife, que os Hebreus não usavam para enterrar os mortos, e o fez com o fim de deter a marcha do cortejo. Sua vontade, expressa por estas palavras: “Levanta-te, mancebo; eu o ordeno”, reconduziu o Espírito ao corpo, que despertou do seu prolongado sono e imediatamente readquiriu, pela volta do Espírito e pela influência benéfica do Mestre, pela ação do seu poder magnético, a força e a lucidez que perdera.

Esse Espírito, já o dissemos, submisso e devotado, estava pronto a voltar, por ordem de Jesus, ao corpo. Mas, este, não se achando sustentado pela vitalidade da matéria, desde que, em virtude do afastamento do Espírito, o laço fluídico se distendera cada vez mais e se tornara assim muito fraco, necessitava da ação poderosa do Mestre para readquirir de súbito, graças aos fluidos que o penetravam, a força e a vitalidade. A restituição da vitalidade ao corpo foi devido àquela potência magnética, que restabeleceu a harmonia entre as forças vitais.

Repetimos: uma vez morto realmente, pela ruptura do laço espírita que une o Espírito ao corpo, isto é, por se haver o Espírito, com o perispírito, separado completamente do corpo, jamais pode o homem readquirir a vida corporal humana, pela volta de um e outro à podridão chamada cadáver.

Nesse caso, desde que o Espírito voltou à sua vida primitiva, à vida espírita, não lhe é mais possível retomar a vida corporal humana senão por meio da reencarnação, de acordo com as leis naturais e imutáveis da reprodução, em vigor na Terra.

## APÊNDICE I

Repetimos: a vontade imutável de Deus jamais força o Espírito a se unir à podridão; jamais derroga, quer para o vosso planeta e a humanidade terrena, quer para os outros mundos e para suas humanidades, as leis naturais e imutáveis que ele mesmo promulgou desde toda a eternidade e que se executam sob a ação espírita universal.

Repetimos também: em todas as “ressurreições” de mortos segundo os homens, operadas na Terra em todas as épocas; especialmente as de que falam tanto o Antigo Testamento como a Boa-Nova, a do filho da viúva de Naim, a da filha de Jairo e a de Lázaro, não houve mais do que a volta do Espírito a um corpo que ele não abandonara inteiramente, isto é, a que se conservara ligado e preso pelo laço fluídico do perispírito. Assim, não havia cessação da vida, morte real, nem cadáver. Não havia mais do que suspensão da vida, morte apenas aparente e, por conseguinte, um estado de catalepsia completa, que passava aos olhos dos homens por um estado de morte real.

Quanto ao caso do filho da viúva de Naim, o cortejo seguia silenciosamente sua marcha, Jesus o faz parar e diz à mãe do mancebo, como disse aos que choravam e se lamentavam em casa de Jairo: “Não choreis”. Tendo todos parado, ordenou: “Mancebo, levanta-te” exatamente como fizera com a filha de Jairo, a quem disse: “Menina, levanta-te”. E, em seguida, se afasta.

Ninguém proferiu palavra na presença de Jesus, diante de seus discípulos, da multidão que os acompanhava e dos que compunham o cortejo.

Ninguém afirmou, referindo-se ao filho da viúva de Naim: “Ele está morto”. Jesus, portanto, nada tinha que dizer para salvaguardar a interpretação futura, em espírito e verdade, do ato que acabava de praticar.

Pelo seu silêncio, deixou intencionalmente sujeito às interpretações futuras aquele fato, tido por milagroso pelos que o presenciaram e pelos que dele ouviram falar. Assim procedeu porque o fato em questão tinha que contribuir para tornar aceita a sua missão e para que esta produzisse frutos naquele momento e no futuro, cabendo à revelação do Espírito da Verdade por ele predita e prometida, à revelação atual, explicá-lo.

Os que formavam o cortejo, os discípulos, a multidão que os seguia, os que ouviram narrar o fato acreditaram



## RESSURREIÇÕES

todos na morte real do filho da viúva de Naim e na sua ressurreição. Para todos, o mancebo estava morto e Jesus o ressuscitara no sentido que davam a esta palavra, acordadamente com seus preconceitos e tradições.

Tal crença era fruto exclusivo das opiniões, das apreciações humanas, pois que Jesus nada dissera sobre o estado real do mancebo.

Os evangelistas, narradores do fato, tiveram, como sempre, que o relatar e relataram registrando o ato e as palavras de Jesus, segundo as opiniões, apreciações e interpretações humanas a que o mesmo fato dera lugar e que eles esposavam. De modo que, conforme haveis de notar, relatam o fato tal como fora por todos compreendido. Assim é que dizem, falando do mancebo: “um morto” (v. 12), “aquele que estava morto” (v. 15).

A resposta a esta pergunta: “o rapaz estava ou não morto?” tinha que ser confiada às interpretações humanas até aos vossos dias, durante longos séculos. A revelação atual, que vos vem explicar, em espírito e em verdade, a situação real daquele que estava morto no entender dos homens, a natureza e o caráter reais do ato que Jesus praticou, responde a essa pergunta e o faz quando os progressos realizados pela ciência humana, os estudos e as observações sobre o magnetismo e o sonambulismo magnético, quando a ciência espírita, que é o facho condutor, vos puseram em condições de compreender a resposta.

Em chegando o momento, explicar-vos-emos os fatos relativos à filha de Jairo e a Lázaro, porém, desde já, a título de nota, vos diremos o seguinte:

Quanto à filha de Jairo: os servos que levaram ao chefe da sinagoga a notícia da morte da menina lhe disseram, na presença de Jesus, dos discípulos e da multidão: “Tua filha morreu, não dês ao Mestre o incômodo de ir vê-la”. Jesus, porém, foi e, chegando à casa de Jairo, disse aos que choravam e se lamentavam: “Não choreis; a menina não está morta, apenas dorme”.

Aos tocadores de flauta e ao grande número de pessoas que lá se encontravam fazendo grande alarido, disse igualmente: “Retirai-vos, porquanto a menina não está morta, apenas dorme”. Estas palavras foram por todos acolhidas com zombeteira incredulidade, por saberem, di-

## APÊNDICE I

zem os narradores, que ela estava morta. E essa opinião da massa ignorante prevaleceu sobre as declarações expressas e contrárias do Mestre. Os discípulos não viram senão um milagre no fato que Jesus produzira e que eles não podiam nem explicar, nem compreender. E tal opinião tinha que durar séculos, como durou. Até aos vossos dias, em que a incredulidade por sua vez a atacou e recusou admitir o fato, por não o saber explicar e não crer em milagre, o que os homens daquela época acreditaram é o que a Igreja ainda ensina: a morte real da filha de Jairo e a sua “ressurreição”, no sentido da volta do Espírito a um cadáver.

Mas, já vo-lo dissemos, não censureis; tudo tem a sua razão de ser. Essas crenças constituíram uma condição e um meio de progresso para a Humanidade. Jesus conhecia o estado das inteligências, as necessidades e as aspirações da época e sabia que aquela opinião humana ia prevalecer. Por isso mesmo salvaguardou o futuro, quando disse: “A menina não está morta, apenas dorme”, deixando à revelação atual o encargo de, diante da narração evangélica, explicar, em espírito e verdade, o suposto milagre.

Quanto ao fato relativo a Lázaro: Jesus apropriou sua linguagem à situação, ao que devia ser, e dispôs tudo por maneira a que servisse ao presente e preparasse o futuro, reservando aos tempos, então vindouros, da revelação atual, os elementos e os meios de explicar aquele fato em espírito e verdade.

Como no caso da filha de Jairo, ele disse: “Esta enfermidade não é mortal; não chega a causar a morte; vosso amigo Lázaro dorme — vou despertá-lo”. É verdade que disse também: “Lázaro está morto”, porém disse-o respondendo a esta pergunta dos discípulos: “Mas, se ele está dormindo, curar-se-á?”

Lázaro estava morto aos olhos dos homens, estava-o para todos, menos para Jesus, que o sabia apenas adormecido e que, assim, o ia despertar e não ressuscitar no sentido em que os homens empregam esta palavra. A enfermidade de Lázaro não era mortal, não chegava a causar a morte. Ele, portanto, não morrera, não estava morto.

No momento oportuno, explicar-vos-emos quais são, em espírito e verdade, o sentido e o porquê das palavras:

## RESSURREIÇÕES

“Lázaro está morto”, ditas por Jesus como resposta àquela pergunta dos discípulos.

Quando for ocasião, explicaremos o fato ocorrido com Lázaro e a origem da opinião humana de Marta que, como as demais pessoas, lhe acreditou na morte real, chegando a dizer: “Ele cheira mal, pois que está aí há quatro dias”.

No desempenho da sua missão terrena, Jesus tudo dispunha tendo em vista a época em que pessoalmente falava aos homens e os séculos ainda distantes. Tinha por isso o cuidado de estabelecer as bases, de preparar os elementos e os meios para a explicação futura, em espírito e em verdade, dos seus atos e palavras, de modo que cada era recebesse o que pudesse comportar.

Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, os atos e as palavras do Mestre com o que reflete e reproduz as opiniões, apreciações e interpretações humanas, que trazem o cunho da época e do meio em que ele desempenhou a sua missão. Quanto às suas palavras, não lhes dêis nunca, querendo apreender-lhes o verdadeiro sentido, querendo penetrar o pensamento a que servem de roupagem, querendo apreciar e determinar a natureza e o caráter de seus atos, um sentido literal que as ponha em contradição consigo mesmas. Interpretai-as conforme ao espírito e compreendei-as, como é necessário, sem as isolar umas das outras, de sorte que, consideradas na íntegra, em vez de se contradizerem, formem um composto harmonioso”. (Tomo II, item 114)

### **A filha de Jairo**

*“Tendo dito essas coisas, aproximou-se dele um chefe de sinagoga que, adorando-o, lhe disse: Senhor, minha filha acaba de morrer; mas vem, impõe-lhe as mãos e ela viverá. Jesus se levantou e, acompanhado pelos discípulos, partiu com o homem. [...] Chegando à casa do chefe de sinagoga, disse Jesus aos tocadores de flauta e à multidão tumultuosa que lá encontrou: Retirai-vos, porquanto a menina não está morta, apenas dorme. Todos, porém, zombavam dele. Afastada a multidão, ele entrou e tomou a mão da menina, que logo se levantou. A notícia do fato se espalhou por toda a redondeza”. (MT., Cap. IX, vv. 18 e 19 e 23 a 26)*

“Pelo que respeita à filha de Jairo, o Espírito não abandonara o corpo, apenas se ausentara e Jesus o cha-

## APÊNDICE I

mou. Ele tivera permissão de prolongar a sua ausência a fim de que o corpo, tornando-se completamente inerte, apresentasse todas as aparências da morte.

Para os homens, a filha de Jairo estava morta; essa era a aparência. Aos olhos de todos, a morte ali era indubitável, positiva. Na realidade, porém, não havia mais do que um estado de catalepsia completa, um estado, portanto, de morte aparente, de natureza a iludir os mais hábeis peritos.

Havia, dissemos, inércia completa, isto é, suspensão de todas as sensações, de todos os movimentos, da vida em suma, com ausência de pulso, de respiração, de calor, aspecto cadavérico, insensibilidade física, material, tão profunda que as pancadas, os ferimentos nenhuma impressão provocariam, nenhuma contração, nenhum sinal de vida.

Vindo ao encontro do chefe de sinagoga, seus servos lhe disseram: tua filha morreu. Mas, aos que choravam e faziam grande alarido Jesus disse: “Por que vos achais aflitos e porque chorais? A menina não está morta, apenas dorme”.

Aos tocadores de flauta e ao grupo de pessoas que faziam grande algazarra, disse: “Retirai-vos, pois que a menina não está morta, apenas dorme”. E todos, por saberem que ela estava morta, zombavam dele.

Afastada a multidão, disse ele à menina: “Levanta-te”. E sua alma, tendo voltado ao corpo (uma vez que não estava morta, que apenas dormia), ela se levantou.

A menina não está morta, disse Jesus, apenas dorme — essa a realidade.

Não havia ali, com efeito, mais do que sono e sono natural ordinário, o que não deveis ter dificuldade em compreender, pois sabeis que a ausência do Espírito mergulha o corpo num sono profundo. Pelo desprendimento completo do Espírito se produz o estado de catalepsia.

Ao Espírito da filha de Jairo fora permitido ausentar-se, já o dissemos. Ele tivera uma permissão, não recebera uma ordem, porquanto o Espírito não precisa de ordem para se desprender do corpo. Precisa, sim, para entrar nele. O pássaro que se evade da gaiola apertada onde definhava não deseja voltar para a prisão. Procurai compreender aqui a posição do Espírito, reportando-vos aos atos da vida humana: o soldado que obtém uma licença sabe a que horas ela termina. Com mais

## RESSURREIÇÕES

forte razão o mesmo se dá com o Espírito em condições semelhantes.

Se o da filha de Jairo se houvera esquecido de voltar ou resistido ao regresso, os Espíritos superiores que o cercavam, vigilantes para que a ausência se prolongasse pelo tempo que necessário fosse à realização exata e integral da obra que Jesus intentava e ia realizar, o teriam impedido de frustrar por essa forma a execução do intento do Mestre. Aliás, semelhante resistência fora uma rebelião que de modo algum se verificaria contra a vontade de Jesus, crescendo que aquele Espírito não podia pensar em tal, uma vez que aceitara a missão que desempenhou.

O estado de catalepsia em que a menina caiu e que deu lugar à crença numa morte real e, por conseguinte, numa “ressurreição”, no sentido que entre os homens essa palavra tem, se produziu porque entrava nos desígnios do Senhor que assim acontecesse para cumprimento da missão de Jesus e para que esta desse os frutos que devia dar naquele momento e no futuro.

Tudo o que assinalou a passagem de Jesus pela Terra fora previsto e preparado mediante as encarnações dos Espíritos que haviam de concorrer para a execução da sua obra de missionário.

Supondes, porventura, que o soberano Senhor do Universo possa esperar alguma coisa do que chamais — efeito do acaso?

Repetimos: o Espírito da filha de Jairo não abandonara o corpo. Completamente desprendido deste, que se achava imerso em profundo sono, estava a ele preso pelo cordão fluídico do perispírito, invisível para olhos humanos. Graças a essa ligação do Espírito com o corpo, a vida neste continuava a ser mantida, mas se achava suspensa pelo estado de catalepsia completa, que dava aos homens a impressão da morte real.

A filha de Jairo (disse-o Jesus aos que o cercavam) não estava morta, dormia.

Por ato de sua vontade poderosa, ele fez voltar o Espírito à sua prisão e, pela ação magnética, restituiu a saúde ao corpo da menina. Assim é que houve o despertar e a mocinha foi curada.

Para mais prender a atenção dos homens, mandou o Mestre que lhe dessem de comer.

## APÊNDICE I

Quanto à presença dos tocadores de flauta de que se vos fala, isso indica a observância de um uso hebraico em situações como aquela.

O rumor da ressurreição e do restabelecimento da filha de Jairo se espalhou por todo o país; mas Jesus ordenou aos que tinham estado presentes, ao pai e à mãe da menina, que nada a ninguém dissessem do que fora feito, do que se passara.

A multidão, como sabeis, não entrara. Não se vos disse que Jesus a deixou fora?

O Mestre conhecia o que o futuro reservava e assim não queria que, naquele momento, sua reputação se estendesse até aos sacerdotes e levitas.

O desprezo que uns e outros votavam à credulidade e à ignorância do povo os mantinha em guarda (no sentido de que nenhum crédito lhes davam) contra os fatos “milagrosos”, isto é, impossíveis, para eles, de se produzirem e que a voz pública espalhava.

Aspecto diverso, porém, tomaria o caso se a “ressurreição” da filha de Jairo fosse atestada pelo próprio Jairo, chefe de sinagoga, homem justo e estimado.

Se, a propósito da notícia emanada do povo, interpelessem a Jairo, um pretexto qualquer lhe teria bastado para tapar a boca aos inquiridores. Mas, nada disso sucedeu. Os sacerdotes e os levitas pouco se preocupavam com o que não lhes dizia respeito pessoalmente e, sobretudo, com os falatórios do povo, aos quais, repetimos, nenhum crédito prestavam”. (Tomo II, item 124)

### **Lázaro “morto”, segundo as vistas humanas e, no entender dos homens, “ressuscitado”**

*“Estava então enfermo um homem chamado Lázaro, que era da aldeia de Betânia, onde residiam Maria e Marta, suas irmãs. Maria era a que derramara bálsamo sobre o Senhor e lhe enxugara os pés com seus cabelos. Lázaro, o que estava enfermo, era seu irmão. Suas irmãs mandaram dizer a Jesus: Senhor, eis que se acha enfermo aquele a quem amas. Ouvindo isso, disse Jesus: Esta enfermidade não vai até à morte. Ela é apenas para glória de Deus, para que o filho de Deus seja por ela glorificado. Ora, Jesus amava a Marta, a Maria, sua irmã, e a Lázaro. Tendo, entretanto, ouvido que este estava doente, ficou ainda dois dias no lugar onde se*

## RESSURREIÇÕES

achava. Depois, passado esse tempo, disse a seus discípulos: *Tornemos para a Judéia. Disse-ram-lhe os discípulos: Mestre, ainda agora queriam os Judeus apedrejar-te e voltas para lá? Respondeu Jesus: Não são doze as horas do dia? Aquele que anda de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo. Mas, o que anda de noite tropeça, porque lhe falta a luz. Falou-lhes assim e em seguida disse: Nosso amigo Lázaro dorme; mas vou DESPERTÁ-LO DO SONO. Observaram-lhe os discípulos: Senhor, se ele dorme, será curado. Jesus falara da morte; eles, porém, julgaram que falara do sono ordinário. Disse-lhes então Jesus abertamente: Lázaro está morto; e eu folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá, a fim de que creiais. Mas vamos ter com ele. Disse então Tomé, chamado Didimo, aos outros discípulos: Vamos também nós, para morrermos com ele. Jesus, pois, foi e achou que havia já quatro dias que Lázaro estava no sepulcro. Betânia distava de Jerusalém cerca de quinze estádios; de modo que muitos Judeus tinham vindo ter com Marta e Maria para as consolarem da morte de seu irmão. Marta, entretanto, assim ouviu dizer que Jesus vinha, saiu-lhe ao encontro, ficando Maria em casa. Disse então Marta a Jesus: Senhor, se houveras estado aqui, meu irmão não estaria morto. Mas sei que, mesmo agora, tudo o que pedires a Deus, Deus te concederá. Respondeu-lhe Jesus: Teu irmão ressuscitará. Disse-lhe Marta: Bem sei que ele ressuscitará na ressurreição que haverá no último dia. Repliquou-lhe Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida; aquele que em mim crê, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim jamais morrerá. Crês isto?” Ela respondeu: Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, Filho de Deus vivo, que vieste a este mundo. E, tendo dito isso, foi-se e falou em voz baixa a Maria, sua irmã, dizendo-lhe: O Mestre está aí e te chama. Maria, tanto que isso ouviu, levantou-se logo e foi ter com ele. Porque, Jesus ainda não havia entrado na aldeia; permanecia no lugar onde Marta o tinha encontrado. Entretanto, os Judeus que estavam com Maria em sua casa e a consolavam, ao verem-na levantar-se tão apressada e sair, foram-lhe ao encalço, dizendo: Ela vai ao sepulcro para lá chorar. Maria, porém, quando chegou onde estava Jesus, assim que o viu, se lhe lançou aos pés, exclamando: Senhor, se estivesse aqui, não teria morrido meu irmão. Vendo Jesus que ela chorava e que os Judeus que com ela tinham vindo também choravam, fremeu em seu Espírito e se turbou. E perguntou: Onde o pu-*

## APÊNDICE I

*sestes? Responderam-lhe: Senhor, vem e vê. E Jesus chorou. Disseram então os Judeus: Vejam como ele o amava. Alguns, porém, disseram: — Não podia ele, que abriu os olhos ao cego de nascença, fazer que este outro não morresse? Jesus fremiu de novo dentro de si mesmo e veio ao sepulcro, que era uma gruta, em cima da qual tinha sido posta uma pedra. Disse-lhes ai Jesus: Tirai a pedra. Respondeu-lhe Marta, irmã do que morrera: Senhor, já cheira mal, pois que já há quatro dias que está aí. Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus? Tiraram, pois, a pedra. Então, elevando os olhos para o alto, Jesus disse: “Pai, eu te rendo graças por me teres ouvido. Eu bem sabia que sempre me ouves, mas falei assim por causa do povo que me cerca, para que creiam que tu me enviaste.” Tendo dito isto, bradou com voz forte: Lázaro, sai para fora! No mesmo instante saiu o que estivera morto, trazendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço. Disse Jesus: Desatai-o e deixai-o ir. Então, muitos dentre os Judeus que tinham vindo visitar Maria e Marta e que presenciaram o que fez Jesus, creram nele”. (JO., Cap. XI, vv. 1 a 45)*

“Tendo acreditado na morte real do filho da viúva de Naim e na da filha de Jairo, na “ressurreição” de ambos, tomada essa palavra no sentido que lhe davam — o da reentrada do Espírito num cadáver, o da sua volta para se unir à podridão, os homens tinham que acreditar também na morte real e na “ressurreição” de Lázaro, ao verem-no sair da gruta que lhe servia de sepulcro e onde estivera depositado durante quatro dias.

Lázaro, porém, não estava morto, como não o estavam nem o filho da viúva de Naim, nem a filha de Jairo. Foi a mesma, nos três casos, a causa determinante daquele estado de morte aparente, que os homens consideraram de morte real. Lázaro estava “morto” para todos, menos para Jesus. Para este a enfermidade de Lázaro não ia até à morte. Ele apenas dormia, como a filha de Jairo. Jesus não tinha mais do que despertá-lo.

O da “ressurreição” de Lázaro, dadas as circunstâncias que o rodearam, estava destinado a ser, dentre os atos praticados por Jesus durante a sua missão terrena, um dos mais consideráveis para os homens, pela razão de que esse fato os faria reconhecer que ele era o Messias, o Cristo, o



## RESSURREIÇÕES

enviado de Deus, faria que sua missão fosse aceita e produzisse os frutos que devia produzir, não só naquela época, como também no futuro, para as gerações que se seguiriam à de então e ainda na época da revelação do Espírito da Verdade, por ele predita e prometida, da revelação atual.

Pelas suas palavras, Jesus tudo dispõe de maneira a atender às necessidades daquele momento e a preparar o futuro, estabelecendo ao mesmo tempo a base, os elementos e os meios apropriados à atual revelação. Tudo dispõe por forma a que as opiniões dos homens de então e as interpretações humanas que em seguida surgiriam seguissem livremente o seu curso até que, na época determinada pelo Senhor, a revelação atual viesse explicar, segundo o espírito e em verdade, aos homens, já nessa ocasião capazes de as compreenderem, as palavras por ele proferidas, bem como a natureza e o caráter do ato que praticou com relação a Lázaro, o estado real deste, e viesse também mostrar o lugar que ele Jesus ocupa, relativamente a Deus e ao planeta terreno, visto que esse ato, tido por “milagroso”, foi um dos que serviram de fundamento para a divindade que se lhe atribuiu.

Marta e Maria criam, como todos, que Lázaro se achava morto, A prova é que cada uma delas disse, por sua vez, a Jesus: “Senhor, se houveras estado aqui, meu irmão não teria morrido.” A prova é igualmente que os Judeus que lá se encontravam tinham ido para as consolar da morte de Lázaro e choravam com elas. A prova é ainda que entre si diziam: “Vejam como o amava”, e — “não podia ele, que abriu os olhos ao cego de nascença, fazer que estoutro não morresse?”

A seu turno, o Evangelista, narrando o fato, mostra haver partilhado, como toda a gente, daquela maneira humana de apreciar o caso, daquela humana interpretação que lhe foi feita, tanto que, tal qual o fizera ao tratar do filho da viúva de Naim e da filha de Jairo, as reproduz, fazendo se refletissem na sua narração, quando diz: “Marta, irmã do que morrera”; — “no mesmo instante saiu o que estivera morto, trazendo os pés e as mãos ligados com ataduras.”

Os discípulos, que iam assistir ao ato, esses também tinham que crer naquilo em que todos acreditavam. Segui, com atenção, a narração evangélica e vereis, de um lado, a letra, de outro, e espírito. Vereis o que é dos

## APÊNDICE I

homens, resultado de suas opiniões, apreciações e interpretações, e o que é de Jesus, o que está nas suas palavras veladas pela letra. Vereis que, para os homens, Lázaro se acha morto, realmente morto e “ressuscita”, no sentido que davam ao vocábulo “ressurreição”, de acordo com seus preconceitos e tradições; ao passo que, para Jesus, Lázaro está morto apenas na aparência, simplesmente dorme, ele o vai despertar e desperta. Vereis que Jesus, declarando ser aquele um dos atos mais consideráveis da sua missão terrena, junta a esse ato, que ele veladamente pratica, ensinamentos também velados para os homens da época e que, para as gerações que haviam de suceder-se, velados se conservariam, até aos dias de hoje, pois que só hoje, quando já vos encontrais em condições de compreendê-la, pode ser dada a explicação, segundo o espírito e em verdade.

Ao ouvir dos enviados de Marta e Maria que Lázaro se acha enfermo, diz Jesus: “Essa enfermidade não é mortal, não vai até à morte.” Logo, Lázaro não tem que morrer. Assim, muito embora os homens venham a crer e creiam efetivamente que Lázaro morreu daquela doença, ele na realidade não terá morrido. Sua morte será real para os homens, no entender destes, mas, para Jesus, será apenas aparente. Precisamente porque assim deve ser e assim vai ser; precisamente porque os homens vão acreditar, como acreditaram, que Lázaro está realmente morto e que ressuscita pela ação poderosa de Jesus e pela volta do Espírito a um cadáver enterrado desde quatro dias, é que o Mestre, depois de ter dito: “Essa enfermidade não é mortal, não vai até à morte”, acrescenta: “Ela é apenas para glória de Deus, para que o filho de Deus seja por ela glorificado.” Quer isto dizer: Ela se manifesta unicamente a fim de que, mediante o ato que vou executar, seja posto em evidência, diante dos homens, o poder de Deus, cujo instrumento eu sou; a fim de que, para sua glória, nos corações dos homens se desenvolva a fé que nele devem depositar; a fim de que estes creiam que sou o Messias, isto é, o Cristo, enviado de Deus; a fim de que a missão que de Deus recebi seja reconhecida pelos homens e produza frutos; e a fim de que, assim, eu seja glorificado por esse ato.

## RESSURREIÇÕES

Jesus, diz o Evangelho, amava a Marta, a Maria, sua irmã, e a Lázaro. Tendo ouvido dizer que este estava doente, ficou ainda dois dias no lugar onde se achava.

Para os que só veem a letra, para os que tudo humanizam na missão de Jesus, isto deve parecer estranho. Pois quê! “Jesus amava a Marta, a Maria, sua irmã, e a Lázaro”, sabe que este se acha doente e, podendo curá-lo, em vez de ir imediatamente, a toda pressa, para junto do enfermo, fica ainda dois dias no lugar onde se encontrava!

Jesus amava e ama a todos os homens, porquanto ele é, conforme o disse, “o bom pastor”. Amava a Marta, a Maria, sua irmã, e a Lázaro, é exato; mas, amava-os principalmente a título de ensino e de exemplo, para mostrar aos homens que os que caminham pelas sendas do Senhor onipotente se aproximam dele e com ele estabelecem, assim como com o seu celeste enviado, essas relações que no seio da humanidade se consideram relações especiais, oriundas da amizade.

Lázaro, conforme sabeis, era um dos Espíritos devotados que haviam encarnado para trazer o seu concurso ao desempenho da missão terrena do Mestre, do mesmo modo que Marta e Maria eram Espíritos que tinham encarnado para o assistirem e auxiliarem. Jesus permaneceu ainda dois dias lá onde se achava, para que o fato que ele ia produzir se verificasse nas condições previstas, todas de molde a mais impressionar os homens.

Depois de, por esse motivo e com esse fim, ter passado ainda dois dias no lugar onde lhe fora comunicada a enfermidade de Lázaro, Jesus diz a seus discípulos: “Voltemos para a Judéia.”

Eles, que não percebiam as fases, as condições e o objetivo da missão de Jesus, como não compreendiam o motivo oculto que o induzira a demorar a sua partida, lhe disseram:

Mestre, ainda agora queriam os Judeus apedrejar-te e já falas em voltar para o meio deles!

Jesus, sempre velando o seu pensamento com a letra, responde:

Não são doze as horas do dia? Aquele que anda de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo. Mas, o que anda de noite tropeça, porque lhe falta a luz.

## APÊNDICE I

De conformidade com o seu pensamento, estas palavras figuradas tinham, segundo o espírito, um duplo sentido: exprimiam o que lhe dizia respeito pessoalmente e encerravam um ensinamento para os homens. Significavam, sob o primeiro aspecto:

“A minha missão não está determinada? Cada um dos atos que a ela se prendem não tem que ser praticado? Obrando, como importa que o faça, para que ela se cumpra, não me afasto do caminho, porque tenho a me esclarecer e guiar neste mundo a vontade de Deus, que é a minha luz. Se, porém, eu atendesse ao que dizeis, colocar-me-ia fora da minha missão e me afastaria do caminho, porque não mais teria a me guiar a vontade de Deus, que é a luz sem a qual nada posso fazer para executar a minha obra.”

Como ensino dado aos homens, queriam dizer: “Para todo e qualquer Espírito encarnado, seja em prova, seja em expiação, seja em missão, não tem a vida humana seus limites e não é preciso que o homem, durante ela, suporte as suas provas, ou desempenhe a sua missão? Aquele que, no correr da vida humana, pratica os atos que correspondem às provas que escolheu, ou à missão que lhe foi confiada, tem a assistência dos bons Espíritos que o Senhor lhe envia e é guiado, consciente ou inconscientemente, pela influência deles. Mas, o que se afasta da linha das suas provas ou da sua missão cai, porque caminha nas trevas que lhe obscurecem a consciência, por efeito das influências más que o transviam.”

Depois de haver, “dessa maneira”, falado a seus discípulos, diz Jesus: “Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo, do sono.”

Quando ele isso dizia, Lázaro, para os homens, estava morto e seu corpo já se achava depositado na gruta que lhe servia de sepulcro.

De acordo com esta ideia, com esta opinião dos homens, Jesus formulou a resposta que deu à pergunta dos discípulos, visto que estes iam partilhar daquela opinião, relativamente a Lázaro, como já o haviam feito com relação ao filho da viúva de Naim e à filha de Jairo.

Observaram-lhe os discípulos: “Senhor, se ele dorme, será curado.” Jesus responde: “Lázaro está morto e eu folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá, a fim de que creiais.”

## RESSURREIÇÕES

Veladamente, Jesus lhes exprimiu, dessa forma, o pensamento que, em seu nome, vos vimos tornar patente, despojando da letra o espírito, e que é o seguinte:

“Lázaro está morto, mas para vós, como para os outros homens. Está-o para todos, menos para mim. Para mim, ele dorme, exatamente como a filha de Jairo, que acreditastes achar-se morta. Dorme, eu o acabo de dizer. Vou despertá-lo e não ressuscitá-lo, no sentido que dais a esta palavra, porquanto ele não está realmente morto. Não está morto, pois que, conforme eu já disse, essa enfermidade, por efeito da qual creem os homens que ele morreu, não é mortal, não vai até à morte.”

Tanto era esse o pensamento de Jesus que, logo depois de ter dito: “Lázaro está morto”, acrescenta: “e eu folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá, a fim de que creiais.” “Folgo por vossa causa, de não me haver achado lá e foi para lá me não achar que demorei dois dias, visto ser necessário abalar os homens. Assim, quando chegarmos a Betânia, e ao túmulo, vós, como os outros homens, estareis todos crentes de que Lázaro morreu. Possuídos dessa crença, tomareis por uma ressurreição a volta da alma de Lázaro ao seu corpo, que todos consideram um cadáver sepultado há quatro dias, e acreditareis que sou o Messias, isto é, o Cristo, o enviado de Deus; acreditareis na minha missão terrena e, portanto, na que haveis de desempenhar.”

Dando tal resposta a esta observação: “Senhor, se ele dorme, curar-se-á”, teve Jesus por fim dizer e disse, claramente (segundo o espírito), a seus discípulos, aquilo em que eles iam crer, como toda a gente.

“Eu, João, o evangelista, quando disse: Jesus falara da sua morte (da de Lázaro); eles, porém, julgaram que falara do sono ordinário, exprimi, como cumpria que acontecesse, sob a influência espírita, sob a inspiração mediúnica, sem que destas, entretanto, tivesse consciência, o pensamento que os homens atribuíram a Jesus e a suas palavras, a interpretação humana que deram àquele pensamento e àquelas palavras.

Na condição de encarnados, os apóstolos, eu inclusive, os discípulos e as pessoas do povo, incapazes que éramos de encontrar a explicação da natureza e do caráter daquele ato, que ninguém podia compreender, senão como um milagre e

## APÊNDICE I

que como milagre foi tido, todos acreditamos na morte real de Lázaro e numa ressurreição, do mesmo modo que havíamos crido e criamos em morte real e em ressurreição, tanto no caso o filho da viúva de Naim, quanto no da filha de Jairo.

E essa crença humana, que Jesus não devia evitar se formasse, porque era então necessária, visto servir àquele momento sem prejudicar o futuro, porquanto o Mestre bem-amado tudo dispusera e salvaguardara, reclamavam-na o estado das inteligências, as aspirações e as necessidades de então e do porvir até aos vossos dias em que se abre a era da nova revelação. Tinha que concorrer para a obra, de modo considerável, contribuindo para que a missão de Jesus fosse aceita e desse frutos de acordo com as condições e as exigências do progresso da humanidade.

Sim, à observação dos discípulos: Senhor, se ele dorme, será curado, Jesus respondeu: Lázaro está morto e eu folgo, por vossa causa, de me não haver achado lá, a fim de que creiais. Mas essa resposta, como todas as palavras do Mestre, se destinava a ser interpretada ou segundo a letra, ou segundo o espírito e em verdade, conforme acabamos de fazê-lo.

Se Jesus houvesse manifestado aos discípulos todo o seu pensamento que, patenteando a harmonia das suas palavras, afastava toda a aparente contradição entre elas existente; se houvesse dito: Lázaro está morto para os homens, para mim não o está, pois já vos declarei que a sua enfermidade não é mortal, não vai até à morte; para mim, ele dorme e vou despertá-lo, como acabei de declarar; dizendo-vos — Lázaro está morto — apenas exprimo a opinião, a apreciação dos homens, o que eles creem, o que vós mesmos ides crer, e folgo por vossa causa, a fim de que creais na minha missão e, conseguintemente, na vossa e a desempenheis — teria tido que explicar também, pois que os discípulos não deixariam de lhe dirigir essa interpelação, porque e como, para os homens, para eles, Lázaro estava morto e não o estava para ele Jesus.”

Ora, não era possível, nem convinha que isso se desse. Jesus não podia, nem devia revelar os segredos espiritas a homens que ainda não estavam aptos a conhecê-los e a fazer deles bom uso. Falou-lhes, portanto, a única linguagem que lhes era e seria dado compreender durante séculos e que, entregue às interpretações humanas, serviria àqueles tempos,

## RESSURREIÇÕES

sem prejuízo para o futuro, que ele, ao contrário, preparou, conduzindo-os, pelos esforços e lutas do pensamento e com o auxílio do progresso dos Espíritos e da ciência, até à época da nova revelação que, por efeito dos estudos e das observações realizados sobre o magnetismo humano e o sonambulismo e iniciando-vos na ciência espírita e nos segredos de além-túmulo vos tornou aptos a receber, pela revelação especial que vos trazemos em nome dele, nosso Mestre, a explicação, em espírito e verdade, das palavras que pronunciou e dos atos que obrou no curso da sua missão terrena.

Sim, Lázaro estava morto para os homens. Só não o estava para Jesus, porquanto ninguém mais, senão ele, ou os a quem ele o houvesse dado, dispunha do poder necessário a deter o Espírito de Lázaro, prestes a desferir o vôo para as regiões etéreas.

A Ciência já tem, como sabeis, comprovado muitas vezes os efeitos de um estado prolongado de catalepsia. Durante ele, o Espírito se afasta do corpo e, se o momento do seu regresso se retarda, o laço que o conserva preso ao cárcere de carne acaba por se quebrar e o corpo se torna materialmente morto, há morte real, o Espírito retoma a sua vida primitiva, a vida espírita.

Lázaro se achava em estado de catalepsia completa desde muitos dias. O laço fluídico do perispírito, que lhe prendia o Espírito ao corpo, cada vez mais se dilatava e enfraquecia, em consequência de já o não fortalecer a vitalidade da matéria. Jesus aguarda esse limite extremo para mais fortemente impressionar os homens, facultando-lhes apreciar a ação poderosa da sua vontade.

Lázaro, para eles, para todos, estava morto, menos para Jesus, porque o laço que lhe prendia o Espírito ao corpo, se bem existisse ainda, já era tão fraco que só a ação do Mestre podia reconduzi-lo à prisão, restituindo-lhe a vida material.

Submisso e devotado, como o do filho da viúva de Naim e o da filha de Jairo, o Espírito de Lázaro estava pronto a voltar ao corpo, mas este, abandonado como fora, necessitava da ação poderosa da vontade do Mestre, da atuação do seu poder magnético, para instantaneamente recobrar, como recobrou, graças aos fluidos que o penetraram, a força e a vitalidade que se achavam quase extintas.

Os que se agarram à letra não hesitarão talvez em dizer que negar a morte real de Lázaro, como as do filho da viúva

## APÊNDICE I

de Naim e da filha de Jairo, negar-lhe a “ressurreição”, qual eles a entendem, no sentido que dão a esta palavra, mas que Jesus nunca lhe deu, é acusar de trapaçaria e de mentira o Mestre, é acusá-lo de haver enganado os apóstolos, os discípulos, a multidão e, com estes, os evangelistas e todos os que, acreditando-lhe na palavra, creram ter havido, naqueles três casos, morte real e “ressurreição”, entendendo-se por isto a volta do Espírito a um cadáver, a uma podridão.

Não houve trapaça, nem mentira. Quem ousaria manchar o nome de Jesus com semelhantes vocábulos?

Houve erro da parte dos homens, erro devido à falta de compreensão, por eles, do pensamento do Mestre, oculto sob as suas palavras, devido à incompreensão da natureza e do caráter do ato que praticou, do estado real de Lázaro, idêntico aos do filho da viúva de Naim e da filha de Jairo.

Acreditaram na morte real de Lázaro, em virtude da interpretação que deram à resposta de Jesus aos discípulos: Lázaro está morto e folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá, a fim de que creiais”, tomando essas palavras ao pé da letra e isolando-as das que já proferira e das que acabava de pronunciar naquele mesmo instante.

Não perceberam que, para serem devidamente entendidas, as palavras do Mestre têm que ser apreendidas em seu conjunto, por maneira a se conciliarem numa perfeita harmonia e não a se contradizerem.

Não perceberam que, dizendo: “Esta enfermidade não é mortal, não vai até à morte; nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo”, Jesus, tendo em vista a inteligência dos homens, estabelecia uma limitação à resposta que deu aos discípulos, quando lhe fizeram esta observação: “Senhor, se ele dorme, se curará.”

Foi como se dissesse: “Lázaro, para os homens, está morto e morto vai ser considerado por vós. Para mim, porém, sua enfermidade não é mortal, não vai até à morte. Para mim, ele não tem que morrer, não morrerá desta enfermidade. Os homens o julgam morto, mas ele não o está. Apenas dorme e vou despertá-lo e não ressuscitar, no sentido que os homens emprestam e vós mesmos emprestais a essa palavra.”

Não compreenderam que, com o dizer: “Lázaro está morto”, Jesus quis exprimir e exprimiu o pensamento, a opinião, a apreciação dos homens e não o seu próprio pen-



## RESSURREIÇÕES

samento, que já externara e acabava, naquele momento, de externar, em sentido contrário.

Não compreenderam o motivo e o fim daquela resposta aos discípulos e das palavras que serviriam para torná-la compreensível em espírito e verdade, tendo-se em consideração as necessidades da época, o estado das inteligências, as aspirações, os preconceitos e as tradições dos tempos de então e tendo-se em consideração também os meios e condições apropriados ao progresso das gerações futuras. O motivo e o fim que ditaram a Jesus aquela resposta se encontram no fato de que lhe cumpria atender àquele momento e preparar o futuro, fazendo que sua missão terrena fosse aceita e frutificasse, e no de que lhe cumpria dispor tudo por forma que, chegados os tempos da revelação, que ele predisse e prometeu, do Espírito da Verdade, da revelação atual, o conjunto de suas palavras oferecesse a base, os elementos e os meios para a interpretação, em espírito e verdade, da natureza e do caráter do ato que praticou com Lázaro e do estado real deste.

Para crerem na morte real de Lázaro, os homens se apegaram à resposta de Jesus aos discípulos e, desprezando o conjunto de suas palavras, as puseram em contradição consigo mesmas. Essa a razão de ser falsa, mas de uma falsidade necessária, a interpretação humana de tais palavras, como falsa foi, de comprovada falsidade, a interpretação da resposta que o Mestre deu ao que lhe perguntaram os discípulos, quando lhes acabava de explicar o fim do mundo e os sinais da sua aproximação. Perguntaram-lhe nessa ocasião os discípulos: Dize-nos: “quando sucederá isso e quais serão os sinais do teu advento e do fim do mundo?” Jesus respondeu: “Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que todas essas coisas se tenham cumprido.” (Mt, XXIV, vv. 3, 33 e 34.)

Não era oportuno nem conveniente que Jesus revelasse o sentido oculto de suas palavras na resposta que deu aos discípulos relativamente ao estado de Lázaro e a esta observação por eles formulada: “Senhor, se ele dorme, curar-se-á”, como não o era que revelasse o das que proferiu acerca do “fim do mundo”. Deixadas às interpretações humanas, essas palavras estavam destinadas a ser entendidas, primeiro, segundo a letra, para depois o serem segundo o espírito, quando a revelação que ele predisse e prometeu as viesse explicar em espírito e verdade.

## APÊNDICE I

Os discípulos não tinham que saber mais do que aquilo que, como encarnados, podiam suportar e do que, do ponto de vista da missão que lhes cabia desempenhar, importava que conhecessem, compreendessem e ensinassem aos homens da época. Os evangelistas, como os apóstolos, possuíam a fé simples. Instrumentos dóceis do Senhor, não procuravam ir além do ponto a que eram levados, temendo transviar-se. Médiuns historiadores inspirados, só disseram, sob a influência espírita, sob a inspiração mediúmica, das quais não tinham consciência, o que deviam dizer, empregando, como o fazem os vossos médiuns, as palavras de que dispunham para relatar os fatos. Debaixo daquela influência e daquela inspiração, cada um reproduziu, dentro do quadro que lhe fora traçado, as manifestações espíritas, os fatos, as palavras proferidas por Jesus, as que os homens lhe atribuíam, os atos por ele praticados, o que diziam e faziam os homens, suas opiniões, apreciações e interpretações relativas à personalidade do Mestre, a suas palavras e a seus atos.

Para explicar, segundo o espírito e em verdade, que o sentido oculto das palavras: “Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que todas essas coisas se tenham cumprido”, era, como sabeis, este: “Desta geração de Espíritos agora encarnados, aos quais me dirijo, muitos haverá que viverão de novo sobre a Terra nos tempos preditos do fim do mundo”, expressão esta que, como também o sabeis, tinha igualmente um sentido oculto que só a nova revelação tornaria compreensível em espírito e verdade — fora mister revelar aos homens os segredos espíritas, os segredos de além-túmulo. Mas, isso não era possível, porque eles não estavam aptos a receber essa revelação, visto serem incapazes de suportá-la e de fazerem dela bom uso. Fora mister pôr-lhes diante dos olhos a lei natural e imutável do renascimento, da reencarnação, em seus princípios e consequências, o que então teria sido prematuro, inoportuno, contrário às condições e aos meios próprios ao progresso da humanidade ainda durante longos séculos.

Do mesmo modo, conforme já o temos dito e repetimos, para explicar, segundo o espírito e em verdade, o sentido oculto destas palavras: “Lázaro está morto e eu folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá, a fim de que creiais”, em resposta a esta observação dos discípulos: “Se-

## RESSURREIÇÕES

nhor, se ele dorme, curar-se-á”, resposta essa dada por Jesus em virtude do que antes dissera: “Esta enfermidade não é mortal, não vai até à morte” e do que acabava de dizer: “Nosso amigo Lázaro dorme e eu vou despertá-lo” — fora preciso que o Mestre lhes explicasse a natureza e o caráter do ato que ia praticar e o estado real de Lázaro. Mas, para isto, fora necessário que lhes revelasse uma série de mistérios, que eles não estavam aptos a compreender, que tinham de ignorar, mistérios que deviam permanecer tais, conforme também já o dissemos e repetimos, por longos séculos ainda, até que, em virtude dos progressos da ciência, dos estudos e observações sobre o magnetismo humano e o sonambulismo, precursores da ciência espírita, os Espíritos se houvessem tornado, no cadinho do tempo e da reencarnação, capazes de receber e suportar a luz e a revelação espíritas e de receber, graças a essa luz e a essa revelação, a revelação atual.

Aprendam os que se aferram à letra a conhecer os vastos horizontes do presente e do futuro que os olhares de Jesus descortinavam, horizontes que eram sempre abrangidos pelos pensamentos que lhe ditavam as palavras e os atos.

Compreendam que a letra mata e que é o espírito o que vivifica.

Compreendam que Jesus, desempenhando a sua missão terrena, dava aos homens da época o que eles podiam suportar, velando-lhes pela letra o que não estavam aptos a apreender segundo o espírito; que tudo dispunha, tendo em vista as condições em que deveria efetivar-se o progresso da humanidade naquela ocasião e no futuro, de modo que cada época, cada era tivesse o que com ela fosse compatível; que tudo dispunha, tendo em vista o tempo da revelação progressiva, que ele predisse e prometeu, do Espírito da Verdade.

Ao chegar a Betânia, Marta lhe saiu ao encontro. Cumpra vos expliquemos, segundo o espírito e em verdade, o sentido das palavras que o Mestre e Marta trocaram no colóquio que então tiveram.

“Senhor, diz ela, se houveras estado aqui, meu irmão não estaria morto.”

Marta crê que seu irmão está morto e tem que ficar nessa crença, pelo mesmo motivo e com o mesmo fim que determinavam a necessidade de partilharem dela os discípulos e toda a gente.

## APÊNDICE I

Jesus lhe responde: “Teu irmão ressuscitará.”

Estas palavras — “ressuscitar” e “ressurreição” — ele sempre as empregou figuradamente, num sentido oculto aos homens e em acepções diversas, conforme aos lugares, aos casos, às circunstâncias; conforme se tratava de uma morte aparente, ou de dar um ensino. Nunca, porém, as empregou, já o temos dito e repetimos, no sentido que os homens lhes atribuíam, de acordo com o estado de suas inteligências, com as suas impressões, tradições e preconceitos, no da volta do Espírito a um cadáver, a uma podridão, depois de ocorrida a morte real.

“Teu irmão ressuscitará, do mesmo modo que ressuscita, para volver à vida corporal e de relação (já ele o havia dito a seus discípulos), “todo aquele que, como Lázaro, se acha atacado de uma enfermidade que não é mortal, que não vai até à morte; todo aquele que, estando apenas a dormir, pode despertar.” Teu irmão “ressuscitará” no entender dos homens, que o creem morto, de acordo com o sentido que emprestam ao termo “ressurreição”. Também aos teus olhos ele “ressuscitará”, porquanto, como os demais, tu igualmente o acreditas morto.

Ao espírito de Marta a resposta de Jesus se apresentou com um duplo sentido, podendo entender-se que ele se referia à “ressurreição atual de um morto”, ou à “ressurreição futura”, no último dia.

Daí vem que ela hesita e que, não ousando esperar a “ressurreição” atual de Lázaro, que, a seus olhos, está morto, diz: “Bem sei que ele ressuscitará na ressurreição que haverá no último dia.”

O sentido que, em sua mente, Marta atribuía a estas palavras era idêntico ao que lhes davam as crenças populares dos Hebreus e ao que elas têm, de acordo com a ideia do juízo final, do ponto de vista católico, que se originou daquelas crenças populares. Segundo estas, só era admitida, como ressurreição dos mortos, a ressurreição completa: do corpo e da alma e, ao que geralmente se pensava, semelhante ressurreição não se poderia verificar “senão no fim dos tempos predeterminados para duração do planeta.”

Era essa ideia que Jesus sem cessar combatia, lembrando aos Judeus que só a alma existe aos olhos de Deus; que a alma é que é a criatura inteligente e responsável,

## RESSURREIÇÕES

não passando o corpo de sepulcro onde ela se encerra temporariamente. Notai ainda que, muitas vezes, Jesus também fala alegoricamente da morte espiritual, aludindo às encarnações materiais, que eclipsam toda lembrança para o Espírito que as sofre.

Acabamos de dizer que as palavras de Marta, as quais implicavam a crença na imortalidade da alma, na sua sobrevivência ao corpo, se baseavam nas ideias populares dos Hebreus. Como sabeis, pois que o lembramos ao comentar os três primeiros Evangelhos, a crença na imortalidade da alma não era geral entre os Judeus. Apenas certo número deles a admitia, uns como hipótese, outros como matéria de fé, outros ainda por tolerância com as superstições populares. Tal crença se espalhara, sobretudo, a partir da época dos Macabeus, que a fizeram reviver e a sustentavam. Mas, não constituía ponto de fé.

Tendo dito Marta: “Sei que ele ressuscitará na ressurreição que haverá no último dia”, Jesus lhe responde: “Eu sou a ressurreição e a vida; aquele que em mim crê, ainda que tenha morrido, viverá.” E acrescentou: “E todo aquele que vive e crê em mim jamais morrerá. Crês isto?”

Duplo sentido apresentavam as palavras: um, segundo a letra; outro, segundo o espírito.

Tomando-as ao pé da letra, Marta compreendeu que Jesus aludia à ressurreição atual daquele que, “morto”, seria restituído à vida e aludia também ao poder que, para ela, ele se atribuía a si mesmo, de operar uma tal ressurreição”. Eis porque, respondendo a esta pergunta do Mestre: “Crês isto?” disse: “Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, filho do Deus vivo, que vieste a este mundo.”

Aqui tendes, segundo o espírito, em espírito e em verdade, o sentido daquelas palavras figuradas, que só haviam de ser explicadas e compreendidas, nos dias de hoje, pela revelação atual: Jesus é “a ressurreição e a vida”, porque somente pela prática da moral que ele pregou e da qual seus ensinamentos e exemplos o fazem a personificação, é que o Espírito chega a se libertar da morte espiritual, assim na erraticidade, como na condição de encarnado.

Aqui tendes agora o que deveis entender por morte espiritual para o Espírito errante: O Espírito, quando se separa do corpo, volta à vida clarividente que tinha antes

## APÊNDICE I

de a este se unir. Se, aos olhos de Deus, viveu na Terra como homem de bem, essa clarividência se amplia cada vez mais, suas faculdades se desenvolvem e pode dar-se, tais sejam seus méritos, que ele se veja dispensado de voltar ao vosso planeta, à Terra do esquecimento. Se, pelo contrário, cada vez mais se atolou no mal, sofrerá ainda, após a morte material, a morte espiritual, isto é, sentirá em trevas a inteligência, não lhe sendo permitido recobrar nem a memória do passado, nem a clarividência do futuro, enquanto não adquira melhores sentimentos.

Assim, na encarnação material, que tira ao Espírito que a sofre a faculdade da lembrança, há para ele morte espiritual e morte espiritual também há para ele se, ao separar-se do seu corpo de carne, imerge nas trevas da inteligência e fica impossibilitado de recobrar tanto a memória do passado, quanto a clarividência do futuro, até que nutra melhores sentimentos.

Aquele que crê em Jesus, isto é, que pratica a moral que ele pregou e da qual todo homem tem no coração o sentimento instintivo; aquele que crê em Jesus viverá, ainda que para os homens esteja morto. Não sofrerá a morte espiritual, pois que seu Espírito, após a do corpo material, volverá à vida clarividente que tinha antes de encarnar e essa clarividência cada vez se ampliará mais, com o se lhe desenvolverem as faculdades.

Todo aquele que vive e crê em Jesus, isto é, que pratica, sem dela se afastar durante a vida, a moral que ele pregou, não morrerá nunca, viverá eternamente. Quer dizer: não tornará a experimentar a morte espiritual, porquanto seu Espírito, uma vez que se separe definitivamente do corpo de carne, retomará a vida clarividente de antes da encarnação, recobrando a lembrança do passado e a visão do futuro. Não mergulhará nas trevas da inteligência e essa visão se dilatará cada vez mais, desenvolvendo-se-lhe as faculdades. Ele se achará assim dispensado de voltar ao planeta terreno, Terra de esquecimento, e liberto das encarnações materiais que obumbram a memória dos Espíritos que as sofrem.

Mas, repetimos ainda uma vez, por isso que nunca será demais insistir neste ponto capital, que Jesus, dizendo: “Aquele que em mim crê” — “aquele que vive e crê em

## RESSURREIÇÕES

mim”, não tinha em mente ferir de “morte” os que se não houvessem grupado em torno da sua bandeira, tomando o título de “cristão”.

Tal sentença fora uma monstruosidade na boca do Mestre, que era o tipo de todas as caridades. Aquelas palavras se subordinam sempre à lei natural de amor, de fraternidade, de respeito ao Senhor, lei que toda criatura traz escrita em seu coração e que se traduz em atos correspondentes à inteligência do homem e ao meio em que nasceu.

É “cristão”, quaisquer que sejam as suas crenças, qualquer que seja o culto externo que pratique, todo aquele que ama os seus semelhantes, que procura fazer-lhes o maior bem possível, que envida esforços por progredir e auxiliar o progresso de seus irmãos.

Esse é “cristão” segundo o Cristo, é “ovelha do bom pastor”.

O Cristianismo, propriamente dito, tal como em geral o ensinam, é um recinto acanhado, ah! muito acanhado, para que possa conter mais do que uma fração mínima da humanidade. Tão acanhado ele é, que bem se poderia dizer estar o universo inteiro condenado, se só fossem salvos os chamados “cristãos”.

O Cristianismo de Jesus é o Belo e o Bem por toda parte onde exista, onde seja praticado com desinteresse e por amor da humanidade.

Maria, avisada por sua irmã, foi ter com o Mestre no mesmo lugar em que esta o encontrara. Os Judeus que, em casa dela, lhe faziam companhia a seguiram. E ela, ao aproximar-se de Jesus, disse: “Se estivesses aqui, não teria morrido meu irmão.”

Maria e os Judeus que a acompanharam acreditavam que Lázaro morrera e por isso choravam. Diz o texto evangélico que, vendo as lágrimas que derramavam, Jesus “fremiu em seu Espírito e se turbou”; que, em seguida, inquiriu: “Onde o pusestes?”; que lhe responderam: “Senhor, vem e vê”; que, então, ele chorou. Neste ponto a narração evangélica refletiu e reproduziu, como necessariamente havia de suceder, o que entre si disseram os Judeus. Jesus, modelo de doçura e de amor, dava aos homens uma prova da sua ternura e da simpatia que lhe inspiravam os sofrimentos humanos.

## APÊNDICE I

Não acrediteis que com a ruptura dos laços que vos prendem à carne se quebrem todos os da simpatia. Não vedes que os bons Espíritos que vos cercam se afligem com as vossas dores e rejubilam com as vossas alegrias, dentro dos limites do que é puro? Quão mais não se apiedará de vós aquele que, por assim dizer, vos choca com o seu amor, a fim de vos fazer divisar a luz brilhante da pureza?

Jesus deixou ver aos que o cercavam a parte que tomava na dor que os afligia, para dar aos homens uma prova palpável da sua ternura.

Ele bem sabia onde fora posto Lázaro. Mas, naquela circunstância, como sempre, era mister que, tendo em vista sua missão e as consequências que esta devia produzir, favorecesse a crença em a natureza humana que lhe atribuíam, do mesmo modo que preciso era deixasse que todos cressem na morte de Lázaro.

Foi ao sepulcro e quando disse, diante de todo o povo que o rodeava: “Tirai a pedra”, Marta lhe observou: “Senhor, já cheira mal, pois há quatro dias que está aí.”

Ela se achava certa de que Lázaro morrera. Não tendo ido à gruta que servia de sepulcro ao irmão, a opinião que manifestava nascia de uma presunção natural em face do tempo decorrido desde o momento em que se dera a morte aparente, mas por ela considerada real, de Lázaro. Tanto assim que pudera dizer: “há quatro dias que está aí.”

Atacado de uma enfermidade pútrida, Lázaro, antes mesmo que seu corpo fosse depositado na gruta, já exalava um odor de putrefação, que naturalmente se conservara, uma vez que o corpo permanecera no mesmo estado até ao momento em que Jesus exerceu sobre ele a sua ação.

Não cheirava mal, no sentido em que Marta o dizia, isto é, não tinha o odor pútrido que se desprende de um cadáver.

Não tendo havido morte real, não havia a decomposição que lhe é consequente. Como, porém, Lázaro, pela natureza da sua enfermidade, já cheirava mal, antes mesmo que para Marta e Maria houvesse morrido, antes mesmo que lhe depositassem o corpo na gruta, aquela sua irmã, imaginando qual fosse o estado deste, atenta a época em que ocorrera a morte, que para ela era real, deduziu naturalmente que já devia haver bastante pronunciado odor



## RESSURREIÇÕES

de cadáver. Daí o dizer: “Ele já cheira mal, pois há quatro dias está aí.”

Jesus lhe respondeu: “Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?”

Como consequência das palavras que ouvira do Mestre, quando antes lhe havia ido ao encontro, palavras que ela tomou ao pé da letra, para Marta, isto que Jesus lhe acabava de dizer significava, também segundo a letra: “Não te disse eu que, se creres na minha missão e no poder que recebi de Deus, como seu enviado, verás “ressurgir”, pela ação desse poder, teu irmão que está morto?”

“Segundo o espírito, porém, e em verdade”, o pensamento de Jesus, velado pela letra daquelas palavras dirigidas a Marta e que importa não sejam separadas das que dirigiu a seus discípulos antes de partir para Betânia, era este: Conforme declarei a meus discípulos, Lázaro dorme, mas vou despertá-lo. Sua enfermidade não é mortal, não vai até à morte. Ela é apenas para glória de Deus, para que seu filho seja por ela glorificado. Ela é apenas para que, diante dos homens e mediante o ato que vou praticar, seja posto em evidência o poder de Deus, de quem eu sou instrumento. Ela é apenas para glória de Deus, para que, desenvolvendo nos corações humanos a fé nele, os homens, que creem estar Lázaro morto e vão crer que eu o ressuscitei, conforme entendem a ressurreição, também creiam que sou o Messias, isto é, o Cristo e reconheçam a minha missão e esta dê frutos. Verás, assim, a glória de Deus, isto é: verás o ato que vou praticar e verás que, por efeito desse ato, os homens que, como tu, creem estar Lázaro morto, crê-lo-ão, como tu, ressuscitado e, como tu, terão fé em Deus e acreditarão, como tu o acreditas, que sou o Cristo, o filho do Deus vivo, que vim a este mundo.”

Tirada que foi a pedra, Jesus sancionou o sentido, segundo o espírito, do que dissera a seus discípulos e proclamou ao mesmo tempo o motivo e o fim do ato que ia executar. Voltando o olhar para o alto disse: “Meu pai, eu te rendo graças por me teres ouvido, por se ir realizar este ato da minha missão. Eu bem sabia que sempre me ouves, que a minha missão se há de cumprir, em todos os seus pontos, tal como tu ma deste; mas, falei assim por causa do povo que me cerca, para que todos creiam que tu me enviaste.”

## APÊNDICE I

Disse depois, em tom enérgico: “Lázaro, sai para fora.” No mesmo instante Lázaro saiu, trazendo os pés e as mãos ligados por ataduras e o rosto envolto num lenço. Ordenou então Jesus aos que o cercavam: “Desatai-o e deixai-o ir.”

A morte de Lázaro, considerada real pelos homens, como a do filho da viúva de Naim e a da filha de Jairo, fora apenas aparente.

Certamente, sem a intervenção de Jesus, ela se houvera tornado completa, em consequência do esgotamento da força vital no corpo, por efeito da enfermidade. Porém, até ao momento em que Jesus interveio, o Espírito não abandonara totalmente o invólucro material; achava-se ligado a este por um fio tenuíssimo, que se poderia comparar a uma tira finíssima de borracha esticada até ao ponto de estar quase a rebentar. Jesus chamou o Espírito e este voltou para a sua prisão, cheio de alegria, porque dessa forma servia à grande obra que o Cristo empreendera. Ao mesmo tempo que chamava o prisioneiro, o Mestre reparou o cárcere onde aquele ia meter-se de novo. Houve, portanto, ação magnética sobre o corpo, para lhe restabelecer a saúde e, debaixo da influência magnética, ação espiritual sobre o Espírito de Lázaro para, pelo encurtamento do cordão fluídico, reconduzi-lo ao envoltório de carne.

Explicando os fatos ocorridos com o filho da viúva de Naim e com a filha de Jairo, dissemos e aqui repetimos: Deus jamais força o Espírito a se unir à podridão. Sua vontade imutável jamais derroga as leis naturais que a sua sabedoria estabeleceu desde toda a eternidade. O Espírito que, em consequência de morte real, abandonou inteiramente o corpo, que se tornou assim um cadáver, por se haver dele separado o Espírito com o seu perispírito, não mais pode volver à vida corporal, senão por meio da reencarnação”. (Tomo IV, item 36)

**APÊNDICE II**  
**“O Corpo Fluídico de Jesus”**  
**Notas Inéditas de**  
**Indalício Mendes sobre**  
**Kardec e Roustaing**



## HOMENAGEM TARDIA

São comuns os casos de personalidades célebres de nossa cultura esquecidas pela “mídia” e relegadas ao ocaso por uma espécie de apatia coletiva, do tipo “como ninguém lembra, todo mundo esquece”. É um comportamento espontâneo e inconsciente, de tão impregnado em nosso jeito de ser, sem nenhuma conotação ideológica ou intencional, mas é exatamente por isso que nos chama a atenção: temos que ficar alertas para que este erro não se repita em nossas fileiras espíritas.

Claro há figuras que merecidamente estão aí, o tempo inteiro lembradas e homenageadas por todos nós, como o Dr. Bezerra, Chico, etc, para só citar exemplos brasileiros e especialmente notáveis; mas há igualmente uma plêiade de missionários e figuras importantíssimas da história do Espiritismo que merecem também citação sistemática e atenta, porque foi exatamente através de seus exemplos, suas vidas e palavras que a Doutrina chegou até nós.

Algumas vezes são lideranças regionais, outras até companheiros “importados” das plagas européias, mas é importante que sua memória esteja sempre conosco, viva, e que consigamos repassar para as novas gerações o carinho que temos por suas histórias e a importância dos valores que representam.

Já pensaram que glória seria um dia termos um evento lembrando juntos, por exemplo, Eurípides Barsanulfo e Bittencourt Sampaio? Dois “gigantes” espirituais, um de Minas outro de Sergipe, ambos com exemplos e obras importantíssimas, estudados em conjunto, com um salão repleto de jovens que provavelmente desconhecem por completo suas vidas?

Poderíamos fazer o mesmo com os nossos Caibar e Vinícius, principalmente para aqueles que são de fora de São Paulo. Ou, ainda sobre Teles de Menezes e José Petitinga, para que os não são da Bahia...

Lembrando igualmente os nossos “estrangeiros”, poderíamos reunir em painéis temáticos figuras como Bатуíra e Ignácio Bittencourt, ambos de origem portuguesa. Ou homenagear Francisco Valdomiro Lorenz e Frederico Figner, o primeiro natural da Boêmia, e o segundo de Israel, ambos com participações especialíssimas em nosso movimento, embora com trajetórias totalmente distintas.

## APÊNDICE II

Vamos parar com os exemplos apenas para não incorrer em injustiças exatamente por falha de memória...

O principal é nos conscientizarmos que memória tem relação com afeto, e é exatamente por isto que estamos hoje, aqui, prestando uma pequena homenagem a um vulto importante de nosso movimento, com o qual tivemos a honra de ter contato, ainda encarnado, e que certamente tem muitos exemplos e considerações importantes ainda hoje, para nós todos: Indalício Mendes.

Indalício Mendes foi jornalista e publicitário. Como espírita, foi redator de “O Reformador” durante 32 anos e, em nossa Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes fundou, juntamente com o nosso Orientador-Geral, Azamor Serrão, o nosso pequeno boletim, “O Cristão Espírita”, em 1965, até hoje em circulação.

Desencarnou em 13 de maio de 1988. Na ocasião registramos assim o seu retorno ao plano espiritual, em artigo intitulado “Libertou-se a Alegria!”:

“Em Leopoldina, Minas Gerais, em 23 de maio de 1901, nascia Indalício Hildegárdio Mendes. Filho de Maria Lídia da Rocha Mendes e Cristóvão José Mendes, teve como irmãos Otília, Iremarco e Dulcina.

Gêmeo de sete meses, foi criado nos primeiros dias de vida em uma caixa de sapatos, envolto por algodão, para que sobrevivesse. Seu irmão não teve a mesma sorte. Com aparência franzina, muito claro, de olhos muito azuis, sua saúde sempre inspirava cuidados, que eram tratados com desvelo, primeiro por sua mãe, depois por sua dedicada esposa.

Com um mês de vida, Indalício veio com sua família para o Rio de Janeiro. Foram morar no bairro de São Cristóvão.

Autodidata, cursou até o ginásial, quando começou a trabalhar para ajudar a família, empregando-se na firma White Martins, onde criou o logotipo “estrela verde”, usado até hoje. Fez carreira, chegando à posição de Diretor da Seção de Propaganda, e de lá saiu apenas para se aposentar.

Desde pequeno apresentava gosto pela leitura, que o acompanhou por toda a vida, resultando disso uma invejável ilustração e aprofundada cultura, abrangendo os mais variados ramos e temas do conhecimento humano.

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

Versado em línguas estrangeiras, lia com facilidade obras em inglês, francês, italiano e espanhol.

Em sua biblioteca de centenas de livros, deixou nas margens dos mesmos preciosos comentários e observações, que enriquecem os textos.

Indalício conheceu Nadir, sua esposa, no Rio de Janeiro. Foi em 1925, no dia 24 de dezembro, na igreja de São Salvador, em Campos, que receberam a benção nupcial. Desta união nasceram Myrian Neide e Spencer Luiz, que lhes deram sete netos e quatro bisnetos.

Foi depois de uma pneumonia, na década de 40, que começou sua busca espiritual. Luís Fernandes da Silva Quadros, tio de sua esposa e membro da Federação Espírita Brasileira, convidou-o a conhecer a doutrina e a Casa de Ismael, despertando-o para o caminho novo que surgia. Indalício passara anteriormente pelas ideias materialistas, marxistas e simpáticas a Herbert Spencer, de que teve a inspiração para dar o nome a seu filho.

Na Casa Mãter, dedicou-se principalmente ao estudo das obras da Codificação de Allan Kardec, e “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing. Em 1943, foi empossado como Secretário de “O Reformador”, revista oficial da Feb. Foi com o Artigo de fundo “Libertação pelo Evangelho”, publicado em março de 1944, que Indalício iniciou sua colaboração em “O Reformador”. Mais de seiscentos artigos se sucederam ao longo de 32 anos.

Deu também sua colaboração durante quatro anos na Comissão de Assistência da FEB, sendo ali companheiro de trabalho de Luís Quadros.

Em 1953 entrou para o Conselho Federativo Nacional, como representante da Federação Espírita Paraibana e em 1956 foi eleito membro efetivo do Conselho Superior da Feb.

Indalício Mendes foi autor do “árduo” estudo comparativo das obras literárias de Humberto de Campos - Homem - e Humberto de Campos - Espírito, conforme consta em “Duas Palavras”, do livro “A Psicografia ante os Tribunais”. Este trabalho reuniu toda a documentação necessária à defesa de Chico Xavier e da FEB, entregue a Miguel Timponi.

Em 1975 foi eleito Vice-Presidente da FEB mas, daí por diante, suas forças começaram a declinar e sua pre-

## APÊNDICE II

sença era solicitada ao lado de sua dedicada esposa. Deixou o Conselho Federativo Nacional, o qual servira por 23 anos. Foi desativando aos poucos, deixando a vice-presidência em 1978. Mas, até a sua desencarnação, permaneceu como redator de “O Reformador” e Assessor da Presidência.

De sua personalidade, lembramos a alegria. Tinha o humor incrível que caracteriza os homens de gênio. Gostava de ouvir música. Nas reuniões familiares, dançava e até sapateava, sempre sob o sorriso amigo da esposa Nadir, que o acompanhava, formando um casal exemplar.

Esportivo, na mocidade chegou a lutar box. Tinha o pescoço um pouco inclinado, dizia ele, por ter recebido um golpe desastrado.

Admirava o futebol, e sobre esse assunto assinou durante muitos anos uma coluna intitulada “Pra ler no bonde”, no “Diário de Notícias”, utilizando o pseudônimo de “José Brígido”. Foi membro da diretoria do Fluminense Futebol Clube, no cargo de 2º Secretário.

Voz fraca, quase inaudível, foi pela escrita que fez a divulgação de seu conhecimento. De sua pena saíram contos, alguns de inspiração oriental; versos; tinha sempre palavras escritas para lembrar alguma ocasião como aniversários, casamentos, etc... e gostava de presentear com livros que levavam sempre dedicatórias gentis e doutrinárias. Usou vários pseudônimos: “José Brígido”, já citado; “Túlio Tupinambá”, “Vinélius Di Marco”, “Boanerges da Rocha”, “Tasso Porciúncula”, “I. Salústio”, “Percival Antunes”, “Tibúrcio Barreto”, “Jesuíno Macedo Jr.”, “A. Pereira”, “Tobias Mirco”, “Gonçalo Francoso”, “Damasceno”, “X.Z” e outros.

Trabalhou em vários jornais, dentre eles “A Gazeta de São Paulo”, “A Tribuna da Imprensa”, “O Rio Esportivo” e “O Diário de Notícias”, do qual foi um dos fundadores ao lado do jornalista Orlando Dantas, em 1930. Tornou-se jornalista profissional, tendo ocupado na ABI, Associação Brasileira de Imprensa, o cargo de Diretor do Setor de Relações Sociais e Humanas, do Departamento de Assistência Social.

Somado a tantas atividades, exerceu o cargo de Assistente de Plenário do Tribunal de Contas do Rio de Ja-



## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

neiro. Por volta de 1963, pouco depois de sua fundação, ingressou na “Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes”. Fundou em 1965, junto com o seu Orientador Geral, Azamor Serrão, o seu órgão de divulgação doutrinária, “O Cristão Espírita”, de distribuição gratuita, dirigindo-o até a sua desencarnação. Indalício Mendes foi também membro do Conselho Deliberativo da Casa desde a criação deste último, a 18 de novembro de 1967, exercendo essa função até o seu regresso à Pátria Espiritual.



“Indalício Mendes deu grande contribuição na época da polêmica em torno das obras de Humberto de Campos, recebidas pela mediunidade abençoada de Chico Xavier, fazendo a comparação das obras de Humberto “encarnado” e “desencarnado”. Agora sabemos porque nos ajudou tanto na inspiração desta série de comparações entre Kardec e Roustaing, que com este volume concluímos... Obrigado, Indalício...!”

## APÊNDICE II

Nos últimos anos de sua vida “O Cristão Espírita” já lhe custava extremado esforço.

As forças diminuían dia a dia, e não encontrava quem o pudesse substituir. Escrevia à mão, pois não conseguia mais usar a máquina de escrever. Muitas vezes pensava até em desistir, mas o estímulo de amigos levou-o a continuar. Seu último e precioso trabalho foi sobre “O Corpo Fluídico de Jesus”, que não chegou a ser publicado. Sua vivência no Espiritismo foi cercada de inúmeros obstáculos. Acordava às quatro horas da madrugada para poder estudar e escrever, inclusive “O Cristão Espírita”.

Em 1974 o casal comemorou 50 anos de casados, “Bodas de Ouro”. Em 25 de agosto de 1984 desencarnou sua esposa Nadir. Ficou um grande vazio na vida de Indalício. A 13 de maio de 1988, partiu para a espiritualidade. Frágil como uma luz de vela prestes a apagar, na Casa de Saúde Santa Lúcia, em Botafogo. Justo no dia 13 de maio, dia da libertação dos escravos, Indalício libertou-se do jugo carnal. A vibração na capela do São João Baptista, onde seus restos mortais repousavam, era amena, tranquila. Sentia-se a presença de seu espírito.

Indalício Mendes deixou um rastro de luminosidade na Terra, pela intensidade e dignidade da vida que viveu. Por isso, nós o chamamos, também, “Sal da Terra”...

As notas que veremos em seguida são extraídas exatamente desta obra de Indalício, citada acima, que ficou sem conclusão, relativa ao Corpo Fluídico de Jesus e ao estudo conjunto de Kardec e Roustaing.

Reunimos de seu último caderno de notas algumas pérolas preciosas, e as publicamos, na sequência, como uma singela homenagem a este querido tarefeiro do bem, para nós uma referência permanente aos jornalistas espíritas e a todos os responsáveis pela edição de periódicos de natureza doutrinária (os títulos são sugestões nossas).

Sua cultura polimorfa, sua lucidez, sua gentileza e bom humor estão todos aí, de volta... como que retornaram do além, para lembrarmos do amigo e ao mesmo tempo para recordarmos alguns de seus textos, tão importantes e tão atuais para o nosso movimento espírita ainda na alvorada do século XXI. Indalício sempre foi “Sal da Terra” e, pelo visto, ainda não perdeu o sabor...

## **Mais Kardecistas que Kardec**

“Há ainda quem se afirme espírita, sem o exercício das responsabilidades indiscutíveis da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec. Há os que pensam destruir “A Revelação da Revelação” com exageros que o Codificador não cometeu, ao fazer perfuntária análise da questão relacionada com a natureza espiritual, fluídica, do corpo aparentemente carnal do Mestre, e que, assim procedendo, pensam, talvez, dar público testemunho de sua fidelidade a Kardec. Querem parecer mais “kardecistas” que ele próprio.

Ora, o insígne Codificador fez, não o negamos, restrição ao corpo fluídico, mas exaltou os seus autores e a obra, que achou digna de ser estudada pelos espíritas conscienciosos. [...]

Eis como Kardec se pronuncia sobre Roustaing, na “Revue Spirite” de junho de 1861 (pág.253 ed. FEB):

“Os princípios que aí são altamente expressos (na carta que lhe escrevera Roustaing), por um homem cuja posição o coloca entre os mais esclarecidos, darão que pensar aos que, supondo possuírem o privilégio da razão, classificam todos os adeptos do Espiritismo como imbecis.

“Vê-se que Roustaing, apesar de recentemente iniciado, tornou-se mestre em matéria de apreciação; é que ele tem séria e profundamente estudado, o que lhe permitiu apreender rapidamente todas as consequências da importante questão do espiritismo, e que, ao contrário de muitos, não ficou na superfície. Infelizmente, nem todos têm, como ele, a coragem de dar a sua opinião, e é isso que alimenta os adversários”.

Aí está o testemunho claro, inequívoco, irretorquível do ínclito Allan Kardec, homem altamente equilibrado, a cuja ponderação e senso elevado de responsabilidade constitui a afirmação do valor moral e cultural de Jean Baptiste Roustaing, achatando os gratuitos detratores de uma personalidade escolhida, pelo Alto, para missão importantíssima, não só para o Espiritismo, como para o conhecimento de Jesus e do Evangelho, mercê de explicações valiosas de origem espiritual, além de judiciosos comen-

## APÊNDICE II

tários do eminente divulgador da obra mediunicamente “captada” pela mediunidade da senhora Emilie Collignon, “de Bordeaux, médium absolutamente mecânica, dama da alta sociedade, e que, pessoalmente, não concordava com a teoria do corpo fluídico, enquanto os Espíritos a lançavam pelo seu lápis” (“Elos Doutrinários, de Ismael Gomes Braga, págs.17-18.da 3a. ed. FEB)

Corroborando o alto conceito que desfrutava Emilie Collignon, Kardec, na página 382 da “Revue Spirite” de setembro de 1865 (ed. FEB), em nota por ele assinada, escreveu: “Temos a satisfação e o dever de chamar a atenção de nossos leitores para essa brochura (“Conversas Familiares sobre o Espiritismo”, por Mme. Collignon) que apenas anunciamos em nosso último número, inscrevendo-a entre os livros recomendáveis”.

Fora ela, um médium sem idoneidade moral, sem autoridade doutrinária, Kardec não teria tanto prazer na redação que fez, recomendando a referida brochura. Circunspecto, ponderado, cuidadoso e severo na defesa dos créditos do Espiritismo, conseqüentemente lavrou, sob a sua assinatura, a consagração da mediunidade insuspeita de Collignon, assim como já se referira a Roustaing, claramente, como “um homem cuja posição o coloca entre os mais esclarecidos”, que embora ainda novo no Espiritismo, “tornou-se um mestre em matéria de apreciação”, porque tinha, “séria e profundamente estudado, o que lhe permitiu apreender rapidamente todas as conseqüências da importante questão do espiritismo, e que, ao contrário de muitos, não ficou na superfície”.

Isto posto, não houve o mais simples antagonismo entre Kardec e Collignon-Roustaing, ambos exaltados pelo Codificador, que, aliás, sempre foi bastante sóbrio em referências da natureza das que acima citamos.

### **Complementariedade de Kardec e Roustaing**

“Kardec e Roustaing não se opõem, antes se completam, tanto que o Codificador aludiu à obra mediúnica recebida pela Sra. Collignon como “considerável, com o mérito

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

de não estar em contradição com a doutrina ensinada em “O Livro dos Espíritos”, em “O Livro dos Médiuns” e em “O Evangelho segundo o Espiritismo” e ressaltando que ela (a obra) “continha ensinamentos incontestavelmente bons e verdadeiros”, acrescentando com a sua experiência, provando que apareceriam alguns para combatê-la e denegri-la: “e que merecia ser consultada com proveito pelos espíritas conscienciosos”, palavras que admitem que os “não conscienciosos” haveriam de aparecer “para o exercício de uma oposição injusta e anti-espírita”.

### **Kardec e a Evolução da Doutrina**

“Allan Kardec jamais deixou de se render à verdade, quando, a seu entender a evidência se tornava incontestável. Tanto é assim que, antes da revelação espírita e de sua ação como codificador da Doutrina do Espíritos, ele não aceitava a das vidas sucessivas que, cerca de vinte anos mais tarde, os Espíritos lhe transmitiram, tendo ele mesmo combatido-a por algum tempo, antes que a evidência dela lhe fosse demonstrada. Já em 1858, o Codificador do Espiritismo frisava (“Revue Spirite”, Nov. de 1858, páginas 445 a 455, Ed. Feb): “esta teoria estava tão longe do nosso pensamento quando os espíritos no-la revelaram, que ela nos surpreendeu de maneira estranha, porque, confessamo-lo com toda a humildade, o que Platão havia escrito sobre esse assunto especial nos era então totalmente desconhecido, mais uma prova entre mil outras, de que as comunicações que nos têm sido dadas não refletem a nossa opinião pessoal” – “A Doutrina dos Espíritos acerca da reencarnação nos surpreendeu, pois; diremos mais: contrariou-nos, porque lançava por terra nossas próprias ideias”.

Não é, portanto, de se estranhar seu idêntico procedimento a respeito da questão da natureza do corpo (fluídico) de Jesus. E Kardec mesmo reconheceu que “a ninguém é dado possuir a luz universal, nem fazer perfeito o que quer que seja; como um homem pode equivocar-se acerca de suas próprias ideias, enquanto que outros podem ver o que ele não vê, como seria abusiva a pretensão de quem quisesse impor-se por qualquer título” (Obras Pós. – cap. VII da Constituição do Esp.– pp. 364-365 da 32a. ed.FEB).

## APÊNDICE II

Aí se encontra mais um aspecto do equilíbrio e da lucidez do Codificador. Mas importa reconhecer, apesar do respeito e da admiração por ele justamente granjeada, que, como homem, emitia opiniões pessoais, que não lhe confere o caráter de infalibilidade, embora a sua grandeza moral e intelectual, a sua indiscutível probidade, ponderação e cautela, pois ele reconheceu que “a ninguém é dado possuir a luz universal”, porquanto, “como um homem pode equivocar-se acerca de suas próprias ideias, enquanto outros podem ver o que ele não vê”.

Um homem da inteligência e do discernimento de Kardec não faria tal assertiva em vão. O que ele não admitia era aceitar o que quer que fosse sem análise rigorosa, levemente. Com a responsabilidade que recebera do Espírito Verdade, mais ainda se apurou na busca de algo a seu ver incapaz de suscitar suspeita. Não é que pusesse em dúvida a respeitabilidade e a cultura de Roustaing, pois já ficou demonstrada a sua simpatia e acatamento a esse correligionário também ilustre. O homem era uma coisa, a ideia, outra. Demais, desconhecia, como já demonstrado, as possibilidades da materialização, porque, nesse particular, para ele, “os tempos ainda não haviam chegado”, porque sua missão, bem mais importante, era a de estabelecer, inequívoca e seguramente, os princípios fundamentais da Doutrina que os Espíritos lhe transmitiram, por determinação superior. E de fato, a parte moral, o conhecimento das relações do homem com os seres incorpóreos do mundo espiritual. Como emérito educador, cumpriu os desígnios do Mais Alto, concernentes à divulgação da moral evangélica, que ressalta de cada trecho da Doutrina que veio, finalmente, a codificar, com um brilho inexcelável, uma simplicidade que a torna acessível e assimilável a qualquer pessoa, com a assistência do Espírito Verdade, sem que, entretanto, a mais mínima interferência na ação do seu livre arbítrio.

Vinha ele de decidir por si mesmo as dúvidas que surgissem no curso do gigantesco e estafante trabalho, exceto quando se fazia necessário um esclarecimento mais delicado. Então, o Espírito de Verdade se manifestava, a fim de esclarecer e corrigir o que não estivesse absoluta-

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

mente conforme com o plano espiritual. Não fora Kardec escolhido arbitrariamente, mas porque reunia um conjunto de qualidades morais capazes de atender à finalidade do trabalho, que a sua experiência como educador, o seu critério rigoroso de apreciação e seleção e, sobretudo, sua elevada noção de responsabilidade contribuiriam, como contribuíram, para alcançar os resultados que todos sabemos. Não obstante tudo isso, o Espírito Verdade foi atento e severo, sem ultrapassar os limites da consideração a tão distinto e dinâmico obreiro de Jesus.

[...]

Compreendamos, pois, de maneira precisa e definitiva a participação ativa e consciente no trabalho em desenvolvimento e, simultaneamente, a assistência desvelada, preciosa e severa, por ele recebida espiritualmente, embora com plena liberdade de consciência, discernindo e concluindo os pontos que estavam sob a sua direta responsabilidade, não obstante a vigilância do Espírito Verdade, pronto a sugerir e determinar retificações que considerasse necessárias, deixando ao seu critério modificações ou revisões que se fizessem precisas, o que significava reconhecimento à capacidade do mestre, a quem atribuía o dever de encontrar o caminho certo, evidentemente “ad referendum” do Espírito, que controlava a elaboração e a redação da importante obra Doutrinária. Não foi Kardec, dessa maneira, um simples e passivo adjectivo do trabalho, de origem espiritual, porque vindo de Jesus por intermédio de Espíritos superiores prepostos e selecionados para tão magnífico objetivo.”

### **Kardec e Roustaing**

(Queremos) “deixar expresso que o nosso apoio à obra total da “Revelação da Revelação” e a seu coordenador honesto, probo, culto e obediente aos princípios constantes da Doutrina espírita – Jean Baptiste Roustaing – em nada afeta o conceito superior que devemos sempre ter por Allan Kardec, ainda que reconheçamos que a sua opinião pessoal sobre o “corpo fluídico de Jesus”, [...] carecia de infalibilidade, decorrente, principalmente, do seu desconhecimento dos fenômenos de materialização, com-

## APÊNDICE II

provados mais tarde, principalmente através das experiências científicas do sábio William Crookes, depois de anos da desencarnação do Codificador, em 31 de março de 1869.

Nenhuma ideia, como nenhuma obra da importância das que foram lançadas no mundo por Allan Kardec e J.-B. Roustaing, ficam isentas de negadores e detratores, nem mesmo as grandes conquistas da ciência humana, que promanam da ciência divina, malgrado a negativa dos que, em sua quase totalidade, supõem que tudo sai do cérebro humano, por talento e cultura. E é por isso que, como humildes estudantes da Doutrina dos Espíritos, dita também “kardequiana”, por ter sido o glorioso realizador da gigantesca tarefa – cuja magnitude é impossível desconhecer e negar – recusamos frontalmente a pecha de que a obra “de” Roustaing (aliás, espiritual) colide com a Doutrina.

“O Espiritismo”, disse-o Kardec, “não é uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema preconcebido”. O mesmo pode-se afirmar a respeito de “Os Quatro Evangelhos – Espiritismo cristão ou Revelação da Revelação”.

O fato de persistirmos na defesa e propagação dessa monumental obra, não rejeitada por Allan Kardec, que tem palavras de respeito e simpatia pela médium Emilie Collignon e Roustaing, de maneira generalizada, não nos impele a hostilizar aos que não a aceitam. É um direito que têm, como temos nós o de adotá-la e procurar esclarecer devidamente os “espíritos conscienciosos”, a que se referiu Kardec. E dele são estas palavras, probatórias do seu acendrado equilíbrio: “O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como direito natural, reclama-a para os seus adeptos do mesmo modo que para toda gente. Respeita todas as convicções sinceras e faz questão da reciprocidade – Da liberdade de consciência decorre do livre exame em matéria de fé. O Espiritismo combate a fé cega, porque impõe ao homem que abdique da sua própria razão; considera sem raiz toda fé imposta, donde inscrever entre suas máximas: não é inabalável, senão a fé que pode encarar de frente a razão em todas as épocas da humanidade”.



## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

Nós, os que estudam, além de Kardec, também Roustaing, o fazemos exatamente porque aquele reconheceu e declarou com a sua habitual franqueza e lealdade, que a este não faltou “o mérito de não estar em contradição, por qualquer de seus pontos, com a doutrina ensinada no Livro dos Espíritos e no dos Médiuns, as partes correspondentes as de que tratamos no Evangelho Segundo o Espiritismo o são num sentido análogo” etc. – *Revue Spirite* de junho de 1866.

### **Roustaing complementa Kardec**

“Mais adiante, Kardec se refere ao fato de Roustaing haver seguido outra orientação e não a sua – o que lhe era permitido pela liberdade de consciência supra-referida, “e que tratou de certas questões que ainda não julgáramos oportuno abordar e a respeito das quais, portanto, lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que as comentaram” etc. (*Revue Spirite*” citada).

Não houve conflito algum pela divergência em torno de determinado trecho da imensa obra coordenada e publicada por J.-B. Roustaing. Diz o Evangelho que “o espírito sopra quer”. Devemos entender, por isso, que o Espírito (ou os Espíritos) se manifestam segundo sua vontade ou necessidade.

A missão de Allan Kardec foi grande, difícil e pesada. Não lhe cabia recursos outros para estendê-la ainda mais, mesmo porque suas forças eram limitadas às tarefas vindas do Alto e não dariam, sabiam-no com antecedência os Espíritos que as prepararam, que ele teria gigantesco trabalho intelectual, porque era preciso que conhecesse a fundo os problemas que lhe eram presentes, para poder discernir a significação de cada ponto e interpretá-la com segurança e lucidez, sob a assistência severa dos mentores espirituais. Não se tratava somente de receber e agasalhar os múltiplos aspectos das mensagens ou ditados que ouviria dos Espíritos autores de “Os Quatro Evangelhos”. Isso, qualquer um poderia fazer. Os Espíritos, porém, não quiseram “qualquer”, mas apenas Roustaing, em serviço solidário com a Sra. Emilie Collignon, igualmente preferida pelas Entidades superiores, para a realização global da delicada empreitada.

## APÊNDICE II

Eis porque, segundo suas palavras, Kardec, apesar de haver tido, possivelmente, a intuição de abordar certas questões que Roustaing tratara, não julgou oportuno fazê-lo (a questão, pelo que se pode induzir, pelo que veladamente foi dito pelo Codificador, seria pertinente à natureza fluídica do corpo de Jesus). Mas, percebendo a alta importância do tema, ao mesmo tempo delicada, complexa e pouco acessível à compreensão dos homens de sua época, teria preferido adiá-la (ver a “Revue Spirite” de junho de 1866 aqui citada), e não dar, “até nova ordem, a essa teoria, nem aprovação, nem desaprovação”, o que significava de sua parte uma demonstração de imparcialidade, porquanto, se ele conhecer o assunto e não julgara oportuno abordá-lo, foi porque o considerara ponderável, embora fora de tempo, tanto que ele conhecera o assunto – “o livro dá ao Cristo, em vez de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, com todas as aparências da materialidade e dele faz um agênese. Aos olhos dos homens, que então não lhe teriam podido compreender a natureza espiritual, ele teve que passar, na aparência, palavra esta que incessantemente se repete no curso inteiro da obra, por todas as vicissitudes da humanidade. Desse modo se explicaria o mistério do seu nascimento: Maria não teria tido mais do que as aparências da gravidez. Este ponto, estabelecido como que premissa e pedra angular, é a base em que o autor (?) assenta a explicação de todos os fatos extraordinários ou milagrosos da vida de Jesus.

“Nada há nisso de materialmente impossível para quem conhece as propriedades do envoltório espiritual” etc. (palavras de Kardec, na “Revue Spirite” de junho de 1866).

Se “nada há nisso de materialmente impossível para quem conhece as propriedades do envoltório espiritual”, então a divergência é apenas pessoal, originada por simples questão de princípio (“consequente com o nosso princípio” disse Kardec), mas em desacordo com o princípio, o criterium seguido pelos Espíritos que se comunicavam com a respeitável Sra. Emilie Collignon.

Sabemos da responsabilidade que Kardec enfrentava perante a opinião pública, como líder (permitam-nos este vocábulo tão usado em nossos dias, sem qualquer eiva de desconsideração ao eminente Codificador) autorizado do

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

Espiritismo e que a teoria do corpo fluídico, então, suscitaria polêmicas, visto ainda não se acharem esclarecidas e comprovadas mais tarde, com, repetimos, as experiências longas e exaustivas que fez William Crookes com Katie King, adotando todas as providências cabíveis e imagináveis para evitar erros, enganos e fraudes.

O que era hipotético na época, é hoje real, inegável, pelo menos “para quem conhece as propriedades do envoltório perispiritual”.

### **Sobre os Agêneres**

Na “Revue Spirite” de fevereiro de 1859, pág. 61, Ed. Feb, trata o Codificador das agêneres, num artigo primoroso – diz Ismael Gomes Braga, “... seis anos antes da obra de Roustaing artigo que forma um verdadeiro “prefácio” para a teoria comunicada em “ Os Quatro Evangelhos” e transcreve integralmente o trabalho, referindo-se ao caso do Louquinho de Bayonne.

Cita Kardec as experiências do célebre médium Daniel Douglas Home, norte-americano, nas quais se produzia “a aparição de mãos perfeitamente tangíveis, que todos podiam ver e apalpar, que tocavam e apertavam, mas que, de repente, desapareciam, quando desejávamos apanhá-las de surpresa, e nossa mão só encontrava o vácuo” etc. – “Havia naquelas mãos carne, pele, unha reais? Evidentemente não; eram apenas aparência, mal tal que produzia o efeito de uma realidade. Se um espírito tem o poder de tornar visível e palpável uma parte qualquer de seu corpo etéreo, não há razão para que não possa proceder do mesmo modo com outros órgãos. Suponhamos, pois, que um espírito estenda essa aparência a todas as partes do seu corpo, e creremos ser entidade semelhante a um de nós, não obstante seja, apenas, um vapor momentaneamente solidificado. Tal seja o caso do Louquinho de Bayonne. A duração dessa aparência está sujeita a condições que nos são desconhecidas; essa duração depende, sem dúvida, da vontade do Espírito que a pode produzir ou fazer cessar a seu gosto, mas dentro de certos limites que ele nem sempre tem a liberdade de transpor. Interrogados sobre isso, como sobre todas as intermitências de quaisquer mani-

## APÊNDICE II

festações, os Espíritos sempre disseram que procedem em virtude da permissão superior”.

Antes de prosseguirmos, duas simples observações: 1) admitido que “um Espírito tem o poder de tornar visível e palpável uma parte qualquer de seu corpo etéreo, não há razão para que não possa proceder do mesmo modo com outros órgãos”. A conclusão é do próprio Kardec, como dele é a suposição de ele, se o pretender, possa estender essa aparência “a todas as partes do seu corpo” e, assim “creremos ser uma entidade semelhante a um de nós”, digamos – com “o poder de tornar visível e palpável”, tangível portanto, uma realidade aparente ou uma aparência da realidade incontestável”, com todas as partes de seu corpo visíveis e palpáveis, seremos levados a crer ou creremos ser uma entidade semelhante a um de nós, consoante as palavras de Kardec.

Adiantou Kardec, com a sua reconhecida autoridade, que “a duração dessa aparência de semelhança com a realidade física de um ser humano – sendo apenas “um vapor momentaneamente solidificado” – como dissera ao referir-se ao “Louquinho de Bayonne”, tanto pode ser momentânea, quanto longa, porque, afirma, “a duração dessa aparência está sujeita a condições que nos são desconhecidas”, mas que (a duração da aparência do corpo físico real), “depende, sem dúvida, da vontade do Espírito que a pode produzir ou fazer cessar a seu gosto, mas dentro de certos que ele nem sempre tem a liberdade de transpor”.

Se um espírito comum, um “Louquinho de Bayonne” qualquer, pode manifestar-se com uma aparência tão perfeita a ponto de ser confundido com uma pessoa humana e se tem poderes para conservar essa aparência de realidade, de acordo com a sua vontade, ou desfazê-la quando pretender, porque então, Jesus, Espírito de elevadíssima hierarquia, conhecedor de todos os segredos que regem a ação psíquica dos Espíritos, não seria capaz de fazê-lo, até com absoluta perfeição e segurança, pelo tempo que quisesse, conforme elucida a obra de J.-B. Roustaing – “Os Quatro Evangelhos – Revelação da Revelação”?

O nosso amado mestre Allan Kardec, inteligente como era, sagacíssimo, dotado de extraordinária intuição,

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

mostra à sociedade, com esse artigo sobre o “Louquinho de Bayonne, e com o que presenciara e examinara durante as manifestações físicas proporcionadas pelo grande e famoso médium norte-americano Daniel Dunglas Home, a aparição de mãos perfeitamente tangíveis que todos podiam ver, apalpar e apertar e que, de repente, desapareciam quando desejávamos apanhá-las de surpresa” (artigo de Allan Kardec, na “Revue Spirite” de fevereiro de 1859).

A aparição tangível não deixa de ser uma com que materialização, geralmente de pouca duração, dependendo da intenção e das possibilidades do Espírito que se manifesta. No entanto, Kardec não pudera alcançar os conhecimentos hoje comuns, relativamente aos processos que precedem a materialização, como a emissão e conformação ectoplásmica etc. Mas ao seu espírito culto, à sua viva inteligência e à segurança que tinha da Doutrina, lhe permitiram fazer as considerações retro transcritas, acerca do “louquinho de Bayonne”.

Particularmente ao “corpo fluídico” de Jesus, intimamente deveria saber da viabilidade da vinda de Jesus como agênera, declarou com naturalidade: “Nada há nisso de materialmente impossível para quem conhece as propriedades do envoltório espiritual”. E ele as conhecia muito bem.

### **Kardec e Newton**

“O que hoje sabemos de Espiritismo ainda não é tudo que ele pode nos dar. Para irmos à frente, temos de estudá-lo mais, acompanhando “pari passu” a evolução da vida humana, em todos ou quase todos os campos em que ela se desenvolve, sempre tendo diante dos olhos as Escrituras, com o fito de enxergarmos o que está sob a sombra da letra, a luz que vivifica o entendimento. Só a experiência contínua e o estudo permanente pode conduzir o homem a abandonar o apego às ideias estabelecidas e adotadas, por comodismo, indiferença ou incapacidade de assimilação.

Demais, há sempre os contraditores sistemáticos, que recusam por espírito de contradição, por se recusarem a acompanhar pseudo-líderes que não querem perder o enganoso prestígio que adquiriram ao seio de sua grei; há os que preferem ficar estacionados no tempo a terem a

## APÊNDICE II

coragem de avançar e renunciar aos pontos de vista longamente sustentado etc”.

Mesmo na ciência, são inumeráveis as vítimas da incompreensão e do misoneísmo. Poderíamos citar uma tonelada de fatos, mas nos limitaremos, de passagem, o que sucedeu a Fulton, Franklin, Edison, além do ultraje feito a Galileu.

A famosa estrutura da Física de Newton parecia irremediavelmente sólida, porque o seu talento, as suas experiências e a sua hierarquia científica lhe deram uma posição altamente intocável. Mas o tempo correu, a evolução, que não pára nunca, seja onde for, trouxe uma plêiade de sábios extraordinários, dentre eles, para resumir todos numa figura excepcional citaremos Albert Einstein, que abalou a Física tradicional, embora por direito de justiça, Newton continue como um dos mais augustos representantes da ciência humana.

A evolução, que é progresso, não estanca diante das barreiras humanas, sejam das quais forem, porque o que o homem sabe hoje continua aquém do que saberá no futuro. Mas, para progredir, tem de estudar, investigar, analisar, examinar, rever o que existe diante do que vem surgindo no curso do tempo, tudo feito com cuidado, critério apurado, espírito livre de preconceitos, sem dar excessiva importância a determinadas opiniões pessoais fruto de conhecimentos estagnados, que se cobrem de poeira dogmática e necessitam de reformulações, concepções, conceitos que abrirão caminho para o progresso humano.

### **Sobre o Cuidado no Trato de Questões Doutrinárias**

“Ainda hoje se assiste a lutas sangrentas, nas quais o ódio estimula conflitos terríveis entre grupos que se dizem católicos e protestantes. Cada facção tem o seu Deus e o seu Jesus, a sua verdade, que não tem sequer a aparência de fraternidade que emana do Novo Testamento.

Allan Kardec, cristão sem jaça, não anunciou discordâncias, não alimentou antipatias, não passou sequer pela margem dos charcos da malevolência. Como homem,

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

nunca se julgou infalível e muito menos dogmático. Não pretendeu jamais que o considerassem isento das restrições comuns ao comum dos homens”.

### **Kardec e Roustaing, Obreiros do Cristo**

São ambos, Kardec e Roustaing, notáveis obreiros do Cristo, servidores eficientes e humildes de Deus, que não vieram a Terra buscar hegemonia, nem vanglória. Não trabalhavam para si, mas para a Humanidade, por haverem merecido a escolha do Cristo de Deus.

Paulo, o extraordinário apóstolo, em I Coríntios, cap. I, já abordava o comportamento divisionista que se verificava nas hostes de Jesus, advertindo então seus contemporâneos no cap. 3 – versículo 3-11, nos seguintes termos: “Com efeito, por haver entre nós ciúmes e contendas, sois então carnisais, e procedeis de um modo totalmente humano. Se alguém disse: “Eu sou de Paulo; e outro: “Eu, de Apolo; não procedeis como homens? Que é então Apolo? E que é Paulo? Simplesmente servos, por cujo meio tendes abraçado a fé, e isto conforme o Senhor deu a cada um. Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer – Assim nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer. O que planta ou o que rega são iguais, cada um receberá a sua recompensa, segundo o seu trabalho. Como operários com Deus, vós sois o campo de Deus, sois o edifício de Deus. Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como um arquiteto mestre, mas outro edifica sobre ele. Veja cada um como edifica sobre ele. Quanto ao fundamento ninguém pode por outro fundamento senão o que foi posto: Cristo Jesus.” etc. Portanto, o único fundamento é Jesus Cristo.

### **“És Senhor de Israel e não conheces estas coisas?”**

Que os antigos seguidores do Cristo não pudessem compreender os estranhos acontecimentos que envolveram a permanência de Jesus no seio da humanidade, atribuindo-os, em sua quase totalidade, a origens sobrenaturais e

## APÊNDICE II

a milagres, é perfeitamente aceitável, pois não possuíam eles os conhecimentos que, hoje, dois mil anos depois, são fortemente explicáveis, conhecidos, através de experiências pessoais e coletivas; pormenorizadamente descritas, enfim, disseminados e vulgarizados por meio de publicações científicas e populares, além de moderníssimos recursos ao alcance de qualquer pessoa; o que é espantoso, tão espantoso que se atina de imediato com as razões da oposição, é a persistência do cepticismo ou da negação. A ignorância só é admissível da parte dos indivíduos sem instrução, mesmo elementar, que se atenham apenas a interesses materiais, embora seja comum a ocorrência de “algum caso” na família, cuja “explicação adquire numerosos matizes, conforme o modo de pensar de cada um: superstição, desequilíbrio mental etc. A pior ignorância é a da pessoa mais instruída, que deve possuir discernimento mais rápido e profundo, mas que, não raro, sofre a influência de sistemas religiosos retrógrados, excessivamente dogmáticos, que fogem à evidência dos fatos de natureza paranormal – como dizem os que se pressupõem sabedores dos problemas psíquicos.

Essas correntes religiosas se fossilizaram em doutrinas estanques e se orientam por princípios que se transformaram em maciços petrificados no anacronismo mais nocivo que possa existir.

Tudo progride com o tempo, tudo tende a evoluir, quando se trata do humano, porque aqui estamos, neste reformatório terreno, por necessidade da aquisição dos elementos morais que nos possibilitem a reabilitação espiritual que perdemos por haveremos infringido as Leis divinas.

O nobre Espírito Joana de Angelis, como tantos outros que já referiram ao assunto, pondera ser “o progresso agente do engrandecimento que tudo e todos experimentou sob o impositivo das leis sábias da evolução, de que nada ou ser algum se poderá eximir. Inutilmente a agressividade de muitos homens tenta detê-lo; vãs as insistentes maquinações dos espíritos astutos, pensando obstaculizá-los; inoperantes os recursos da prepotência, supondo impedi-lo...

“O progresso pode ser comparado ao amanhecer. Mesmo demorando aparentemente culmina por lograr êxito”. (“Estudos espíritas” – pelo Espírito Joana de Angelis – médium Divaldo Franco. 75ª ed. FEB – página 79).



## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

### **Para uma Cristologia Espírita**

“A bibliografia espírita é suficientemente rica para fornecer os elementos necessários a uma Cristologia Espírita, a partir de Kardec e Roustaing, através de grande número de obras mediúnicas com a chancela de Frederico Jr., Francisco Cândido Xavier, Divaldo Franco, etc.

Sugestão para subsídios para uma cristologia espírita

Elementos que podem ser colhidos e obras e artigos dos seguintes autores (além de outros, obviamente):

Bittencourt Sampaio	Pietro Ubaldi
Guillon Ribeiro	Bezerra de Menezes
Leopoldo Cirne	Antônio Luiz Sayão
Manoel Quintão	Pedro Richard
Wantuil de Freitas	(Francisco C. Xavier)
Ismael Gomes Braga	Humberto de Campos
André Luiz	Sylvio Brito Soares
Emmanuel	Ismael Gomes Braga
Joanna de Angelis	Léon Denis
Allan Kardec	Antônio Lima
J.-B. Roustaing	Almerindo M. de Castro etc.

### **Sobre o Espiritismo e as Religiões**

“Sob o ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, alma, a imortalidade, as penas e recompensas futuras; mas é independente de todo culto peculiar. Seu objetivo é provar àqueles que negam ou que duvidam que a alma existe, que ela sobrevive ao corpo, que ela (subit) é responsável depois da morte pelas consequências do bem e do mal que haja feito durante a vida corporal, ou céu de todas as religiões (ob. cit., p.).

(O Espiritismo na sua expressão mais simples, Ed. Feb, pág. 15 )

### **Emmanuel e o Corpo Fluídico de Jesus**

“Os homens devem saber que o Missionário Divino não viveu a mesma lama de suas existências de inquietações e de amarguras, mas, para que discutirmos semelhantes assuntos, tão profundos e tão delicados na sua

## APÊNDICE II

essência íntima, se mesmo nos Espaços, vizinhos da Terra, onde me encontro, sobram as polêmicas e as vacilações dos Espíritos? Semelhante fenômeno deve a sua origem à ausência de compreensão. A morte não constitui uma renovação milagrosa do ser, e os desencarnados prosseguem lutando no complexo de suas próprias iniciativas, para a obtenção da amplitude dos conhecimentos superiores do Universo e do mecanismo divino de suas leis.

“Tentemos exumar o Cristianismo dos escombros tenebrosos a que foi conduzido pelos desvios das correntes religiosas, sem discutirmos a questão do corpo do seu Divino Fundador. [...] Fora ridículo proibir-se a elucidação. O que será de evitar-se, zelosamente, é a azedia da polêmica”. (Emmanuel – Prefácio do livro de Antônio Lima – “Vida de Jesus” –, referindo-se a Jesus Cristo).

E, para enfatizar a importante e lúcida apreciação de Emmanuel, em seu prefácio intitulado “Pelo Evangelho”, repetíamos a frase inicialmente citada acima, transcrevendo na íntegra este parágrafo incomparavelmente expressivo e belo:

“Sobre as pegadas luminosas do Divino Mestre, tentaram passar os cientistas, os sociólogos, os sacerdotes e os estudiosos de todos os tempos. Desde Flávio Josefo, na dinastia romana dos Flávios, e mesmos antes dele, a História quis falar do Divino Missionário, que a humanidade havia visto. Todos os séculos estão cheios de livros, de poemas e referências ao Cordeiro de Deus. Mas os homens somente o têm visto, como veem o Sol, através dos imperfeitos telescópios dos seus limitados conhecimentos”. (Idem)

### **Sobre a Polêmica em torno da obra de Roustaing**

Não desejamos provocar ninguém, porque o livre arbítrio é uma faculdade sagrada, nem buscamos a escuridão que costuma restar das polêmicas. Consideramos, entretanto, que o nosso amor ao Cristo nos estimula a conhecê-lo fora dos limites decorrentes dos preconceitos humanos, e essa oportunidade nos tem sido dada através,

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

inicialmente, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, sancionado por Allan Kardec, e dessa obra monumental, que alarga e aprofunda o estudo sobre o Evangelho, que foi lançada, em 1866, por Jean Baptiste Roustaing: “Os Quatro Evangelhos – Revelação da Revelação”, transmitida por Espíritos de alta hierarquia moral à médium conceituada e honrada, que foi a Sra. Emilie Collignon.

Deixar de reconhecer o valor, assaz comprovado, de Allan Kardec, como homem comum e como missionário será ultraje à verdade histórica; não reconhecer sua capacidade intelectual e moral, um insulto à realidade afirmada pelos homens de bem de seu tempo, diante dos testemunhos incontáveis registrados e divulgados amplamente, um atentado à seriedade que deve e tem de prevalecer entre as criaturas equilibradas e moralizadas.

Afirmar, portanto, o valor, também moral e intelectual de Jean Baptiste não importa, de modo algum, em desmerecer ou afrontar o Codificador, tanto mais que Kardec, na “Revue Spirite”, foi sempre atencioso e respeitoso ao referir-se a Roustaing. Jamais houve conflito entre ambos, jamais baixaram os dois à deselegância de referências recíprocas de caráter menos elevado de despreço. [...]

Vem a tempo, reportamo-nos a um excelente artigo do nosso correligionário Francisco Thiesen, dedicado estudioso do Espiritismo Cristão ou Espiritismo Evangélico, denominado “O Espírito sopra onde quer” (João 3:8), publicado em “Reformador” de junho de 1973, dois anos antes de ele ser levado à presidência da Casa de Ismael. Começa muito bem com estas palavras: “Em Espiritismo não há professores. Somos apenas estudiosos das verdades reveladas. Livremente, pesquisamos. Socorremo-nos das lições dos Instrutores do Mundo Invisível que incessantemente ampliam, complementam e elucidam a Doutrina recebida do Espírito da Verdade e magistralmente codificada por Allan Kardec” – (Pág. 165).

### **Espiritismo, Doutrina em movimento**

“Convém frisar, neste comento, que Kardec jamais se considerou chefe de coisa alguma e, quanto ao Espiritismo, afirmou, na “Revue Spirite”, de Fev. 1865, pág. 65, Ed . Feb, que “o Espiritismo não se afastará da verdade, e

## APÊNDICE II

nada terá a temer das opiniões contraditórias enquanto a sua teoria científica e sua doutrina moral forem dedução dos fatos escrupulosa e conscienciosamente observados, sem prejuízos nem sistemas preconcebidos.”

E acrescentou, como que advertindo àqueles que presumem o contrário, que “o Espiritismo está longe de haver dito a última palavra, quanto às suas consequências, mas é inabalável em sua base, porque esta base está assentada em fatos.” (Idem).

Não poderia ser, também neste particular, mais claro. Se “o Espiritismo está longe de haver dito a última palavra, quanto às suas consequências”, cumpre aos espíritas estudá-lo com seriedade maior, sempre examinando e avaliando cada fato novo, cada pormenor resultante desse fato, sem dogmatizar, mas reafirmando a convicção que for sendo adquirida a cada passo, compreendendo que as observações podem estar sujeitas a novas deduções, à medida que a ciência se desenvolva e ofereça novos campos de meditação e comparação, tudo dentro dos moldes estabelecidos em nossa Doutrina, segundo a qual deve ser seguido o mais escrupuloso critério no exame e reexame dos fatos que se revelarem através das investigações, porque a estabilidade quase sempre é relativa ao que já conhecemos e pode mostrar-se modificada diante do que viermos a conhecer.

Esse é o critério espírita, que nada deve ao critério científico humano, mas com ele se assemelha, porque a busca da verdade é apanágio inato no homem e a verdade, de tão extensa e profunda, dá a impressão de eternidade, isto é, sempre terá de ser procurada, exigindo a busca permanente e sem fim, porque o progresso é uma consequência da evolução constante de tudo que nos cerca, inclusive nos envolvendo também. É uma constante dinâmica, nunca estática, é movimento e não repouso. E o Espiritismo, por sua própria essência, é evolutivo.

### **Sobre a aparente redundância de “Os Quatro Evangelhos”**

Cabe ponderar aqui, é a minha modesta opinião pessoal, que as repetições criticadas, existentes na obra “de”

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

Roustaing, hoje em dia, até constitui um processo benéfico a muitas pessoas, processo empregado, não raro, pela publicidade moderna, para melhor alcançar a fixação, na mente, dos trechos “mais obscuros”, principalmente porque a repetição, feita, como o foi, com senso de oportunidade, reaviva a compreensão, além de clarear a ligação do que está sendo exposto, pois nem todas as pessoas possuem a mesma acuidade mental ou intelectual. Dessa forma de entender, pode-se até supor haver Roustaing, com tal processo, revelado um certo pioneirismo, como precursor de uma técnica de que a publicidade moderna se utiliza para consolidar, no cérebro dos a que são dirigidos ao objeto de sua propaganda.

Não se trata, aqui de exaltar a prolixidade do estilo, mas de compreender que nem sempre a repetição deve ser condenada. O superior estilo de Kardec, conciso, claro e objetivo, dá ao seu trabalho um cunho revelador da sua condição de educador, de pedagogo, de homem afeito aos labores da instrução e preparação didática de crianças, experiência notável que Roustaing, como mestre de Direito, e advogado, não teve. Consideramos que essa diferença em nada obscurece e desvaloriza “Os Quatro Evangelhos”, pois sua grandeza na explanação dos problemas correlacionados com o Evangelho e o Espiritismo, é soberba, nada perdendo quanto ao objetivo colimado de torná-la acessível aos leitores de todas as hierarquias ou posições intelectuais, embora uma relativa minoria prefira – justa aspiração – o estilo magnífico de um mestre da pedagogia e da educação, que teve a felicidade de trabalhar ao lado de um homem excepcional, como Pestalozzi [...].”

### **Kardec e Roustaing - 2**

Quando Roustaing lançou à publicidade o “Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação – Os Quatro Evangelhos”, tivera a vereda aberta pela precedência de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Todas as atenções do mundo para ele convergiam. A importante obra trazida por J.-B. Roustaing teve o efeito do que se chama hoje, por analogia, de uma “bomba de retardamento”. Vinha

## APÊNDICE II

complementar o que Kardec trouxera, por determinação, também, do Alto. E assim foi que, “quando surgiu a obra “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing, Kardec noticiou-lhe o aparecimento em sua revista (“Revue Spirite”) às páginas 257, 258 e 259, de junho de 1866, Ed. Feb, apresentando-a como obra considerável, com o mérito de não estar em contradição com a Doutrina ensinada em “O Livro dos Espíritos”, em “O Livro dos Médiuns” e em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (únicas obras até então transmitidas ao Codificador, ressaltando que ela continha ensinamentos incontestavelmente bons e verdadeiros, e que merecia ser consultada com proveito pelos espíritas conscienciosos” (Ismael Gomes Braga, Elos Doutrinários, p. 16, ed. Feb).

### **Sobre o Corpo Fluídico de Jesus**

“Não se está tratando de problema vulgar, ocioso pasatempo nos intervalos de pesadas e absorventes preocupações com interesses materiais, humanos, que a vida profana impõe. O assunto é extremamente sério, como sério deve ser sempre qualquer tema que aluda ou envolva a personalidade de Jesus. Não se trata de assunto para vulgares torneios de vaidosa retórica humana, destinada, na maioria dos casos, a por no mercado fútil das competições personalistas o nome deste ou daquele protagonista empenhado em externar conhecimentos, debatendo, polemizando, terçando armas para contestar, desmentir, sem haver, com persistência e seriedade buscando aprofundar-se no estudo cristológico de “Os Quatro Evangelhos”. Aqui estamos em mais discreta tentativa de despertar a atenção dos que desejam, como nós, conhecer a verdade de uma personagem sem paridade na História da Humanidade, pois os maiores sábios terrenos não lhe tocam os pés, quer em sabedoria, quer na universalidade de conhecimentos gerais ou específicos. [...]

Veio Jesus à Terra e para que o recebessem como homem comum, renunciou a seus atributos superiores e aqui surgiu “em semelhança de corpo de pecado” para amenizar, pelo ensino da fraternidade entre os homens, dulcificar a existência no mundo terreno.

Sua altíssima condição espiritual fê-lo recorrer aos recursos naturais que as leis de Deus possibilitam. Por isso veio

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

em corpo fluídico, em corpo de carne aparente, mas com todas as características do corpo comum do homem nascido de mulher. Ele, porém Entidade Excelso, não feriu as leis naturais, como bem esclarecido está nesta frase de O Espírito de São Luís (“Revue Spirite”, de Allan Kardec, de Fev. 1859, p. 64, Ed. Feb):

“Dir-vos-ei uma coisa: existem por vezes, na Terra, espíritos que revestiram essa aparência e que são tomados por homens...”

Se tal é possível a Espíritos, sem a hierarquia do Mestre, por que duvidar ou contestar pudesse ele, em condições mais amplas e seguras, fazer o mesmo, Ele, senhor, como ninguém neste planeta, conhecedor de todos os segredos que regem o relacionamento espiritual com a Terra, que conhece todos os fluidos, suas propriedades, os segredos que regem o relacionamento espiritual com a Terra, que conhece todos os fluidos, suas propriedades, suas causas e efeitos, e como utilizá-los com perfeição?

### **“Os Quatro Evangelhos” na Prática Espírita**

As casas espíritas, os “centros” ou que outro nome tenham, não são simples lugares para recreação mental. Não. São locais de trabalho, dos quais todos devem participar, dando de si a contribuição possível, de maneira que se forme uma concentração de pensamentos convergentes para a mesa diretora dos trabalhos, para os médiuns que se entregam voluntariamente à cooperação com os Espíritos, com o fim de, melhorando o ambiente, maiores benefícios resultarem da comunhão de ideias de todos os presentes. Não se deve considerar as sessões espíritas como oportunidades de lazer, como quem vai a uma reunião recreativa, a um passatempo profano, sem outra intenção que a de espairer. Todos têm responsabilidade no trabalho espiritual, porque essas sessões, como as que se fazem sob o patrocínio do Cristo, movimentam seres incorpóreos de grande dedicação e bondade, empenhados sinceramente em nos ajudar, naquilo que for permitido por Deus, mas necessitados de que res-

## APÊNDICE II

peitemos sua boa-vontade e seu desejo de exemplificar a caridade e o amor ao próximo.

Não será possível a obtenção de resultados satisfatórios, se, durante os trabalhos, alguém estiver pensando em outras coisas, alheio às leituras e apreciações feitas de temas evangélicos e doutrinários. Daí a importância do silêncio mais completo, da elevação do pensamento, do esforço de, por sua atitude, contribuir para o êxito dos trabalhos. Quem tiver dificuldades em prender o pensamento a um ponto superior, eleve-o a Jesus, firmemente, ou a uma Entidade espiritual que esteja a serviço do Mestre, como, para citar um exemplo, Bezerra de Menezes.

As sessões espíritas devem ser entendidas como instrumentos, ou melhor – como pontes entre este mundo e o mundo invisível. Para que nos possam prestar ajuda, os Espíritos necessitam de ambiente compatível com a natureza das tarefas a realizar. A concentração de pensamentos, favorecida pelo silêncio, lhes dá oportunidades de servir e o fazem em nome de Deus e do Cristo, porque não prescindem das vibrações de Mais Alto e os fluídos destinados ao alívio dos nossos males, e até de sua cura, precisam encontrar meio adequado à sua vinculação às necessidades de cada um.

As casas espíritas ou “centros” são saturadas de bênçãos, mas, no ambiente terreno sobrecarregado de ideias e atos malsãos, como está o mundo de hoje, mais importante se torna o comportamento de todos, principalmente dos visitantes, que ali vão em busca de lenitivo para os seus padecimentos físicos ou morais e, por isto mesmo, devem com maior razão cooperar com os dirigentes e participantes mais diretos dos trabalhos, como são os médiuns, a fim de experimentarem os benefícios espirituais e, ao saírem, sentir a “alma leve”, uma alegria íntima, suave, provas de que aproveitaram bem o tempo passado em companhia de Espíritos bondosos, caritativos, que outra coisa não fazem senão seguir a recomendação superior do Cristo de Deus – “amai-vos uns aos outros”.

Fora de dúvida, todos os que frequentam sessões espíritas ou não, estão, certamente, muito interessados em conhecer o Espiritismo Cristão. Desse modo, devem ler “O



## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, e dele fazer o seu guia diário, buscando conhecer bem as interpretações fundamentais e a significação lógica de cada trecho dos Evangelhos. Isso valerá como uma defesa inicial, em sua vida cotidiana, porque nunca está só quem procura conviver com Jesus, pela prática do bem, isto é, do amor ao próximo, da caridade, e esse conviver é fácil, desde procure orientar-se por essa valiosíssima obra, até chegar a esse verdadeiro tratado de evangelização escrito, “Os Quatro Evangelhos”, coordenado e publicado por J.-B. Rousstaing. Como coadjuvante, faça esforços para seguir este livrinho, fundamentalmente espírita-cristão, que Francisco Cândido Xavier recebeu do Espírito André Luiz – “Conduta Espírita”, que deve ser norma do comportamento humano no dia-a-dia. Ele nos ensina como procedermos na vida de relacionamento diário, quer em casa, no trabalho, na rua, diante das dificuldades que fazem parte da vida humana, e nos permite verificar, ao fim de cada jornada, se acertamos, se erramos, dando-nos o ensejo de nos corrigirmos e nos aperfeiçoarmos no curso de nossa existência, ajudando-nos poderosamente a ser fiéis, na prática, aos ensinamentos evangélicos, legados ao mundo pela sabedoria do Cristo, mas que, salvo exceções, sempre são olvidados na lufa-lufa diária, porque “não há tempo” senão para as preocupações, nem sempre sadias, da vida material.

Faça-o orientando sua “Conduta Espírita” e verá, mais tarde, como conseguiu progredir e valorizar sua alma no estudo e na exemplificação do Evangelho.

### **O Limite da Evolução de Jesus**

“Muito nos tem constrangido a mente, no curso do aprimoramento intelectual que orientou a civilização terrícola, até o advento do Espiritismo, essa perniciosa filosofia materialista que, afastando Deus de suas indagações, insensibilizou a consciência humana, perturbando os raciocínios que buscam a verdade. Daí as tremendas dificuldades de muitos pesquisadores para certos problemas, que entendem com a evolução do Espírito imortal.

## APÊNDICE II

“Como resultados de nossos constantes esforços no sentido de esclarecer assuntos como este, de tanta importância para a compreensão dos princípios que o Divino Mestre veio, pessoalmente, assentar como base de uma civilização verdadeiramente espiritualista, em oposição à materialista, que até hoje tem predominado na cultura de todos os povos, queremos trazer aos estudiosos do problema, tão intensamente sofismado, mais esta pequena e modesta contribuição, em aditamento ao que já temos por vezes escrito. Agora, porém, adstrito à questão referente ao corpo fluídico de Jesus, a isto induzidos por sentimento de verdadeiro amor fraterno, que não permite censuras acerbas a ninguém; pelo contrário, respeito e consideração ao modo de pensar de cada um, na certeza em que estamos de que a seu tempo as ideias irão se modificando, de conformidade com as aquisições culturais que forem sendo, a cada um por sua vez, mais facilmente acessíveis.

Nas obras espíritas encontrarão os estudiosos farta messe de ensinamentos que elucidarão gradativamente, segundo as possibilidades de discernimento individual, as questões, a princípio consideradas apenas do ponto de vista da cultura oficial, ainda tão eivada de materialismo, mas que, ao toque dos ensinamentos de Kardec, irão sendo entendidas em consonância com o pensamento superior de Jesus, sem que absolutamente nada se poderá conseguir no sentido de solucionar problemas do Espírito, sempre tão diferentes dos que concernem à matéria.

“A contribuição que desejamos hoje trazer ao estudo da questão relativa ao corpo de Jesus, é a que encontramos em “Roma e o Evangelho”, 7ª ed. da Feb, p. 178, ditada por João Evangelista, um dos apóstolos que atuaram na elaboração de “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing. Meditem sobre o que disse o evangelista, os nossos irmãos que ainda divergem do que se encontra, a respeito do corpo de Jesus, na “Revelação da Revelação”, e que lhes oferecemos cordialmente:

“O aperfeiçoamento do corpo segue paralelo ao do Espírito; porque ambos obedecem à mesma lei – e o Espírito edifica o seu teto conforme as suas necessidades e na altura das suas aspirações.

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

“À medida que o Espírito se emancipa das suas impurezas, o corpo se desprende também das suas, pela comunicação que existe entre o Espírito e o corpo, e em virtude da influência que o primeiro exerce sobre o segundo.

“O homem tem dois corpos: pelo primeiro, que o torna da substância etérea fluídica, comunica o Espírito sua atividade e perfeição ao segundo.

“O primeiro é tanto mais etéreo e celestial, quanto maior é a elevação do espírito do segundo, e menos carnal, conforme a purificação do primeiro.

“O limite superior do corpo carnal é o corpo espiritual, o limite do corpo espiritual é o Espírito – e o limite do Espírito é Deus.

“Não o duvides, embora não o compreendais. O corpo terreno se purifica gradualmente e se eleva até ao corpo espiritual – o corpo espiritual até ao Espírito – e o Espírito até Deus (O que explica, mediante simples operação exegética, a afirmativa bíblica de que “o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus”; o homem, que é Espírito imortal, e não seu corpo material)

“Essa é a lei. Não a conheceis hoje; esperai que a conhecereis amanhã”.

E eu vos peço, irmãos nossos queridos: meditai com calma nas palavras de João. Ora, tendo Jesus atingido o limite do Espírito – “Eu sou um com o Pai”, não podia ter um corpo carnal...

Mais simples, intuitiva e eloquente conclusão parece-nos impossível.

### **Bezerra de Menezes e “Os Quatro Evangelhos”**

Agora, com profunda emoção, damos a palavra a esse integérrimo e nobre vulto do Espiritismo no Brasil – Adolfo Bezerra de Menezes, cuja autoridade moral e intelectual se impôs, ainda quando nos pedregosos e árduos caminhos terrenos, para que ele se manifeste acerca dos dois ínclitos missionários da Terceira Revelação: Allan Kardec e Jean Baptiste Roustaing. [...]

Em “Vida e Obra de Bezerra de Menezes”, o nosso sempre recordado amigo e companheiro Sylvio Brito Soares,

## APÊNDICE II

transcreve a resposta dada por Bezerra de Menezes, no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, edição de 22 de abril de 1879, a “um discípulo”, acerca dos livros do Dr. Antônio Luiz Sayão, autor de “*Elucidações Evangélicas*”, resumo de “*Os Quatro Evangelhos*”. Comentaremos alguns trechos:

“O Espiritismo não é, como julgam os padres ser a revelação messiânica, a última palavra sobre as verdades que Deus, em seu amor pela Humanidade, fez baixar do Céu à Terra.

“Enquanto o homem não chegar ao último grau de perfeição intelectual, o de penetrar todas as leis da criação, a revelação não chegará a seu termo, pois que ela é progressivamente mais ampla, na medida do desenvolvimento da faculdade compreensiva do homem.

“O Espiritismo, pois, tendo dado mais do que as anteriores revelações, muito terá ainda que dar, porque muito terá ainda que progredir a Humanidade terrestre” (p. 100).

Bezerra de Menezes, além de sublinhar, com a sua característica objetividade, que outras revelações poderão vir, como veio a Terceira, com Kardec, complementada e ampliada na parte referente ao Cristo e a seu Evangelho, porque, no mais, confirmou irrestritamente o que se encontra em nossa Doutrina, disse depender do progresso do homem – da Humanidade terrestre – o desenvolvimento maior e mais profundo do Espiritismo. Portanto, temos de ter paciência e tolerância com aqueles de nossos irmãos em Deus, que ainda não podem compreender a importância da obra coordenada por J.-B. Roustaing, que, aliás, não teve culpa em ser escolhido para vulgarizar os ensinamentos vindos do Alto, dentre os quais ressalta, por sua extraordinária significação, os pontos mais discutidos pelos divergentes – o corpo fluídico de Jesus, a situação da adorável Maria de Nazaré e sua gravidez aparente.

Essas verdades teriam de aparecer mais cedo ou mais tarde, para mais amplo entendimento, não apenas do Espiritismo mais avançado que aumentará as proporções do alcance da Doutrina, como para que fiquem melhor esclarecidos determinadas passagens das palavras e dos atos de Jesus, ainda velados pela “letra que mata”, mas, através de “*Os Quatro Evangelhos – Revelação da Revelação*” já inicialmente postos a descoberto pelo “espírito que vivifica”.

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

E Bezerra de Menezes, pela condição do seu Espírito, preparado para desempenhar o papel desempenhado no Espiritismo, aduz que os Espíritos superiores “só (lhe) deram (e não foi pouco) o que era compatível com a compreensão atual do homem terreal” (p. 100).

Era necessário esperar que a densa floresta de conhecimentos fosse devassada na Terra por um desbravador do gabarito moral e intelectual elevado na Terra, e esse emérito e impertenido desbravador foi Allan Kardec. Uma vez alcançada por ele a parte fundamental da obra de que estava incumbido, era mister, no entender da Espiritualidade, que, supomos, não fosse subestimado o ensejo de dar mais realce aos “mistérios” que se “ocultavam” nos Evangelhos aos olhos da maioria dos crentes. Como a Verdade não tem hora de chegar, porque “o espírito sopra onde quer” e quando julga oportuno, surgiu outro missionário, também moral e intelectualmente capacitado para a tarefa que o esperava.

Por isso, Bezerra de Menezes – que não teve até hoje, no Espiritismo do Brasil, quem o igualasse como espírita, se expande, com justificada ênfase:

“A Allan Kardec sobreviveu outros missionários da verdade eterna, sem destruir a obra feita, porque esta é formada na Lei e a Lei é imutável, darão mais luz para mais largo conhecimento das faces mais obscuras daquela verdade.

“Eis aqui que já apareceu Roustaing, o mais moderno missionário da Lei que em muitos pontos vai além de Allan Kardec, porque é inspirado como este, porém adianta mais que este, mas teve por missão dizer o que este não podia, em razão do atraso da Humanidade” (e aqui nos permitimos lembrar: embora ainda Kardec, seu contemporâneo na Terra, ainda se encontrasse em franca atividade, e já houvesse adubado o terreno do conhecimento da Humanidade, com as obras até então disseminadas – “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns” e “O Evangelho segundo o Espiritismo” (título que substituiu o primitivo “Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo”). Era, pois, adequada a ocasião para o lançamento (1866) da “Revelação da Revelação”. Era possível, portanto, conforme Bezerra, que já podia ser dito o que Kardec não dissera. Tanto assim que, ao ler a obra subscrita por J.-B. Roustaing, que lhe envia-

## APÊNDICE II

ra logo um exemplar, na “Revue Spirite” de junho de 1866, Kardec escreveu que a “Revelação da Revelação” (“Os Quatro Evangelhos”)... “é um trabalho considerável e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar em contradição, por qualquer de seus pontos, com a doutrina ensinada no Livro dos Espíritos e no dos Médiuns”. E mais: “As partes correspondentes às de que tratamos no Evangelho segundo o Espiritismo o são num sentido análogo” etc.

E acentuou, no mesmo número de “Revue Spirite”, mais abaixo, que Roustaing “tratou de certas questões que ainda não julgáramos oportuno abordar” etc. E, linhas depois: “... não daremos, até nova ordem, a essas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, confiando ao tempo o encargo de as sancionar ou contraditar”.

Isto posto, percebe-se que, por influência espiritual, naturalmente, Roustaing se antecipou, involuntariamente, a Kardec, porque este não considerara oportuno “abordar certas questões”, enquanto os Espíritos pensaram de modo contrário.

Consequentemente, como tantas vezes tem sido demonstrado, Kardec não refutou o que disse Roustaing. Ficou neutro. E como nada existe que denote a desaprovação dos Espíritos, em contacto com o Codificador, à obra ou parte da mesma, assinada por J.-B. Roustaing, chega-se à conclusão normal e pacífica, que tudo que ali está merece, de fato, plena aceitação, porque tem “o mérito de não estar em contradição, por qualquer de seus pontos, com a doutrina ensinada no Livro dos Espíritos e no dos Médiuns”, nem “no Evangelho segundo o Espiritismo”.

Bezerra de Menezes, que estudou com a maior seriedade ao que chamamos Cristologia Espírita, que tem, na “Revelação da Revelação” valiosíssimos elementos subsidiários do Evangelho, porque os explica em espírito e verdade, pondo fim, neste comenos, reafirmando, e reafirmando sempre, “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns” e “O Evangelho segundo o Espiritismo”, vale dizer, a totalidade dos ensinamentos da Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec, cuja essência é fundamentalmente evangélica, deixou escrito com a dinâmica da sua autori-

---

Nota: O centenário da Federação Espírita Brasileira foi comemorado em 1984.

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

dade moral, a consagração irrefutável da obra que Roustaing coordenou, comentou e teve a admirável coragem de lançar à publicidade, contando com antecipação com o reacionarismo da Igreja Católica, anti espírita natural e infensa à evolução e reforma de concepções que o progresso espiritual, concedido progressivamente pelo Alto, desmente e destrói, pelo raciocínio e pela evidência mesma da ciência espírita: “É pois um livro precioso e sagrado o de Roustaing!”

Estamos à porta do Centenário da benemérita Federação Espírita Brasileira (\*), Casa-Máter do Espiritismo, a Casa de Ismael, o elevado e nobilíssimo Espírito que a assiste e dirige do plano superior, sem contudo, como é tradição doutrinária, interferir no trabalho dos obreiros terrenos, embora, quando preciso, apresente elucidações que lhes permita ponderar certos passos que possam favorecer a causa que é de todos nós, por ultima ratio, de Cristo de Deus.

E é, sob esse desígnio superior, que Bezerra de Menezes, em outubro de 1884, numa justa homenagem da Feb “ao ínclito Codificador do Espiritismo), fez circular um número especial de Reformador, que trouxe uma capa muito sugestiva de Allan Kardec “com variada colaboração de outros espíritistas”. Bezerra escreveu então substantivo artigo, do qual o autor de “Vida e Obra de Bezerra de Menezes”, acertadamente ressalta, do qual reproduzimos os seguintes parágrafos:

“A ligar no mesmo enfeixe a Ciência e a Religião, duas caudões procedentes da mesma fonte, dois raios de luz do Sol infinito, veio à Terra a Nova Revelação, que em si consubstanciou aquelas irmãs, até aqui divorciadas, duas que de ora em diante unificadas na eterna e imutável lei do progresso. O sábio, porém, que não conhecer a verdadeira revelação, e o religioso que não conhecer a verdadeira revelação científica, não poderão realizar seu destino – a perfeição; porque Ciência e Religião são as asas de subir à perfeição e aqueles estarão no caso da ave que tem sã uma das asas e tem outra ferida ou parálitica, o que a impede de equilibrar-se no ar, de voar pelos espaços.

“Para progredirmos, para subirmos, precisamos, igualmente fortificadas, as duas asas – o conhecimento

## APÊNDICE II

das leis morais ou Religião e o conhecimento das leis do mundo físico ou Ciência.

“O Espiritismo no-las revelou, em mais subido grau, e Allan Kardec as enfeixou, como os Evangelistas enfeixaram as verdades ensinadas diretamente por N. S. Jesus Cristo”.

### **Roustaing e o DNA da FEB**

De mais a mais, ninguém impõe a ninguém a “Revelação da Revelação”, o mesmo acontecendo com “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns” e outros do Codificador, porque aquele veio confirmar e complementar estas últimas, numa contribuição espiritual de unificação de ensinamentos, jamais de divisão, conforme erroneamente alguns o supõem. E Bezerra de Menezes, o unificador por excelência, inspirado do Pacto Áureo, com a anuência de Ismael, não seria capaz de introduzir na Federação Espírita Brasileira algo que não pudesse beneficiar o Espiritismo, principalmente na parte evangélica, e concorrer para a maior elucidação dos espíritos. [...] Consequentemente, não há motivos sérios para divergências, que serão desfeitas à medida que o conhecimento raciocinado, tal como a fé verdadeira, sem preconceito nem fanatismo, porá em maior destaque que a todos os espíritas, sem distinção cabe o total respeito à liberdade de pensamento e de consciência, indeclináveis da parte de quem se considera espírita e, assim, não tem o direito de só aceitar os princípios da Doutrina e do Evangelho quando julgue preciso, mas considerá-los vitais para a sua compreensão e realização dentro do Espiritismo.

Bezerra de Menezes, com o seu caráter inequívoco de missionário, traçou os rumos que a Casa de Ismael vem seguindo até hoje e, diz Sylvio Brito Soares em seu trabalho biográfico sobre o “Kardec Brasileiro”, “jamais esmoreceu na luta a bem da unificação geral, mantendo campanha sistemática em favor do estudo da nossa Doutrina e, sobretudo, seja pela palavra falada, seja pela palavra escrita, mostrava a completa, integral interdependência do Espiritismo e do Evangelho. Dizia mesmo, que a pedra fundamental do Espiritismo, em sua pura concepção, era o Evangelho. Sem ele a Terceira Revelação não subsistiria. Nesse seu aposto-



## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

lado, sofreu grande e tenaz oposição por parte de alguns es-  
piritistas, principalmente dos chamados cientificistas, que  
colocavam a vaidade deles acima da própria verdade, que  
abdicavam da consciência, a fim de que seus pontos de vis-  
ta prevalecessem” – o mesmo aconteceu com Allan Kardec  
e com os dirigentes da Casa de Ismael, pois sempre haverá  
os insatisfeitos. Sempre, bem entendido, enquanto persistir  
a incompreensão resultante da imperfeita assimilação dos  
deveres doutrinários. Mas, Bezerra de Menezes, com paci-  
ência e esforço para conservar no redil as ovelhas irrequie-  
tas, através de uma doutrinação mais tolerante e amorosa,  
esclarecia, explicava, enaltecia os deveres e responsabilida-  
des daqueles que, sendo espíritas, como se diziam, não se  
subordinavam aos princípios irrecusáveis da trilogia karde-  
quiana – Trabalho, Tolerância e Solidariedade.

“Bezerra compreendia e sentia perfeitamente que es-  
ses que desejavam fazer predominar seus pontos de vista,  
suas ideias, transpirando, como dissemos, pura vaidade,  
não passavam, como inspiradamente categorizou Allan  
Kardec, em “Obras Póstumas”, de “espíritas de contraban-  
do”, mas que, também, mesmo assim, seriam de alguma  
utilidade; ensinariam o verdadeiro espírita a ser prudente,  
circunspecto, e a não se fiar nas aparências” (ob. cit. Syl-  
vio Brito Soares, p. 104).

E já naquela época, nem a Federação Espírita Bra-  
sileira, nem ninguém a ela integrado impunha o que quer  
que fosse aos companheiros e correligionários, porque  
sempre foi Lei no Espiritismo o respeito à liberdade de  
pensamento e de consciência de cada um, como até hoje,  
embora uma louvável atitude cristã não pudesse abranger,  
infelizmente, aqueles que ainda não estivessem na po-  
sição de “lucidez evangélica” para compreender verdades  
que são indispensáveis ao verdadeiro objetivo da Terceira  
Revelação.

Nem por isso, entretanto, Bezerra deixou de manter a  
orientação estabelecida. Ainda que intimamente pesaroso  
com os descontentamentos injustificáveis, que feriam dire-  
tamente o Evangelho e a Doutrina, não mudou de compor-  
tamento, porque o Espiritismo nada impõe à consciência  
alheia mas expõe os seus princípios, convicto da pureza  
integral do pensamento kardequiano de que só a Fé racio-

## APÊNDICE II

cinada pode assegurar ao homem a Verdade que recebe à medida que progride intelectual e espiritualmente.

Assim foi com o Cristo de Deus, com os grandes vultos da Filosofia e da Ciência etc. Os empecilhos criados pelos insatisfeitos ao progresso das ideias concernentes ao mundo em que vivemos, pode retardar a arguição da verdade parcelada que lhe está reservada; pode trazer tropeços ao avanço do Espiritismo Evangélico, mas os mais prejudicados serão justamente os opositores, que não se mostram ainda incorporados ao dever de cumprir e exemplificar a Doutrina, de estimar o Evangelho, por adotarem, por vezes, recursos que negam, totalmente as disposições explícitas nos mandamentos e regras destinados ao aperfeiçoamento moral da humanidade.

Tal acontece com a obra monumental que Rous- taing teve a incumbência de encaminhar ao conhecimento dos espíritas e da humanidade, em geral, que é uma obra unificadora, porquanto mostra, com amplitude, uma parte importante de revelações evangélicas, porque não se pode, mormente na era dinâmica de hoje, permanecer na contemplação inerte de conhecimentos limitados, recusando a contribuição espontânea e valiosa que nos vem do Alto, não para impor coisa alguma, mas para revelar o que não pôde ser dito por Jesus, nos Evangelhos, porque os tempos não eram chegados, nem para desmentir a nossa Doutrina, mas, principalmente, para nos trazer revelações complementares que nos permitissem, como permitem, ter uma concepção maior de fatos antes revelados pela “letra que mata”, graças às luzes do “espírito que vivifica”, segundo a expressão feliz do Apóstolo Paulo.

Sendo progressivos os nossos conhecimentos, temos de, com cautela e circunspeção, incorporar dados que nos permitam ultrapassar ideias compatíveis com épocas em que não era possível conhecê-las, porque a humanidade não estava ainda em condições de compreendê-las e aceitá-las.

Bezerra de Menezes sofreu muito mas não se intimidou, nem sofreu o ritmo de sua atividade em benefício do programa que se traçara, o qual continua sendo o que ainda rege a Federação Espírita Brasileira, sob as vistas de Ismael.

## **Kardec e Roustaing juntos**

Kardec e Roustaing, partes importantes de uma falange ou equipe preparada por Jesus para dar à humanidade o que lhe tem faltado para ser feliz.

Quem no-lo diz com todo o imenso poder da sua autoridade moral e espiritual, sem descer da extraordinária humildade e mansidão que possui, e contra quem não é possível, dentro da verdade, do respeito e da veneração que todos os espíritos realmente cristãos, isto é, evangelizados em sua formação intelectual, e, portadores da responsabilidade assumida perante o Cristo quando se intitulam espíritas devem ter por ele, é EMMANUEL, o suave Guia de Francisco Cândido Xavier e mentor de todos os que necessitamos de mais luz, de maior amor recíproco da tolerância e acatamento à liberdade de consciência e de cooperar para enriquecer os elementos que se vinculam à Terceira Revelação, chancelando com o seu prefácio a obra “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de Humberto de Campos:

“Em uma de tais assembléias, presidida pelo coração misericordioso do Cordeiro, fora destacado um dos grandes discípulos do Senhor, para vir à Terra com a tarefa de organizar e compilar ensinamentos que seriam revelados, oferecendo um método de observação a todos os estudiosos do tempo. Foi assim que Allan Kardec, a 3 de outubro de 1804, viu a luz da atmosfera terrestre na cidade de Lião. Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuvâ-lo na individualidade de Jean Baptiste Roustaing, que originaria o trabalho da Fé; de Léon Denis, que efetuaría o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardeciana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos”. (Pág. 176, 32ª Ed. Feb)

## APÊNDICE II

### **Conduta Espírita**

Não buscamos atritos, não provocamos polêmicas. Pretendemos, apenas, respeitando os princípios da Doutrina dos Espíritos, contribuir para divulgar, propagar esse “livro precioso e sagrado”, no dizer inspirado de Bezerra de Menezes. A ninguém exigiremos que o aceitem, nem jamais a venerável Federação Espírita Brasileira o impôs a quem quer que fosse, pela palavra escrita ou falada. Jamais quis sobrepô-la aos livros fundamentais da Terceira Revelação, elaborados por Allan Kardec sob as vistas dos Espíritos. Nada impôs e sempre se expõe a “Revelação da Revelação” (“Os Quatro Evangelhos”), por constituir um grande passo à frente no estudo e na compreensão dos Evangelhos. Em vez de dividir o Espiritismo, propriamente dito, os ensinamentos dos laboriosos Espíritos dos Evangelistas e Apóstolos estabeleceram a união definitiva entre eles, provando que o Espiritismo codificado, também sob a assistência de Espíritos superiores, foi a chave-mestra proporcionada pelo Alto para a interpretação simples, clara e cabal do Novo Testamento, incursionando pelo Antigo Testamento, pondo a descoberto e ao alcance de todas as inteligências, “o espírito que vivifica” e sepultando a hermenêutica eivada de sofismas ou deturpada pelo desconhecimento da realidade espírita, quando não para satisfazer a intenções de natureza puramente sectária.

Portanto, se não afrontamos a liberdade de consciência de ninguém, pois nada a ninguém exigimos; se nos interessamos em demonstrar que a obra coordenada e divulgada por J.-B. Roustaing comprova profundamente documentada pelos textos evangélicos, a extraordinária significação do Espiritismo, presentes naqueles textos, não vemos razão plausível para a objeção de alguns irmãos de doutrina à aceitação natural e pacífica da natureza fluídica do corpo de Jesus, fenômeno absolutamente mencionado em “O Livro dos Espíritos”, sem nada de absurdo, de anormal e paradoxal, quando se refere aos Espíritos absolutamente puros, que jamais cometeram qualquer falta e por isso adquiriram condições de tamanha magnitude, que podem realizar coisas impossíveis ao homem terreno.

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

[...] Diante de tantas evidências e testemunhos, que nos reanimam na pregação de “Os Quatro Evangelhos” – sem excluir o episódio que envolve o nascimento e a vida de Jesus Cristo na Terra, queremos deixar claro que a insistência a favor da “Revelação da Revelação” não significa mero capricho, simples teimosia, mas o reconhecimento de que não se pode parar na estrada da evolução, só porque alguns companheiros se recusem a avançar.

Se estamos agindo de acordo com o Evangelho e não transgredimos a Doutrina, porque retardamos a marcha para a frente? “A verdade não pode ser nociva”, disse Helvetius, e à sua defesa, diz-lhe que desde que a humanidade existe, exigiu sacrifícios, dores e lágrimas, humilhações e desapontamentos. Se estamos com a Verdade, não podemos vacilar, senão estaremos fugindo aos exemplos de milhares de pioneiros, muitos dos quais foram levados às fogueiras da Inquisição, ainda com vida, por não se fazerem indignos dela.

Que fez Jesus, senão deixar-se imolar pelas falsas verdades dos que o perseguiram, para que permanecesse e vingasse na Terra pela Verdade Maior, que desfaz as falsas e meias verdades que ainda hoje comprometem o futuro da Humanidade?

O futuro nos pedirá contas do comportamento que tivemos no presente.

A vida não se restringe à passagem material por este planeta. Prolonga-se e continua na Espiritualidade, sob o peso da bagagem que apresentarmos.

O Espírito veio do Alto para cá e para lá voltará com um acervo de responsabilidades dependente do que fizerem nesta peregrinação terrena, porque a Lei está consubstanciada na palavra de Jesus: “a cada um segundo suas obras”.

### **Espiritismo e Livre Pensamento**

“O Espiritismo [...] não tem hierarquias, a não ser as indispensáveis à administração material. Não tem Chefes, mas orientadores, portanto, sem Papas, Bispos etc. Não cultiva privilégios de nenhuma ordem. Nada impõe a seus seguidores e a quem quer que seja. Apenas expõe o que

## APÊNDICE II

perante a Doutrina, que não é do homens, mas dos Espíritos, se torne aconselhável. Não se preocupa em aumentar o número de seus adeptos, mas prefere a qualidade à quantidade, pois o proselitismo não constitui regra, nem sugestão.

As adesões são feitas espontaneamente pelos interessados. Não cultiva o comércio e a indústria do milagre, não faz malabarismos com o sobrenatural, nas leis que a regem, algumas das quais, reveladas por Espíritos superiores, estão incorporadas à bibliografia espírita.

Consequentemente, o Espiritismo é Religião, por provir de Deus, ter o Cristo Jesus como seu Patrono, por ser a sua Doutrina essencialmente evangélica e destinar-se à melhoria da Humanidade pela reforma moral e espiritual do homem.

O Espiritismo não coage, não oprime, não deturpa, não engana. Propaga, defende e respeita o livre arbítrio de cada um, sua liberdade de consciência e de expressão, tanto que Kardec ouviu de um Espírito categorizado, em sessão de 9 de agosto de 1863, palavras de grande estímulo, dentre elas estas: “Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana” (“Obras Póstumas”, pág 307, 32ª ed. Feb).

### **Kardec e Roustaing - 3**

Roustaing foi um missionário tão digno e respeitável quanto Kardec. Não um neotérico ambicioso de introduzir nova Doutrina, porque a sua Doutrina foi a dos Espíritos, a que os Espíritos deram a Kardec para dar forma cristã mais acessível à geral compreensão da humanidade. Não foi um ambicioso, porque, com humildade exemplar, fez Kardec conhecer a obra que recebera da mediunidade mecânica da austera Emilie Collignon, e Kardec fez as referências já descritas neste trabalho, louvando o critério de Roustaing, a sua inteligência e acuidade mental, para concluir pela excelência da Revelação da Revelação, a pon-

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

to de recomendá-la aos espíritas conscienciosos, pois aos outros intimamente, ao que se pode deduzir, seria ocioso recomentá-la.

### **Espiritismo Cristão**

Nesta mensagem de Bittencourt Sampaio, de 12 de fevereiro de 1941, por intermédio de J. Celani, um dos médiuns mais dedicados que passaram pela FEB, está dito, com a autoridade desse grande obreiro do Cristo: “Para que a verdade se revele ao homem e lhe norteie com segurança os passos na vida, é mister que ele tenha coração para senti-la”.

Não basta dizer-se espírita, é preciso prová-lo pela observância de seus preceitos doutrinários. Nós não compreendemos o Espiritismo ausente do Evangelho e todos sabemos que a sua função é tríplice, porque está formada como Religião, Ciência e Filosofia. E é Kardec que pondera: “... se o Cristianismo constitui, para alguns homens esclarecidos, uma causa de séria reforma, não foi e ainda não é, para muitos, senão objeto de uma crença cega e fanática, resultado que, em grande número de criaturas, gerou a dúvida e a incredulidade absoluta. Somente o Espiritismo, bem entendido e bem compreendido, pode remediar esse estado de coisas e tornar-se, conforme disseram os Espíritos, a grande alavanca da transformação da Humanidade”.

E Bittencourt Sampaio afirma:

“Não é, pois, à inteligência do homem que se dirige o ensino evangélico. Ele procura o coração da criatura, para afeiçoá-lo aos sentimentos que o afinem com a verdade que os mesmos ensinamentos encerram”.

Ele, evidentemente, não prescreveu o uso da inteligência, sujeita a especulações que podem levar a erros, dúvidas, a nada, no fim das contas. Ele sublinhou que é necessário sentir bem fundo a natureza das coisas que a inteligência nem sempre pode auscultar.

E torna ao assunto, reiterando que os corações dos homens “estejam predispostos à educação pelos princípios do Evangelho em espírito e verdade, que o homem mundano não conhece”. (“Trabalhos do Grupo Ismael”, II vol., p. 78).

## APÊNDICE II

E de que havia muita razão em Kardec para dizer isto, aqui está o Espiritismo crescendo cada vez mais no Brasil, com base, graças a Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio e outros, no Evangelho.

### **Perguntas sem resposta**

Por que, então, se opõem barreiras ao Espiritismo Cristão, à Revelação da Revelação, trazido por Jean Baptiste Roustaing, com as mais fortes credenciais para fixá-lo no sentimento de todos os espíritas que seguem Kardec e segui-lo-ão melhor ainda, quando verdadeiramente conhecedores do Evangelho, em espírito e verdade?

Por que retardamos a disseminação de conhecimentos superiores, se já possuímos a base para estabelecê-los com plena compreensão de suas verdades, que são novas apenas para os que ainda não a conhecem, mas que são muito antigas e já se encontram expostas nas Escrituras, se bem que ainda encobertas pelo véu da letra? Renovamos a afirmativa de Kardec, que retira a quem quer que se diga espírita o falso direito de, pela coação, pela deturpação ou inversão dos fatos, tenta impedir o exercício pleno da liberdade de consciência: “O Espiritismo proclama a liberdade de consciência, como direito natural, reclama-a para os seus adeptos, do mesmo que para toda a gente. Respeita todas as convicções sinceras e faz questão de reciprocidade... Coerente com seus princípios, o Espiritismo não se impõe a quem quer que seja; quer ser aceito livremente e por efeito de convicção. Expõe as suas doutrinas e acolhe os que voluntariamente o procuram”. (“Obras Póstumas”, 13ª ed. Feb, página 261, 32ª Ed. Feb).

Então, os que se insurgem contra Roustaing, contra “Os Quatro Evangelhos – Revelação da Revelação ou Espiritismo Cristão”, se não estudaram a obra com cuidado, não têm o direito de criticá-la e muito menos de considerar sem fundamento a natureza fluidica do corpo de Jesus. Para fazê-lo, devem utilizar-se a fê raciocinada, devem buscar elementos idôneos para compará-la e reler, estudar, reanalisar o que se diz em “O Livro dos Espíritos” sobre os Espíritos puros e estabelecer um plano de comparação com a personalidade augusta e superior à dos homens como é a de Jesus.



## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

Se não observa os princípios preliminares da Doutrina, como a tolerância, o respeito à liberdade de consciência e de expressão, o acatamento às convicções de outros espíritos sobre os pontos que contestam, ou por não haverem compreendido o que leram, ou porque o que presumem saber foi recolhido de oitiva, por ouvir dizer, então não são verdadeiramente espíritas. Se não aceitam Roustaing por causa da contextura puramente espírita da obra estar cheia de Evangelho, lembre-se do que disse um dos maiores espíritas de todos os tempos – Bittencourt Sampaio, homem altamente sério e responsável, e Espírito que tem dado uma contribuição notável ao Evangelho e ao Espiritismo no Grupo Ismael:

– “Não há por onde fugir: ou o Evangelho é assimilado, ou não há Espiritismo. Porque, para o Espiritismo cristão, um único código existe: o Evangelho de N. S. Jesus Cristo. Fora daí só haverá diletantismo inócuo, incapaz de levar o homem à felicidade dos eleitos.

### **A FEB e “Os Quatro Evangelhos” - 2**

O que não está conforme à Doutrina é o quererem impedir que Roustaing, isto é, o Espiritismo Evangélico, seja estudado na FEB, seja exposto e comentado em Reformador com flagrante desatenção ao direito, reconhecido e proclamado por Allan Kardec, que também temos a liberdade de consciência e de opinião.

Nunca fizemos “cavalo de batalha” da questão da natureza do corpo de Jesus, porque acima dessa questão está a reforma moral do homem pelo Espiritismo estudado, compreendido e praticado cotidianamente. Queremos, porém, na parte evangélica, progredir e ninguém, em face da Doutrina, por qualquer meio, inclusive o de coação moral e intelectual, pode protestar que, por nossa vontade, o façamos uma vez que respeitamos os direitos alheios e que o exercício dos nossos em nada constrange, fere ou evita a liberdade de quem não pensa como nós pensamos.

Alegar-se que a questão do corpo fluídico de Jesus divide os espíritas é argumento falacioso, porque os espíritas são aqueles que respeitam a Doutrina, que é um código de fraternidade entre os homens que lhe são fiéis.

## APÊNDICE II

### **Roustaing e Ubaldi**

A obra que Roustaing coordenou e divulgou para esclarecimento humano, insere revelações e ensinamentos de alta e profunda expressão e importância para a transformação moral do homem em si e da humanidade em geral, que têm um objetivo tão superior à simples questão do corpo fluídico, que é um fato fenomênico espírita, que não surpreende e muito menos choca, a quem conheça realmente o Espiritismo.

É oportuno, portanto, transcrever, do excelente prefácio feito por Guillon Ribeiro ao magistral livro de Leopoldo Cirne – A personalidade de Jesus, que, apesar de não haver dito muita coisa que poderia acrescentar, limitou-se ao que lhe pareceu, naquela oportunidade, suficiente.

Guillon Ribeiro: “Surgiu, pois, a, porventura, mais admirável e portentosa obra mediúnica dos modernos tempos, tão imponente que já teve a confirmá-la, nos nossos dias, decorridos apenas alguns decênios, em muitos de seus postulados capitais, essa obra, também mediúnica, a “Grande Síntese”, por igual, notável e magnificente. Mas, devido mesmo à sua grandiosidade, com a Revelação da Revelação surgiram as controvérsias e impugnações a que, por força dos defeitos ainda peculiares à humanidade, não pode escapar o que quer que promane da culminâncias da espiritualidade”. (3ª ed., pp. 13 e 14)

### **Espiritismo e Progresso**

“o caráter da Doutrina é essencialmente progressivo... Apoiada tão-só nas leis da natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se por de acordo com essa Lei. Não lhe pode fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as ideias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade”.

“Se algum de seus adeptos vierem a afastar-se, é que se acreditarão capazes de fazer coisa melhor; se realmente fizerem algo melhor, ela se esforçará por fazer outro tanto;

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

se fizerem coisa má, deixará que a façam, certa de que, cedo ou tarde, o bem sobrepuja o mal e o que é verdadeiro predomina sobre o que é falso. Esta é a única luta em que se empenhará.

“Acrescentemos que a tolerância, fruto da caridade, que constitui a base da Doutrina Espírita, lhe impõe como um dever respeitar todas as crenças. Querendo ser aceita livremente, por convicção e não por constrangimento, proclamando a liberdade de consciência um direito natural imprescritível, diz: Se tenho razão, todos acabarão por pensar como eu; se estou em erro, acabarei por pensar como os outros. Em virtude destes princípios, não atirando pedras a ninguém, ela nenhum pretexto dará para represálias e deixará aos dissidentes toda a responsabilidade de suas palavras e de seus atos.

“Não será, pois, invariável o programa da Doutrina, senão com referência aos princípios que hoje tenham passado à condição de verdades comprovadas. Com relação aos outros, não os admitirá, como há feito sempre, senão a título de hipóteses, até que sejam confirmadas, se lhe demonstrarem, que está em erro acerca de um ponto, ela se modificará nesse ponto”. (“Obras Póstumas”, 32ª ed. Feb, página 349 e 350)

### **Perguntas Sem Resposta - 02**

Que mal fazemos aos que não pensam como nós, senão querer conhecer mais Jesus para amá-lo mais, certos que estamos que Ele transcendeu a espécie, que veio ao mundo como uma Entidade Crística, não como um vulgar ser humano sujeito às alternativas da vida terrena para poder vencer a teimosia, o fanatismo, a irredutibilidade agressiva daqueles que preferem o atoleiro das ideias rotineiras, ao esforço redentor da evolução? Porque, quanto mais preparados estivermos evangelicamente mais nos será possível entender a Doutrina que veio de Deus para o Cristo e do Cristo para uma plêiade de Espíritos selecionados para, encarnados, cumprirem as missões especificamente definidas para cada um deles...

Como nos desviarmos do caminho evangélico, traçado no “Espiritismo Cristão”, renunciando ao nosso livre

## APÊNDICE II

arbítrio e esquecendo os postulados da tolerância, amor, paciência, respeito à opinião alheia e a pretensão de reciprocidade, se o Espiritismo se ilumina com a grandeza moral e doutrinária de vultos como Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Telles de Menezes, Pedro Richard, Antônio Luis Sayão, Guillon Ribeiro, Manoel Quintão, A. Wantuil de Freitas, Ismael Gomes Braga?

Como seria possível aprovar a uma resistência à Revelação da Revelação que consagra a incoerência e o desamor não só ao Evangelho como ao próprio Espiritismo, ali demonstrado como a revelação do Alto, para que a humanidade possa aprender verdades que possibilitam a destruição do véu que cobria de mistério a letra, para repelir a “letra que mata” e, seguindo as instruções do Cristo de Deus, armar-se de luz e conhecimento com a “luz que vivifica”?

Por que criar-se um hiato entre Kardec e Roustaing, quando pelo valor pessoal de ambos, se os dois se completam na grandiosa missão que realizam, nutrem de poder o Espiritismo, na interação do Espiritismo experimental com o Espiritismo verdadeiramente cristão?

Por que somos tidos como hereges em relação a Kardec se não o contradizemos doutrinariamente, se conservamos em nosso instinto a veneração – não a idolatria – por ele e sua obra, se temos Roustaing como um companheiro eficiente e tão cheio de humildade que seu nome, como a sua vida, que todos sabem probos, não engordam as páginas da História, se ele cumpriu dignamente sua valiosíssima missão em favor do Evangelho explicado minuciosamente pelos Espíritos, sem sequer insinuar-se para igualar-se a Kardec? [...] Se o seu trabalho foi inspirado, apoiado e fortalecido também por Espíritos superiores, objetivando o bem da humanidade, pelo esclarecimento, pela iluminação das consciências, apoiando Kardec e desenvolvendo os estudos evangélicos segundo o Espiritismo, dando valiosa cooperação à ingente tarefa do Codificador?

Por que se adota o raciocínio misoneísta da Igreja que condenou a concepção do Cristo, nem Deus, nem homem, por fanatismo e por desconhecer as razões espíritas que, pelo Evangelho e pelos livros, principais colunas de sustentação da Doutrina – o dos Espíritos e o dos Médiuns – apontam clara e irretorquivelmente a sua condição de

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

Espírito puro, sem mácula, conhecedor de todos os fenômenos psíquicos, de todo incomensurável volume de fluidos e sua utilização e toda a reserva de vibrações, de natureza magnética, porque tudo é magnetismo, que explicam fatos outrora tidos como sobrenaturais, milagrosos etc.?

Por que retornar a um passado umbroso para retomar a atitude anti-espírita de repelir hoje o que a Igreja o fez, entre outras razões, porque não admitia a emissão de uma verdade ainda difícil de ser apoiada por uma Igreja só preocupada com o sobrenatural e com o mistério que lhe permitia fascinar e dominar o mundo? [...]

Esconder Roustaing e a grandiosa obra que lhe coube divulgar na Terra, será desprezar toda a grandeza do trabalho realizado por Bezerra de Menezes, que afirmou, com conhecimento pleno do Espiritismo e do Evangelho que “Os Quatro Evangelhos” (Espiritismo Cristão – Revelação da Revelação) é, a um só tempo, “preciosa e sagrada”.

Recusar Roustaing é desmentir Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Telles de Menezes etc. É enfraquecer a Federação Espírita Brasileira, traí-la e reduzi-la a um mero instrumento não só da verdade evangélica, que é o seu fundamento, pois é o fundamento da Doutrina Espírita, e descaracterizar e debilitar o Espiritismo, que é Cristão, sem deixar de ser Ciência e Filosofia, como está cabalmente demonstrado.

Em vez, pois, de recuarmos, com a verdade, para ceder terreno àqueles que não a querem entender e aceitar espontaneamente, devemos desenvolver o trabalho de elucidação trazido por J.-B. Roustaing, sem quebra da tolerância e do espírito de fraternidade, uma vez que a Casa de Ismael nada exige a ninguém, nada impõe, nada estabelece condicionalmente aos espíritos em geral, porque cada qual é livre para tomar a atitude que pensa ser melhor.

Mas é justo pensar da mesma forma relativamente à Casa-Mater do Espiritismo, que por reconhecer a liberdade alheia, preza igualmente a sua, tendo pois o direito de ver seus pontos de vista respeitados, certa de que, parodiando-se Allan Kardec, o estranhamente chamado “rustanismo” não se impõe, aceita-se.

Numa família numerosa não há ideias e opiniões padronizadas e todos vivem unidos e em paz.

## APÊNDICE II

Caso contrário, ter-se-ia que repetir o que disse Bezerra, desalentado, quando esgotava esforços e energias para pacificar o meio espírita do seu tempo, com aquela mansidão apostólica que lhe era característica, já cansado, mas não desanimado, de trabalhar pela união dos adeptos da Terceira Revelação: “Eu não entendo os espíritas?”

Mas seriam, verdadeiramente espíritas aqueles que o contrariavam promovendo a desarmonia, quando ele pregava, acima de tudo, a harmonia, querendo a divisão, quando ele se batia pela união de todos? Seriam espíritas aqueles que faziam coisas incompatíveis com os ditames da Doutrina?

Bezerra teve razão, porque o ser humano, quando não compenetrado de seus deveres mais altos, presta-se às artimanhas da treva, que, sabe como insinuar-se.

Abra-se a “Revelação da Revelação”, examine-se-a em todos os sentidos, precrute-se-a com o máximo rigor e nada se encontrará nela que fira ou colida com o Evangelho, nem com a Doutrina. Mesmo o ponto nevrálgico eleito como argumento nobre e único da dimensão não constitui ultima ratio senão num pretexto que visa atingir dois fins: o Espiritismo e o Evangelho.

Se Jesus não possuía as virtudes dos Espíritos das mais elevadas hierarquias, nomeadas por Allan Kardec, então, o que lá está seria encarado como fantasia e, em tais condições, o Codificador e as valorosas Entidades que o assistiram e orientaram ficariam desacreditadas, reforçando a ofensiva dos adversários impenitentes de ambas as partes. É preciso, portanto, que se atente para semelhante aspecto da questão. Seriam postos em cheque a autenticidade das revelações espirituais e a autoridade de Allan Kardec. Observe-se que essa luta vem de longa data, antes que surgissem Reformador e a Federação Espírita. Perquiram-se os prólogos do conflito de opiniões e se atingirá o âmago da discordância, identificar-se-á sua origem no seio da Igreja, onde já se movimentavam, na cultura ácida da contumácia teológica, os bacilos de futuros teocratas e fanáticos.

### **Kardec e os Agêneres**

Em – Nota da Redação – ao pé da página 80, de – “Obras Póstumas”, Kardec pondera: “A questão, muito in-

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

interessante, dos homens duplos ou agêneres, que àquela se liga intimamente, até agora a ciência espírita os relegou para segundo plano; a falta de documentos para completa elucidação de uma e outra. Essas manifestações, por muito singulares que sejam, por incríveis que pareçam à primeira vista, sancionadas pelas narrativas dos mais sérios historiadores da antiguidade e da idade média, confirmadas por fatos recentes, anteriores ao advento do Espiritismo, ou conterrâneos, de modo nenhum podem ser postas em dúvida. O Livro dos Médiuns, no artigo intitulado “Visitas espírituais entre pessoas vivas” e a Revista Espírita, em muitas passagens, confirmam a realidade de tais manifestações de forma absolutamente incontestável. De um confronto e de um exame aprofundado de todos esses fatos, talvez ressaltasse uma solução pelo menos parcial da questão e a eliminação de algumas das dificuldades que parecem envolvê-la.

### **Apelo ao Bom Senso**

Insiste-se muito em falar em razão e é para o uso dela que apelamos, quando se mostra ausente naqueles que sistematicamente sustentam opiniões que se chocam com a verdade demonstrada e comprovada.

Gabriel Delanne, em O Espiritismo perante a Ciência, no capítulo III, Objeções, reporta-se a numerosos críticos intolerantes e teimosos do Espiritismo, que recusavam a verdade real para ficarem com o que entenderam por verdade absoluta e irrecusável, desatendendo à reflexão serena, que leva a conclusões inteligíveis: “Para esses espíritos fortes, só existem duas classes no mundo: a dos enganadores e a dos enganados. Ora, não partilhando dessa opinião, seremos, necessariamente, enganadores”, e aduz: “... e assim nos maltratam em seus escritos, da pior maneira”.

Como se vê, ou se lê, os detratores contumazes, geralmente sem conhecimento suficiente daquilo que criticam, vêm de longe, não são de hoje. Quantos doestos têm sido dirigidos a homens igualmente veneráveis por suas virtudes e capacidades, como Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Antônio L. Sayão, etc. do passado mais remoto, e Leopoldo Cirne, Manuel Quintão, Guillon Ribeiro, Wantuil de Freitas, Ismael Gomes Braga e outros, do passado

## APÊNDICE II

mais recente, por sustentarem a extraordinária grandeza da obra mediúnica “Os Quatro Evangelhos”, cúpula do Espiritismo Cristão?

Quantas falsidades hão sido e ainda são invocadas contra os que, confiados na pureza da Doutrina Espírita, defendem e propagam aquela obra, verdadeiro tratado, na opinião do Kardec brasileiro?!

Onde o espiritismo desses detratores, que querem santificar aleivosias e as assacam contra o que nada impõem a ninguém, que respeitam o seu direito de dissentir, mas têm igualmente o direito de ter suas opiniões, seus pontos de vista, suas crenças!? Falam muito em Kardec e não respeitam, não se lembram sequer de que ele foi um homem pacífico, tolerante e incapaz de falsear os ensinamentos de Jesus recebidos através de Espíritos também respeitáveis.

Não estudam Roustaing e se, por ventura, o fazem alguns, já vão determinadamente antecipando sua negativa obstinada e cega, pois é bem possível que a luz que dimana da valiosa obra mediúnica lhes obumbre e dilua o entendimento sereno que os críticos idôneos devem possuir. Divergir é natural e até necessário, quando se diverge superiormente, no terreno das ideias, com argumentos racionais e, no caso, sem omitir os postulados da Doutrina, que é, em essência, os do Evangelho. Não se pode levar a sério contestadores que, a pretexto de “defender” a integridade doutrinária, descem à injúria, e vilipendiam a egrégia e incontestavelmente exemplar Federação Espírita Brasileira e os que a ela se acham ligados com indizível fervor cristão.

### **Guillon Ribeiro e o Corpo de Jesus**

Há outro pormenor citado (de acordo com a lógica da sua argumentação brilhante) por Guillon Ribeiro, no excelente livro Jesus – nem Deus, nem homem, edição da FEB, 1941, p. 18: “Jesus, porém, sendo um puro Espírito, um Espírito de pureza perfeita e imaculada, o fundador, o protetor, o governador do planeta, não podia e não estava adstrito de acordo com as leis imutáveis da natureza, a tomar o corpo material do homem terrestre, corpo de lama,



## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

incompatível com a sua natureza espiritual. A encarnação humana é expiação, prova, meio, portanto, de efetivação de progresso moral. A ela, pois, não podia estar sujeito e não estava aquele que antes de constituir-se a Terra, já alcançara, moralmente, a perfeição absoluta. No entanto, cumprindo-lhe, para aparecer entre os homens e desempenhar na Terra a sua missão superior, revestir um corpo, tinha Ele que, de conformidade com as leis imutáveis da natureza, mediante aplicações e apropriações dessas leis, pois que a vontade inalterável de Deus jamais as derroga, tomar um corpo compatível com a sua natureza espiritual e em relativa harmonia com o globo terráqueo, tal que aos homens desse a ilusão de ser um corpo humano.

### **Casos de Bicorporiedade**

Entretanto, há na História inúmeros casos de aparição tangível de duração demorada, o que nos faz compreender que a gradação do fenômeno dependerá sempre da gradação espiritual manifestante.

Gabriel Delanne, com a força de sua reconhecida autoridade, elucida:

“Os anais católicos narram muitos fatos de desdobramento, que de produziram em pessoas piedosas. Alphonse de Lignori foi canonizado antes do tempo requerido, por se haver mostrado simultaneamente em dois lugares diferentes, o que passou por milagre.

É verdade que, pelos mesmos fatos, pobres mulheres, tidas por feiticeiras, foram queimadas pelo Santo Ofício.

Santo Antônio de Pádua pregava, na Espanha, no momento em que seu pai, residente em Pádua, na Itália, era conduzido ao suplício, sob a acusação de homicídio. Nessa ocasião, aparece Santo Antonio, demonstra a inocência de seu pai e aponta o verdadeiro culpado, que foi castigado mais tarde. Antonio, nesse mesmo instante, pregava em Espanha (veja-se a obra “Antônio de Pádua”, de autoridade do venerado correligionário Almerindo Martins de Castro, que trata desenvolvidamente do caso, do ponto de vista espírita).

“Dassier cita o caso de São Francisco Xavier, que se achava, ao mesmo tempo, em duas embarcações, durante uma tempestade, e encorajava os companheiros, em pe-

## APÊNDICE II

rigo”. Outro milagre da Igreja, que o Espiritismo desfez, dando-lhe adequada interpretação.

Ambos os casos são denominados “de bilocação”. Mas, como uma pessoa não possui o dom da ubiquidade, o que se conclui é que o Espírito se deslocou “e se materializou a ponto de tornar-se distante à distância” (O Espiritismo perante a Ciência, ed. FEB, 1939, pp. 232 a 234).

### **Materialização e Desmaterialização por Ernesto Bozzano**

“... rejubilo-me, ..., porque assim fazendo deverei chegar a vencer a perplexidade de alguns eminentes homens de ciência, especialmente dos representantes das ciências físicas, os quais, calculando a enorme quantidade de energia necessária para obter o fenômeno da desintegração molecular de um objeto qualquer, achavam impossível que tal soma de energia fosse fornecida pelos médiuns, sem refletir que, aqui, não se trata de energia física, mas de energia psíquica, cuja potencialidade todos nós ignoramos. Entretanto, querendo ajudar-nos a compreender recorrendo às provas por analogia, então deveremos reconhecer que se a “Vontade” é capaz de criar quase instantaneamente um fantasma materializado perfeitamente organizado e vivo, resulta daí que não é o caso de maravilhar-se se a “Vontade” mesma chega a desintegrar, rapidamente, um objeto nos seus elementos moleculares, para, em seguida, desintegrá-lo instantaneamente, em outra casa (Fenômenos de Transporte. Ernesto Bozzano, 1943 – Feb. Pp. 7-8).

### **Kardec fala sobre o Corpo de Jesus**

“A questão da Natureza do Cristo foi debatida desde os primeiros séculos do Cristianismo ..., pode-se dizer que ainda não se acha solucionada, pois que continua a ser objeto de discussão. Foi a divergência das opiniões sobre este ponto que deu origem à maioria das seitas que dividiram a Igreja há 18 séculos, sendo de notar-se que todos os chefes dessas seitas foram bispos ou membros titulados do clero.

## O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

Eram, por conseguinte, muitos deles escritores de talento, abalizados na ciência teológica, que não achavam concludentes as razões invocadas a favor do dogma da divindade do Cristo. Entretanto, como hoje as opiniões se firmaram sobre abstrações do que sobre fatos. Sobretudo, o que se procurou saber foi saber o que o dogma continha de plausível, ou de irracional, deixando-se geralmente, de um lado e de outro, de assinalar os fatos capazes de lançar saber sobre a questão uma luz decisiva. (Obras Póstumas – 32ª ed. FEB, pág 121 – Estudo sobre a natureza do Cristo)

### **Emmanuel confirma a “Evolução em Linha Reta” de Jesus, revelada em “Os Quatro Evangelhos**

Ora, o inspirado Mentor Emmanuel, em “O Consolador”, pág. 199, FEB, 28ª edição, respondendo à pergunta nº 243, sobre o problema da dor, deu esta resposta, que se estende a quantos contestam a verdade sobre a natureza superior do Cristo: “Todas as entidades espirituais encarnadas no orbe terrestre são Espíritos que se resgatam ou aprendem nas experiências humanas, após as quedas do passado, com exceção de Jesus Cristo, fundamento de toda a verdade neste mundo, cuja evolução se verificou em linha reta para Deus, e em cujas mãos angélicas repousa o governo do planeta desde os seus primórdios.”

### **Necessidade de Estudo do Perispírito**

Tratando do Resumo da Doutrina Espírita, seguida de introdução ao estudo prático da mediunidade e reencarnação, de Gustave Geley, tradução do correligionário português Isidoro Duarte dos Santos, e impressa em 1945, em Lisboa, pela editora “Estudos Psíquicos”. São de Gustave Geley estes ditos, colhidos na precitada obra:

“O perispírito é o princípio intermediário entre a matéria e o espírito. É a força necessária, que tem um tríplice objetivo: manter a individualidade indestrutível e intacta; servir de substrato (a essência) ao corpo durante a

encarnação; ser o traço de união entre a alma e o corpo, para a transmissão recíproca das sensações e das ordens das vontades. (p. 31)

“É grande a necessidade do estudo especial do perispírito, também chamado, em outras doutrinas, de “corpo astral”. O perispírito é de excepcional valor para a compreensão correta da doutrina espírita (p. 35), pois é o meio de união entre a alma e o corpo – isto é, o corpo, o perispírito e a alma”.

“O perispírito é composto da quintessência dos elementos combinados das encarnações”.

“O perispírito, como dissemos, assegura a conservação da individualidade fixa os progressos já realizados e sintetiza o estado de adiantamento do ser (p. 35)” Pode-se avaliar, portanto, a elevada significação do perispírito, tão pouco conhecido da massa e tão pouco destacado na imensa literatura espírita.

“O perispírito serve, ainda, de molécula, de essência orgânica para as novas encarnações. Condensando-se no embrião, agrupa em certa ordem as moléculas materiais e assegura o desenvolvimento normal do organismo. Sem o perispírito, o resultado da fecundação seria um tumor informe (p. 36).

“Ele assegura também, na mesma ordem, a manutenção do corpo e suas reparações, durante a perpétua renovação das células (sabe-se que o corpo se transforma por completo no espaço de alguns meses. Sem a força do perispírito a personalidade do ser variaria constantemente em cada mudança) (p. 36).

## **Testemunhos de Chico Xavier**

Recebi o livro que serve de título a este artigo, de autoria da distinta e capaz correligionária – Suely Caldas Schumbert, com o coração feliz e minha expectativa não se frustrou quando li as primeiras páginas.

## **Tabelas de Referência**

**“Relação dos Fenômenos Mediúnicos  
estudados e indicação das páginas  
em que se encontram neste volume”**

OS QUATRO EVANGELHOS			REF.
TOMO	ITEM	EPISÓDIO	PÁG.
I	2 e 10	Aparição do anjo a Zacarias e sua mudez	165
I	12	Aparição do anjo a Zacarias e sua mudez	208
I	14	Anunciação	161
I	25	Saudação de Isabel	235
I	28	Nascimento de João / Fim da mudez de Zacarias	208
I	30	Sonho de José	177
I	33 e 37	Os pastores	163
I	41	Cântico de Simeão	273
I	42	Ana profetiza	273
I	43	Adoração dos magos	173
I	45 e 46	Sonho de José /Fuga para o Egito / Retorno do Egito	177
I	54	Batismo de Jesus	175
I	71 a 73	Pesca milagrosa	209
I	74	Pregações de Jesus	243
I	74	Pregações de Jesus	321
I	74	Pregações de Jesus	331
I	81	Mulher curvada	248
II	109	O leproso	248
II	110	O centurião	249
II	114	O filho da viúva de Naim	382
II	115	Cura da sogra de Pedro - Enfermidades curadas	250
II	118	Tempestade aplacada	135
II	120	Legião de maus Espíritos expulsos	121

OS QUATRO EVANGELHOS			REF.
TOMO	ITEM	EPISÓDIO	PÁG.
II	120	Legião de maus Espíritos expulsos	175
II	120	Legião de maus Espíritos expulsos	217
II	120	Legião de maus Espíritos expulsos	315
II	120	Legião de maus Espíritos expulsos	327
II	120	Legião de maus Espíritos expulsos	339
II	121	Paralítico	250
II	124	A Hemorroíssa	250
II	124	A filha de Jairo	387
II	125	Cegos curados	251
II	126	Possesso mudo	327
II	129	Descida do monte - Curas	251
II	148	Discípulos de João enviados a Jesus	252
II	157	Cura da mão paralítica	252
II	159	Subjugado Cego e Mudo	327
II	173	Multiplicação dos pães e peixes	147
II	174	Jesus e Pedro caminham sobre o mar	137
II	175	Curas operadas pelo contacto com as vestes de Jesus	253
II	177	A mulher cananeiana	325
II	178	Cura de um surdo-mudo	253
II	179	Multidão de doentes curados	254
II	179	Multiplicação de pães	157
II	183	Cura de um cego	255
II	194	Transfiguração	193
III	196	Lunático - Fé Onipotente - Prece e Jejum	337
III	200	Jesus paga o tributo	210
III	224	Os dez leprosos	257
III	246	Cura dos cegos de Jericó	257

**“Relação dos Fenômenos Mediúnicos  
estudados e indicação das páginas  
em que se encontram neste volume”**

OS QUATRO EVANGELHOS			REF.
TOMO	ITEM	EPISÓDIO	PÁG.
III	247	Entrada de Jesus em Jerusalém	188
III	248	Parábola da Figueira que secou	211
III	252	Cura de um hidrópico	258
III	290	Jesus no Getsêmani	171
III	291	Jesus no Getsêmani	141
III	290	Jesus no Getsêmani	211
III	291	Cura da orelha de Malco	259
III	291	Prisão de Jesus (Derrubada dos Guardas)	141
III	293	Negativa de Pedro	189
III	295	Jesus diante de Pilatos (sonho de Cláudia)	177
III	304	Rasga-se o véu do Templo - Tremor de terra	212
III	307	Visita de Maria Madalena e outras mulheres ao sepulcro	125
III	307	Visita de Maria Madalena e outras mulheres ao sepulcro	167
III	308	Aparição de Jesus aos 2 discípulos que iam para Emaús	165
III	308	Aparição de Jesus aos 2 discípulos que iam para Emaús	179
III	309	Aparição de Jesus aos apóstolos	187
III	309	Aparição de Jesus aos apóstolos	199
III	310	Novas e sucessivas aparições de Jesus aos discípulos	181
IV	5	Felipe e Natanael	188
IV	6 e 7	Bodas de Caná	205
IV	9	Moisés e a Serpente no Deserto	214



<b>OS QUATRO EVANGELHOS</b>			<b>REF.</b>
<b>TOMO</b>	<b>ITEM</b>	<b>EPISÓDIO</b>	<b>PÁG.</b>
IV	14	Piscina de Betseda - Cura de um paralítico	259
IV	18	Multiplicação de pães e peixes	157
IV	30	Cego de nascença - Cura operada por Jesus	261
IV	36	Lazáro	390
IV	41	Continuação das palavras de Jesus	227
IV	57	Prisão de Jesus (derrubada dos guardas)	141
IV	67	Aparição de Jesus aos apóstolos	187
IV	68	Aparição de Jesus a Tomé	183
IV	69	Aparição de Jesus à margem do mar de Tiberíades	185
IV	Decálogo	Moisés e os efeitos físicos no alto do Monte Sinai	213



O LIVRO DOS MÉDIUNS 1a. PARTE			OS QUATRO EVANGELHOS																		
CAP. IV	DOS SISTEMAS	36	IV,68																		
		37																			
		38																			
		39	I,96	II,159	IV,34																
		40																			
		41																			
		42																			
		43																			
		44																			
		45																			
		46	III,229																		
		47																			
		48																			
		49																			
		50																			
51	III,233																				
O LIVRO DOS MÉDIUNS 2a. PARTE			OS QUATRO EVANGELHOS																		
CAP. I	DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA	52	II,170																		
		53	II,195																		
		54	I,60																		
		55	I,56	I,56	II,167																
		56	I,49																		
		57	I,66																		
		58																			
		59	II,120																		
CAP. II	DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS. DAS MESAS GIRANTES	60																			
		61	III,307																		
		62																			
		63																			
		64	III,307																		

O LIVRO DOS MÉDIUNS 2a. PARTE			OS QUATRO EVANGELHOS												
CAP. III	DAS MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES	65													
		66													
		67													
		68	I,43												
		69													
		70													
		71													
CAP. IV	DA TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS	72													
		73	I,56	IV,1	IV,11	II,194	II,118	III,260	II,174	II,194					
		74													
		75													
		76													
		77													
		78													
		79													
		80	II,120	III,291											
		81													

O LIVRO DOS MÉDIUNS 2a. PARTE			OS QUATRO EVANGELHOS														
CAP. V	DAS MANIFESTAÇÕES EXPONTÂNEAS	82	II,183														
		83															
		84															
		85															
		86															
		87															
		88															
		89															
		90															
		91															
		92															
		93															
		94															
		95															
		96															
		97															
		98															
		99															

O LIVRO DOS MÉDIUNS 2a. PARTE		OS QUATRO EVANGELHOS															
CAP. VI	DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS	100	I,14	I,33	I,37	I,02	I,10	III,308	III,307	III,290	I,43	I,54	II,120				
		101	I,30	I,46	III,295	I,45											
		102	III,308														
		103	III,310														
		104	IV,68														
		105	IV,69														
		106	III,309	III,247	IV,5	III,293											
		107															
		108															
		109															
		110															
		111															
		112															
113																	
CAP. VII	DA BICORPORIEDADE E DA TRANSFIGURAÇÃO	114															
		115															
		116															
		117															
		118															
		119															
		120															
		121															
		122															
		123	II,194														
		124															
125	III,309																
CAP. VIII	DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL	126															
		127															
		128															
		129	III,310														
		130															
131	IV,6 e 7	I,71	I,12	I,28	I,71	I,72	I,73	III,200	III,248	III,290	III,304	IV,Dec.	IV,9				
CAP. IX	DOS LUGARES ASSOMBRADOS	132	II,120	II,117													

O LIVRO DOS MÉDIUNS 2a. PARTE			OS QUATRO EVANGELHOS													
CAP. X	DA NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES	133	II,160													
		134														
		135														
		136														
		137														
		138														
CAP. XI	DA SEMATOLOGIA E DA TIPTOLOGIA	139														
		140														
		141														
		142														
		143														
		144														
		145														
CAP. XII	DA PNEUMATOLOGIA OU ESCRITA DIRETA. DA PNEUMATOFONIA	146	IV,41													
		147														
		148														
		149														
		150														
		151														
CAP. XIII	DA PSICOLOGIA	152														
		153														
		154														
		155														
		156														
		157														
		158														

O LIVRO DOS MÉDIUNS 2a. PARTE		OS QUATRO EVANGELHOS															
CAP. XIV	DOS MÉDIUNS	159															
		160	II,174	III,260													
		161															
		162															
		163															
		164															
		165	I,2	I,14	I,33	I,42	I,51	II,174	II,195	III,229							
		166	I,25	I,42	II,162	II,184											
		167	I,2	I,14	I,33	I,43	I,51	II,174	II,195	III,229	III,260	III,307	III,308	IV,03			
		168															
		169															
		170															
		171															
		172	I,31														
		173															
		174	II,183														
		175	I,74														
		176	I,66	I,81	II,109	II,110	I,81	II,109	II,110	II,115	II,121	II,124	II,125	II,129	II,148		
176	II,157	II,175	II,178	II,179	II,183	III,224	III,246	III,252	III,291	IV,14	IV,30						
177																	
CAP. XV	DOS MÉDIUNS ESCREVENTES OU PSICÓGRAFOS	178															
		179	II,194	IV, Dec.	III,199												
		180	I,2	I,14													
		181															
		182	I,1	I,25	II,176	II,195	III,228	III,229	IV,01	IV,03							
		183	II,139	III,233	IV,37												
		184	I,41	I,42													



O LIVRO DOS MÉDIUNS 2a. PARTE		OS QUATRO EVANGELHOS												
CAP. XVI	DOS MÉDIUNS ESPECIAIS	185												
		186												
		187												
		188												
		189	II,184	IV,36	II,133	II,184								
		190												
		191												
		192												
		193												
		194												
		195												
		196												
		197												
		198												
199														
CAP. XVII	DA FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS	200												
		201												
		202												
		203												
		204												
		205												
		206												
		207												
		208												
		209												
		210	I,56	I,53										
		211												
		212												
		213												
		214												
		215												
		216												
		217												
		218												
219	II,108	II,117												
220	I,26	I,77												

O LIVRO DOS MÉDIUNS 2a. PARTE			OS QUATRO EVANGELHOS																		
CAP. XVIII	DOS INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE	221	II,184																		
		222																			
CAP. XIX	DO PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES	223	I,1	II,116	III,303																
		224																			
		225	IV,15	II,139																	
CAP. XX	DA INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM	226	II,139																		
		227																			
		228																			
		229																			
		230	II,184	II,194																	
CAP. XXI	DA INFLUÊNCIA DO MEIO	231																			
		232	II,171	III,228																	
		233																			
CAP. XXII	DA MEDIUNIDADE NOS ANIMAIS	234																			
		235	II,120																		
		236																			
CAP. XXIII	DA OBSESSÃO	237																			
		238	I,74																		
		239																			
		240	I,74																		
		241	I,74	II,120																	
		242																			
		243	II,177																		
		244																			
		245	II,120	II,126	II,159																
		246																			
		247																			
		248																			
		249	I,74																		
		250																			
		251	I,74																		
		252	I,74	II,162																	
		253	II,162																		
254	III,196	II,120																			

O LIVRO DOS MÉDIUNS 2a. PARTE			OS QUATRO EVANGELHOS														
CAP. XXIV	IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS (255 e 261, 256 e 268)	255	III,272	II,195													
		256															
		257															
		258															
		259															
		260															
		261															
		262															
		263															
		264															
		265															
		266															
		267															
		268															
CAP. XXV	DAS EVOCAÇÕES	269															
		270															
		271															
		272															
		273															
		274															
		275															
		276															
		277															
		278															
		279															
		280															
		281															
		282															
		283															
		284															
		285															

O LIVRO DOS MÉDIUNS 2a. PARTE		OS QUATRO EVANGELHOS												
CAP. XXVI	DAS PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS	286												
		287												
		288	II,183											
		289	I,61	I,63	II,143	II,149	III,196	IV,53	II,140	II,153	III,226	III,226	III,275	IV,47
		290	II,153	II,153										
		291	II,98											
		292												
		293	I,92	II,111	II,123	II,133								
		294												
		295												
		296	IV,47											
		CAP. XXVII	DAS CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES	297										
298	I,1			II,165										
299														
300														
301														
302														
303	III,229													

O LIVRO DOS MÉDIUNS 2a. PARTE		OS QUATRO EVANGELHOS																		
CAP. XXVIII	DO CHARLATANISMO E DO EMBUSTE	304																		
		305																		
		306	II,134																	
		307																		
		308																		
		309																		
		310																		
		311	III,247	III,267																
		312																		
		313																		
		314	II,139	II,184	II,195	II,195														
		315																		
		316																		
		317																		
		318																		
		319																		
		320																		
		321																		
		322																		
		323																		

